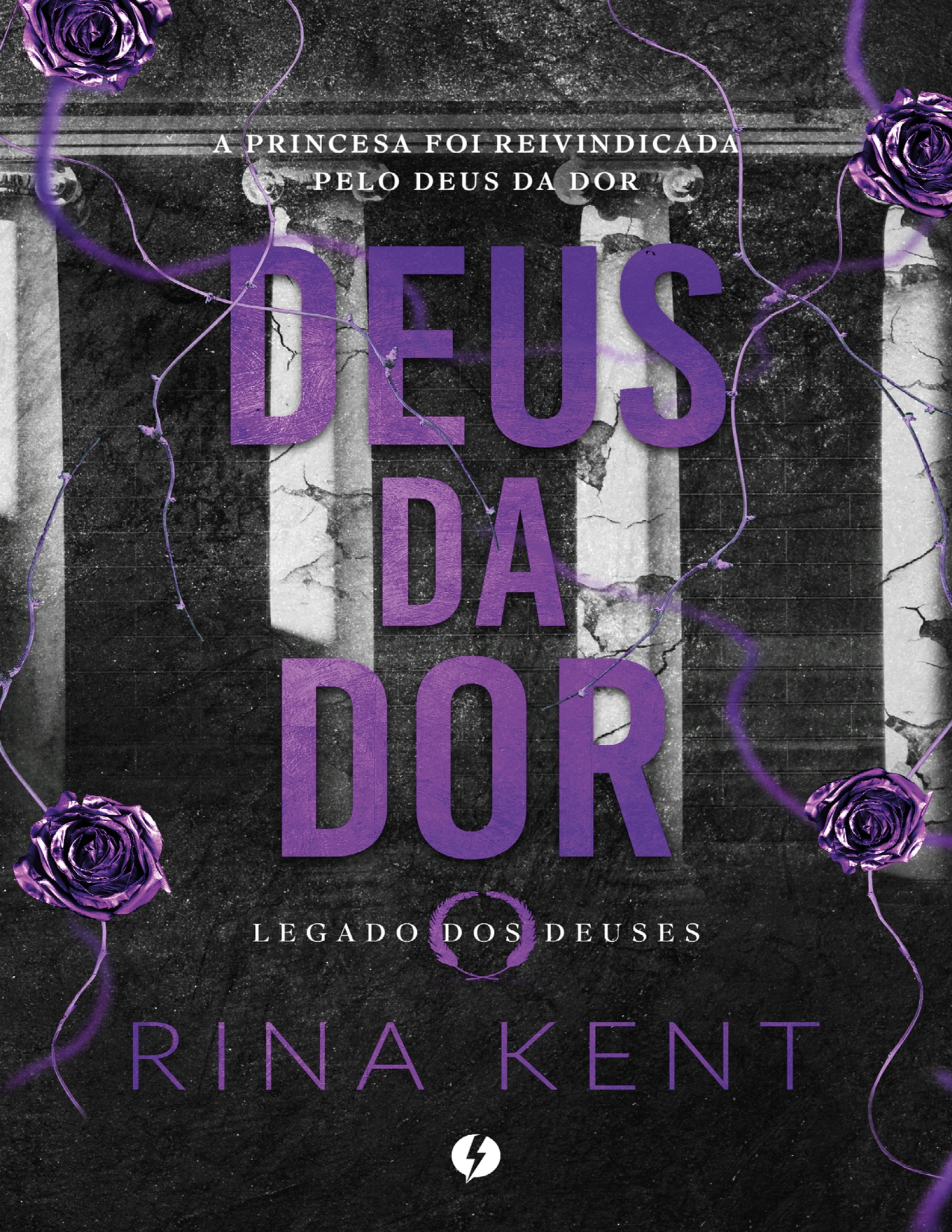
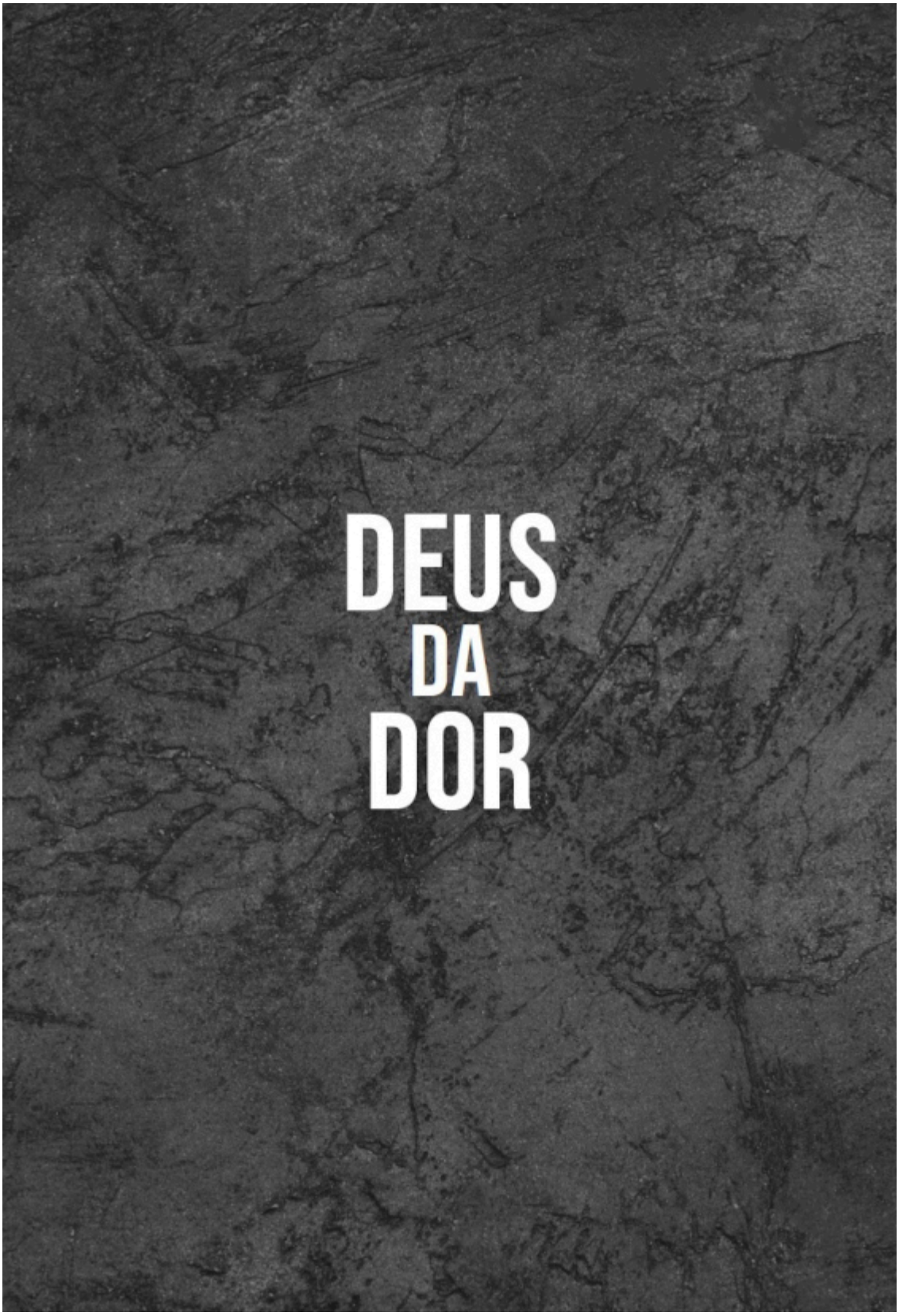

A PRINCESA FOI REIVINDICADA
PELO DEUS DA DOR
DEUS DA DOR
LEGADO DOS DEUSES
RINA KENT


DEUS
DA
DOR

God of Pain (2024)
Copyright © 2022, 2024 by Rina Kent
Tradução © 2026 by Book One
Todos os direitos de tradução reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte desta publicação, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Coordenadora editorial e projeto gráfico
Francine C. Silva

Produtora editorial
Caroline David

Tradução
Ellen Andrade

Preparação
Andressa Vidal

Revisão
Vera Moraes
Luíza Thomaz

Revisão Técnica
Laís Scrivani
Igor Vinagre

Design original de capa
Opulent Designs

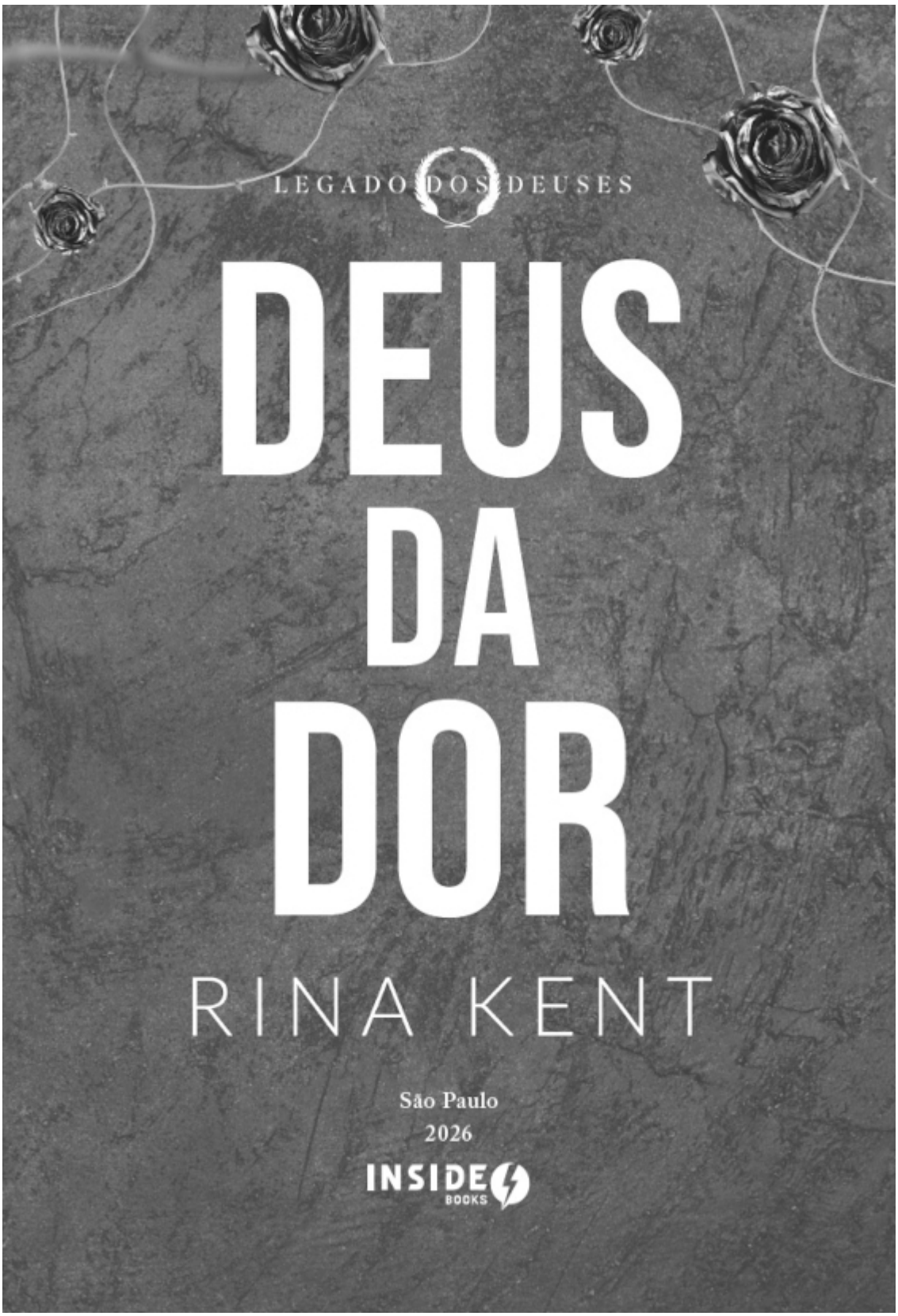
Adaptação de capa e diagramação
Renato Klisman

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

K44d Kent, Rina
Deus da Dor [livro eletrônico] / Rina Kent ; tradução de Ellen Andrade. — São Paulo : Inside Books, 2026.
448 p. ; ePUB (Coleção Legado dos Deuses ; vol. 2)
ISBN 978-65-85086-85-1 (e-book)
Título original: *God of Pain* (Legacy of Gods, #2)

1. Ficção inglesa 2. Literatura fantástica I. Título II. Andrade, Ellen III. Série

25-4284 CDD 823



São Paulo
2026
INSIDE BOOKS

Para um amor que é nutrido pelo
prazer e intensificado pela dor.

NOTA DA AUTORA

Olá, queridas leitoras e queridos leitores,

Se você nunca leu meus livros, talvez não saiba, mas escrevo histórias sombrias que podem ser perturbadoras e inquietantes. Minhas obras e meus personagens principais não são para todos os públicos.

Este livro contém temas como abuso infantil e pensamentos suicidas. Espero que você saiba quais são seus gatilhos antes de continuar a leitura.

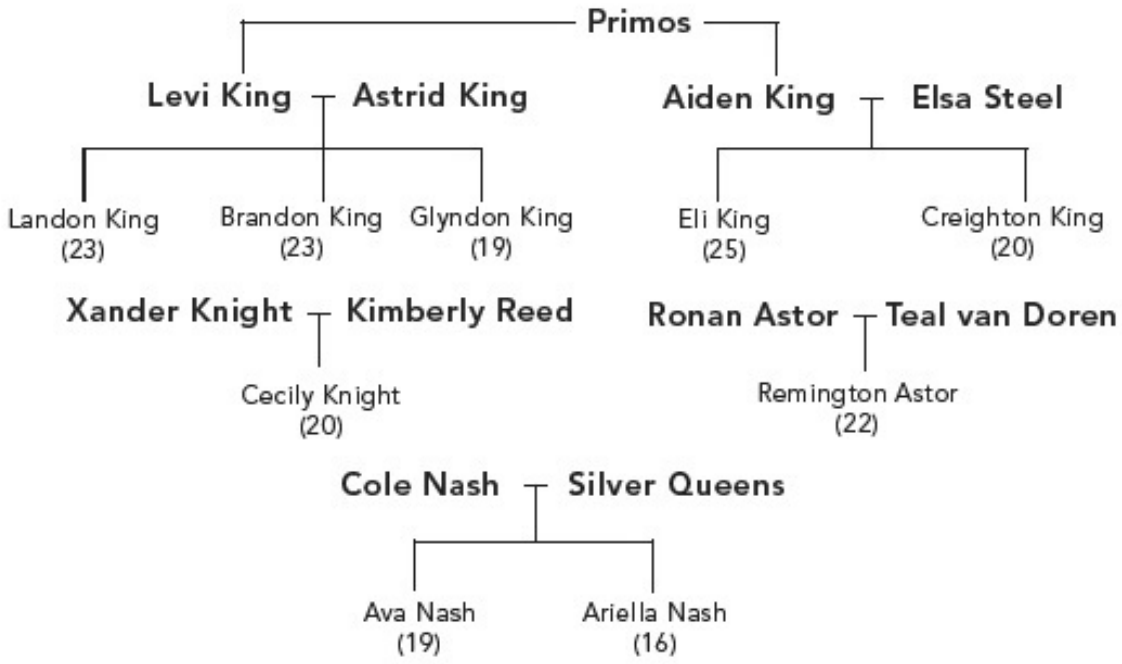
Deus da Dor é um livro que pode ser lido separadamente e que não tem continuação.

Para saber mais sobre Rina Kent, acesse: rinakent.com.

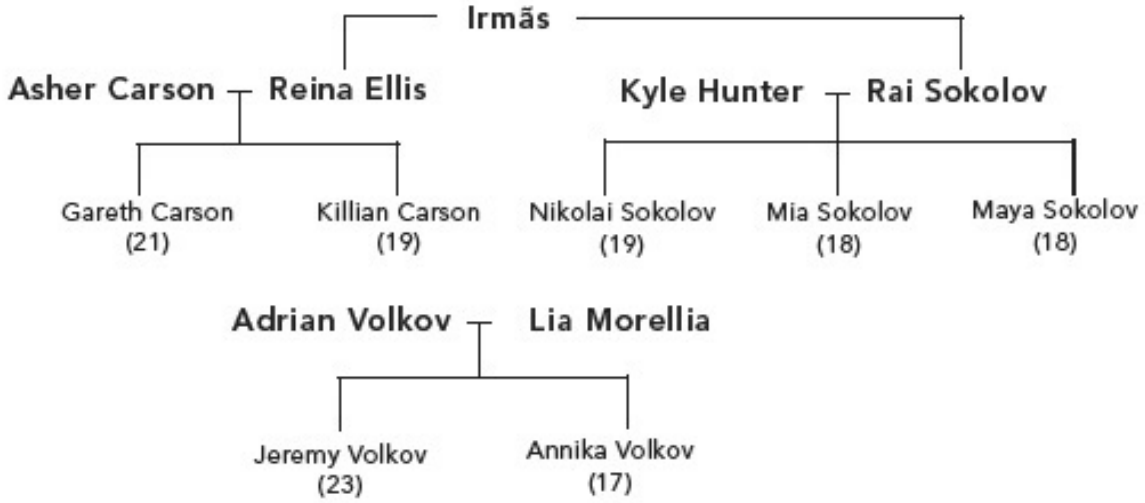
LEGADO DOS DEUSES

ÁRVORE GENEALÓGICA

UNIVERSIDADE ELITE REAL



CENTRO UNIVERSITÁRIO KING'S U


Irmãs
Asher Carson
Reina Ellis
Kyle Hunter
Rai Sokolov
Gareth Carson
(21)
Killian Carson
(19)
Nikolai Sokolov
(19)
Mia Sokolov
(18)
Maya Sokolov
(18)
Adrian Volkov
Lia Morellia
Jeremy Volkov
(23)
Annika Volkov
(17)

CAPÍTULO 1
ANNIKA

TEM UMA PESSOA LÁ FORA.

Ou *pessoas*.

O som da respiração ofegante delas se infiltra pela porta, subindo em um ritmo acelerado, parecendo um animal ferido.

Um animal selvagem.

Meus olhos se abrem e saio da cama aos tropeços, ajeitando o cabelo para que caia direito pelas minhas costas. Em seguida, puxo para baixo a camiseta roxa, que mal cobre a bunda.

As sombras continuam no canto, contorcendo-se e gemendo como feras famintas. A única luz vem da lâmpada da varanda que sempre deixo acesa. Não levo a mão até o interruptor nem tento tocá-lo.

Algo me diz que, se eu lançar luz sobre qualquer que seja o animal que está à espreita, a situação ficará bem ruim.

Meus passos são inaudíveis, o que é natural para mim. Mas permanecer calma, não. É impossível controlar os tremores que percorrem meus membros ou o suor que escorre pelas minhas costas, fazendo com que a minha camiseta grude na pele.

Algo não está certo.

A mansão do meu irmão deveria ser o lugar mais seguro do campus e o segundo mais seguro do mundo, depois da nossa casa, em Nova York.

É por isso que ele insiste que eu passe *algumas* noites aqui. Não me intrometo em seus negócios, mas sei o que essas noites trazem: caos, desordem e o massacre de pobres almas.

Portanto, o melhor lugar para me manter protegida é debaixo de sua asa, com uma dúzia de guardas me vigiando.

Sabe a torre de marfim onde a Rapunzel ficou? Meu quarto no complexo dos Hereges, o clube infestado de pecados do qual meu irmão faz parte, é a materialização disso.

Ficam guardas até debaixo da minha varanda, então, mesmo que eu tentasse descer, eles me pegariam. Os guardas fariam careta, grunhiriam e contariam ao meu irmão e ao meu pai.

Credo.

Porém, o lado positivo é que estou protegida. Sou protegida desde o dia em que nasci na família Volkov.

Eu *sou* uma Volkov.

Sinto até vontade de rir pelo arrepio de medo que se recusa a me abandonar. Não sei como seria em outro lugar, mas aqui estou segura.

Certo, o que quer que esteja se escondendo por aí, é melhor que seja um pássaro ferido ou algo bobo. Caso contrário, esteja pronto para morrer.

As cortinas da varanda voam para dentro. O tecido branco se mescla à escuridão da noite, apesar da luz fraca.

Paro quando estou a alguns passos de distância. Abri a porta da varanda ontem à noite?

Não. Não, não abri.

A reação lógica seria dar meia-volta e sair pelo corredor, chamar meu irmão ou qualquer um de seus homens, e me esconder em minha gaiola de ouro.

Mas o problema é o seguinte…

Meu traço tóxico é a curiosidade. Não consigo dormir à noite quando não satisfaço minha sede de conhecimento.

O quarto espaçoso, com travesseiros macios, lençóis roxos, papel de parede brilhante e tudo o que há de glamouroso e bonito, lentamente sai de foco.

A luz suave da varanda é a minha única bússola quando dou um passo à frente.

O destino funciona de maneiras misteriosas.

Desde pequena, eu sabia que não seria sempre uma princesinha protegida lutando pela aprovação da família. Que um dia, quando eu menos esperasse, algo chegaria. Eu só não sabia o que era nem o que isso causaria.

Certamente, não imaginei que o começo fosse na mansão do meu irmão, que é mega segura e cheia de guardas.

Quando alcanço a porta de vidro entreaberta, uma figura escura desliza aos poucos para dentro do quarto.

Pulo para trás, batendo a mão no peito.

Se eu não tivesse percebido o movimento sutil passando pela porta deslizante, teria pensado que essa pessoa, um homem, a julgar por sua constituição, era um recorte da própria noite.

Ele estava todo de preto: calça de moletom, camisa de mangas compridas, sapatos, luvas e uma máscara que era metade sorriso e metade carranca.

Um arrepio serpenteia sob a minha pele quando observo os detalhes da máscara. A metade que chora é preta, e a parte que sorri é branca. A mistura é perturbadoramente assustadora.

Ele todo é.

A cor escura de suas roupas não esconde a saliência dos músculos, nem reduz o poder de sua presença silenciosa. Ele é alguém que se exercita, tem o peito sarado e o abdômen definido, mas não é gigante.

É apenas musculoso o suficiente para exalar poder só de estar ali.

Ele também é alto. Tão alto que preciso inclinar a cabeça para vê-lo por completo.

Bem, sou um pouco pequena. Mas mesmo assim. Normalmente não preciso me esforçar tanto para olhar para os outros.

Ficamos nos encarando por um instante, como dois animais prestes a se atacar.

Os dois buracos da máscara assustadora funcionam como seus olhos, que são escuros, mas não são pretos nem castanhos, parecem a escuridão das profundezas do oceano.

E me apego a essa cor, a esse rompimento de sua aura escura. Também é um traço tóxico meu ver o lado bom das pessoas, não deixar que o mundo me enrijeça até que eu não consiga mais sentir empatia por ninguém.

É uma promessa que fiz a mim mesma quando descobri em que tipo de mundo eu havia nascido.

Meu corpo continua a tremer, acompanhando o ritmo do meu batimento cardíaco acelerado.

Ainda assim, forço um tom de voz superanimado e supercasual.

— Talvez você queira ir embora antes que os guardas te encontrem…

As palavras somem na minha garganta quando ele avança em minha direção.

Um passo imponente de cada vez.

Então, lembra o que falei sobre a presença dele exercer poder? Estou testemunhando os efeitos disso em primeira mão.

Mas eu estava errada.

Não se trata apenas de poder, é intimidação em sua forma mais pura.

Um oceano rugindo para liberar sua selvageria.

Nem percebo que dei um passo para trás até que ele avança novamente. Desta vez, me mantenho firme no lugar e o encaro.

— Como eu estava dizendo, você provavelmente deveria ir…

Seu peito quase colide com o meu quando ele rapidamente diminui a distância entre nós. Seu calor é acompanhado pelo cheiro de algo picante e fuligem. Será que estava perto de uma fogueira ou algo do tipo?

Ele dá outro passo à frente, e eu automaticamente recuo. Ou faço isso, ou permito que ele colida comigo e me destrua como um tornado.

— Sério, você sabe de quem é esta casa? — Minha voz não está mais animada e há muito tempo treme como o resto do meu corpo. — Você quer morrer…

Não estou pronta para o que acontece a seguir.

Em um piscar de olhos, ele aperta a mão enluvada contra minha boca e me empurra para trás.

Minha coluna bate na parede com um solavanco e eu grito, mas o som é abafado. O barulho ecoa de um jeito assustador, como se fosse uma canção de ninar assombrada.

A máscara fica a poucos centímetros do meu rosto.

É como uma cena dos meus pesadelos mais profundos e sombrios.

E é tudo acentuado pela proximidade do corpo dele ao meu e pelo cheiro forte de couro.

Todo ar que respiro vem desse aroma.

E ele é tudo o que consigo ver. Seus olhos são de um azul intenso, mas têm contornos pretos. Como os de uma criatura mítica.

Já vi esses olhos em algum lugar. Mas onde?

É errado querer ver o que se esconde sob a máscara? Simplesmente arrancá-la e descobrir se ele é a metade que chora ou a que sorri? Ou as duas?

Quanto mais o observo, mais minha respiração falha e seu calor penetra nos meus ossos.

Não. Não pode ser.

Simplesmente não é quem estou pensando ser.

Só para ter certeza, levo a mão até sua máscara, esperando que ele afaste meu toque.

Para minha surpresa, ele não se move. Meus dedos traçam o canto daquele sorriso congelado. Mas não o enxergo mais como algo petrificante; é apenas o disfarce de alguém.

Um traço monstruoso.

Um enigma de sentimentos.

É você?, pergunto com os olhos, e ele estreita os dele ligeiramente em resposta.

Tento tirar a máscara, mas, antes que eu consiga, ele empurra minha mão para longe. Ela cai inerte ao meu lado, mas tenho quase certeza de que meu palpite está correto.

Posso não saber de muitas coisas, mas eu reconheceria esses olhos em qualquer lugar, inclusive em um universo alternativo.

Um estrondo é ouvido lá fora.

Nós dois ficamos imóveis.

O barulho volta e percebo que vem da porta do meu quarto.

— Senhorita, está acordada?

Um guarda.

A voz com sotaque russo fala de novo, acompanhada de mais uma batida.

— Tivemos uma falha na segurança. A senhorita está bem?

Encontro os olhos do desconhecido mascarado.

Não, não é um desconhecido.

Ele é muito mais do que isso.

Ainda estou tremendo, mas por um motivo completamente diferente.

— Humm — solto um som baixinho e abafado.

Ele aperta minha boca com mais força, invadindo meu espaço com a convicção de um furacão. Meus seios roçam a firmeza do seu peito a cada inspiração.

— Senhorita? Vou entrar.

Agarro o braço do intruso e imploro com os olhos. Ele estreita os seus, mas lentamente tira a mão da minha boca. Ele a mantém pairando por perto, como um fantasma, provavelmente para me calar outra vez se eu gritar por socorro.

Mas o problema é o seguinte… meu traço tóxico é ser curiosa: não preciso de socorro porque ele não é uma ameaça.

Ou, pelo menos, não era no passado. Não tenho certeza neste momento.

— Estou bem! — digo alto o suficiente para o guarda ouvir. Estou surpresa por não gaguejar nem soar nervosa, considerando a situação.

O guarda entreabre a porta, mas permanece assim enquanto sua voz invade o cômodo.

— Vou entrar só para ter certeza, senhorita.

— Não! Eu estou… estou nua.

Ouço o guarda pigarrear, e quase consigo imaginar sua expressão aturdida. Ele sabe que sua cabeça acabaria espetada por um pedaço de pau se me visse sem roupa.

A menos que minha vida estivesse correndo perigo.

O que não é o caso.

Acho que não.

— Estou bem, de verdade. Vou voltar a dormir agora. Não me acorde.

Silêncio por um, dois, três segundos…

— Muito bem, senhorita. Se alguma coisa acontecer, o chefe virá vê-la.

A porta se fecha e deixo escapar um longo suspiro.

A próxima vez que respiro faz meu peito roçar no não desconhecido, e eu hesito, encarando-o.

— O chefe que ele acabou de mencionar é meu irmão, e eu não consigo mantê-lo afastado do meu quarto com a desculpa de que “estou nua”. Ele simplesmente vai entrar de olhos fechados, pegar um lençol ou algo do tipo, jogá-lo em cima de mim e depois fazer a revista. Ele é implacável nesse nível, então se não quiser ter as palavras *espancado até a morte* escritas na sua lápide, você precisa ir embora antes que ele chegue. Ah, além disso, vai ficar assim colado em mim por muito tempo? Posso até parecer tranquila, mas é difícil respirar com você por perto.

Ele me encara, inexpressivo, nem um pouco impressionado, tampouco perturbado pela minha falação. É um hábito do qual estou tentando me livrar, mas é mais difícil do que parece.

— O que você está esperando? — sussurro. — É sério, vai embora antes que o Jeremy apareça. Se você entrou pela porta da sacada sem ser notado, então é só voltar pelo mesmo caminho. E, hum, quem sabe me devolva meu espaço logo?

Ele aproxima a mão enluvada do meu rosto, e acho que vai tapar minha boca de novo, mas seus dedos envolvem meu queixo.

Não é ameaçador, mas o poder fervilha por trás desse gesto.

Não. Poder, não.

Controle.

O gesto transborda tal sensação até o ponto de sufocar.

Seu polegar acaricia meu lábio inferior e ele se abre, simples assim.

Meu coração dispara, e acho que talvez eu esteja sonhando ou coisa parecida.

Talvez eu tenha conjurado tantos cenários no meu cérebro doentio que o universo decidiu que um deles deveria se tornar realidade.

Do contrário, por que ele me tocaria se nunca fez isso?

E não está tocando uma parte minha qualquer. Está roçando meus lábios.

Será que vai me beijar?

Antes que o pensamento se forme por completo, sua voz marcante, profunda e absolutamente familiar ressoa no ar:

— Você fala demais. Um dia, essa boca ainda vai te meter em encrenca.

Então, ele me solta, dá um passo para trás e sai pela porta da varanda com a mesma facilidade com que entrou.

Minhas pernas finalmente falham e eu escorrego pela parede até o chão.

Não restam dúvidas.

Meus dedos encostam onde os dele estavam um segundo atrás. Bem, ele usava luvas, então não foi um toque direto, mas ainda conta, certo?

Agora meus lábios tremem e meu coração bate desenfreado.

Era ele.

Aquele que eu não deveria desejar.

CAPÍTULO 2
ANNIKA

— Tem certeza de que ninguém entrou aqui?

Tenho certeza de que isso é, de fato, uma realidade alternativa e que logo vou acordar? Estou surpresa que ninguém veja como estou tremendo por dentro?

É claro.

Tenho certeza de que há algo errado comigo, porque abro meu sorriso mais radiante ao encarar meu irmão.

Jeremy, que invadiu meu quarto e agora está me cercando, é alto, musculoso, meio corpulento e o clone perfeito do nosso pai. É sério, papai tirou nota dez pelo esforço de copiar e colar.

Meu irmão também é seis anos mais velho do que eu, então sou tratada como um bebê com apenas dezessete anos. Completo dezoito em cerca de um mês e meio, mas mentalmente já tenho essa idade.

Além disso, graças ao meu excelente desempenho escolar, consegui pular um ano e entrar na faculdade mais cedo. Um fato do qual meu irmão não é muito fã.

Ele sempre foi como um tigre letal que fica de guarda na minha porta. Só consegui enfim respirar quando ele deixou os Estados Unidos para frequentar a faculdade alguns anos antes de mim.

Bem, *conseguir respirar* é um exagero, porque eu ainda estava sob a atenção e a proteção ainda mais sufocantes do meu pai.

Foi por isso que me esforcei para entrar logo na faculdade. Mas, naturalmente, eu só poderia me inscrever perto de onde Jeremy escolheu estudar. Ou então eu precisaria ficar em Nova York.

Meu cérebro votou no meu irmão como o menor dos males.

Vim para a Ilha de Brighton no início deste semestre. É uma ilha perto da costa sul do Reino Unido. Desde que me reencontrei com meu irmão, aquela sutil sensação sufocante de ser observada e monitorada a todo instante voltou.

Coloco meu suéter por cima da roupa, porque não tem a menor chance de eu andar por aí com minha camiseta curtíssima na frente do meu irmão.

Ela não parecia ser um problema agora há pouco.

Silencio a vozinha interior e levanto a mão em um gesto de dispensa.

— Eu estava totalmente imersa no mundo dos sonhos até aquele guarda me acordar. Uma garota não pode ter seu sono de beleza por aqui?

Acerto em cheio.

Sério.

Qualquer outra pessoa teria me deixado em paz, mas é do Jer que estamos falando. O líder dos Hereges, apelidado de demônio e herdeiro do império mafioso do papai.

As pessoas lá em casa estão esperando que ele termine o mestrado e volte para seu cargo no coração da *Bratva* de Nova York.

Toda essa experiência na faculdade é apenas um trampolim para ele, uma maneira de absorver o máximo de poder possível antes de voltar para onde pertence.

Seu olhar atento percorre todo o quarto, parando de vez em quando como se pudesse ver vestígios *dele*.

Como se Jeremy pudesse sentir o cheiro do couro das luvas e o calor estranho emanando do meu corpo.

Meus lábios tremem ao lembrar como o intruso os tocou, e meus ouvidos zumbem. Do jeito bom. Do jeito que me faz ainda ouvir a voz dele na minha cabeça.

Suas palavras.

Tchaikovsky do céu — esse é o meu deus, aliás, porque ele é a fonte da minha espiritualidade.

Ei, recomponha-se.

— Você não ouviu nenhuma comoção? — insiste Jer, com a persistência de um cão de caça farejando uma presa.

— Tirando a voz alta do guarda, não. O que está acontecendo? Ele disse que houve uma falha?

— Sim. Uma tentativa de incêndio criminoso na casa anexa.

— In-incêndio?

Puta merda. Eu sabia que o cheiro de fuligem tinha relação com fogo. Isso significa que ele foi o responsável pela tentativa de incêndio?

Em vez de perguntar isso e acionar o desconfiômetro de Jer, questiono:

— Tá todo mundo bem?

O fato é que esta mansão é o complexo dos Hereges, e os membros fundadores do clube, amigos do meu irmão, a usam como lar. Sem mencionar os guardas e alguns funcionários que moram aqui.

Estou preocupada com a intrusão, mas não o suficiente para me esquecer das outras pessoas. Mesmo que a brutalidade delas rivalize com a do meu irmão.

— Ninguém se feriu e apagamos o fogo antes que consumisse o anexo. — Jeremy oferece como resposta.

— Ufa! Que bom que não houve vítimas. — Por mais de um motivo. — Você sabe quem fez isso?

— Ainda não, mas vou encontrar o responsável. — Ele dá um passo à frente. — Tem certeza de que está tudo bem? Não precisa de nada?

— Sono de beleza, lembra?

Ele bagunça meu cabelo, um sorriso raro surgindo em seus lábios. Não consigo evitar sorrir de volta, sabendo muito bem que meu irmão é um homem severo e que eu não deveria menosprezar seu carinho.

Tenho a sorte de estar na pequena lista de pessoas com quem Jeremy se importa.

— Desculpa interromper seu sono de beleza, Anoushka.

É assim que ele e papai me chamam. *Anoushka*. Um carinhoso apelido russo derivado do meu nome, Annika.

— Desculpas aceitas, mas para de bagunçar meu cabelo. Não sou mais uma criança.

— Para mim, você é uma bebezinha fofa.

— Jer!

— O quê?

— Eu já tenho idade suficiente para cuidar de mim mesma.

— Vou fingir que não ouvi isso.

Bufo.

— Ok, mas posso voltar para o dormitório amanhã?

Jeremy estuda na King’s U, uma das duas notórias universidades da Ilha de Brighton, que tem sua verba proveniente da máfia. A outra, a Universidade Elite Real, foi fundada e financiada com dinheiro da velha aristocracia britânica.

As duas instituições e seus alunos não se suportam. Essa animosidade se transforma em esportes e rivalidades entre clubes secretos.

Dizer que os dois grupos de estudantes vivem em pé de guerra seria o eufemismo do século.

Então, o fato de eu estudar na faculdade de arte da Universidade Elite Real, também conhecida como UER, e viver no dormitório deles não agrada muito meu irmão.

É por isso que, às vezes, ele insiste que eu fique aqui, na mansão dos Hereges.

Diz que é para me proteger, mas é mais para me monitorar.

— Ainda não — responde ele, confirmando meus pensamentos. — Fique aqui por mais alguns dias.

— Mas, Jer…

— É para a sua segurança.

Quero grunhir de frustração, mas sou interrompida por uma voz rouca do outro lado da porta.

— Qual a porra do problema das pessoas no meio da noite? Será que ninguém pode dormir neste muquifo maldito?

Um cara alto, musculoso e seminu entra no meu quarto, chuta uma caneta felpuda para longe e nos encara com os olhos injetados.

Ou melhor, encara Jeremy.

Meu status e sobrenome me tornaram invisível para Nikolai há muito tempo.

Obrigada, Tchaikovsky.

Ele é um filho da puta assustador, é quase um príncipe da máfia e pertence à *Bratva* de Nova York, assim como nós. Seu corpo é abundantemente coberto por tatuagens e ele está sempre sem camisa. Sério, eu me pergunto se ele usa algo além de shorts para as aulas ou se também as frequenta seminu.

Ele encosta o corpo pesado contra a parede.

— O que caralhos está acontecendo?

— Fogo. — Meu irmão inclina a cabeça na direção do amigo. — E vista uma camisa.

— Camisas são superestimadas. E você falou *fogo*? Por que ninguém me acordou?

— Não te encontrei em lugar nenhum.

— Tem certeza? Porque eu estava dormindo no pé da escada. Ou talvez atrás da escada. Não consigo me lembrar, porra.

— Isso se estivesse mesmo dormindo.

— O que você quer dizer com isso, caralho?

Jeremy bagunça meu cabelo mais uma vez e sai do meu quarto com Nikolai a tiracolo. Apesar de Nikolai ser alguns anos mais novo do que Jeremy, eles são amigos bem próximos desde que se conheceram.

Meu irmão é o estrategista silencioso que só parte para a violência quando é absolutamente necessário, enquanto Nikolai é o monstro desequilibrado e sanguinário.

Ao observar as costas dos dois, não consigo evitar sentir uma pontada de desconforto por saber o tipo de futuro que os aguarda.

Um futuro cheio de sangue, guerras da máfia e confrontos brutais. Embora Nikolai se encaixe perfeitamente nessa imagem e até se esforce para fazer jus a ela, não quero imaginar Jeremy de tal forma.

Mesmo sabendo que ele pode ser muito pior.

— Quem foi o filho da puta que fez isso? — Nikolai pergunta a Jeremy ao saírem do cômodo. — Vou acabar com a vida dele, queimar o cadáver e espalhar as cinzas no sangue.

— Tenho um palpite.

Inconscientemente, vou até a porta, mas Jeremy me lança um olhar que não consigo decifrar e a fecha atrás de si.

Cortando, assim, qualquer chance que eu tinha de ouvir o palpite.

Jeremy não poderia ter descoberto que o culpado era *ele*.

Certo?

Sussurros abafados flutuam ao meu redor com a insistência de um enxame de abelhas zumbindo.

Meu nome e o de Jeremy, assim como nosso sobrenome, já foram murmurados uma dúzia de vezes.

Sorrio para quem me olha nos olhos e até pergunto como estão as coisas. Comento sobre suas roupas e digo que adorei sua última postagem no TikTok ou Instagram.

Todos eles sorriem de volta, e mesmo que ainda cochichem por aí sobre mim, os comentários costumam ser positivos.

Não acredito que ela é a irmã do Jeremy Volkov. Ela é uma querida.

Uma bonequinha.

Um amor de pessoa.

Gente boa.

Sou a pessoa sociável, a representante de relações públicas da reputação de Jer e a candidata número um a porta-voz da família.

Dizem que a única maneira de ser popular ou amado é pisando nos outros e sendo cruel, mas eu acredito na gentileza.

Acredito em ser sociável para o bem maior.

Dito isso, seria perfeito se eu simplesmente não deixasse que as opiniões dos outros me consumissem por dentro.

Paro de andar quando um braço envolve meus ombros.

— Minha. Nossa. Você está viva! Graças aos deuses e a todas as religiões.

Ava dá um giro completo ao meu redor, e o gesto acaba ficando meio engraçado, considerando o enorme violoncelo preso a suas costas.

Ela inspeciona cada centímetro do meu corpo, até dando tapinhas suaves no meu rosto para ter certeza de que nada mudou.

Hoje ela está usando uma saia cor-de-rosa e uma blusa branca com um corte estiloso. Depois da minha mãe, Ava é a pessoa mais elegante que conheço, e sua personalidade se parece com a minha.

Houve uma conexão desde o momento em que nos conhecemos, cerca de dois meses atrás, quando me matriculei na UER. Por consequência, me aproximei de todas as amigas dela também. Ava e as meninas até deixaram eu me mudar para o apartamento delas, no dormitório, apesar de eu ser a americana que simplesmente não entende a obsessão que têm por peixe com fritas.

Sorrio.

— Oi, senti sua falta.

Ela me abraça e beija minha bochecha.

— Senti muita saudade, amiga. Quais são as chances de seu irmão largar esse patriarcado patético e deixar você voltar para o dormitório?

— No momento? Zero.

Ela geme e entrelaça o braço no meu.

— Você está mesmo bem? Ninguém para de falar sobre o incêndio na mansão dos Hereges.

— Eu estava em um sono profundo — minto descaradamente. — Até que me acordaram com aquela barulheira toda.

— Deve ter sido muito assustador. Não consigo imaginar acordar no meio da noite com a notícia de um ataque.

— Eu não chamaria exatamente de ataque.

— Com certeza foi. Eles provavelmente estavam atrás do seu irmão ou dos amigos Hereges dele. Tipo, falando sério, como ele acha que aquele lugar é mais seguro para você do que o nosso dormitório?

— Não faço ideia. — Provavelmente pelo fato de ele ter todos aqueles guardas de prontidão.

— Vamos pedir para a Ces conversar com ele. É nítido que ela não tem medo daquela aura de "lorde das trevas" dele… Falando no diabo!

Entramos na cafeteria onde nós costumamos almoçar. *Nós* quer dizer Ava, Cecily, Glyndon (as meninas com quem moro), Remington, Brandon e… *ele*.

O garoto com olhos da cor do oceano e uma presença intimidadora.

Quando chegamos à mesa, Cecily e Remi estão discutindo por causa de batatas fritas, e Bran tenta mediar o conflito. Não vejo Glyndon nem *ele* em lugar nenhum.

Tento ignorar o aperto no peito, mas falho.

Ava e eu ocupamos os lugares vagos e sorrio para Bran quando nossos olhares se encontram.

— Cadê a Glyn?

— Me surpreende você ainda perguntar sobre aquela traidora, sinceramente. — Ava bufa. — Ela provavelmente está por aí agarrada no P.

Bran empurra o prato para longe, com o nariz franzido.

— Não é a imagem que eu precisava da minha irmã mais nova.

Ava joga uma batata frita na boca.

— Foi por isso que eu disse "no P" e não "no pau".

Remi desliza suavemente para perto e abre um sorrisão.

— Alguém falou de pau?

— Ah, olha só. Alguém reconhece que é um P no C. — Cecily cruza os braços sobre a blusa, na qual há um gatinho fofo com uma arma disparando as palavras *pow, pow, fdp*.

— P no C? — Os lábios de Remi se abrem em um sorriso gigante, como o gato da Alice, e nem isso prejudica seu rosto simetricamente bonito. — Pode falar, Ces. Pau no cu. Não seja puritana.

Ela joga o cabelo prateado para trás.

— Puritana? Eu prefiro chamar de ter limites.

Remi finge soltar um bocejo.

— Acorde minha senhoria quando essa nerd começar a ter uma vida.

É assim que Remi se chama, *minha senhoria*, por causa do seu sangue nobre. Enquanto todos os outros enxergam isso como arrogância, eu acho supercativante.

Ele tem a personalidade de um anjo despreocupado; embora Ava e Cecily argumentem que ele é um demônio hedonista. Remi foi uma das primeiras pessoas que se afeiçoou a mim instantaneamente, e nunca vou me esquecer disso.

— Para com isso. — Bran o cutuca.

Cecily está pronta para discutir pela milionésima vez, mas então me olha e recua.

— Ah, Anni. Você está bem?

— Está tudo certo. Já fui examinada pela própria Ava.

— Isso mesmo. — Minha amiga acaricia seu violoncelo. — Por fora, ela está bem.

— Eles já sabem quem está por trás disso? — pergunta Cecily.

— Não faço ideia. Você sabe que eu não me envolvo nesses assuntos. — Sorrio, pegando minha bolsa térmica.

Meu TOC pode ser desencadeado por mínimos detalhes, como o fato de um dos meus potinhos de salada não estar no mesmo nível dos outros.

Meu coração bate forte contra as costelas, e os sons do refeitório começam a ficar abafados.

Depressa, abro os recipientes cheios de comida saudável, reorganizo-os na minha frente, e só respiro quando estão perfeitos.

O barulho do mundo exterior retorna lenta, mas seguramente.

— Quem mais poderia ser? — Remi se recosta na cadeira, tomando um gole de café gelado. — Provavelmente foram os Serpentes.

— Eles não são da mesma universidade? — pergunta Ava. — É mais provável que nosso clube tenha uma rixa com eles.

Bran balança a cabeça.

— Na verdade, os Elites não estão em conflito com os Hereges nos últimos tempos. Mas os Serpentes foram humilhados por eles, especialmente depois do último ataque à mansão deles, e estão mais propensos a revidar.

— Essa história toda é muito caótica — comenta Cecily. — Alguém poderia ter se ferido naquele incêndio.

— Ninguém se machucou — repito as palavras de Jeremy. — Não se preocupe.

— Ainda assim. Não gosto disso. — Ela morde o lábio inferior, depois coloca a mão na mochila e apanha uma caneta roxa com penas fofas. — Achei isto na minha gaveta, e como não uso mais, pensei em você, Anni.

Pego o objeto com as duas mãos.

— Que fofura! Obrigada!

— Disponha.

A conversa continua no tópico das brigas entre os três clubes, os dois da King's U — Hereges e Serpentes — e o da UER, Elites.

O papo vai para guerras, rivalidades e vinganças, mas não estou de fato prestando muita atenção em nada disso.

Meu olhar continua indo para a entrada em busca de um vislumbre daquela silhueta alta e familiar. Estou quase terminando a refeição e ainda não há sinal dele.

E ninguém está falando dele.

Então, sorrio e pergunto em tom casual:

— A propósito, onde está o Creighton?

— Ah, o Cray Cray? — pergunta Remi enquanto come, fazendo barulho. — Provavelmente cochilando em algum lugar por aí. Minha cria disse que não dormiu muito ontem à noite.

Eu me pergunto por quê.

Outra coisa que acho adorável na personalidade do Remi é como ele chama Creighton de cria. Eles são primos por parte de mãe, mas Remi é cem por cento o cara extrovertido que adotou o Creighton.

Permito que voltem a discutir o incêndio e as confusões dos clubes, depois informo que já volto.

É provável que não volte, mas não há mal nenhum em uma mentirinha boba.

Normalmente, eu estaria a caminho do meu voluntariado, no abrigo de animais local, já que não tenho aulas à tarde, mas irei até lá depois.

Após guardar meus potes de volta na mochila, saio do refeitório e vou para a faculdade de administração. No caminho, cumprimento qualquer um que me diga oi ou que sequer olhe para mim.

Uma parte de mim sabe que todas essas pessoas só querem me agradar por causa da reputação notória do meu irmão e do status na máfia do meu pai, mas tudo bem.

Pelo menos a Ava e os outros gostam de mim por quem eu sou, não pelo meu sobrenome.

Apesar das tentativas de alguns alunos, não paro para conversar.

Veja, estou no meio de uma missão.

Levo exatamente dez minutos para chegar ao gazebo nos fundos da faculdade de administração. De fato, alguém está deitado no banco encoberto pelas sombras. Escondido de transeuntes e curiosos.

O gazebo de madeira fica em uma área isolada do jardim dos fundos, onde poucos alunos passam.

E é exatamente por isso que acho que ele gosta daqui.

A única razão pela qual conheço este lugar é porque Remi oferece qualquer informação que peço.

Paro e encaro o céu melancólico, que bloqueia o sol a cada poucos segundos, como se estivesse furioso com sua audácia de continuar espiando por entre as nuvens.

Inspirando fundo, caminho da maneira mais casual possível. Mas, mesmo que o mundo não possa ver, sinto a rigidez nos meus passos. O peso no meu peito. O tremor nos meus lábios.

Controle-se.

O garoto deitado no banco, com uma perna dobrada e uma das mãos sob a cabeça, parece em paz.

Ele está de calça jeans, baixa na altura dos quadris, e um moletom com capuz que está levantado, revelando um pouco do seu tronco e a linha do abdômen perto do cós.

Engulo em seco, forçando meu olhar a se concentrar em seu rosto.

Essa ideia também não é das melhores.

Seu rosto não é nada além de majestoso. Ele tem o tipo de beleza que chama a atenção sem palavras: mandíbula acentuada, maçãs do rosto

salientes e lábios definidos.

Seu cabelo castanho, curto nas laterais e longo na parte de cima, está bagunçado, despenteado por passar os dedos nele, e exibe o penteado mais lindo que já vi. Sempre imaginei a sensação de passar a mão naqueles fios mais longos.

Imaginei.

É tudo o que tenho feito desde que conheci esse enigma. Imaginei, pensei e sonhei.

Mas tudo desmoronou em uma realidade sombria.

Ele não quer nada comigo. Ou, pelo menos, era o que eu pensava.

A questão é que o desinteresse dele deveria me deixar feliz. É a melhor opção, considerando que meu destino já estava traçado no dia em que nasci.

Com certeza não quero que ele se machuque por minha causa.

Mas, em momentos como este, me pego chegando mais perto, tentando suavizar aquela ruga entre suas sobrancelhas espessas.

Fazer com que o vinco desapareça.

Em um piscar de olhos, uma mão agarra a minha e engulo em seco enquanto ele abre os olhos devagar.

Azuis intensos, com contornos pretos.

Os mesmos olhos do homem mascarado que me visitou ontem à noite.

CAPÍTULO 3
ANNIKA

NÃO CONSIGO RESPIRAR DIREITO.

Não consigo nem pensar direito.

Venho imaginando este momento desde que reconheci aqueles olhos camaleônicos. Tons mistos como o oceano, com uma rara heterocromia que nunca vi em ninguém além dele.

É como chamam os respingos cinzas em seus olhos azuis. Heterocromia. Uma imperfeição perfeita que faz parte de quem ele é.

Foi a primeira coisa que chamou minha atenção. E embora muitos digam que minha atenção é fácil de ser conseguida, ninguém sabe que é impossível mantê-la.

Sim, continuo tratando as pessoas com gentileza, lembrando-me de seus nomes e perguntando sobre suas últimas postagens nas redes sociais, mas tudo faz parte de um comportamento forçado. O que quer que tenha me atraído nelas, em primeiro lugar, já murchou e morreu há muito tempo.

Creighton é a exceção a esse fenômeno. Meu interesse por ele começou como o de qualquer outra pessoa: leve, normal, impessoal.

Aos poucos, foi se expandindo para esse interesse poderoso e sem limites, que me invadiu de dentro para fora.

Meu fascínio por ele não diminuiu. Na verdade, foi ficando mais potente a cada encontro, a cada olhar furtivo. A cada toque.

Embora nunca tenham sido sensuais em sua essência.

Ao contrário de agora.

Minha mão formiga contra a de Creighton; na verdade, apenas meu dedo. É tudo o que ele está segurando, ou esmagando, em sua palma. Um mero dedo.

Ele o afasta do próprio rosto e o deixa cair como se fosse um objeto insignificante. Por trás do aparente distanciamento, uma sensação muito pior persiste em seu olhar: desgosto.

Um sentimento familiar aperta meu peito, seguido por uma dor sutil atrás das costelas.

Alheio ao tremor no dedo que acabou de jogar para longe, Creighton se senta em um movimento rápido. Tenho que dar um passo para trás para não colidir com ele.

Tchaikovsky do céu.

Ele realmente precisa parar de se mexer de modo tão repentino.

Ou talvez seja eu que deveria me mover com mais rapidez.

Abraçando minha mochila, eu me sento ao lado dele e abro meu melhor sorriso.

— Oi! Não te vi no almoço, então me perguntei: será que ele não está com fome?

Ele não responde, mas nem precisa. Por mais que eu tenha tentado arrancar palavras dele nestas poucas semanas em que o conheço, cheguei à amarga conclusão de que simplesmente não é do tipo falante.

Pior ainda, ele leva o tratamento do silêncio a um novo nível, que faz você se sentir inferior à sujeira em seus sapatos de grife.

Só para constar, meu orgulho está ferido. Normalmente consigo fazer amizade com qualquer pessoa. Conto histórias bem-humoradas e sorrio, e os outros se apaixonam por mim, simples assim.

A única exceção é esta parede de músculos de quase dois metros de altura.

Mas é mais fácil o inferno congelar do que eu desistir.

Então, vasculho minha mochila em busca do pote roxo — não aquele que já usei — e o pouso no colo dele.

— Separei um almoço extra, sem salada; sei que você não gosta. O Jer estava morrendo de fome hoje de manhã, então preparei camarão para ele e acabou sobrando.

Na verdade, foi o contrário, e meu irmão ficou com a menor porção (foi mal, Jer), mas o Creighton não precisa saber disso.

Ele encara o recipiente com aquele quê de desaprovação habitual. Creighton tem um olhar vazio imutável que torna impossível entender os sentimentos dele. É pior do que qualquer máscara e mais eficaz do que qualquer camuflagem.

E sempre que ele encara alguma coisa, você nunca sabe se ele está pensando em acariciá-la ou simplesmente matá-la com as próprias mãos.

Meu olhar se desvia para aquelas mãos que pendem despreocupadamente sobre seus joelhos. O problema é que Creighton me fez desbloquear um novo fetiche: mãos.

Ou talvez isso já fosse parte de mim antes e só se tornou mais proeminente quando ele entrou em cena.

Ele tem mãos grandes, dedos longos e veias saltadas. Muitas veias serpenteiam pelas costas de suas mãos, que se flexionam com a promessa de algo sinistro.

Desvio minha atenção delas depressa, ou então o evento constrangedor de eu acabar babando acontecerá.

Creighton ainda está encarando o pote, com linhas sérias marcando sua testa, e acho que ele vai jogá-lo fora como fez com meu dedo.

Não joga.

Mas também não o abre.

Apenas o encara, inexpressivo. Então o segura com aquelas mãos cheias de veias se flexionando contra a tampa e começa a se levantar.

— Você poderia ter me avisado que me visitaria ontem à noite, assim eu teria me arrumado para a ocasião. A não ser que… você quisesse me ver seminua?

Ele para antes de se levantar por completo, senta-se novamente e inclina a cabeça na minha direção. O azul dos seus olhos escureceu sutilmente e se aguçou com um quê implacável.

Não estou acostumada com esse tipo de expressão vinda de Creighton. Indiferença é o máximo que consigo dele, mas isso?

É como se ele estivesse imaginando a melhor maneira de quebrar meu pescoço.

Um calor sobe pela minha nuca e chega às orelhas, então reprimo a pontada de medo que me corrói por dentro.

Tento manter o sorriso firme.

— Eu sei que era você. Veja bem, posso não ser muito detalhista, mas seus olhos meio que te entregaram. Não se preocupe, Jeremy não percebeu nada. Ele suspeitou que alguém entrou no meu quarto, mas consegui desviar a atenção dele e…

Em um momento estou falando, no outro, uma mão tapa minha boca.

Como na noite anterior.

Ele me empurra para o lado com força, fazendo com que minhas costas batam na estrutura de madeira do gazebo.

Só que, desta vez, a mão que cobre minha boca está sem proteção nenhuma, e eu respiro direto por entre seus dedos. O cheiro de fuligem e couro se foi. Agora, ele cheira a um misto de roupa limpa recém-saída da secadora e seu aroma apimentado natural.

— O que você quer?

A pergunta me pega de surpresa. Não só pelo seu sotaque britânico grave e sedutor, mas também porque ele acha que estou contando tudo isso porque quero algo em troca.

— Hum — murmuro contra a mão dele.

— Só vou te deixar falar se me disser o que quer. Se continuar tagarelando, vou te calar de novo.

Assinto com a cabeça uma vez, e ele solta minha boca devagar. No entanto, em vez de recuar, permanece tão perto que é difícil respirar direito.

Às vezes, acho que ele sabe exatamente o tipo de efeito que causa nas pessoas, e em mim, e faz isso de propósito.

Ele surge sem ser convidado, com a única intenção de deixar devastação por onde passa.

— Por que você foi até a mansão dos Hereges ontem à noite? Por que incendiou a casa anexa? Não sabia que você tinha algum problema com o clube e seus membros. Você nem faz parte dos Elites, então não faz sentido que queira fazer isso, certo?

Ele estende sua palma na minha direção novamente, e eu levanto as duas mãos.

— Tá, tá. Não tem a menor necessidade de me calar, mas não posso te dizer o que quero, a menos que você confesse seu motivo.

Ele me encara. Inexpressivo. Seu “não” é óbvio.

Suspiro.

— Então acho que vou contar ao Jeremy como você não só queimou a propriedade dele, como também se esgueirou para o quarto da irmã dele. *Ai, ai*. Não posso garantir que ele não será violento.

— Se você quisesse contar pra ele, já teria contado. — O timbre calmo e profundo de sua voz ecoa ao meu redor como uma canção.

Aquela que assombra meus momentos de vigília e de sono.

— Eu queria te dar uma chance, e dei, mas você escolheu não aproveitar. É uma pena mesmo. Que tal uma última chance para mudar de ideia?

— Conta para ele.

— Você… você está blefando.

— Você é quem está.

— O-o quê?

— Você odeia tanto conflitos que se esconde deles como uma avestruzinha. Esse também foi o motivo pelo qual não deixou aquele guarda entrar ontem à noite, e depois, ainda por cima, me acobertou. Criar conflitos por conta própria é algo que não condiz com sua personalidade. Então, sim, você está blefando, Annika.

Meus lábios se abrem.

Tchaikovsky. Do. Céu.

Por favor, diga-me que não estou sonhando e que ele realmente falou mais do que uma frase inteira. Ah, e que sabe tantas coisas sobre mim.

Eu não achava que ele, de fato, soubesse alguma coisa sobre mim, muito menos sobre meu caráter.

Talvez eu tenha subestimado o quão atento aos detalhes ele é.

— Ok, ok, você não precisa me contar o motivo ainda. Chegaremos a esse tópico um dia. — Entrelaço e desentrelaço os dedos no meu colo. — Mas você me perguntou o que eu quero, certo?

Ele arqueia as sobrancelhas; e por que raios um gesto tão simples assim é suficiente para me causar frio na barriga?

Como se não bastasse, uma partezinha minha está sussurrando, choramingando e com certeza resmungando sobre onde quero chegar com essa conversa.

É errado, e você sabe disso.

Só vai servir para metê-lo em problemas e se arrepender.

Mas não posso simplesmente ignorar a outra parte, aquela cheia de anseios, que vive respirando por aparelhos e que precisa sentir como é estar viva. Não apenas fingir que sou feliz, popular e amada, mas também dar vida à minha existência protegida.

Mesmo assim, minha voz sai baixa, insegura.

— Quero que você passe uma hora comigo todos os dias. A sós.

— Fazendo o quê?

— Não sei, qualquer coisa. Podemos conversar, ou só ficar sentados aqui, lendo, comendo, talvez fazendo compras… — Ele faz uma careta e volto atrás. — Nada de compras, entendi. Podemos assistir a um filme.

— Um filme dura mais do que uma hora.

— Hã, certo. Então nada de filmes também. Mas podemos fazer todo o resto.

— Não.

Sinto meu coração se encolher, mas forço um sorriso.

— Por que não?

— Não vou namorar você.

— Eu… eu não estou pedindo você em namoro.

Ok, talvez eu estivesse mesmo. Mas por que raios ele é um babaca tão frio? Não pode machucar as pessoas com mais delicadeza ou algo assim?

— Ótimo, então. — Seu rosto, sua expressão e seu tom de voz estão presos na porcaria do Oceano Ártico. — Nada parecido com um namoro vai rolar.

— Hipoteticamente falando, hipoteticamente *mesmo*, afinal esta não é uma situação real: por que você não quer namorar comigo?

Ele estende a mão na direção do meu rosto outra vez, e eu congelo quando ele levanta meu queixo com dois dedos. Uma descarga elétrica me percorre como uma tempestade formando-se devagar.

A tensão aumenta, gruda na minha pele e rasga meus ossos. Eu tremo, mas ainda não consigo desviar a atenção daqueles olhos oceânicos.

Seu tom escureceu mais uma vez, uma manifestação da mudança de humor de seu dono.

Não sei se a mudança se deve às minhas palavras ou ao fato de ele ter me tocado mais no intervalo de doze horas do que em todas as semanas desde que o conheci.

Mas estou presa em sua teia.

Incapaz de me mover.

Completamente cativa sob o toque calejado de seus dedos esguios. Eles se cravam em minha pele sensível com a letalidade de um chicote.

Quando ele fala, as palavras baixas e graves quase me paralisam.

— Hipoteticamente falando, eu gosto de depravação e tenho tendências violentas. Você é tão frágil que eu te esmagaria num piscar de olhos.

— Como estão as coisas, anjinho?

Balanço a cabeça em pensamento para me concentrar no rosto radiante da minha mãe.

Estamos fazendo uma videochamada como a dupla mais descolada de mãe e filha que existe, porque essa é a realidade.

Se considerarmos Jeremy o clone do papai, eu sou a tentativa bem-sucedida de ser a mamãe 2.0. Gostaria de ressaltar que jamais conseguiria reproduzir a elegância dela, mas compartilhamos as mesmas feições delicadas, o cabelo castanho, embora o meu seja mais comprido, e os olhos redondos, apesar de os meus serem mais acinzentados, como os do meu pai. Os dela são mais sombrios, como se abrigassem uma história trágica. E sei que abrigam. Há muito tempo, antes de eu nascer, minha mãe não era tão feliz quanto foi durante o tempo em que a conheço.

Outra coisa na qual ela sempre me superará é no balé. Lia Volkov foi uma das primeiras bailarinas mais renomadas do New York City Ballet. Passei a infância assistindo às suas apresentações — em segredo, porque ela não teria gostado disso — e me fascinando. Eu queria ser como ela a qualquer custo, voar em direção ao céu e saber exatamente onde cair.

Será que alcancei esse objetivo? Não mesmo. Estou numa encruzilhada em que não faço a mínima ideia se devo me concentrar na faculdade ou se quero tentar ser bailarina profissional. Apaixonei-me pelo balé aos quatro anos de idade, porém, ainda me sinto mais inclinada na direção dos estudos. Como as bailarinas têm uma vida profissional curta, não quero ficar sem nada para fazer no futuro.

Como se meu futuro já não estivesse traçado.

— Ah, sabe como é. A mesma coisa de sempre. — Aponto na direção do meu quarto na mansão dos Hereges. — Brincando de ser prisioneira do Jer só por diversão. Estou revezando entre a torre de marfim e a gaiola dourada.

Ela faz um péssimo trabalho em conter o sorriso.

— Não tem graça.

— Eu sei, eu sei. Você fica muito adorável quando se irrita e solta todo esse sarcasmo na gente.

— Obrigada, mas prefiro ser bonita em vez de adorável, considerando meu status na faculdade e minhas tentativas de agir como se fosse mais velha. Agora, falando sério, mãe, você não pode conversar com o Jer para ele me dar um pouco de liberdade? Nesse ritmo, vou morrer ainda jovem e meu fantasma vai começar a postar vídeos motivacionais no TikTok.

Linhas de riso continuam estampando seu rosto.

— Já conversei, e a resposta foi que ele só está cuidando de você.

— Isso é uma desculpa para me prender.

— Uma com a qual seu pai concorda plenamente. Você sabe que ele não te queria longe da vista dele.

— Só porque sou uma garota?

O tom dos olhos dela se suaviza, tornando-se azul bem claro.

— Porque ele tem inimigos demais e se preocupa com a sua segurança.

Meu lábio inferior se projeta para a frente em um biquinho exagerado.

— Então eu sou a fraqueza dele?

— Nós três somos, mas também somos a força dele, Anni. Você sabe disso, né?

— Eu sei. Mas essa situação ainda é uma merda.

— Eu sei. Sinto muito.

— Não sinta. Não é sua culpa, e eu entendo. É assim que as coisas deveriam ser. Só estou me sentindo rabugenta. Mas chega de falar de mim. Como estão as coisas em casa? Vocês estão bem? Estão com saudade de mim?

— Muita. Estou convencendo seu pai a achar uma casa para nós aí na Ilha de Brighton, assim moramos bem pertinho de vocês.

— Por favor, não. O papai vai trazer um exército inteiro junto com vocês.

— Você acha?

— Dã. Lembra da última vez que fomos para a Rússia, no Natal? Sinto arrepios só de pensar naquela segurança toda. E quando perguntei a ele: “Você não acha que está exagerando?”, ele respondeu: “De jeito nenhum.” — Imito a voz neutra do papai, e minha mãe cai na gargalhada. Até o riso dela é majestoso.

— Você é uma diabinha travessa.

— E você me ama mesmo assim.

— Ah, amo sim. — Ela suspira.

Eu suspiro também. O pensamento que tem me atormentado em todos os meus momentos, tanto acordada quanto dormindo, vem à tona, e eu hesito, medindo as palavras.

— Ei, mãe.

— Diga, anjinho?

— O papai está procurando possíveis pretendentes para mim?

Uma ruga delicada surge entre suas sobrancelhas.

— O que te faz pensar isso?

— Esse não é o meu destino?

— Você ainda é jovem. Seu pai não vai te casar com apenas dezessete anos.

— Tenho quase dezoito. E realmente faz diferença se ele fizer isso agora ou daqui a alguns anos?

— Ah, Anni. Foi por isso que você estava tão decidida a ir para a faculdade? Achou que só tinha alguns anos antes que sua liberdade fosse confiscada?

— E não é o caso?

— Adrian nunca te obrigaria a se casar com alguém contra a sua vontade. Você tem tão pouca fé assim no seu pai?

— Eu tenho pouca fé no mundo dele. No *nosso* mundo. Onde mulheres são apenas um acessório chamativo para quem der a maior oferta. Sei que esperam que eu fortaleça as alianças da *Bratva* com qualquer um que eles considerem digno.

— Eles teriam que me matar antes que eu permitisse que te usassem como um mero peão.

— Obrigada, mãe. Mas eu não quero ser a causa do infortúnio da nossa família. Quando o *pakhan* ordenar que o papai me case com um dos filhos do outro líder ou com alguém de uma das organizações criminosas, a única coisa que ele pode fazer é concordar.

— Mas ele não vai.

— Então ele será considerado um traidor e expulso.

— Anni…

— Está tudo bem, mãe. Estou em paz com esse destino há muito tempo. Bem, não exatamente em paz. É mais compreensão, acho.

— Não, não está tudo bem. — Ela se aproxima do telefone, com uma expressão séria. — Sim, o mundo em que vivemos é brutal, mas não

significa que seu pai e eu não vamos te defender. Além disso, se você por acaso se apaixonar, quem ousaria te obrigar a se casar com um desconhecido?

Meus lábios se abrem.

É isso.

Como é que eu nunca pensei nisso? Bem, pensei sim, mas não achei que faria diferença.

Até agora, com a confirmação da minha mãe.

Papai não vai me obrigar a me casar com ninguém contra a minha vontade, mas terá um motivo melhor para recusar pedidos de casamento se eu realmente tiver um namorado.

Nunca tive um namorado. Claro, já flertei e tive ficantes, mas nunca oficializei nada. Isso significaria colocar o pobrezinho em conflito direto com o meu pai, com Jeremy e seus guardas igualmente implacáveis.

Só de pensar na carranca de Kolya, o guarda mais experiente do meu pai, me dá arrepios. Ele despedaçaria o pobre rapaz antes mesmo que ele pudesse se apresentar ao papai.

Credo.

Mas se isso significa que vou me livrar do meu destino cruel, então talvez valha a pena tentar.

— Anni? Terra chamando Anni? — A voz da mamãe me tira dos meus devaneios.

— Ah, oi. E aí?

— Não conte ao seu pai o que você acabou de me dizer, ou ele vai ficar chateado.

— Vou ficar chateado com o quê?

O rosto da minha mãe se ilumina com um sorriso largo quando ele se aproxima por trás dela, se inclina e beija o topo da sua cabeça.

Ownt.

Quero um marido como o papai. Ele é cruel com todo mundo além da nossa família, e você não quer mesmo encontrá-lo em um beco escuro (tampouco em plena luz do dia), mas ele sempre trata a mamãe como uma rainha.

O centro do seu universo.

A pessoa que faz sua escuridão desaparecer.

Ele acaricia a bochecha dela.

— Eu estava te procurando, Lenochka.

— Só fiquei fora durante meia hora.

— Já é tempo demais.

— Hã, alô? Estou bem aqui, pessoal. Obrigada por terem notado.

Papai finalmente olha para o telefone que a minha mãe está segurando e sorri; ou o mais perto disso que podemos esperar de um líder durão da máfia.

Não importa o que os outros digam. Aqueles otários da *Bratva* de Nova York estariam perdidos se não fosse pelo cérebro estratégico do meu pai.

— Anoushka, não está tarde aí?

— Não, e não acredito que você está me dispensando só para ter um tempo a sós com a mamãe, pai. Sério, estou magoada.

— Você está sendo dramática. Estão conversando há meia hora.

— Mas, papai…

— Boa noite, Anoushka. Nós te amamos.

Ele pega o telefone da mão da mamãe, que ri, e solta um gritinho quando a ligação é encerrada.

Ótimo. Agora sei o que meus pais vão fazer esta noite.

Eu me jogo na cama e encaro os objetos roxos e brilhantes pendurados no teto.

Minha mente se enche de todos os tipos de pensamentos. O primeiro é que preciso encontrar uma saída para o meu destino.

Ok, talvez essa não seja a primeira coisa, porque não consegui parar de pensar nas palavras que Creighton me disse ontem.

Tendências violentas.

Depravação.

Ainda consigo sentir sua voz grave contra meu ouvido e o arrepio desenfreado que me tomou logo depois.

Definitivamente não era o que eu esperava que alguém como Creighton falasse. Ele poderia estar mentindo, mas não tem motivos para isso.

Além disso, ele é direto até demais.

Fiquei tão atordoada que só recuperei o juízo depois que ele pegou o almoço que preparei e se afastou do gazebo.

Na verdade, ainda estou atordoada.

Aquele era obviamente o aviso dele para me manter longe, então por que raios estou ainda mais intrigada em relação a ele agora?

O que alguém de vinte anos considera depravado e pervertido?
Acho que só há um jeito de descobrir.

CAPÍTULO 4
CREIGHTON

NÃO EXISTE ESSE PAPO DE "SER NOVO DEMAIS PARA SE LEMBRAR".

Eu tinha três anos quando minha vida virou de cabeça para baixo. Respingos de sangue, presas de monstros à mostra, e eu estava encurralado entre elas, meu único destino era ser esmagado até a morte.

Eu tinha três anos, mas ainda me lembro de cada palavra maldosa, cada olhar odioso; ainda consigo ouvir o gorgolejo da vida deixando um corpo. Ainda tenho pesadelos com um cadáver pendurado no teto, encarando-me com olhos esbugalhados e sem piscar.

Não fui o mesmo desde então.

Sim, fui adotado por uma família amorosa, porém nada convencional, e tenho os melhores pais vivos, mas isso nunca conseguiu me fazer esquecer o passado.

O problema é que algumas lembranças simplesmente não podem ser apagadas.

Algumas imagens sangram no meu subconsciente e me devoram de dentro para fora. Todas as noites.

Todos os dias.

A cada segundo.

Não é uma memória distante; é parte de quem eu sou.

Ignorei isso a vida toda e tentei me conformar com o passado. Minhas singelas tentativas incluíram fazer tudo certo: seguir os mecanismos de enfrentamento passados pelo terapeuta e levar uma vida normal.

Mas eu não sou normal.

E lidar com a situação nunca é suficiente. Nem dizer a mim que vai passar com o tempo.

Dezessete anos depois, as imagens ainda são tão vívidas quanto naquela época, com seus detalhes macabros e aqueles olhos esbugalhados.

Aprendi a parar de perguntar aos meus pais sobre o passado — eles não só evitam o assunto como se fosse uma praga, mas minha mãe também

assume aquele olhar triste. Aquele em que parece que estou rasgando seu peito e atacando seu coração frágil.

Felizmente, agora tenho idade suficiente para descobrir a verdade por conta própria.

Mesmo que isso signifique abandonar tudo o que conheci nos dezessete anos desde o massacre.

É assim que sempre chamei aquele evento na minha cabeça, mesmo que apenas duas pessoas tenham morrido. Três, se contarmos a minha versão de três anos.

Ele foi quem mais sofreu, apesar de a morte ter decidido poupá-lo.

Chegou a hora de finalmente fazer algo a respeito dessas memórias terríveis.

No passado, eu não conseguia fazer muito por viver sob o teto dos meus pais e estar sob seu escrutínio constante.

No entanto, agora estou na universidade e tenho liberdade suficiente para buscar a verdade. A única barreira é a personificação dos olhos atentos dos meus pais: meu irritante irmão mais velho, Eli.

Acontece que sei exatamente o que dizer a ele para que se mantenha ocupado e me deixe em paz.

Afinal, algo mudou recentemente.

Recebi uma informação que mudou minha perspectiva das coisas.

Não é nada inovador, mas é a ponta do iceberg — uma pistazinha de nada que me permitirá ir mais fundo na história.

Desta vez, não vou parar até revelar toda a verdade.

— O incêndio não causou muitos danos. Estou um pouco decepcionado.

Tiro a mão do rosto para encarar meu primo, primo de segundo grau, que está empoleirado sobre a minha cama.

Landon é três anos mais velho que eu e tem a aparência de um príncipe elegante e o caráter de um demônio.

Mais especificamente Lúcifer, aquele que controla demônios e todas as criaturas obscuras.

Seu cabelo castanho cai em uma bagunça caótica sobre a testa, destacando traços angulosos como os que ele é obcecado em esculpir. Está até fazendo mestrado em artes para produzir mais pedras, que as pessoas estranhamente chamam de obras-primas conforme o rotulam de gênio.

Instigador combinaria mais com ele.

Como estou tentando dormir, me viro de lado e volto a fechar os olhos.

Um rangido vem da cadeira ao lado da cama, indicando que Landon escolheu ficar, sem se importar com o meu claro “dá o fora daqui”.

— Poderia ter sido muito melhor. Que potencial desperdiçado.

— E você poderia ter saído, assim eu conseguiria dormir.

Landon bufa e uma risadinha suave escapa de seus lábios antes de me dar um leve chute nas costas.

— Acorda. Há coisas melhores para fazer do que dormir.

— Duvido.

— E se eu disser que tenho a segunda peça do quebra-cabeça para você?

Meus olhos se abrem e eu me viro lentamente.

Landon abre um sorriso largo, sabendo muito bem que me tem na palma da mão.

— Fico feliz em ter sua atenção, priminho. Agora, vamos.

Encarando-o com severidade, não me mexo, e ele revira os olhos de forma dramática.

— Seu hábito de tentar se comunicar com os olhos é irritante pra caralho. Nem todo mundo é bom com essa forma de expressão, e podem, e vão, acabar te entendendo mal. Para sua sorte, sou proficiente em todos os idiomas. Para responder à sua exigência nada sutil, não. Você não terá nenhuma peça do quebra-cabeça a menos que eu receba algo em troca. Esse era o acordo, lembra?

Este é o lado negativo do meu superplano de coletar informações sobre o meu passado. De alguma forma, Landon descobriu e está usando isso para me obrigar a fazer o que ele quer.

Ele tentou pedir de modo gentil no começo, admito, mas nós com o sobrenome King simplesmente não fazemos as coisas com gentileza.

Precisamos ser chutados, provocados e até ameaçados para sermos forçados a fazer qualquer coisa.

E foi exatamente isso que Landon fez para me transformar em uma peça em seu tabuleiro de xadrez.

Sento-me, jogando meu peso contra o poste de metal da cama.

— O que você quer? Outro incêndio?

— Não, foi divertido na primeira tentativa, mas a segurança deles melhorou depois disso. Vamos dar um tempo para se acostumarem com

essas mudanças, e quando a guarda deles estiver baixa… *Boom*. Atacamos de novo.

— Então por que você está me incomodando agora?

— Não seja um merdinha. — Ele abre meu guarda-roupa, pega um moletom parecido com todos os outros e o joga na minha direção. — Vamos sair para nos divertir.

— Não.

— Ou você pode ser meu muso inspirador? Vou fazer uma obra-prima com as suas feições.

— Com certeza não.

— Então vamos sair. Só quando terminarmos é que eu te conto qual é o próximo passo.

Pego a peça de roupa e passo por ele.

— Você deve estar solitário se quer passar um tempo comigo.

Ele ri, genuinamente entretido.

— Talvez. Seu silêncio tranquilo é difícil de encontrar neste mundo barulhento.

Levanto um ombro e visto o moletom. Landon e seu irmão gêmeo, Brandon, são provavelmente os únicos que me procuram por causa do meu silêncio. Todos os outros só querem me fazer falar.

Os gêmeos são toleráveis, mas apenas separadamente. Na companhia um do outro, se tornam uns babacas irritantes.

Depois que me visto, saímos do meu quarto e seguimos pelo corredor. O papel de parede elegante se estende até onde a vista alcança, dando ao lugar um ar clássico.

Moramos em uma mansão fora do campus que Landon também usa como complexo para seu clube, os Elites. Um clube do qual ele quer que eu faça parte desde que me matriculei na UER, mas venho recusando seu convite todas as vezes.

Não juro lealdade a ninguém. Nem a mim.

Dirigimos para longe da mansão, ou melhor, Landon faz isso em sua McLaren chamativa e exclusiva. Passo a viagem inteira dormindo.

A porta se abrindo me desperta de um sono leve. Um homem vestido com traje formal inclina a cabeça em minha direção.

— Bem-vindo de volta, senhor.

Saio do carro e lanço um olhar para meu primo, que já está andando pela rua de paralelepípedos. Uma expressão tranquila estampa seu rosto, mas é uma camuflagem para seu interior sombrio.

Apenas algumas luzes adornam o beco escondido situado na parte menos populosa da ilha.

Foi aqui que Landon começou a me perturbar pra caralho. De alguma forma, ele me encontrou através dos nossos perversos desejos mútuos e não me deixou em paz desde então.

Conhecendo-o, ele provavelmente me perseguiu como o esquisito que é.

O segurança da boate nos deixa entrar com um sorriso e uma reverência. Provavelmente somos os membros mais jovens, mas também os mais implacáveis.

E mais requisitados.

— O que você tem para a gente? — pergunta Landon, com nada além de malícia escapando da voz.

Ele é um sádico.

Eu sou apenas um animal.

Um homem de smoking sorri com a astúcia de um cafetão.

— Há duas que acredito que serão do agrado de vocês. Quarto nove. — Ele entrega a chave ao meu primo, que lhe dá dinheiro suficiente para fazer seus olhinhos brilharem na escuridão.

Caminhamos pelos corredores vermelho-escuros, nossos passos fazendo pouco ou nenhum barulho no carpete.

Meu sangue pulsa com a perspectiva de infligir dor.

Muita dor.

O suficiente para afogar a dor que me atormenta.

Landon abre a porta e entramos em um quarto com iluminação vermelha.

Duas garotas nuas estão ajoelhadas no carpete, usando coleiras de couro preto, as cabeças baixas e os braços presos por algemas pretas. Uma mordaça está pendurada no pescoço de cada uma delas, esperando para ser colocada no lugar certo.

Chicotes, bengalas e correntes decoram os dois lados do quarto, brilhando sob a luz vermelha, todos itens disponíveis para nosso uso.

— Boa noite, senhoritas. — Landon vai até a morena e acaricia seu queixo com o polegar. — Prontas para a diversão?

— Sim, por favor — ela praticamente ronrona.

Sua amiga, uma loira de pernas longas que é pelo menos cinco anos mais velha que eu, passa a língua nos lábios ao me olhar.

Ela é linda e ficará ainda mais incrível quando eu marcar sua pele pálida com vergões.

Ela bastará para um pouco de diversão, como Landon disse. Será o bastante para afastar os pesadelos por mais uma noite de sono.

Começo a me aproximar dela, mas então paro. Seu rosto — maduro e com traços bem marcados — se transforma em outro completamente diferente. Como em alguma fantasia maluca, seu cabelo passa a ser um castanho intenso. Seus traços se suavizam, tornando-se menores, mais cheios de vida, mais… irritantes.

Seus lábios formam um biquinho entreaberto, implorando para que um pau preencha o espaço livre, e um tom rosado cobre suas bochechas. Grandes olhos azul-acinzentados brilham com vida, felicidade e uma inocência frágil.

Uma inocência que quero profanar com a minha escuridão.

Balanço a cabeça com o único propósito de garantir que não estou enlouquecendo.

E de fato a loira volta ao foco, olhando de mim para sua amiga, que está se familiarizando com a bengala implacável de Landon.

Nem percebi quando ele colocou a morena no chão e começou a sessão. Não ouvi seus gritos abafados nem vi suas lágrimas — que costumam ser o ponto alto das noites em que me entrego aos meus desejos.

A loira arqueia as costas, empurrando seus seios fartos em minha direção, um convite para que eu lhe dê o mesmo tratamento que sua amiga está recebendo. Ela não se move nem rasteja em minha direção, provavelmente porque seu chefe disse que eu detesto desobediência.

Seu rosto começa a virar um borrão outra vez, mudando, se transformando em alguém que não deveria estar ali.

Xingo baixinho, me viro e vou embora.

Não apenas do cômodo, mas também do clube e da rua.

Caminho até o lado rochoso da praia, onde algumas pessoas e casais passeiam. Subo em uma pedra distante e me sento lá, apoiando-me nas palmas das mãos.

Meu olhar se perde nas ondas que batem contra as rochas irregulares em uma sinfonia de violência.

Sempre tive uma inclinação para a brutalidade. Seja em lutas clandestinas ou infligindo dor sexual. É por isso que me dou bem com pessoas com moral duvidosa, como Eli e Landon.

Também é o motivo de eu costumar participar de qualquer caos induzido por adrenalina que eles planejam. Preciso dessa energia perturbada e do comportamento puro e desequilibrado que a acompanha. É assim que sobrevivo no dia a dia.

Fico na mesma posição por mais de meia hora, mas o motivo irritante que me fez sair correndo do clube ainda me atormenta.

Pego meu celular e envio uma mensagem para a única pessoa capaz de me explicar que porcaria acabou de acontecer.

Creighton: O que significa ver o rosto de outra garota no lugar da que você está prestes a comer?

Eu digo *comer* para não precisar mencionar as chicotadas e as surras. Ele não julgaria, mas espalharia a notícia aos quatro ventos.

Meu primo por parte de mãe responde quase imediatamente.

Remington: Significa que você deveria ter comido a outra garota. Aquela cujo rosto você viu, porque seu pau a quer e nós sempre deixamos o pau decidir do que ele gosta. Essa é a explicação mais fácil e lógica de todas. Qual é, cria, minha senhoria te ensinou isso.
Creighton: Eu nem me sinto atraído pela outra garota. Ela não é meu tipo.
Remington: Essa história de tipo é superestimada. Isso pode mudar.

Meu maxilar se tensiona e me recuso a aceitar as palavras de Remi como fatos. Afinal, sou o único que o considera sábio. Todo mundo só o procura para se divertir, não para pedir conselhos.

Ele provavelmente é o mais equilibrado de todos nós, mas, pensando bem, é o único lá em casa sem o sobrenome King.

Remington: E, aliás, você foi grosseiro, me deixou sem resposta ontem à noite.

Saio da conversa, deixando-o sem resposta novamente.

Mas antes de fechar o aplicativo, vou para o bate-papo com outra pessoa que venho deixando sem resposta nas últimas semanas.

Annika.

Meu dedo paira sobre suas mensagens intermináveis. Algumas me falam sobre seu estilo musical favorito: clássico. Seu filme favorito: *Orgulho e Preconceito* (todas as versões). Sua comida favorita: pizza, que ela não come muito por causa de sua rotina disciplinada. Algumas são selfies dela.

Essas pararam depois que ignorei as primeiras.

A última mensagem dela foi antes da minha perda de controle deliberada.

Deliberada porque minha intenção era afastá-la. Para tão longe que ela pararia de me olhar com aqueles olhos brilhantes e lábios entreabertos.

Foi minha última demonstração de cortesia para alguém que me deu comida e não me entregou de bandeja ao irmão.

Aquele incidente aconteceu há uma semana.

Ela se manteve distante desde então, até mesmo durante o almoço. Antes, ficava colada em mim e tagarelava com animação até eu me levantar e ir embora.

Agora, suas vítimas da vez são Remi ou Bran. Sem parar, ela conversa com eles sobre o último livro que leu ou filme que assistiu.

Eles a ouvem, interagem e até respondem.

Diferente de mim.

Ava até perguntou se finalmente havia desistido de mim. Ela riu e mudou de assunto com sutileza.

Ela desistiu.

Finalmente.

Se eu soubesse que seria tão fácil, teria mostrado a ela uma fração de quem eu realmente sou há muito tempo. Assim, não precisaria ter aturado sua alegria perturbadora.

Clico na última selfie que ela enviou há duas semanas. O cabelo cai dos dois lados do rosto, e ela está com as mãos embaixo do queixo. É jovem demais, transbordando um tipo irritante de felicidade que me dá nos nervos.

Sim, também sou novo, mas só em idade. Não me sinto jovem desde o massacre.

Uma notificação de mensagem aparece na parte superior do meu celular. Será que reagi à foto ou algo assim?

É quando percebo que estou encarando a selfie dela há uns cinco minutos.

Tempo para caralho.

Vou até a mensagem que ela acabou de me enviar.

Annika: Então, andei pensando…
Creighton: Estou surpreso que você faça isso antes de falar.

Os pontinhos que indicam que ela está digitando aparecem e desaparecem.

Emoji gritando
Adesivo de “Morri”
GIF de “Que milagre”
Annika: Tchaikovsky do Céu! Você respondeu mesmo? Me diz qual a palavra secreta ou vou te denunciar por sequestrar o Creighton.

Do que caralhos ela está falando?

Annika: É sério. Vou te denunciar agora mesmo. Juro por Tchaikovsky. É isto que TDC quer dizer, caso estivesse se perguntando: Tchaikovsky do céu.
Creighton: Você fala demais.
Annika: Ah, é você mesmo. Oi! Aliás, valeu por responder depois de uma eternidade. Aprecio seu gesto.
Creighton: Se eu soubesse que era isso que me esperava, não teria respondido.
Annika: Espera, não me ignora ainda. Você é muito frio, sabia? Me pergunto se existe um coração debaixo desse gelo todo.

Não respondo.

Annika: Lá vamos nós de novo. Vai me deixar no vácuo. Mas, enfim, andei pensando no que você disse outro dia e estou curiosa sobre a parte de “gostar de depravação”. Tentei dar uma sondada e perguntar aos seus amigos de infância, mas acho que ou você

mantém essa parte de si escondida, ou o que falou não é verdade. De qualquer forma, quero entender melhor. Pode me explicar?

Minha mão se tensiona ao redor do celular e digito com os dedos rígidos.

Creighton: Este é o meu primeiro e único aviso, Annika. Você não faz ideia do que está pedindo. Agradeça por eu não ter interesse em você e fuja para longe. Porque se me deixar te pegar, eu te engulo viva.

Ela lê minha mensagem imediatamente, mas nenhum pontinho aparece.

Ótimo.

— Te achei.

Desligo a tela do celular e deslizo o aparelho para o bolso enquanto Landon se senta ao meu lado.

— Por que você sumiu antes de a diversão começar?

— Não estou no clima. — O que é um jeito suave de explicar a sensação. Senti o mais puro nojo.

Não daquela garota.

De mim mesmo.

O fato de meus pensamentos se desviarem naquela direção fez minha pele se arrepiar e amoleceu qualquer ereção que pudesse ter erguido meu pau.

— Eu me diverti com as duas. Valeu por isso. — Landon se recosta nas palmas das mãos, sem parecer nem um pouco satisfeito.

Isso quase se tornou uma rotina para ele. Provavelmente está começando a virar para mim também. A satisfação de carne contra carne, de vergões e bengalas, correntes e mordaças não dura para sempre antes de desaparecer. Logo, torna-se uma reflexão tardia, um mero instinto de se entregar.

— Pronto para o que vem a seguir? — Landon inclina a cabeça. — Alerta de spoiler: vai ser brutal.

Assinto bruscamente.

— Sempre um cara gente boa, Creigh. Escuta… em troca de eu te contar quem destruiu sua família biológica, eis o que quero que você faça…

Meus músculos se contraem com a perspectiva de finalmente ter um nome.

Nunca questionei o plano do Landon por trás de todos esses “pecados”. Ele está sempre tramando algo caótico de qualquer forma, e não me importo de participar, contanto que eu consiga o que quero.

E para isso, vou ignorar toda e qualquer distração.

Mais precisamente, a porra da Annika Volkov.

CAPÍTULO 5
ANNIKA

— Tem certeza de que conseguimos fazer isso?

Olho para Cecily e sorrio.

— Não, mas podemos tentar.

— Você vai acabar nos matando, né? — sussurra ela enquanto nos esgueiramos pelo jardim da mansão.

— Não seja chata, Ces. Esta é, tipo assim, a nossa única chance de ver como é o interior do complexo dos Hereges. — Ava tromba de leve seu ombro contra o meu e assinto com a cabeça, concordando.

— Achei que era pra ser apenas uma festa — sussurra/grita Cecily, mesmo mantendo a cabeça baixa. Seus passos são muito mais silenciosos do que os nossos. Como os de uma ninja.

Bisbilhoto pela lateral da mansão e acelero o passo em direção à casa anexa.

— Sei que isso vai soar como uma blasfêmia, mas algumas festas ficam entediantes às vezes.

— A menos que um babaca gostoso esteja te fodendo, como é o caso da Glyndon. — Ava mexe as sobrancelhas.

— Tem certeza de que quer chamar alguém de gostoso quando o Eli tem ouvidos por toda parte? — pergunta Cecily.

— Ai, garota, por favor. Não dou a mínima para ele.

— Shh, gente. Se algum dos guardas nos vir, vão avisar o Jer, e estaremos em apuros. Aí seremos expulsas da mansão dos Hereges para sempre. *Vocês*, na verdade. Eu vou voltar a ser uma prisioneira *à la* Rapunzel.

— Tá, tá bom. Foi ali que aconteceu o incêndio? — Ava, que está usando um lindo vestido rendado cor-de-rosa, combinando com o meu roxo, inclina-se e se aproxima de mim. Estamos naquele nível de amizade em que usamos roupas iguais nas nossas cores favoritas.

Aponto na direção da casa anexa.

— Foi.

— Mas tudo parece tranquilo.

— Já faz mais de uma semana. Além disso, não foi um incêndio de grandes proporções.

— Ah! — exclama Ava. — Mostra para a gente onde eles fazem aquelas coisas violentas. Onde perseguem e caçam as pessoas, sabe?

Cecily pressiona dois dedos contra a têmpora da amiga de infância e a empurra suavemente.

— Tem um parafuso solto na sua cabecinha. Por que você iria querer ver algo assim?

— Porque é divertido. Dã.

Dou de ombros.

— Eu não sei exatamente o local onde isso acontece. Pode ser em toda a propriedade.

— Não, ouvi dizer que da última vez foi na floresta ao redor da mansão.

— Você quer ir até a floresta à noite?

— Sim! Deve ser muito emocionante.

— Você é maluca. — Uma descarga de adrenalina me invade. — Adoro.

— Não, não. — Cecily para na nossa frente, apoiando a mão levemente trêmula no quadril. — Não vamos para uma floresta amaldiçoada no meio da escuridão. Todos os predadores ficam por lá.

— Ah, qual é, Cecy, você anda estudando tanto psicologia que já enxerga o pior das coisas antes do melhor. Além disso, estamos em uma propriedade privada. É proibida a entrada de predadores. Não é, Anni?

— Se você não contar os que estão lá dentro, claro. Quero dizer, também não sou a maior fã do escuro, mas estou aberta a aventuras.

— Vamos dizer sim às aventuras! Qual é, Ces. Vai ser divertido para caramba.

— Mas…

— Não. Duas contra uma; a maioria vence.

Cecily parece querer dizer algo, mas ajeita os óculos de armação preta nariz acima e nos segue pela trilha até a floresta.

A música e a conversa vindas da casa principal diminuem e eventualmente desaparecem enquanto seguimos pelo caminho de terra.

As árvores altas observam cada movimento nosso como guardas carrancudos. Graças ao céu nublado, não há nenhuma luz iluminando nosso

caminho, e somos obrigadas a usar as lanternas dos nossos celulares.

As folhas são esmagadas sob nossos sapatos a cada passo. Esta é, de fato, a pior ocasião para se usar saltos altos.

— Viram? Não há nada de interessante em vagar pela floresta à noite. Exceto pela *vibe* ruim e essa sensação estranha — diz Cecily quinze minutos depois de entrarmos em meio às árvores. É impressão minha ou ela não parava de tremer?

Sempre enxerguei Cecily como alguém mais durona do que demônios, então é estranho vê-la tremer. Talvez eu esteja apenas imaginando coisas graças à minha própria paranoia.

— A sensação estranha, provavelmente, é por causa de todo aquele sangue que foi derramado por aqui durante a iniciação — sussurra Ava com um tom assustado. — Ouvi dizer que alguns participantes precisaram ir até o hospital de tão brutal que as coisas ficaram. Talvez até tenham tido mortes. Acham que as almas podem ter ficado por aqui esperando para possuir alguém? *Bú!*

Eu pulo e Cecily se encolhe.

— Vocês são umas medrosas. — Ava joga a cabeça para trás, rindo alto.

— Você quase arrancou a alma do meu corpo. — Solto o ar. — Além disso, esta cena não é familiar? Ah, é como naqueles filmes de terror, quando os personagens vagam por um lugar desolado e são mortos um de cada vez…

— Quem está aí?

Nós três congelamos ao ouvir a voz de um homem mais velho vinda de alguma direção próxima. Passos pesados esmagam as folhas ao virem em nossa direção.

— Merda, devem ser os guardas — sussurra Ava.

— Corram — murmuro de volta, e corremos.

Ou pelo menos é o que elas fazem, porque, do grupo todo, sou a que está usando os saltos mais altos.

Não demora até que eu fique para trás, com dificuldade para acompanhá-las. Cecily para, se vira e me oferece a mão.

— Tira os saltos.

— De jeito nenhum. São Gucci.

— Você pode simplesmente carregá-los, Anni — argumenta Ava.

— Mas vou machucar os pés. — A ideia de sofrer qualquer tipo de lesão e arruinar meu futuro no balé me dá pesadelos.

Eu não devia ter escolhido sapatos altos assim, para começo de conversa. Em minha defesa, saltos são um luxo raro para mim, e só tenho três pares.

— Prefiro ficar trancada na minha torre de marfim por alguns dias. Corram vocês. É um dos guardas do meu irmão, ele não vai fazer nada comigo.

Cecily agarra minha mão e me empurra para a frente, com uma expressão estranha no rosto. Igual a quando eu tento ser corajosa.

— Não podemos simplesmente deixar você aqui.

— O Jer pode até te tolerar agora, porque eu imploro e tudo mais, mas ele vai te proibir de entrar na propriedade se descobrir nossa aventura.

— Não me importo.

— Bem, eu me importo. As festas dos Hereges são o máximo. Mas não são mais importantes do que a Anni. — Ava agarra minha outra mão e eu quase choro.

Graças à minha gaiola de ouro e meu status de princesa da máfia, a maioria das garotas simplesmente tem medo de se aproximar muito de mim. Mas não Cecily, Ava e Glyndon. Sim, elas têm medo do Jer, mas não a ponto de me evitarem por causa dele.

Uma energia renovada me atravessa, e corro o resto da trilha com a ajuda das duas. Cecily assume a liderança e nos guia de volta para a casa. Ela é tão boa com direções que consegue encontrar o caminho depois de termos feito o percurso apenas uma vez.

E é a única que usa tênis, então seus movimentos são mais fáceis do que os nossos.

No momento em que a música volta a preencher nossos ouvidos, o alívio nos toma e soltamos a respiração juntas. Nada mais de floresta para o resto das nossas vidas.

Voltamos sorrateiramente para a mansão principal e nos misturamos à multidão.

Os alunos da King’s U são festeiros de carteirinha com um gosto distinto pela devassidão. Os estudantes da UER também adoram uma festa, mas não com tanta extravagância.

Quase todo mundo apareceu para esta festa dada pelos Hereges. É um privilégio conseguir entrar. Normalmente, Jeremy nem me deixa participar,

que dirá convidar minhas amigas, mas ele tem sido bastante compreensivo desde que comecei a apresentar sinais de depressão.

É algo que me acompanha há alguns anos. Sempre que me sinto sufocada demais, protegida demais, meus dias se tornam cinzentos e não consigo ver cores, por mais que tente.

Normalmente, balé ou uma chance de passear ao ar livre bastam para aliviar esse fardo.

Nós três nos aconchegamos perto de uma parede, recuperando o fôlego, e é então que avisto Jeremy do outro lado do cômodo, conversando com Nikolai e seu guarda mais confiável.

Prendo a respiração, preparando-me para quando ele se aproximar, revelar que já sabe tudo sobre nossa sessão de espionagem e me deixar de castigo como se eu tivesse doze anos. No entanto, ele não se move. Seus olhos cinzentos se estreitam, escurecendo ao me ver.

Não, não ao *me* ver.

Cecily?

Eu a encaro. Ela continua encostada na parede, respirando com dificuldade e completamente alheia ao olhar do meu irmão sobre ela, como se minha amiga estivesse no topo da lista de rejeição dele.

Ah, não.

O olhar desaparece tão rápido quanto apareceu, e Jeremy sobe as escadas acompanhado de seu guarda e de Nikolai. É só então que solto o ar.

Estamos seguras. *Por enquanto*.

— Chega de vagar pela floresta à noite — resmunga Cecily. — Juro que perdi alguns anos de vida.

— Faremos isso em segredo — sussurra Ava para mim.

— Eu ouvi isso, e não vai rolar.

Ava faz uma careta.

Cecily apenas a encara de volta.

— Muito madura.

— Me desculpa por querer aproveitar minha juventude ao máximo, *mamãe*. — Ava bufa e pega um copo de um garçom que passa por nós.

Eita. Provavelmente era um guarda, na verdade, considerando o olhar irritado que lançou para ela. Se eu não estivesse por perto, ele a teria agarrado pelo pescoço e a expulsado pela insolência.

Ela dá um golinho, depois para e solta um grunhido.

— Puta merda. Isso aqui é forte. O que é?

— Provavelmente vodca pura para o Jer ou o Nikolai.

— Eu sabia que os Hereges tinham as melhores bebidas. — Ela me envolve em um abraço lateral. — Somos sortudas de não perdermos os privilégios de frequentar as festas.

— Também somos imprudentes — sussurra Cecily, encostando-se em um pilar. Sua blusa do dia diz: *preferia estar lendo*. — Podemos voltar para o dormitório agora?

— Sem chance. Você prometeu nos acompanhar, Cecy.

— Esqueceu que temos aula de manhã?

— Tá, mas e daí? Ser universitária não te impede de se divertir, sabia? Na verdade, não impede ninguém, só você, Senhorita Inimiga da Diversão.

— Não venha me implorar para te acordar amanhã quando estiver completamente bêbada.

— Pfft. A Glyn me acorda.

— A Glyn, aquela que está com o namorado fazendo sabe-se lá o quê?

— O nome disso é “transar”, Ces. Repita comigo: T-R-A-N-S-A-R.

Cecily lança um olhar indecifrável para Ava, que cai na gargalhada e volta a beber. Todo mundo provoca a Cecily por ser nerd e puritana, mas eu acho legal ela ter limites claros sobre o que gosta ou não.

Eu queria ser tão confiante quanto ela.

— Então… — Pigarreio. — Eu estava querendo falar com vocês sobre uma coisa.

— Uuuh, lá vem babado. — Ava se concentra em mim. — O que é?

— Lembram daquela história de casamento arranjado para o qual estou destinada desde que descobriram que eu tenho uma vagina?

— Aqueles idiotas patriarcais. — Um brilho desafiador surge nos olhos de Cecily.

— É, concordo com ela. — Ava bate com o próprio ombro no da amiga. — O que tem? Escolheram um marido para você aos dezessete anos? Quer que protestemos em frente à embaixada dos Estados Unidos? Talvez na embaixada russa também?

— Não, de jeito nenhum. Mamãe disse que não permitiria um casamento.

A expressão de Cecily se suaviza.

— Eu sabia que gostava da sua mãe.

— É, concordo de novo. Então sua mãe vai partir alguém ao meio por sua causa, ou nós é que devemos fazer isso?

— Acho que nada disso vai ser necessário. Minha mãe falou que papai não vai deixar ninguém me forçar a me casar se eu tiver alguém que ame.

— É isso aí! Garota, por que não disse isso antes, e por que não estamos comemorando?

— Alô? Porque não tem alguém que eu ame?

— Bem, você pode encontrar alguém. — Ava suspira. — Na verdade, se apaixonar é mais fácil do que parece. É algo superestimado também, na minha opinião. Não que eu esteja falando por experiência própria nem nada do tipo.

— Segurança, aqui está a mentirosa compulsiva — brinca Cecily.

— Não sou!

— É, sim!

— Você delira — diz Ava, e então se concentra em mim. — Voltando ao assunto em questão… Tô falando, Anni, você é gostosa e inteligente, e eu me tornaria lésbica por você, se pudesse escolher. O ponto é: qualquer um pode se apaixonar por você. Tudo o que precisa fazer é retribuir o amor.

Eu me apoio no pilar ao lado de Cecily para aliviar a dor nos meus tornozelos, então solto um longo suspiro.

— Falar é fácil. Eu estava pensando em convencer alguém a fingir que está namorando comigo até meus pais acreditarem que estou em um relacionamento estável. Mas, pensando bem, eles perceberiam as mentiras. Além disso, eu estaria colocando o coitado no topo da lista de rejeição, também conhecida como “lista de alvos”, do papai e do Jer.

— Você não precisa ficar tão preocupada com isso — começa Cecily. — Tenho certeza de que se explicar para qualquer um dos seus amigos, eles estarão dispostos a ajudar. Jeremy não vai matá-los nem nada do tipo.

— Você obviamente não sabe o quão superprotetor meu irmão consegue ser.

— Se quem você escolher for um cara esperto e tiver uma ótima lábia, ele vai conseguir conquistar seu irmão.

— E onde encontro esse Príncipe Encantado, Ava?

— O Brandon! Ele é bem bonito, carismático e, o mais importante, gosta de você. Acho que só como amigo, mas isso é o suficiente para convencer Jeremy e não levantar suspeitas.

— Não sei. Não quero machucá-lo.

— Fala com ele para ver. — Cecily sorri. — O Remi também estaria disposto a ajudar. Ele é um babaca irritante, mas tem um grande senso de lealdade. E sabe falar com bastante eloquência quando a situação exige.

Já tinha considerado essa opção quando comecei a bolar o plano, mas tenho receio de que alguém se machuque por minha causa.

— Ah, Creigh! — Ava, à nossa frente, olha para além de mim e Cecily. — O que você está fazendo aqui sozinho? Onde está o Remi, a sua sombra inseparável?

Os pelos da minha nuca se eriçam e um calor descontrolado explode pela minha pele.

Não ouso olhar para trás do pilar, nem respirar.

Mas não é só porque estou me escondendo que o mundo para.

Creighton caminha até nosso pequeno círculo, com uma das mãos no bolso e a outra segurando uma garrafa de água.

Sua camiseta preta e o jeans não escondem sua constituição musculosa e o poder que emana sob a superfície.

Nem a característica falta de expressão em seu rosto, tampouco a frieza em seus olhos vazios.

— O Remi está transando — anuncia ele tranquilamente, com naturalidade. Acena para Cecily com a cabeça e lança um olhar em minha direção. Mas não sei se sequer pode ser chamado assim. É um décimo de uma olhadela.

Um relancear mínimo.

— Eca. Aquele nojento. — Cecily balança a cabeça. — Vamos riscar Remi da lista de candidatos.

— Podemos adicionar o Creigh no lugar! — Ava sorri, passando o braço em volta dos ombros dele. Quando ele a encara, ela explica: — A Anni precisa de um namorado de mentirinha para convencer a família a não arranjar um casamento para ela com algum malvadão da máfia. O Bran é nosso candidato número um, porque ele é, tipo assim, o melhor. Você também é, Creigh, mas a sua falta de palavras pode ser um obstáculo para algumas pessoas.

— É, ele não. — Forço um sorriso e esfrego um pé contra a panturrilha. — Só me resta o Bran. Vou implorar de joelhos.

Algo cruza os olhos de Creighton. Não sei bem o que é, mas é bruto o bastante para me causar arrepios; como aquela mensagem dele há dois dias.

Pela primeira vez na vida, eu, Annika Volkov, não encontrei palavras para responder. Nem mesmo um emoji ou um GIF. Fiquei em um silêncio atordoado. Em parte, porque sei que não devo forçar a barra quando alguém estabelece limites claros, mas também porque estou começando a achar que Creighton não é nada parecido com a máscara que ele mostra para todo mundo. Embora isso tenha me intrigado, também me aterrorizou demais, e tenho instinto de autopreservação suficiente para me manter longe de situações complicadas no momento em que as percebo.

Essa mesma sensação se repete e faz com que todo o barulho ao nosso redor desapareça, como se estivéssemos presos em uma bolha.

— Nós vamos ajudar — diz Ava. — Bran é meu melhor amigo.

— Todo mundo é seu melhor amigo — ressalta Cecily.

— Você é a principal e me ama. — Ava envia beijinhos para Cecily, que balança a cabeça outra vez.

— Por que não eu?

Todas hesitamos ao ouvir as palavras calmas de Creighton. Ele está me encarando.

Fixamente.

Com aqueles olhos heterocromáticos sombrios e aquele rosto inexpressivo como pedra.

Nunca estive sob seu escrutínio com intensidade tão sufocante. O jeito como ele me olha agora é diferente. Ele costumava me encarar com irritação, inexpressividade ou pura indiferença.

Com certeza não há indiferença agora. É interesse, mas não do tipo bom. Caramba, pode muito bem ser do tipo perigoso.

— Quer que seja você? — pergunta Cecily devagar, quase com cuidado.

— Por que não eu? — repete, ainda me encarando, seu olhar praticamente me perfurando.

— Você com certeza não teria interesse. — Me surpreendo por soar serena, considerando a batalha que se trava dentro de mim.

— E se eu tiver?

Quase engasgo com a minha saliva. O que há de errado com ele esta noite? Ele obviamente fez o possível para me assustar e me afastar, e agora quer ser meu namorado de mentirinha?

— Não — respondo com mais determinação. — O Bran é uma opção melhor.

— Por quê?

— Porque ele diz mais do que algumas frases por mês. — Sorrio para Ava. — Vou pegar alguma coisa para beber. Quer vir?

— Claro. — Ela entrelaça o braço no meu e, assim que nos afastamos, sussurra no meu ouvido: — Que golpe baixo. Ele está encarando, todo carrancudo.

Olho para trás e, de fato, o olhar frio de Creighton acompanha meus movimentos; seu maxilar está cerrado, os lábios perversos formam uma linha e seus braços se tensionam.

Não consigo evitar a sensação de apreensão que percorre minha pele graças à onda de raiva dele.

Não é como se eu tivesse feito algo errado. Só dei a ele um gostinho do próprio veneno.

Mesmo assim, cortei o contato visual primeiro, perdendo a batalha de bom grado.

Algo me diz que cutuquei o monstro em seu esconderijo e que ele pode vir atrás de mim.

CAPÍTULO 6
ANNIKA

MINHA FRAQUEZA É DEFINIDA POR DUAS ORELHINHAS PONTUDAS, BIGODES de filhote e um nariz cor-de-rosa.

Seguro o gatinho tigrado em uma mão e acaricio sua cabeça. Ele se esfrega na minha mão e um calor reconfortante percorre meus ossos.

Ele solta um miado manhoso, um pedido de carinho, e meu coração não aguenta.

— Sinto muito que tenha perdido sua mamãe, Tigre. Prometo cuidar de você até começar a trazer o caos para cá.

Encontrei-o há alguns dias na beira da estrada, em uma caixa com mais três gatinhos. A chuva torrencial — e provavelmente a fome — matou todos, exceto este pequenino. Eu o escondi no bolso e o trouxe para o abrigo de animais onde sou voluntária.

A dra. Stephanie ficou surpresa por Tigre não ter experimentado o trágico destino de seus irmãos, mas eu tinha certeza de que o filhotinho sobreviveria.

— Você é um guerreiro, né? — converso com ele usando uma voz infantil, tentando não chorar ao me lembrar do que aconteceu com os outros gatinhos.

Eu chorei na hora. Eles eram tão pequenos, indefesos e estavam sem a mamãe… Estou contratando uma bruxa para amaldiçoar o monstro sem coração que os jogou na beira da estrada. Até encontrarmos um novo lar para ele, prometo proteger este bebê com a minha vida. Todos os dias, venho ajudar a dra. Stephanie com todos os animais abandonados que recebemos no abrigo, e quando é meu intervalo, brinco com o Tigre.

Cecily é voluntária comigo — ela é totalmente a favor de atividades humanitárias —, mas geralmente chega mais tarde, enquanto eu tenho que sair mais cedo, caso contrário, os guardas invadiriam este lugar.

Bem, aqui posso simplesmente conversar com os animais. Eles são amigos melhores do que pessoas, de qualquer forma, e eu acabaria com

qualquer idiota que tentasse machucá-los.

Coloco o Tigre na coxa e ele perfura o meu vestido com as garras, tentando escalar.

— Escolhi vestir especificamente algodão, seu terroristinha da moda, assim você não vai poder estragá-lo como fez com o outro vestido.

— Você está falando com um hamster?

Minha cabeça se levanta bruscamente e prendo a respiração.

A última pessoa que eu esperava ver no abrigo está parada à porta, ou melhor dizendo, bloqueando-a.

Por um momento, penso que talvez eu esteja imaginando coisas, como aquele sonho enigmático que tive ontem à noite em que ele me encarou e depois desapareceu.

Considerando o desenrolar das coisas ontem, eu esperava que Creighton viesse atrás de mim de novo — havia algo estranho em seu olhar, algo nefasto —, mas não imaginei que seria tão cedo.

— Não é um hamster, é um gato. O nome dele é Tigre. — Pigarreio. — O que você está fazendo aqui?

— Voluntariado.

— Por quê?

— A Cecily pediu.

— E você simplesmente deu ouvidos a ela?

Ele não responde, o que é o meu sinal de que a conversa acabou. Mas sabe de uma coisa? Cansei de tentar impressioná-lo ou conquistá-lo. De qualquer forma, isso não funcionou antes, e eu quero, de verdade, cortar relações agora mesmo, então por que raios ele está dificultando as coisas?

— Acho difícil acreditar que você decidiu se voluntariar só porque a Cecily pediu.

— Ela contou que vocês estavam com defasagem na equipe, mas se não for o caso, posso dizer à dra. Stephanie que você não me quer por perto.

— Eu não falei isso.

— Você insinuou.

Semicerro os olhos e ele encara Tigre, que adormeceu no meu colo, encolhido como uma bolinha.

Aos poucos, Creighton desvia sua atenção do gato para o meu rosto.

— Com o que devo ajudar?

— Pergunte à dra. Stephanie.

— Ela me instruiu a te perguntar.

— Você pode carregar os sacos de comida e areia do caminhão que está lá fora até o estoque.

Ele não faz menção de se mexer, e eu preciso desesperadamente sair de perto. É óbvio que ele sabe que suga todo o oxigênio do cômodo sempre que está por perto.

Creighton pode até ser alto, musculoso e um lutador ilustre na UER, mas é sua encarada gélida e seus olhos frios que são intimidantes de verdade.

— O que foi? — pergunto quando ele permanece no mesmo lugar.

— E você?

— Eu?

— O que você vai fazer?

— Vou dar uma olhada nos animais e resolver algumas papeladas.

— E depois?

— Você está falante demais para o meu gosto hoje.

Sua expressão vazia não vacila. Na verdade, parece cimento seco.

— O que vai fazer depois de dar uma olhada nos animais?

Aperto os lábios e ele me encara com aquela intensidade vibrante outra vez. Aquela que transborda com a promessa de explodir em uma supernova de cores.

Não. Cores, não. Provavelmente apenas cinza.

— Não me obrigue a perguntar de novo. — Sua voz se torna mais grave, transbordando autoridade.

Normalmente, eu odiaria isso. Tentaria me rebelar de forma sutil contra qualquer tipo de ordem. Mas não agora. Isso é diferente.

E eu realmente não quero ver o que acontece se ele perguntar de novo.

— Vou voltar para a faculdade — murmuro.

Ele coloca a mão no bolso, cerrando o maxilar.

E agora, por que está ficando bravo? Eu respondi à pergunta dele, não respondi?

Depois do que parece uma eternidade, Creighton lança um olhar rápido para Tigre, que ainda dorme em completa paz no meu colo, e segue para a saída.

Solto um longo suspiro e abraço Tigre contra o peito.

— Qual é o problema dele, hein?

O gato solta um bocejo em resposta e balanço a cabeça antes de colocá-lo de volta na gaiola.

Em seguida, me distraio e consigo abafar a emoção insistente que pulsa no fundo do meu coração.

Depois de resolver uma parte burocrática das papeladas, alongo os braços e me levanto. Estamos mesmo com pouca gente na equipe, então, se eu faltar um dia, a parte administrativa se acumula a ponto da sobrecarga.

Estou prestes a pegar o smoothie que trouxe quando uma comoção vinda do lado de fora chama a minha atenção.

O que é estranho. Além da Cecily, de mim e de alguns outros, mal temos voluntários. Se é que temos. A dra. Stephanie e os outros dois assistentes também não saem muito.

É raro ouvir barulhos ou conversas.

A menos que algo tenha acontecido com um dos animais?

Saio correndo do pequeno escritório e vou para o pátio que dá para o lado de fora.

Uma onda de energia vibrante me atinge conforme os dois assistentes, Harry e Zoey, e uma das voluntárias, Sandy, uma americana que estuda na universidade do meu irmão, estão parados com os narizes praticamente colados ao vidro.

Aproximo-me deles e paro diante da cena que os deixou em estado de choque.

Lá fora, Creighton tirou a camiseta e está levantando dois sacos de ração para animais por vez. Seu abdômen se tensiona com o esforço, e o suor brilha nos músculos tonificados. Uma tatuagem de aranha cobre o lado esquerdo do tronco, misturando-se com os músculos definidos do tanquinho. Normalmente aranha parece horripilante, mas nele… cria uma atmosfera de mistério, escondendo algo muito mais profundo.

Sua calça jeans está baixa nos quadris, revelando as linhas definidas do abdômen que descem…

E descem…

Obrigo-me a olhar para cima enquanto Sandy assobia.

— Se eu soubesse que ele seria um voluntário, viria com mais frequência. Olha só esse tanquinho de dar água na boca.

— Eu sei que ele é alguns anos mais novo do que eu — começa Harry com seu sotaque britânico —, mas eu me engasgaria no pau dele com

prazer.

— Ele parece ter aquela *vibe* de bem-dotado. — Zoey se abana. — Estaria disposta a deixar ele comer meu cu sempre que quisesse.

— Sonhou, garota. — Sandy cutuca o ombro de Zoey com o dela. — Não estudamos na mesma faculdade, mas eu o vejo lutar no ringue clandestino o tempo todo. Ele está no topo da cadeia alimentar. Logo abaixo de Jesus.

— Eu não teria tanta certeza. — Não faço ideia de como consigo soar indiferente quando um calor estranho me abala até os ossos. — Ele é frio, indiferente, sua personalidade é uma combinação dos Polos Norte e Sul, e não falaria mais do que duas frases, mesmo que a rainha conversasse pessoalmente com ele.

Os três se viram na minha direção, e Harry revira os olhos.

— Ele não precisa falar se for grande. Foder vale mais do que mil palavras, Anni.

— Ele é hétero, Harry. — *Eu acho.*

— E daí? Virou crime um cara ter um crush? Não seja estraga-prazeres.

— O problema é que você continua se apaixonando por héteros e tendo o coração partido, coitadinho. — Zoey ri.

Ele mostra o dedo do meio para ela, e todos voltamos a nos concentrar em Creighton, cujo abdômen se contrai enquanto carrega outro saco.

O caminhão está quase vazio.

Merda. Ele carregou os sacos sozinho? A minha ideia era que ele ajudasse com alguns. Não achei que faria tudo sozinho.

Um tempinho depois, ele emerge do depósito na lateral do prédio bem na hora em que o sol aparece por entre as nuvens. Ele usa a mão como escudo e olha para cima, um dos olhos semicerrado, o outro assumindo um tom de azul líquido e brilhante.

— Vamos dar algo para ele beber! — exclama Zoey. — Imagino que esteja com sede depois de levantar tanto peso.

— Sedenta estou eu. — Sandy ri.

— Vou dar meu energético para ele. — Harry pisca, e as meninas voltam a falar sobre o pau do Creighton.

Afasto-me lentamente do círculo delas, a cena me deixando com um gosto ruim na boca.

Não é segredo que Creighton é popular sem nem tentar. Ava me disse que é assim desde que eram crianças. As meninas se apegam à sua personalidade silenciosa e aparência estelar desde o ensino fundamental.

Essa sou eu. Eu sou essas *garotas*. Essas *garotas* sou eu.

Ou era. Já o superei cem por cento.

Cem por cento.

Trabalho por um tempo, então me certifico de que os animais tenham comida. Depois de dar um beijo de despedida no Tigre, saio do abrigo.

A distância até o campus é de cerca de dez minutos de carro, mas prefiro caminhar meia hora e clarear a mente. O fato de o percurso pegar o litoral e eu poder me perder em sua beleza ajuda. O mar está agitado hoje, considerando como as ondas gigantes quebram contra as rochas.

Tento não pensar na cena do abrigo, mas ela continua incomodando o fundo da minha mente. Então pego meus fones de ouvido e coloco a *Sinfonia n.º 3* de Tchaikovsky no volume máximo, na esperança de abafar a inquietação.

Dez minutos depois, me sinto mais equilibrada. Até aí, nenhuma surpresa. Só meu Tchaikovsky é capaz disso.

Uma presença surge atrás de mim e um calor irradia para as minhas costas. Eu me viro, prendendo a respiração quando meus olhos encontram o peito de Creighton, que está coberto por uma camisa, graças a Tchaikovsky.

Tiro um dos fones e respiro com dificuldade.

— Você me assustou.

— Você não me esperou para que pudéssemos voltar para o campus juntos. — Sua voz baixa e grave vibra pelo meu corpo enquanto ele acompanha meu passo.

— Nós nunca combinamos de voltar juntos.

— Por que outro motivo eu perguntaria o que você faria depois?

— Sei lá. Para puxar assunto?

— Eu não converso sem motivo.

Ah, então é disso que se trata? Quero dizer, sim, ele de fato não conversa, não importa o quanto eu tente pressioná-lo, mas talvez seja porque ele não vê razão para falar apenas por falar.

— Havia um motivo por trás de todas aquelas perguntas?

Ele assente, seus cílios escuros se fechando como uma prisão contra os olhos da cor do oceano.

— E qual seria? — Pego meu segundo fone e guardo os dois de volta na caixinha, depois os jogo na minha bolsa.

— Não peça para o Bran ser seu namorado de mentira.

Minha mão para sobre o zíper antes de fechá-lo lentamente, e meus passos vacilam até eu ficar para trás. Meu rosto parece congelado conforme o encaro.

— O quê?

— Você me ouviu.

— Sim, ouvi. O que me leva a uma pergunta: o que te faz pensar que tem o direito de me dizer o que fazer?

Ele para de repente, e eu me choco contra ele antes de pular para trás. Quando Creighton se vira e me encara, seu rosto se tornou tenso e sua mão está de volta no bolso.

Como se a impedisse de fazer alguma coisa.

Não faço ideia do quê.

— Não vou repetir.

Fico sem fôlego. Como, raios, ele consegue colocar tanto impacto e autoridade por trás das palavras?

— Sério, o que você quer de mim, Creighton? Foi você quem me afastou, não foi?

— E você revidou.

— O quê? — Quando ele permanece em silêncio, continuo: — Não fiz nada disso. Coloquei uma distância entre nós, como você instruiu com tanta eloquência. Eu nem te mando mais mensagens. Não é assim que isso tudo deveria funcionar.

— *Isso* tudo? — pergunta ele.

— Me assustar, depois conversar comigo e se voluntariar no mesmo abrigo que eu. Que tipo de joguinho é esse?

— Você se assustou?

— Não era a intenção?

— Sim, mas estou surpreso que tenha sido preciso tão pouco para te assustar.

— É, bem, a dor me assusta.

Seus olhos brilham com algo semelhante a… entusiasmo.

E isso me amedronta para caramba. Não é um entusiasmo normal como o que sinto quando vou às compras ou faço balé. Não é nada inocente e

inofensivo assim.

O olhar dele é absolutamente feroz.

Ele está animado com a perspectiva de assustar alguém?

— Não peça ao Bran ou a qualquer outra pessoa para ser seu namorado de mentira — repete ele, desta vez com um quê de rispidez na voz.

— E se eu me recusar a atender às suas exigências, que, aliás, não fazem sentido?

Ele se aproxima até seu peito quase roçar no meu, então agarra meu queixo com o polegar e o indicador, me prendendo no lugar.

— Então você vai se familiarizar com a dor que tanto te assusta.

CAPÍTULO 7
CREIGHTON

DURANTE A ÚLTIMA SEMANA, TENHO ESTADO À BEIRA DE ALGUMA COISA sombria e nefasta.

O impulso que controlei tão bem desde que cheguei à puberdade tem se infiltrado nos meus pesadelos, nas minhas refeições e nas minhas brigas.

Em todo o meu tempo.

Ele aumentou, ampliou-se e atingiu um nível que não consigo esconder nem no fundo da minha alma.

E o motivo é ninguém menos do que a garota sentada à minha frente.

O guardião do inferno dela, Jeremy, permitiu que ela passasse a noite no dormitório da UER. Estamos no apartamento que ela divide com minha prima, com a anja prateada e com a garota por quem meu irmão é obcecado.

Normalmente, Remi me arrasta para essas noites com muitos pedidos e um suborno na forma de peixe com fritas. Nesta noite, no entanto, não houve nenhum pedido.

Porém, o peixe com fritas é inegociável.

Mordo um pedaço e dou um tapa na mão de Lan quando ele tenta pegar um pouco.

— Vadia mesquinha — murmura ele.

— E o que você está fazendo aqui? — Bran pergunta do meu outro lado, depois de terem deliberadamente me colocado entre eles.

— Não posso sair com meu irmão, minha irmã e meus amigos?

— Amigos? — retruca Bran, parecendo enojado. — Desde quando você tem algo assim?

— Eu tenho uma amizade. — Ele cutuca meu ombro, mas eu o ignoro, então ele olha para o lado oposto, onde Cecily e Ava estão brigando com Remi enquanto Glyn tenta mediar. — Não é mesmo, Ces?

Ela para no meio de um xingamento endereçado a Remi, passa os dedos pelos cabelos grisalhos de avó e sorri.

— Claro.

Incrivelmente patético.

Já me esforcei muito para avisá-la sobre Landon desde a época do ensino médio. Mas as chances de ela realmente me ouvir são mínimas.

Como só falo quando é absolutamente necessário e após dar tempo para meu cérebro refletir sobre as palavras, percebo as coisas. Padrões, olhares persistentes e obsessões não resolvidas.

Foi assim que eu soube que Glyn estava a fim de Killian muito antes de ele reivindicá-la publicamente. Caramba, muito antes até de ela admitir isso para si.

Apesar de sua natureza reservada, Cecily anseia pela franqueza de Ava e pelo que Glyn tem com o cérebro dos Hereges.

Cecily apenas seguiu o caminho errado no assunto. Até hoje.

Apesar dos meus avisos.

Cecily é uma das almas mais puras que já existiram, com coração suficiente para caber o planeta inteiro. Quando éramos jovens, ela me defendia toda vez que alguém zombava de mim. Não que eu me importasse, mas não vou esquecer como ela me disse: *Eu vou te proteger, Creigh. É para isso que servem os amigos.*

Também tentei protegê-la do monstro à minha direita, mas sem sucesso.

É por isso que tenho como missão não me envolver em nada que não me diga respeito. As pessoas chamam isso de falta de sentimentos; eu chamo de preservar meu tempo.

— Viu? — Landon sorri para o irmão. — Tenho uma amiga, então vou ficar aqui por causa dos lindos olhos da Cecily.

Ela cora. Eu a encaro com meu característico olhar inexpressivo, e ela abaixa a cabeça.

— Se você não vai embora, eu vou — diz o gêmeo mais simpático.

— Não, Bran. — Glyn larga o prato e vai até o irmão, acariciando seu braço. — Qual é! É muito raro a gente se reunir.

— Você ouviu nossa princesinha. — Landon dá um tapinha na cabeça da irmã.

Ela faz uma careta para ele, que sorri em resposta.

Bran está meio convencido, mas continua implicando com Lan, que está se divertindo até demais.

Quanto mais as pessoas demonstram desgosto ou qualquer tipo de hostilidade em relação a Landon, mais ele gosta de atormentá-las até dizer

chega. Só porque pode.

O caos se instala, mais conversa, mais drama, mais barulho.

Meu olhar se fixa no motivo do meu péssimo humor e da escuridão que lenta, mas seguramente, vem ocupando todos os meus momentos acordado ou dormindo.

Annika belisca algumas batatinhas enquanto se senta no sofá com elegância, suas pernas dobradas para o lado. Ela está usando um conjunto de pijama felpudo com estampa de gato.

Seus fios estão presos em um rabo de cavalo com uma faixa de cabelo roxa combinando.

Rabo de cavalo este que me faz imaginar todas as maneiras que posso agarrar enquanto a jogo sobre a superfície mais próxima e marco aquela pele impecável com vergões vermelhos. Eles ficariam impressionantes contra sua pele pálida e brilhante.

Ela me olharia com aquele medo visível e talvez até lágrimas.

Ficaria tão assustada que choraria e imploraria para eu parar, mas eu faria tudo, menos isso.

Tenho essas fantasias depravadas desde que cheguei à puberdade, mas nunca foram sobre uma mulher específica.

Qualquer uma serviria, desde que estivesse pronta para receber o estalo dos meus chicotes e se submeter às minhas correntes.

Esta é a primeira vez que tenho um rosto para todos aqueles desejos e um corpo que imaginei em todas as posições enquanto meu pau socava, socava para caralho, até ela gritar.

Annika não deveria ser o rosto das minhas fantasias distorcidas. Era sério quando tentei assustá-la.

Ela é uma garota inocente que não serve para o meu gosto por depravação.

Mas aí ela teve a porra da audácia de dizer que arrumaria um namorado, um de mentira — não que isso importe —, e brincaria de faz de conta com ele na frente do irmão.

E a espertinha também ousou me deixar de fora do seu plano nada ortodoxo.

Foi ela quem me rondou com a perseverança de uma formiga por semanas a fio, me sufocando com seu perfume de violetas e me cegando com todo aquele roxo. E agora finge que eu nem estou no cardápio?

Não enquanto eu estiver aqui.

Sim, a mudança de atitude pode ter começado quando imaginei outro homem tocando-a e minha visão ficou vermelha. A necessidade de violência arranhou sem parar a superfície da minha sanidade, exigindo vingança. E não, não importava que aqueles que eu estaria assassinando fossem Remi e Bran.

Como se sentisse meu olhar, Annika levanta a cabeça, e seus olhos azul-acinzentados brilhantes se chocam contra os meus. São tão inocentes, tão cheios de vida, e não é certo que eu queira enchê-los de lágrimas. Lágrimas de prazer. Lágrimas de medo. A esta altura, não dou mais a mínima.

Seus lábios carnudos se abrem, provavelmente ao ver seja lá qual emoção tenha passado pelo meu rosto, e preciso de todo o meu controle para não tapar sua boca com os dedos e observá-la tremer.

Ela rapidamente interrompe o contato visual e assume a posição de mediadora de Glyn no interminável jogo de gato e rato com que Remi, Ava e Cecily gostam de brincar.

Remi me chama para auxiliar pela milésima vez esta noite.

— Vamos, cria, me ajuda contra essas peruas loucas.

Eu o ignoro. De novo.

— Juro por minha senhoria que estou revogando os direitos parentais. Procure outra pessoa para traduzir seus pensamentos sem que você precise falar.

— *Humpf*. Sou completamente capaz de fazer isso. — Cecily levanta o nariz. — Creigh e eu somos voluntários no mesmo abrigo, e eu sempre converso com os outros funcionários em nome dele.

O que começou como uma decisão impulsiva se tornou parte da minha agenda.

No começo, eu só ia ao abrigo para aprender mais sobre aquela garota que parece uma bonequinha e é uma princesa da máfia, mas não tem um traço criminoso em si.

Ela trata os animais como uma mãe trataria um bebê, pelo amor de Deus.

Então percebi que quanto mais eu aparecia, mais irritada ela ficava. E eu gosto de irritá-la, flagrá-la me encarando ou me observando com aquela expressão perplexa.

Além disso, muitos alunos começaram a se voluntariar no abrigo logo depois que entrei. Cecily disse que era por minha causa e que eu deveria

continuar lá.

Quem sou eu para dizer não a uma causa tão nobre?

Já faz quase uma semana, e eu tenho ido lá todos os dias, sacrificando deliberadamente minhas horas de sono.

— Cria! Você tem coragem de me trair com essa aspirante a Remi? Você pode tentar durante toda a eternidade se vestir como eu, andar, falar e agir como eu. Pode até ser a segunda melhor opção, mas não é como eu.

— Espera aí. Você está parafraseando o Eminem? — pergunta Ava.

— A questão é que estou ferido, cria — diz ele com sua voz exageradamente dramática. — E eu aqui achando que era seu favorito. Agora preciso encontrar outra cria que esteja disposta a seguir os ensinamentos de minha senhoria. Estou aceitando candidatos a partir de agora. Sem pressão; não posso dizer sim para todo mundo.

Ninguém se voluntaria, e ele ri.

— Não se acanhem. Sei que intimido, mas consigo ser descolado pra caralho.

Annika se aproxima e abre a boca. Aprendi uma coisa sobre ela durante o tempo que passamos juntos neste grupo profano. Ela não gosta de ver ninguém vulnerável e está sempre disposta a se sacrificar para ajudar os outros.

Ou isso, ou ela está considerando seriamente o Remi para o cargo de seu pau de mentirinha.

Não estou preparado para descobrir qual das opções é. Antes que qualquer palavra saia dela, eu digo:

— Você já me tem. Por que procuraria outra pessoa?

— Certo! — Ele aponta para mim com uma risada. — Eu sabia que ainda era seu favorito, e nenhuma tentativa das peruas loucas será capaz de nos separar. Ouviu isso, nerd? Você não significa *nada*.

— E você acha que significa? — retruca Cecily de imediato.

Ava estica as duas mãos.

— Trégua! Ces, você não acha que temos algo mais importante para discutir, especialmente agora que todos estão aqui?

— Ah, certo, claro. — Cecily se senta ao lado de Annika, e Ava vai para o outro lado. — Estamos reunidos aqui hoje por um motivo importante, um pouco mais urgente do que estrangular o Remi até a morte. Nossa amiga Anni precisa de alguém que finja ser seu namorado por tempo suficiente

para convencer sua família a não encontrar um casamento arranjado para ela. Quem topa?

Annika me encara com os olhos arregalados e eu estreito os meus. Fui bem específico ao falar para ela tirar essa ideia da cabeça — e, por consequência, da cabeça de Cecily e Ava.

— Nada de gracinhas nesse namoro de mentira. — Ava aponta o dedo para meu primo. — Estou falando de você, Remi.

— Defina *gracinhas*, queridinha. — Ele sorri com malícia, e sinto a tensão subindo pela minha garganta.

Minha escuridão se agita lá no fundo, ameaçando devorar tudo em seu caminho.

— Não, você está fora de cogitação — Cecily diz a Remi. — Tipo, sem chance nenhuma.

— Por que diabos é você quem decide isso? Deveria ser escolha da Anni! Dos possíveis candidatos presentes, eu sou o mais bonito, dã, e o com mais potencial para ser um bom namorado.

— Sua arrogância é chocante.

— Obrigada, senhorita.

— Não foi um elogio, Remi.

— Tanto faz. Tudo o que estou dizendo é que a garota do momento deve escolher. De todos os presentes, quem você quer que seja seu namorado de mentira, Anni?

Seus olhos encontram os meus novamente, brilhantes, tão brilhantes que quase me cegam. Ela crava os dentes no lábio inferior, mordiscando, esperando.

Meu maxilar se contrai enquanto outras imagens preenchem minha mente. Todas começam com ela presa embaixo de mim, sem saída.

Não haverá mordiscadas ou mordidas. Haverá tapas, arremessos, sufocamentos, açoites, engasgos, fodas, fodas e mais fodas até eu acabar com aquela bocetinha.

Céus.

Qual é a porra do meu problema ultimamente?

Ela solta o lábio, que está todo vermelho e marcado de tanto que ela o mordeu.

— Se ele estiver disposto a ajudar, e é claro que isso não é de forma alguma uma obrigação… mas se eu tivesse que escolher, seria o Brandon.

Meu punho se cerra ao redor do garfo, e fico surpreso que ele não se parta em dois com a ferocidade do meu aperto. Meu maxilar se flexiona e meus músculos enrijecem até que eu fique duro como uma pedra.

A única coisa que me impede de puxá-la para o meu colo neste exato momento é a consciência de que eu a quebraria. Sem sombra de dúvida.

A espertinha evita totalmente meu olhar, sabendo muito bem que cometeu um erro.

Mas ela não sabe o tamanho dele.

Annika acaba de liberar o último resquício de controle que venho conjurando há semanas.

Minha alma anseia pela escuridão, e é exatamente isso o que eu vou dar a ela.

— Sinto muito dizer isso, mas você tem um péssimo gosto para homens, Anni. — Remi balança o cabelo para trás. — Mas, pensando bem, minha senhoria nunca foi feita para nada de mentira.

— Estou honrado por você ter me escolhido. — Bran sorri. — Eu ficaria feliz em ajudar…

Ele é interrompido quando me levanto abruptamente. Desta vez, Annika me encara com olhos aterrorizados.

O olhar certo.

Não digo nem uma palavra enquanto me viro e vou embora.

Ela pode se divertir o quanto quiser… por enquanto.

Isso não vai importar nem um pouco quando eu a tiver à minha mercê.

Uma coisa é certa: cumprirei minha promessa.

A dor da Annika Volkov será minha.

CAPÍTULO 8
ANNIKA

ESTOU SURTANDO.

Sinto o pulso acelerar, os ouvidos formigarem e o corpo tremer ao menor som.

Estou assim desde ontem à noite.

Desde que Creighton me encarou com aquele calor assustador, me despiu metaforicamente, levantou-se e foi embora.

Mas não antes de dar aquele aviso com um mero olhar.

É incrível como seus olhos, vazios e indiferentes, podem ficar expressivos quando ele se esforça. Em uma fração de segundo, eles se transformam em lava escaldante.

Fiquei me revirando na cama ontem à noite, olhando para a janela e para a porta. Por algum motivo, pensei que ele me emboscaria de madrugada, quando o mundo dorme e ele está camuflado pela escuridão.

Como na noite em que ele ateou fogo à casa anexa.

A expectativa me manteve acordada, com o coração pulsando na garganta.

Eu me recuso a dar importância ou nomear a sensação que está se acumulando em meu estômago desde hoje cedo.

Depois das aulas, vou para o abrigo com *O Lago dos Cisnes*, de Tchaikovsky, tocando alto nos meus ouvidos. É preciso um esforço desumano para me impedir de dançar com a melodia.

Está tudo quieto hoje, com o desânimo pairando no ar porque o gostosão não apareceu. Sim, temos mais voluntários, graças a Creighton, mas é inconveniente quando toda a ética de trabalho deles é centrada na presença dele, ou na falta dela. Ah, e em seu abdômen definido. Harry até criou um grupo de bate-papo onde eles compartilham fotos dele seminu e discutem sobre quem vai venerar seu “pau enorme” primeiro. Sério, nenhum deles viu o pau dele, então isso é um exagero total.

Não demora até que ele tenha fãs e *haters* — esta última categoria sendo composta apenas por mim no momento. Estou naquele grupo só para ficar por dentro da situação, nada mais.

E ele fica seminu com frequência. Se eu não soubesse que ele é indiferente ao extremo, juraria que está fazendo isso de propósito.

Se dependesse de mim, eu o expulsaria do abrigo para que pudéssemos recuperar nossa atmosfera pacífica. No entanto, se eu expressar tal pensamento, serei apedrejada até a morte pelos fãs dele.

Até a dra. Stephanie está gostando de ter todas essas pessoas para ajudar. Brinco um pouco com o Tigre, converso por um tempinho com os outros voluntários e depois me ocupo checando o estoque no depósito.

Como ninguém costuma entrar aqui, coloco meu Tchaikovsky no viva-voz e dou piruetinhas enquanto vou de um corredor para o outro.

Meus pés formigam e explodem com uma energia inexplicável. Sempre adorei dançar, a ponto de minha mãe não ter escolha a não ser me ensinar e me matricular em aulas de balé quando eu tinha quatro anos.

Às vezes, sinto que estou desperdiçando esse talento ao escolher ir para a faculdade. Em outras ocasiões, lembro que amo balé simplesmente pelo que ele é, por momentos como estes, em que ele me permite expurgar a energia negativa. Não é para o estrelato nem para que as pessoas me observem.

Sim, sou uma pessoa sociável, mas não nesse sentido.

Quando a música atinge um *crescendo*, abro os braços, fico na ponta dos pés e rodopio pelo corredor.

Então, naquele momento de entusiasmo, bato contra uma parede.

Não, não uma parede física… uma parede de músculos.

A música começa uma progressão descendente, em completo desacordo com o caos que ascende dentro de mim.

Uma mão impiedosa agarra meu cotovelo para me impedir de cair. Olho para o rosto etereamente lindo e desprovido de emoção de Creighton, para seus lábios contraídos.

Ele é um deus do gelo cuja única linguagem é a desaprovação.

Um predador cujo único propósito é caçar presas.

Que, no momento, sou eu.

Meus seios se esmagam contra os músculos rígidos do seu peito. Nossos corpos colidiram em uma malha de força contra maciez.

Nesta posição, a diferença de tamanho é grande demais para ser ignorada. Comparada à sua altura, sou tão pequena que ele poderia facilmente me quebrar e me pisotear.

Destruir-me completamente.

A pele onde seus dedos tocam meu cotovelo parece ter um milhão de faíscas, expandindo-se até meu peito.

Sempre ouvi falar de tensão avassaladora, do tipo que se aloja como um peso no fundo da garganta e te rouba qualquer resquício de sanidade e raciocínio lógico.

Mas nunca imaginei que seria tão… assustadora.

Tão poderosa.

Preciso sair da órbita dele. *Agora.*

Tento soltar meu cotovelo, mas a sensação é que ele poderia estar preso em uma armadilha de caça.

Então forço meus lábios a abrirem um sorriso que provavelmente é esquisito, na melhor das hipóteses.

— Ah, oi. Não sabia que viria hoje. Você provavelmente deveria ir lá fora e cumprimentar as *fangirls* e os *fanboys*. Eles ficaram desolados pensando que você não estaria aqui…

— Cala a boca.

Meus lábios se fecham com força em uma tentativa de realmente ficar quieta. Apenas três palavras são suficientes para me fazer enrijecer. Toda a ansiedade de me revirar na cama e olhar para minha varanda ontem à noite volta a me atingir.

— Você fodeu real com tudo, Annika. — Ele me empurra para trás com seu aperto autoritário no meu cotovelo. — Eu te disse para desistir da ideia do namorado de mentira, mas você foi em frente e me provocou. Você. Fodeu. Com. Tudo. Tem sorte de eu não ter pulado pela sua janela e deixado sua pele toda vermelha.

Uma arfada ecoa no ar e percebo que vem de mim quando minhas costas batem em uma das prateleiras. Creighton ainda mantém meu cotovelo como refém, seu corpo pressionado contra o meu.

Tenho certeza de que ele consegue sentir meu peito arfando e ouvir minha respiração ofegante, que se eleva acima da música.

Esta é a primeira vez que testemunho esse lado dele, e está despertando todos os tipos de emoções: medo, pavor, mas também excitação e

expectativa.

Do tipo que nunca experienciei.

— O que disse que aconteceria se você não fizesse o que eu mandasse? — Sua voz grave flutua pelo ar e pousa no meu peito apertado.

Engulo a saliva que se acumula na boca. Pela primeira vez, ele é o falante e eu fico sem palavras, lutando por algo para dizer, mas sem encontrar nada.

— Que porra eu disse, Annika?

Eu me encolho diante da força de suas palavras autoritárias e deixo escapar:

— Que você me familiarizaria com a dor.

As palavras mal saem da minha boca quando ele me gira. Um grito escapa de mim quando ele agarra meu rabo de cavalo e empurra minha cabeça contra um saco plástico de ração para cachorro.

É quando percebo que estou curvada, com a bunda para cima, e ele logo atrás de mim.

Dedos fortes levantam a saia do meu vestido até a cintura, e uma rajada de ar atinge minha bunda. Arrepios percorrem minha pele e minha temperatura sobe até eu entrar em ebulição.

— Você deveria ter me escutado, roxinha. Realmente não deveria ter me provocado. — Ele acaricia minha bunda e minha calcinha de renda. Seu toque é seguro, dominante, não permitindo nem uma gota de resistência.

Tento encará-lo de volta, querendo — não, *precisando* — ver sua expressão. O aperto no meu cabelo fica mais forte, me mostrando quem tem total controle ali.

— Você anda balançando esse rabinho há semanas, e é hora de discipliná-lo. — Seu peito cobre minhas costas… pesado, quente e poderoso. Então ele sussurra no meu ouvido: — E disciplinar você também.

— Creigh… — O nome escapa como um murmúrio assombrado. — Por favor.

Não sei pelo que estou implorando. Para ele parar? Levar isso um passo adiante? Testar meus limites a ponto de eu não conseguir me recuperar?

Pelo que, exatamente?

Ele se afasta de mim, o calor do seu corpo deixando o meu, mas seu aperto implacável permanece no meu rabo de cavalo.

— Eu não mandei você implorar ainda. Quando eu der a ordem, será muito pior do que isso.

O que…

Meus pensamentos são interrompidos por seu comando firme:

— Agora conte até dez, ou começaremos tudo de novo.

Um tapa ecoa no ar, e minha boca se abre em um arfar sem palavras. A dor irrompe na minha bunda, quente e feroz. Mas eu nem me concentro nisso, pois sua mão encontra minha carne novamente, mais forte do que da primeira vez.

Tão forte que a frente do meu corpo tromba contra as prateleiras e minhas pernas tremem.

— Não estou te ouvindo contar. — Sua voz se agravou, tornando-se sombria e cheia de autoridade. — Vamos de novo.

O tapa colide junto à música que se anima de novo, e eu gemo:

— Um.

Ele bate na minha bunda de novo, e um soluço escapa da minha garganta, misturado ao *crescendo* da melodia e à minha respiração ofegante.

— D-dois.

O ar está carregado por um manto de depravação e emoções distorcidas. Nunca imaginei que estaria nesta posição: presa, com a bunda no ar, apanhando.

Mas talvez seja exatamente por isto que anseio desde que ele me alertou.

Desde que ele me contou sobre seu gosto pela depravação.

Talvez seja por isso que o provoquei. Não fiz de propósito, mas lá no fundo, nos cantos obscuros da minha mente, eu queria vê-lo… *surtar*.

Eu simplesmente não fazia ideia de que seria tão brutal. Ou que eu teria esta reação nebulosa.

Sua mão desce sobre minha carne novamente com a implacabilidade de um chicote.

— De agora em diante, quando eu mandar você fazer algo, você obedece. — *Tapa*. — Se eu te der um aviso, não me ignore. — *Tapa*. — Você vai se atentar a ordens, porra. — *Tapa*. — Você *vai* me obedecer. — *Tapa*.

— Três, q-quatro, cinco, seis.

Agarro-me às prateleiras com toda a força. Minhas unhas se cravam no metal enquanto suor escorre pelas minhas costas. Meu lindo vestido roxo está todo marcado e amarrotado graças àquela crueldade avassaladora, mas essa é a menor das minhas preocupações.

Lágrimas ardem nos meus olhos, e não é só pela dor.

Tchaikovsky todo-poderoso. Eu realmente espero que seja só pela ardência na minha bunda levando tapas.

Minhas coxas se contraem e meu âmago dói, pulsando com uma necessidade animalesca. Quando ele me bate três vezes seguidas de novo, eu me lanço para a frente, acertando meu clitóris na prateleira abaixo.

Ondas de prazer apertam a base do meu estômago, e fecho os olhos, minha voz ficando mais grave, mais erótica.

— Sete, oito, nove.

Minha respiração forma condensações no metal, e eu acolho o suave alívio da dor.

Ele dá outro tapa na minha bunda, e eu nem terminei de sussurrar "dez" quando ele separa minhas coxas com um único movimento. Seus dedos se prendem na minha cabeça, e ele me puxa para trás, usando a mão nos meus cabelos, forçando meus olhos a se abrirem.

A parte de trás da minha cabeça repousa contra seu peito definido enquanto ele sussurra no meu ouvido com uma intensidade arrepiante:

— Você não conquistou o direito de gozar.

Viro a cabeça um pouquinho de nada, e pela primeira vez desde que ele começou com a "punição", consigo ver seu rosto.

E não estou pronta para a cena.

Sua respiração é irregular, fazendo seu peito se mover em um ritmo rápido que, ainda assim, carrega uma calmaria, e seu rosto — maldito seja seu rosto inexpressivo — está preso em uma neutralidade eterna, exalando controle.

Seus olhos, no entanto, contam uma história completamente diferente. Sim, há aquela demonstração de dominância, até de sadismo, mas eles estão mascarando algo muito mais profundo.

Uma emoção muito mais sombria.

Eu gostaria de poder alcançar dentro dele e arrancar essas emoções. Mesmo que isso significasse ser engolida no processo.

Minha bunda dolorida esfrega contra sua calça jeans, e solto um gemido, tanto pela dor quanto pela expressão em seu rosto.

Embora a ardência tenha diminuído em comparação com a pulsação entre minhas pernas.

Sua mandíbula se tensiona e seus olhos se voltam para os meus lábios entreabertos.

— Achei que a dor te assustasse, então como ela te excita?

Tento balançar a cabeça, mas é impossível com suas mãos no meu cabelo.

— Consigo sentir o cheiro da sua excitação. Está impregnando a porra do ar. — Seus dedos se espalham pela minha calcinha. — Quando você ficou tão molhada, hein? Foi antes ou depois de eu bater no seu rabo? Talvez durante? Você ficou excitada com a ideia de ser dominada por mim? Imaginou meu pau sendo enfiado na sua boceta até você gritar e se engasgar com meu nome?

Meus lábios se abrem.

Puta. *Merda*.

Quem diria que o quieto Creighton tinha uma boca tão suja? É quase como se eu estivesse conhecendo outra versão dele.

Uma cujo segredo quero desvendar enquanto me afogo em cada gota de sua escuridão.

Meus quadris se esfregam contra sua mão, basicamente sarrando nela, e ele não a afasta. Em vez disso, seus dedos empurram minha calcinha para o lado e ele os passa pela minha boceta.

Suas palavras vibram contra o lóbulo da minha orelha.

— Agora é hora de implorar.

Meu coração quase salta na garganta enquanto sussurro:

— Por favor.

— Por favor o quê? Fala!

Droga. Nunca disse palavras tão vulgares em voz alta, mas no momento não tenho muita escolha. Ele me tem completamente à sua mercê.

— P-por favor, me faz gozar.

Seu maxilar se contrai uma, duas vezes, e então ele enfia dois dedos dentro de mim. Cambaleio com a pressão conforme ela aumenta sem parar, até que sou incapaz de respirar.

O estímulo de antes vem à tona, e estico a mão, agarrando a lateral do corpo dele, minhas unhas se afundando em sua camisa.

— Abaixa a mão — ordena ele com uma voz gélida, e eu o solto. Meus braços ficam moles ao lado do corpo enquanto meu peito se contrai.

Seu polegar provoca meu clitóris com uma habilidade impressionante. Ele não é apenas dominante; sabe exatamente o que está fazendo e como

fazer. Já usei alguns brinquedos e meus dedos antes, mas nenhum deles se compara à intensidade selvagem com que faz meu corpo tremer.

O prazer me invade de uma só vez, e não tenho esperança de me segurar muito mais tempo. Meus gemidos ásperos se sobrepõem à música enquanto eu me desfaço ao redor dos seus dedos.

A onda me submerge, e os vergões pulsantes na minha bunda prolongam o prazer, potencializando-o.

Quando chego ao clímax, Creighton está me encarando com aquela escuridão sufocante outra vez.

Aquela necessidade de mais.

Mais.

E *mais*.

A esta altura, não tenho certeza se consigo impedi-lo de conseguir o que quer.

Caramba, talvez eu até goste disso.

Seus cílios abaixam, bloqueando suas emoções, conforme ele desliza os dedos para fora de mim e dá um passo para trás. Minhas pernas vacilam, e eu uso as prateleiras como suporte para permanecer de pé.

Minha respiração ofegante preenche o depósito, e só então percebo que alguém poderia ter entrado e visto toda aquela cena nada convencional.

Merda.

Creighton enfia a mão no bolso do jeans e me encara, e o olhar é o suficiente para me fazer estremecer.

O que há de errado com ele agora? Parece ainda mais tenso do que quando entrou no depósito.

Ele está reprimindo algo de novo. Só não sei o que é.

— Me desafia de novo e farei essa punição parecer brincadeira.

CAPÍTULO 9
ANNIKA

CHEGAR AO DORMITÓRIO INTEIRA É UM MILAGRE.

Não consegui me concentrar em nada além da dor latejante na minha bunda, da contração das minhas coxas com a lembrança e do aperto no meu peito.

Deve haver algo errado comigo.

Algo *muito* errado.

Porque não consigo parar de repassar o que aconteceu no depósito até me engasgar com as memórias carnais.

Até meu coração ameaçar explodir e minha cabeça se encher de todos os tipos de teorias depravadas.

E imagens.

A mão dele na minha bunda, os dedos dele dentro de mim, meus cabelos à sua mercê. Meu corpo inteiro focava seu domínio implacável.

Sempre pensei que seria do tipo que gosta de sexo respeitoso, do tipo "podemos transar hoje à noite?", do tipo "vamos sair em um encontro" e até "vamos comer algo e trocar carícias no escuro".

E daí se, de alguma forma, acabei assistindo à pornografia hardcore uma ou duas vezes (ok, talvez algumas vezes)? Era apenas curiosidade, uma fantasia, e não tinha nada a ver com minhas preferências da vida real.

Mas minhas inclinações e todas as percepções que eu tinha sobre mim foram destruídas por um único encontro com Creighton.

Ele alcançou meu interior e expôs uma parte minha que eu nem sequer sabia que existia. Ela estava escondida logo abaixo da superfície, esperando que um desastre natural do calibre de Creighton finalmente se revelasse.

Na ponta dos pés, entro no apartamento que divido com as meninas, mas paro logo depois da porta. Por que preciso me esgueirar como se estivesse fazendo algo errado?

A verdade, porém, é que a depravação exala de todos os meus poros, sem mencionar que estou meio imoral, da melhor maneira possível.

— Anni!

Sobressalto-me um pouco, então controlo minha reação e sorrio enquanto Ava vem deslizando em minha direção, segurando algo na mão.

— Alguém deixou isto na caixa de correio com o seu nome. Você acha que é veneno?

Meus lábios se abrem ligeiramente e só consigo enxergar o tubo de bálsamo em sua mão. Ninguém mais saberia que preciso disso, exceto a única pessoa que me deu um motivo para usá-lo.

— Terra para Anni? — Ava balança a mão na frente do meu rosto.

— Ah, acho que não. — Eu tiro o tubo de seus dedos disfarçadamente. — Vou jogar fora, só por precaução.

— É, boa ideia. Parece suspeito para caramba.

— Vou me trocar. — Passo por ela, grata por Ava não perceber a comoção em minha expressão. Caramba, eu poderia jurar que ela comentaria sobre meu vestido amarrotado e possivelmente veria as marcas de mãos que seu amigo de infância deixou em mim.

— Espera.

Minha respiração fica presa na garganta. *Por favor, não me diga que ela notou algo incriminador.*

Mantenho a calma ao me virar para encará-la com meu sorriso costumeiro.

— O que foi?

— Sei que eu deveria preparar algo para o jantar, mas não estou a fim. Podemos pedir comida em vez disso?

Ufa.

— Mas é claro. Ou posso cozinhar, se quiser.

— Não, definitivamente não, sem chance. — Ela descarta minha oferta depressa.

Estreito os olhos.

— Minha comida é comestível, sabia?

— Não para humanos. Sério, Anni, eu te adoro, mas você não foi feita para cozinhar. Continue focada nas suas saladas frescas.

— Creighton comeu da minha comida sem problemas — resmungo. Embora tenha sido apenas uma vez e não na minha frente.

— Aquele cara come qualquer coisa, inclusive ração de cachorro, se ele encontrar.

Coloco uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

— Sabe por que ele tem essa fixação estranha por comida?

— Na verdade, não. É assim desde que éramos crianças.

Às vezes, invejo Ava e os outros por terem conhecido um Creighton mais jovem. Por outro lado, Cecily disse que a personalidade dele não é tão diferente assim agora, então, pensando bem, provavelmente é melhor que eu não o tenha conhecido naquela época.

Ele teria me deixado na *friendzone* até a morte ou quebrado meu coração em pedacinhos irreparáveis.

Ele ainda pode quebrá-lo.

Sufoco esse pensamento nos cantos obscuros da minha mente e me concentro em Ava.

— Como o silêncio dele, presumo.

— Cem por cento. Creigh é um homem de poucas palavras porque simplesmente não tem vontade de conversar. E eu sei que ele pode parecer distante e frio, mas também pode ser extremamente atencioso.

Minha bunda lateja, e murmuro:

— Você deve estar falando de um Creighton diferente daquele que eu conheço.

— Não. — Ava se recosta na parede e inclina a cabeça para trás, aparentemente perdida em outro universo. — Ele me apoiou durante um momento sombrio. Não disse nada, apenas se sentou ao meu lado e me deixou usar seu ombro para chorar até não poder mais, como um irmão faria, e eu nunca vou me esquecer disso.

Esta é a primeira vez que vejo Ava tão pensativa assim. Sofrendo, até. Sinto vontade de perguntar qual foi o tal momento sombrio, mas não quero forçar a barra nem me intrometer.

Minha amiga balança a cabeça e estreita os olhos para mim.

— Espera aí, sua paqueradora. Por que estamos falando do Creigh se ontem mesmo você queria fingir um namoro com o Bran? A Ces e eu até te elogiamos, sabia? O Bran não gosta muito de namorar, já que todas as garotas vão até ele porque não conseguem ficar com o Lan. E se elas realmente gostavam dele por quem ele é, acabavam mudando o foco para o irmão gêmeo malvado assim que conhecessem o Lan. Estou em uma missão para acabar com aquelas vadias por magoarem o Bran.

Mordo o canto do lábio.

— Então… hum, andei pensando sobre o assunto e não quero que o Bran se machuque por causa do meu irmão. Ele não merece isso.

E ele definitivamente não é quem assombra meus pesadelos. Ontem à noite, mandei uma mensagem para Bran dizendo que ele não precisa mais ser meu namorado de mentira, e ele respondeu que está sempre por perto, caso eu precise.

Sério, o mundo não merece alguém tão gentil quanto o Brandon. Agora, se o primo dele fosse um pouquinho parecido com ele, as coisas seriam bem mais fáceis.

Mas, não, eu tinha que estar interessada na estátua da família King.

— O Bran é, tipo assim, o que mais tem lábia entre eles — argumenta Ava. — Ele com certeza convenceria o Jeremy.

— Isso significa que ele seria arrastado para os joguinhos dos Hereges.

— E daí? Ele já é grandinho. Sabe se virar sozinho.

— Você viu como o Nikolai olha para ele?

Ava estremece visivelmente.

— Aquele psicopata olha para todo mundo como se estivesse na lista de rejeição dele.

— É, mas com o Bran é diferente.

— Diferente como?

— Diferente do jeito ruim. O Nikolai tem uma sede enorme por sangue e violência, e pode até ser um amigo próximo do meu irmão, mas eu me mantenho o mais longe possível dele. Simplesmente não vou colocar o Bran em seu caminho. Eu nunca me perdoaria se ele acabasse se machucando por minha causa.

— Ownt. Você é uma fofa. — Ava acaricia meu braço, então dá um passo para trás. — Estou te contando isso porque realmente te amo, Anni. O Creigh é o osso mais duro de roer, depois do irmãozinho de pedra dele, mas acho que você tá chegando lá.

— E-estou?

— Alô? Ele ficou puto quando você não o considerou para o papel de namorado de mentira *e* depois escolheu o Brandon.

— Aquilo não foi nada.

— Aquilo é interesse, amiga. E acredite, o Creigh nunca demonstra esse sentimento em relação a nada que não seja comida. — Ela faz carinho no meu braço de novo. — Não tenho certeza se chamar a atenção dele é algo

bom ou ruim. Ah, deixa para lá, é totalmente ruim. Ele é um King, afinal, e eles têm uma aura familiar meio distorcida, exceto pela Glyn e o Bran.

As marcas de mãos na minha bunda formigam de dor, como se concordassem com as palavras da Ava.

— Boa sorte. Você vai precisar, de verdade. — Ela se afasta de mim e sorri. — Já volto. Vou convencer a Cecily a nos deixar pedir comida hoje à noite.

Enquanto ela se apressa até o quarto da nossa amiga, desapareço dentro do meu e fecho a porta atrás de mim. Deixo minha bolsa cair no chão e fico de frente para o espelho de corpo inteiro com moldura roxa neon.

Levanto a saia do vestido e estremeço quando o tecido roça no meu traseiro dolorido. Virando-me de lado, inspeciono as marcas vermelhas de mãos que Creighton deixou na minha bunda e na parte superior das minhas coxas.

Meus dedos passam por elas com gentileza, e estremeço outra vez quando minha pele fria faz contato. Continuo a tocá-las, cutucando-as delicadamente, deleitando-me com as pequenas explosões de dor e as memórias que elas despertam.

Ainda sou capaz de sentir o cheiro dele, aquele aroma picante e limpo. Consigo sentir seu peso, seu tamanho e o domínio absoluto que ele exercia sobre mim.

Meu âmago pulsa de volta à vida quando me lembro da maneira metódica como ele me dava um prazer que eu nunca havia experimentado.

Caramba, eu nem sabia que esse tipo de reivindicação carnal existia.

Eu me encolho quando toco em um ponto especialmente dolorido. Vai doer para caralho para me sentar ou dormir de costas durante dias.

No entanto, por algum motivo, estou ansiosa por isso.

A dor trará de volta as memórias que se recusam a me deixar em paz.

Encaro o tubo na palma da mão, abro-o e aplico um pouco do bálsamo na minha bunda. Quando a dor se torna insuportável, fico na ponta dos pés, inspiro fundo e continuo.

Quando termino, acho que ou vou chorar ou gozar de novo.

Depois de colocar um pijama confortável, pego meu celular e me deito de bruços na cama, com as pernas para cima.

Verifico as notificações, respondo às mensagens diárias da minha mãe e a algumas outras, em seguida abro meu Instagram. Após curtir e comentar um

pouco, clico no perfil do Remi.

Como Creighton é completa, absoluta e irrevogavelmente contra qualquer tipo de rede social, a conta do Remi é a melhor maneira de conseguir atualizações sobre ele.

Considerando como Remi faz postagens com frequência quase religiosa, tenho certeza de que haverá algo lá…

Dito e feito: ele compartilhou uma selfie em que está junto de três rapazes. Dois deles são os gêmeos, Landon e Brandon. Um está com um sorriso travesso; o outro, sorrindo normalmente. A quarta pessoa é o misterioso Eli King, irmão mais velho de Creighton e a pessoa cujo nome deixa Ava na defensiva sempre que citado.

Ao fundo, Creighton dorme sentado em uma cadeira.

Dou zoom na foto para vê-lo melhor. Como alguém pode parecer incrivelmente lindo mesmo dormindo? Sempre achei Creighton um gato, mas minha atração há muito tempo ultrapassou a beleza superficial e atingiu novos patamares.

Patamares perigosos.

Ele está usando as mesmas roupas de antes, e como a foto foi postada há dez minutos, isso significa que ele chegou em casa.

Ava me contou que os cinco moram na mansão dos Elites. Eles também dão festas — na verdade, o Remi dá —, mas nem Ava, nem Cecily e tampouco Glyn querem frequentá-las.

Nem quando eu falei para elas que tinha curiosidade de saber como era a mansão deles.

Tipo, por elas, tudo bem me acompanhar até a King's U, mas quando são festas do clube da própria faculdade, de repente não têm interesse.

Solto a tela para ler a legenda que Remi escreveu.

Foto rara para caralho desses putos juntos. Me agradeçam depois, fãs. Aliás, vamos pintar a cara do Creigh com um marcador permanente. Acham que ele vai ficar bem de bigode?

Sorrindo, curto e comento a foto.

annika-volkov: Tenho certeza de que sim. Postem as fotos com os resultados.

É justo, considerando que ele deixou um rastro de marcas de mãos na minha bunda e foi dormir como se nada tivesse acontecido. Como ele ousa?

Remi responde ao meu comentário no mesmo instante.

lorde-remington-astor: Seu desejo é uma ordem, senhorita. Aguarde.

Sorrio e volto a rolar o feed do Instagram, depois mudo para o TikTok. Estou prestes a postar um dos meus rascunhos quando uma mensagem aparece no topo da tela.

Meu coração acelera ao ver o nome dele, e me questiono seriamente se essa é uma reação lógica.

A mensagem é uma foto do Remi. Emburrado. E com um bigode malfeito desenhado com um marcador.

Creighton: Fiquei sabendo que você queria fotos.
Annika: A sugestão foi dele, não minha. Eu só entrei na brincadeira.
Creighton: Não entre na brincadeira da próxima vez.
Annika: Ou o quê?

Meu coração martela contra o peito enquanto digito a resposta.

Creighton: Seu rabo sabe bem a resposta para isso. Não seja malcriada.

Caramba.

Ele não tem o direito de ser tão gostoso quando me manda não ser malcriada. Consigo até imaginar seu tom mais grave se ele estivesse me dizendo essas palavras pessoalmente.

Na tentativa de aliviar o latejar que brotou entre minhas coxas, deslizo pela cama, pego o bálsamo, tiro uma foto dele e envio.

Annika: Você dá isso de presente para todo mundo em quem bate?
Creighton: Só para as malcriadas.

Meu peito dói e me recuso a nomear o sentimento que rasteja dentro de mim. Ou mesmo lhe dar minha atenção.

Não, não vou pensar em quantas mulheres já passaram pelo mesmo que eu. Que o que eu considero uma espécie de revelação é algo rotineiro para ele.

Simplesmente *não* farei isso.

Annika: Achei que o propósito do castigo fosse eu sentir dor.
Creighton: E é. Mas não quero que fique com hematomas. Pelo menos não por muito tempo. Assim, posso marcar de novo.
Annika: Sua mensagem começou encantadora e ficou esquisita rapidinho. Ah, e a propósito, estou melhor. Ainda com dor pra caramba, mas vou sobreviver. Obrigada por perguntar.
Creighton: Olha a malcriação.
Annika: Então eu devo aceitar a punição e calar a boca?
Creighton: De preferência.
Annika: Bem, não sou assim.
Creighton: E eu não sei?
Annika: E você está de boa com isso?
Creighton: Não.

Meu peito se aperta de novo, aquela dor familiar se tornando mais forte do que a que sinto na minha bunda.

Annika: Mas você ainda insiste em me perseguir.
Creighton: Eu não chamaria isso de “perseguição”.
Annika: Então o que é?
Creighton: Estou te punindo, roxinha, e me excitando com a lembrança de deixar marcas na sua pele alva.

Acaricio minha perna com o pé. De algum jeito, a pulsação entre as minhas coxas aumentou, e minha bunda parece estar em chamas.

Ele é sádico para valer, né?

Então, por que não estou com mais medo? Que droga, o mínimo que eu poderia fazer é parar de ficar intrigada.

Creighton: Essa boca espertinha finalmente ficou sem palavras?
Annika: Nem morta. Só estava pensando.
Creighton: Sobre o quê?
Annika: Primeiro: por que você me chama de “roxinha”?
Creighton: Você não é obcecada por essa cor?
Annika: Mas você não é.
Creighton: Na minha cabeça, você é a personificação dessa cor.

Tento não corar, mas, considerando o calor que sobe às minhas bochechas, com certeza falhei.

Creighton: A primeira pergunta já foi. Qual é a segunda?
Annika: Quando você começou a ter esses… gostos peculiares?
Creighton: Desde a puberdade.
Annika: E você vem testando essas coisas desde então?

No entanto, eu não chamaria os golpes dele de testes. Ele sabia exatamente o que estava fazendo. Apesar da dor causada pelas marcas de suas mãos, elas não foram feitas para deixar um hematoma permanente.

O que significa que ele já havia feito isso inúmeras vezes.

Com uma dúzia de outras garotas. Talvez mais.

Nada disso. Simplesmente não vou pensar nisso.

Creighton: Não testar, me envolver.
Annika: Com amigas?
Creighton: Com parceiras sexuais.
Annika: Tipo profissionais do sexo?
Creighton: Não. Submissas que estejam de acordo.

Meu punho se cerra ao pensar em quantas submissas já se ajoelharam, levaram as surras dele e agradeceram depois.

Caramba, se as fãs lá do abrigo soubessem que ele é tão pervertido, elas diriam: me enforca, *papai*.

Annika: E você ainda está saindo com essas submissas que estão de acordo?
Creighton: Por que a pergunta?
Annika: Não quero competir com garotas que já curtem seu lance.
Creighton: Lance?
Annika: Você entendeu. De qualquer forma, elas precisam sair de cena.
Creighton: Você vai tomar o lugar delas como meu brinquedinho?
Annika: Já não estou fazendo isso?

Creighton: O que aconteceu hoje foi uma mera demonstração, uma amostrinha do que sou capaz. Não é de jeito nenhum a totalidade dos meus “gostos peculiares”. Acha que consegue lidar comigo? Pensa bem.

Merda.

Se aquilo foi só uma amostra, o que mais ele planeja fazer comigo?

Este é provavelmente o momento em que eu deveria me afastar e abortar quaisquer sentimentos distorcidos que eu tenha por esse sádico.

Porém, tem um probleminha.

Não importa o quanto tenha ardido, não importa o quão doloroso seja me sentar, tem um ponto: nunca me senti tão empoderada e livre como no momento em que ele me segurou e me “puniu”.

Quando ele me empurrou contra aquelas prateleiras e me dominou, lutar contra ou escapar do seu aperto feroz nem sequer cruzou minha mente.

Por algum motivo, parecia… certo.

E meu traço tóxico é, *definitivamente*, a curiosidade, considerando o que digito a seguir.

Annika: Nunca saberei até tentar. E não seja hipócrita. Você não pode me dizer para não aceitar o Bran como meu namorado de mentira e depois sair por aí e ficar com outras pessoas. Se você vai liberar seu sádico interior, libere-o em mim.

A próxima mensagem dele me arranca o fôlego.

Creighton: Você fodeu tudo de novo. Eu te dei uma chance para testar e depois fugir, mas você insistiu e se recusou a aproveitá-la. Não me culpe pelo que vai acontecer a seguir. Agora você é minha para que eu possa punir e disciplinar, roxinha.

CAPÍTULO 10
CREIGHTON

UMA MÃO VERMELHA PUXA MEUS DEDOS PEQUENOS, E SOU LANÇADO PELOS ares até uma poça de sangue.

Minha visão assume tons avermelhados, depois escurece gradualmente enquanto meu corpo se encharca do líquido quente e carmesim.

Um gemido baixo e assombrado de dor toma conta dos meus ouvidos e vibra contra meus ossos.

Estou congelado, amarrado, indefeso e preso no meio de uma teia intrincada.

A teia *dela*. A aranha.

Mãos macias seguram meu rosto, mas a figura à qual pertencem não passa de um vulto disforme em meio a todo aquele vermelho.

Ela aperta meus dedos com força bruta, e grito, mas o único som que ecoa pelo ar é um arfar ininteligível.

— Shh, Creigh. Logo, logo tudo isso acaba.

Acordo de supetão, as batidas do meu coração martelando contra meus ouvidos.

Minhas mãos ainda estão metaforicamente amarradas, e não consigo me mexer.

Por um momento, acho que estou de volta àquele quarto escuro, pingando sangue, enquanto uma aranha escura gigante paira sobre mim como uma dona Morte ameaçadora.

Tento soltar minha mão e percebo que ela está cerrada em um punho, e alguém a agarrou.

Meu irmão.

Eli está parado ao lado da minha cama, com a usual aparência majestosa, vestindo calça preta casual e camisa de botão branca. Seu cabelo está arrumado, sua postura é afiada e seu rosto está tomado por um tédio eterno.

Uma luz branda ilumina o quarto e lança um tom sombrio sobre suas feições angulosas.

Ele tem cinco anos a mais que eu. Aos vinte e cinco, é o mais velho de todos nós, o primeiro filho de pais majestosos e o primeiro neto de avós ainda mais majestosos.

Nosso avô Jonathan (por parte de pai) vive em pé de guerra com os avôs Ethan e Agnus (maternos) sobre qual fortuna Eli vai administrar depois de terminar o doutorado.

Devagar, Eli afrouxa o aperto no meu punho, com o qual quase o acertei, solta-o casualmente e se acomoda ao meu lado. E assim, de repente, sua verdadeira natureza se dissipa com um sorriso radiante.

Depois de pegar o celular e o colocar em frente ao próprio rosto, ele tira do mudo.

— Foi mal, mãe. Acho que tem algum problema com nosso Wi-Fi. O Remi provavelmente tá baixando o estoque de pornô dele.

Do que consigo ver da tela, enxergo nossa mãe com a mão no peito.

— Para com isso, Eli. Que maldade.

Ele dá uma piscadela.

— O melhor malvado que você vai conhecer. Aliás, olha quem tá aqui. Uma visão rara do seu bebezinho.

Um arfar feminino me atinge antes de Eli inclinar o celular para que pegue nós dois.

Elsa Steel King é a personificação de uma mulher elegante: lábios cor de nude, cabelo loiro brilhante arrumado em um rabo de cavalo impecável e um rosto bonito e sábio.

— Creigh! — exclama ela com a mão ainda no peito. — Nossa, você estava dormindo?

— Sim, e seu filho insolente me acordou.

Eli me dá uma cotovelada.

— Eu só estava de olho nas horas de sono dele, mãe. Essa praga dorme mais horas do que o considerado saudável. Ele sofre de uma grave síndrome de Bela Adormecida, também conhecida como narcolepsia, e tem tendência a faltar às aulas por isso.

— Minhas notas continuam perfeitas.

— Continua dormindo tanto nas aulas que os professores vêm me contar. Pare de manchar minha reputação.

— Você acha que a sua reputação é boa?

— Pelo menos as pessoas sabem quem eu sou.

— E isso é algo positivo por que mesmo…?

— Meninos! — Minha mãe dá uma risadinha do outro lado da linha. — Me ligaram para ficar de picuinha? Deixa seu irmão em paz, Eli. Contanto que ele estude, está tudo bem.

Ergo uma sobrancelha na direção dele. *Ouviu isso, seu filho da puta?*

— Assim você vai estragá-lo, mãe. É por isso que só consegue fazer videochamadas com ele uma vez por ano, exceto quando seu filho favorito, ou seja, eu, planeja uma surpresa e o acorda da hibernação. Cadê meus agradecimentos?

— Sai para lá. — Tomo o telefone da mão dele e aproximo o aparelho de mim para ficar sozinho na tela. — Mamãe e eu não precisamos nos falar todos os dias para termos uma conexão.

— Isso mesmo. — Ela sorri, seus olhos vasculhando meu rosto com um desespero disfarçado. — É só que sinto muita saudade sua, Creigh.

— Também sinto sua falta, mãe.

— Que sentimentalismo todo é esse? Estão agindo como se fizesse anos desde a última vez que se viram, mas fomos para casa há um mês. — Eli puxa o telefone de volta para ficar à frente e no centro da tela.

— Ainda assim, sinto falta de vocês todos os dias, meninos. — Ela solta um longo suspiro. — Tenho saudade das noites em que eu os colocava na cama e lhes contava histórias.

— Quem sabe não podemos recriar essa cena na nossa próxima visita. Mas com uma condição. — Eli abre um sorriso. — Expulsa o papai primeiro.

— Vou te tirar deste mundo, seu merdinha. — Papai entra no quarto, aparecendo no enquadramento atrás da mamãe.

O telefone vibra quando ela se vira suavemente para olhá-lo. Sua expressão irradia alegria, e suas feições se iluminam com uma emoção corada.

Amor. Um sentimento que mamãe tenta, sem sucesso, incutir em mim e no meu irmão há anos.

Meu pai se senta no braço da cadeira dela e envolve seus ombros com um braço possessivo.

Aiden King é tudo o que seu sobrenome exemplifica: um monarca com punho de ferro impiedoso, o notório demônio da mídia e o amor da vida da

mamãe. Ele é alto, moreno, belo e absolutamente implacável com qualquer um que se meta em seu caminho — ou no nosso.

Desde que éramos crianças, nosso pai nos ensinou a evitar que os outros pisem em nós e, involuntária ou intencionalmente, fez de nós tão cruéis quanto ele.

Eli herdou mais do que apenas a personalidade. Ele tem cabelos pretos, olhos cinza-escuros e traços semelhantes; fato que mamãe ama em segredo, mas do qual demonstra inveja publicamente, reclamando que seu filho mais velho não se parece em nada com ela.

— Oi, pai. — Os olhos de Eli brilham com a perspectiva de um desafio. Ele sempre teve uma rivalidade estranha com nosso pai. — Liguei para a mamãe para que pudéssemos tê-la só para nós.

— Nem se você reencarnar dez vezes seguidas.

Mamãe ri, acaricia a mão do marido que está em seu ombro e olha para Eli.

— Agora falando sério, pare de provocar seu pai. Você é um malcriado.

— Ouviu isso, pai? Eu sou mau. Provavelmente mais do que você, hein?

— Nem de perto. — Papai inclina a cabeça para me olhar. — Olha quem temos aqui.

— Oi, pai.

— Está tudo bem com você, filho?

Assinto, e mamãe conta que tenho tirado as notas máximas na faculdade, omitindo completamente a parte sobre como durmo em metade das aulas e não frequento a outra metade.

É o que as mães fazem. Elas desempenham o papel de uma ponte, uma mediadora.

Uma âncora.

Ou pelo menos é o que a mamãe faz.

Isso não pode ser dito sobre minha outra mãe.

— Que bom que você conseguiu dar uma ligadinha, Creigh — diz o papai. — Você também, Eli.

Meu irmão aponta o polegar para si.

— A rara aparição do Creighton se deve a mim. Além disso, nós dois sentimos falta da mamãe.

— E do papai — completo, ganhando um sorriso raro do meu pai.

Ele ignora as tentativas de Eli de tirá-lo do sério. Depois de mais alguns minutos colocando o papo em dia, nosso pai decide que já tomamos o tempo da mamãe o suficiente e encerra a videochamada.

Assim que a tela escurece, dou um chute nas costelas de Eli, jogando-o para o outro lado da cama.

Quando consigo espaço o bastante, deito-me outra vez, apoiando a nuca com a palma da mão, e fecho os olhos.

Uma morena baixinha com uma boca irritante invade minha mente.

Na verdade, lembranças das marcas vermelhas que deixei na bunda dela. Contrastando com aquela pele alva que implorava para ser marcada, machucada e *dominada*.

Isso foi há dois dias.

E ela habilmente evitou ficar sozinha comigo durante esse tempo. Sempre se certificando de que estivéssemos em grupo, como se tivesse medo de que eu a atacasse.

Ah, mas eu vou.

O problema é que a Annika testa meu controle, levando-o a limites que eu nem sequer imaginava serem possíveis.

E quanto mais ela o testa, mais minha besta grita com a necessidade de possuí-la.

Foi assim que tudo começou.

Depois que ela me desafiou, apesar dos meus avisos claros, precisei lhe dar uma lição.

Quando a empurrei contra aquelas prateleiras, minha intenção era puni-la para caralho, mas o que recebi foi muito além das minhas expectativas.

Sua submissão.

Eu já desconfiava ter tido pequenos vislumbres de seu lado submisso secreto sempre que meu tom de voz se tornava autoritário, mas nunca pensei que fosse natural assim para ela.

Annika não só recebeu meus flagelos de dor, como também se deleitou com eles. No momento em que ela se derreteu nos meus dedos, precisei de todo o meu autocontrole para não enfiar meu pau naquele calor delicioso.

Eu a teria partido ao meio. Sem sombra de dúvidas.

Então, dei a nós dois um alívio temporário. Simplesmente não consigo prever do que sou capaz quando se trata daquela garota.

O colchão afunda ao meu lado.

Eu esperava que Eli fosse embora, mas ele me dá um chutinho na lateral do corpo e se espreguiça ao meu lado.

— Sério, qual é esse seu lance com dormir? Tenho certeza de que o médico que a mamãe te levou disse que não havia desequilíbrios hormonais. Acorda.

— Dormir é melhor do que lidar com as pessoas. Cai fora.

Ele cutuca a lateral do meu corpo de novo.

— Seu irmãozão está te oferecendo um raro momento de união, plebeu. Acorda, porra.

— Vai encher o Lan ou o Bran.

— Às vezes eu não gosto do Lan, e às vezes o Bran não gosta de mim.

— O Remi, então.

— Tá comendo duas loiras neste exato momento. Aliás, que porra é essa? Você me jogaria para eles em vez de me entreter?

— Não sou palhaço.

— Não, mas é meu irmãozinho fofo. — Ele passa os dedos embaixo do meu queixo como costumava fazer quando éramos crianças.

Afasto a mão dele.

— Se você está tão entediado assim, procura a Ava.

Um silêncio ótimo se estende, e acho que finalmente consegui me livrar da praga, mas então a voz dele ecoa. Está mais baixa, mais mortal e perdeu a insolência de antes.

— Se eu a procurar, eu a mato. — A escuridão desaparece tão rápido quanto surge. — Mas agora não é a hora nem o lugar para isso. Acorda antes que eu jogue água em você.

Ele passa os dedos embaixo do meu queixo outra vez, e falta pouco para eu enxotá-lo da Terra com um soco.

Eli é distante, maquiavélico e um completo psicopata, mas desde que me tornei seu parceiro de energia caótica por acidente, ele estranhamente passou a me paparicar. Lutou minhas batalhas e então me ensinou a me virar — me atacando algumas vezes e surtando com qualquer um que tentasse me intimidar.

E com *surtando*, não quero dizer que ele era violento, apenas calculista. Escondia drogas no armário dessas pessoas, fazia com que duvidassem da própria existência e até as obrigava a mudar de escola.

Ele sempre foi discreto, mas muito eficaz.

Essa reputação lhe deu o status de lobo solitário. Não importa quantas pessoas o cercam, eu sei que, lá no fundo, Eli é tão solitário quanto eu.

Provavelmente até mais.

Então permito que brinque com meu queixo. Talvez assim ele me deixe em paz.

— Caramba. Você dorme como uma múmia, sabia?

Não respondo, esperando que ele pense que já caí no sono.

— Talvez eu devesse ter me juntado ao Lan. Ele tem um camarote para assistir à queda dos Hereges no complexo deles.

Meus olhos se abrem de supetão e se encontram com os de Eli, que abre um sorrisinho devagar, os dedos parados sob meu queixo.

— Finalmente. Faltava isso aqui para eu chutar suas bolas.

— Os Elites estão atacando os Hereges?

— Não, acho que são os Serpentes invadindo a mansão deles. O Lan pegou uma pipoquinha para assistir à guerra se desenrolar depois que ele provavelmente a instigou. Mas antes disso se certificou de que a Glyn estava no dormitório, e não com o Killian.

Sento-me de maneira tão abrupta que Eli é forçado a me soltar e recuar.

— Qual é a porra do problema agora?

Num piscar de olhos, me levanto, meus pés descalços afundando no carpete enquanto pego o celular.

No instante em que clico no contato da Ava, o Eli aparece atrás de mim, emanando a energia sombria de Lúcifer dele, sua voz se tornando mais tensa.

— É por isso que não gosto do Lan às vezes, sabe…

— Cala a boca. — Eu o enxoto dali, mas ele continua lá, esperando, observando, atento como um falcão.

Creighton: A Annika está com você?

Eu poderia ter mandado uma mensagem para a Cecily ou para a Glyn, mas elas não são tão viciadas no celular quanto a Ava.

E é claro que a resposta é imediata.

Ava: MDS. Você acabou mesmo de me mandar uma mensagem?
Quem é você e por que sequestrou o nosso Cray Cray?

Creighton: Responde. A Annika está aí?
Ava: Nossa. Calma aí, vamos lá. Oi, tudo bem? Ou quem sabe você não tenta responder às minhas centenas de mensagens anteriores que ignorou? Estou magoada, sabe. Se você implorar, quem sabe eu não considero te responder.

Sinto meu irmão ficando tenso atrás de mim. A pior parte é que a Ava falou sério sobre implorar. Não tenho dúvidas de que ela seria atrevida assim só por diversão.

Então, vou direto ao ponto.

Creighton: O Eli está lendo a conversa. Responda à minha pergunta.

Os pontinhos mostrando que ela está digitando aparecem e desaparecem algumas vezes antes de ela enviar:

Ava: A Anni foi obrigada a passar a noite na mansão do irmão.

Minha mão aperta o celular enquanto meu corpo inteiro se enrijece. Digito o número da Annika e coloco o aparelho na orelha, ouvindo o toque longo e assustador.

Sem resposta.

Porra.

Tudo bem que ela costuma dormir cedo por causa do “sono de beleza” ou sei lá o quê, mas ainda é cedo demais.

Visto meu moletom, calço os primeiros sapatos que encontro pela frente e saio correndo.

— De nada, viu! — grita Eli atrás de mim, mas já estou me apressando escadas abaixo.

Ligo outra vez para Annika, mas cai na caixa postal.

— Oi, você ligou para a Annika. Deixe sua mensagem e eu te ligo assim que possível.

Quanto mais vezes as minhas tentativas vão para a caixa postal dela, mais minha temperatura sobe.

Entro no carro e saio da propriedade em alta velocidade, depois ligo para o meu primo.

Lan atende quase imediatamente.

— Você não estava na sua fase Bela Adormecida?

— Cadê você?

— No momento, assistindo a um show ao vivo de um incêndio florestal devorando os Hereges como a água benta faz com demônios. Que os pecados deles os condenem ao inferno por toda a eternidade. Amém.

— Incêndio?

— Qual parte do *incêndio florestal* você não entendeu? — Puro sadismo vaza de sua voz. — Preciso tirar meu chapéu para o gênio por trás disso pelo planejamento e execução impecáveis…

Encerro a ligação e piso no acelerador.

Uma urgência protetora que nunca senti se espalha dentro de mim com uma intensidade sufocante.

Preocupação.

E é tudo por causa dela.

A garota que não deveria fazer parte dos meus planos, mas, de alguma forma, conseguiu se esgueirar através das minhas defesas.

A ideia de algo acontecer com ela me transforma em uma besta selvagem.

CAPÍTULO 11
ANNIKA

UM ALARME DISPARA E UM LÍQUIDO FRIO RESPINGA POR TODO O MEU ROSTO.

Desperto de súbito, ofegante, enquanto o jato dos pequenos extintores nos tetos encharca minha camiseta de dormir em segundos.

Levo mais alguns instantes para me livrar da desorientação e me concentrar no que me cerca.

A fumaça obstrui minhas narinas, e sombras e uma luz forte se infiltram, vindas do lado de fora.

Saio cambaleando da cama e espio pela janela, meus dedos agarrando o parapeito. A visão que se materializa à minha frente faz minha respiração entalar no fundo da garganta.

A claridade não é nenhuma luz artificial. Um enorme incêndio está consumindo a parte superior oeste da mansão.

A parte onde estou.

Onde meu irmão está.

Um terror intenso se enraíza na minha alma e congelo no lugar.

Ser a única filha de Adrian Volkov me colocou em perigo mais vezes do que consigo contar. Houve pelo menos três tentativas de sequestro e algumas trocas de tiro. Alguns imbecis tentariam qualquer coisa para atingir meu pai, e isso inclui tentar machucar a mim, ao Jer e à mamãe, já que acham que somos a fraqueza dele.

Como temos os guardas mais competentes disponíveis, todas essas tentativas fracassaram e resultaram na morte dos agressores.

Eu nunca de fato temi ameaças externas, pois sabia que papai, Jeremy ou seus homens estariam lá o tempo todo.

Mas isso não se aplica a um incêndio.

Como o que está devorando a mansão neste exato momento.

Meus olhos se arregalam enquanto continuo observando a cena se desenrolar diante de mim. Guardas correm em direções diferentes, alguns com mangueiras, outros com extintores de incêndio.

A julgar por suas expressões exaustas, parece que o fogo saiu do controle.

Vejo Gareth e Killian com eles, mas não vejo Jeremy nem Nikolai.

Um instinto de pavor invade minha corrente sanguínea enquanto corro para a porta.

Meus pés descalços escorregam na água que inundou o chão e piso em alguns objetos caídos sem prestar atenção.

Assim que saio do cômodo, uma onda de calor atinge meu rosto. O corredor escuro está tão sobrecarregado de fumaça que é impossível enxergar ou respirar direito.

Tapo o nariz e a boca com as mãos e inalo ar tóxico através delas.

O quarto do meu irmão fica do outro lado dessa fumaça toda, mas não tenho certeza se conseguirei encontrá-lo no meio deste inferno.

É como se as chamas tivessem engolido tudo.

— Annika, vem para cá!

Um arrepio sobe pela minha coluna ao ouvir a voz alta. Quando me viro em direção à escada, vejo Nikolai seminu segurando uma mangueira.

— Onde está o Jeremy? — grito de volta.

— Não o vimos. Saia daqui por enquanto. Eu vou procurá-lo.

Não, não, não…

Corro na direção da fumaça, ignorando os xingamentos de Nikolai.

Meus olhos lacrimejam com a densidade do ar carregado, e tusso conforme me agarro à parede em busca de equilíbrio.

Assim não vai funcionar.

Rasgo a barra da minha camiseta, me curvo e a molho com a água do chão, depois a levo ao nariz.

O frio úmido oferece um pequeno alívio, mas a fumaça ainda obstrui minha garganta. Meus olhos ardem e tusso até achar que vou vomitar.

Mesmo assim, sigo em frente, usando a parede para me equilibrar. No segundo em que sinto uma porta sob os dedos, tento abri-la, mas está trancada.

Bato nela com a mão livre.

— Jeremy!

Minha voz está tão fraca e abafada que mal consigo ouvi-la.

Bato na porta novamente enquanto tenho uma crise de tosse.

— Jer!

— Anoushka? — Sua pergunta baixa vem do outro lado, sua voz fraca como a minha. — Que porra você está fazendo aqui? Sai daqui.

— Vim te buscar!

— Estou bem. Sai daqui.

Continuo tossindo e uma onda de tontura me atinge.

— Se você está bem, então vamos descer juntos.

— Dá o fora daqui, Annika. — Há uma tensão em sua voz semelhante a quando ele sente dor.

Meu coração martela no peito enquanto engasgo com a próxima tosse.

— Abre a porta.

Ele tosse de lá, e eu de cá, mas não há resposta.

— Jer? — Minha voz soa assustada. — Abre…

— Não consigo. — Mal ouço suas palavras baixinhas. — Estou preso. Você precisa sair daqui, Anoushka. *Agora*.

— Não, não. — Uso meu ombro para acertar a porta; lágrimas escorrem pelas minhas bochechas.

Então foi por isso que ele não veio ao meu encontro assim que o fogo começou. Achei estranho que meu irmão superprotetor não tenha arrombado minha porta e me arrancado do sono.

Não é que ele não tenha pensado em mim; ele só não pôde ir me salvar.

— Vai!

— Não! — grito de volta em meio a uma tosse. — Não vou te deixar morrer.

Minha visão fica turva, cambaleio, mas não paro de atingir a porta. Uso toda a minha força, mas não consigo fazer essa porra nem sequer balançar.

Então, chuto a maçaneta com tudo e me jogo contra ela repetidas vezes.

— Anoushka… vai… por favor…

— Cala a boca. — Estou soluçando enquanto chuto, soco e bato na maçaneta. Meus pés ardem, minha mão grita de dor e meus olhos se enchem de lágrimas, mas me recuso a desistir.

— Se você ficar aqui… nós dois vamos morrer… — Jeremy soa distante, quase como se estivesse em outro universo.

— Não vou te abandonar. — Chuto a maçaneta de novo, minhas forças se esvaindo. — Prefiro morrer com você do que viver sabendo que poderia ter te salvado, mas não salvei.

Concentro toda a minha energia em um último chute, e a maçaneta se solta, desabando no chão.

Meu coração dispara quando empurro a porta. Uma onda de calor me joga para trás e aperto o pano com mais força.

O quarto está tomado pelo cinza, fedendo à fumaça. O fogo devorou a parede norte e avança com velocidade e facilidade assustadoras.

— Jer?

Nada.

Cerro os punhos e as emoções ficam entaladas na minha garganta ao tossir.

Chamo o nome do meu irmão outra vez, meu vigor esmaecendo. Estou ainda mais cambaleante e acho que não vou conseguir ficar de pé por muito mais tempo.

Ele tinha razão, no fim das contas. Mas talvez fosse nosso destino morrermos juntos esta noite.

Bufo. Jer sempre tem razão.

Lágrimas encharcam meu rosto enquanto perco o equilíbrio, e o tecido cai no chão.

— Jer…

A lateral do meu corpo atinge uma parede… Não, não é uma parede.

É quente, mas não carrega a letalidade das chamas. É sufocante, mas não mortal como a fumaça.

Braços fortes me levantam sem esforço, e então estou encostada em um peito duro como pedra.

Aos poucos, minha visão foca o belo rosto de Creighton, que está parcialmente coberto por uma máscara de gás. Apesar disso, eu o reconheceria em qualquer lugar.

E tudo por causa daqueles olhos claros e penetrantes que me assombram aonde quer que eu vá.

Por um segundo, penso que a cena à frente é fruto da minha imaginação, que o estou conjurando durante meu pior momento.

Mas ele está aqui.

Por mim.

Creighton remove a máscara, revelando suas feições rígidas e definidas. Ele a prende no meu rosto. Inspiro fundo o ar puro, em seguida, removo-a e minha outra mão agarra sua camisa.

— O Jer… está aqui.

— Precisamos ir.

— Não sem o Jeremy. — Não reconheço a determinação na minha voz. Mas não sairei daqui até que meu irmão esteja seguro.

Creighton coloca a máscara de volta no meu rosto e me empurra em direção à saída.

— Sai daqui.

— Não…

Minha fala é interrompida quando um corpo se choca contra o meu.

— Saiam da frente, vagabundos. — Nikolai irrompe no cômodo usando uma máscara. Traz outras enroladas em um lençol, improvisado como bolsa carteiro e amarrado à cintura.

Pego uma e a empurro contra o peito de Creighton com um olhar afiado. Ele balança a cabeça, mas a coloca.

Apesar de ser possível respirar agora, o ar quente é insuportável. Ainda assim, quando aponto a direção onde o fogo está se espalhando para Nikolai e Creighton, eles não hesitam.

Avançamos até lá, mas Creighton me mantém protegida por seu corpo o tempo todo.

— Annika… — A voz baixa de Jer mal nos alcança. — Sai…

Seguimos o som até, por fim, encontrarmos meu irmão preso debaixo de uma mesa. Provavelmente devido a uma explosão ou ao fogo espalhando-se.

Pego uma máscara de gás do lençol de Nikolai e a coloco sobre o rosto do meu irmão. Seus olhos estão fechados e seu corpo está mole, mas ele está respirando.

Meu irmão ainda está aqui.

Conforme afasto o cabelo de Jeremy do rosto, chamando seu nome, sem resposta, Creighton e Nikolai levantam a mesa.

Em seguida, eles o carregam para fora bem na hora em que o fogo está prestes a devorar o cômodo.

Os pés do meu irmão se arrastam pelo chão, incapazes de segurar o próprio peso, mesmo enquanto o puxam depressa para longe do perigo.

Vou logo atrás deles, tentando, sem sucesso, não ficar tensa sempre que Creighton me lança um olhar rápido. Ele continua me observando até chegarmos ao pé da escada.

Assim que saímos, somos recebidos por caos de diferentes proporções. Guardas, bombeiros, curiosos; todo o campus da King’s U parece estar ali para assistir.

Eu os ignoro, optando por me concentrar no meu irmão.

Creighton permite que Gareth assuma seu posto, então ele e Nikolai carregam Jeremy inconsciente, mas respirando, para receber atendimento médico.

Tiro minha máscara e começo a segui-los, mas uma parede de músculos bloqueia meu caminho.

Creighton me encara com aquele olhar pensativo e silencioso que lhe é característico… e aterrorizante.

É como se estivesse me culpando pelo que aconteceu. Ou talvez esteja me culpando por ter, de alguma forma, acabado no meio do incêndio.

Ele tira a própria máscara e a joga no chão, revelando sua mandíbula tensa. Suas mãos e seu rosto estão sujos de fuligem, e sinto vontade de limpá-los.

Não faço isso, no entanto, completamente absorta na expressão sombria que toma conta de suas feições.

Seu olhar punitivo e carregado de raiva acalorada desliza do meu rosto para meus seios, então para a minha cintura.

É então que percebo que eu estava andando por aí vestindo uma camiseta molhada. Uma camiseta rasgada e molhada. Ela não só mal cobre minha bunda, como também está grudada à minha silhueta, deixando pouco para a imaginação.

Para completar, meus mamilos estão duros, graças ao frio, pressionados contra o tecido.

E Creighton não parece satisfeito com a visão. Ou, se estiver, o descontentamento e a raiva vetaram qualquer apreciação.

Ele tira o próprio moletom e o passa pela minha cabeça. Eu colaboro, passando as mãos pelas mangas largas. A peça me engole por completo, quase chegando aos meus joelhos. E, num instante, estou cercada pelo calor e pelo cheiro reconfortante que me envolve.

Apesar do alívio do frio, não consigo evitar um arrepio ao ver sua seminudez, os músculos salientes e a tatuagem de aranha.

Algo fica preso na minha garganta áspera e pigarreio algumas vezes.

— Obrigada.

Uma mão brusca agarra meu braço.

— O que caralhos você estava pensando ao ficar no meio do incêndio?

Engulo em seco e me encolho um pouco com a força bruta por trás de suas palavras. Achei que ele pudesse estar irritado por causa da minha aparência, mas talvez não seja o caso.

— O Jer estava preso — respondo devagar. — Eu não podia deixá-lo sozinho.

— Então decidiu morrer com ele?

— Se fosse preciso. — Levanto o queixo. — Além disso, no final deu tudo certo. Por que você está tão bravo?

— Pelo fato de você ter colocado sua vida em risco. — Ele aperta meu braço com mais força até eu me encolher. — Isso não vai se repetir, fui claro?

Aperto os lábios.

— Caralho. Eu fui claro, Annika?

— Não vou deixar as pessoas que amo morrerem — murmuro. — Não sou assim.

As narinas de Creighton se dilatam com a força de sua inspiração e expiração, mas antes que ele possa dizer qualquer outra coisa, algo o atinge por trás.

A princípio, ele permanece estático, mas então um filete de sangue escorre pela lateral de sua cabeça.

Grito quando ele cambaleia para a frente, mas não saio do caminho. Antes que ele possa desabar em cima de mim, uma mão brutal agarra seu cabelo e o puxa para trás.

Nikolai joga seu taco de beisebol no chão e sorri como um maníaco.

— Hora de punir o babaca que queimou nossa mansão.

CAPÍTULO 12
ANNIKA

ELES TENTAM ME IMPEDIR DE SEGUI-LOS.

Quero dizer, Nikolai, Killian, Gareth e todos os guardas.

Hoje, no entanto, aparentemente estou com uma determinação impossível de ser ignorada.

Depois de me certificar de que Jeremy está recebendo os cuidados médicos necessários e se recuperando na parte segura da casa, no lado leste, eu os alcanço.

O fogo foi apagado, mas toda a parte oeste da mansão foi consumida pelas chamas. Tudo o que resta é fuligem escura, paredes danificadas e um ou outro bombeiro por aí. Depois de testemunhar o showzinho, ou parte dele, os alunos, que nem sequer deveriam estar ali, foram expulsos da propriedade.

Os amigos do meu irmão carregaram Creighton para a casa anexa que não foi atingida pelo incêndio. Provavelmente porque é onde ficam os guardas e todos os seus equipamentos e dispositivos de segurança.

É claro que a casa principal era o alvo dos culpados.

Um guarda corpulento e grande está parado em frente à porta e praticamente bloqueia toda a entrada.

— Por favor, volte para a casa principal, senhorita — pede ele com sotaque russo, sem se dar ao trabalho de olhar para mim.

Se fosse em qualquer outro momento, eu colocaria o rabo entre as pernas e obedeceria. Faz parte da minha criação protegida e do mundo cruel do qual meu pai e meu irmão deram o máximo para me manter longe.

O fato de eu evitar conflitos e viver na minha linda bolha roxinha é bom não só para mim, mas para todos.

Mas algo mudou esta noite.

Aconteceu em algum momento entre o segundo em que eu não consegui mais ouvir a voz de Jeremy e o instante em que ele desmaiou e não foi mais capaz de se salvar.

Percebi que nem Jeremy, nem papai estarão sempre aqui para mim. Chegou a hora de eu retomar o controle da minha vida.

Não costumo olhar feio para as pessoas. Caramba, eu achava que nem sabia como fazê-lo, mas consigo encará-lo assim enquanto falo em um tom irredutível.

— Sai da frente.

— Tenho ordens de não permitir que ninguém entre, senhorita.

Cruzo os braços à frente.

— Você não terá mais ordem nenhuma a obedecer se eu disser ao meu pai que falhou em proteger a mim e ao Jeremy. Nós somos sua prioridade, não quaisquer ordens sem importância que você esteja tentando seguir agora. Então, a menos que queira ser expulso do círculo íntimo do meu pai, sugiro que saia do meu caminho *agora mesmo*.

Desta vez, o guarda abaixa a cabeça e me encara, as sobrancelhas erguidas como se estivesse me vendo pela primeira vez. Em seguida, afasta-se com a lentidão de um portão velho e decrépito.

Entro como um furacão na casa e sigo o som das vozes.

Sim, o Jeremy fez questão de me manter longe do clube dele e de quaisquer atividades nefastas que faça às escondidas, mas isso não significa que eu seja alheia ao que está acontecendo.

Papai sempre disse que conhecimento é poder, então me certifico de acumulá-lo o máximo possível e guardar tais informações em caixas organizadas no fundo do meu cérebro, caso eu precise delas um dia.

O dia chegou.

Minha capacidade de adquirir informações é natural. Os guardas gostam quando lhes dou refeições preparadas pelo cozinheiro — não por mim, já que aparentemente ninguém gosta muito da minha comida. Como recompensa pelo mimo, eles me contam coisas.

Gareth também divulga algumas informações por conta própria quando eu o incentivo um pouquinho, mas na medida certa para não despertar suspeitas.

Então sei muito mais do que qualquer outro que não seja um Herege.

Chego à porta de metal entreaberta no fim do corredor. Normalmente, eles a fechariam para dissipar qualquer atenção indesejada, mas deviam estar com pressa desta vez.

Não é possível ouvir meus passos quando empurro a porta e entro.

A cena que encontro me paralisa.

O cômodo é de um tom branco austero, das paredes ao chão, passando para as prateleiras de cada lado. É quase ofuscante.

Falando nelas, estão abarrotadas dos mais variados objetos: facas de todos os tipos, peças metálicas, bengalas e tacos de beisebol. E esses são apenas os itens que reconheço. Existem diversas outras ferramentas que nem sou capaz de nomear, brilhando com uma aura horripilante e a promessa de tortura.

Meu olhar se volta para o motivo pelo qual desafiei as regras e a razão de eu vir até aqui.

Creighton.

Está preso a uma cadeira de metal por uma corda grossa. Ele permanece sentado ali, inconsciente, com a cabeça inclinada para a frente em um ângulo estranho.

Nikolai pega o que parece ser uma bengala e desliza os dedos sobre ela.

— Meu voto é espancá-lo e prestar homenagem aos seus ancestrais medievais.

Killian aperta um taser, soltando uma faísca que ecoa no silêncio.

— Isto aqui será mais eficaz para fazê-lo falar.

Nikolai balança a bengala no ar, que emite um sibilo antes de ele a bater contra a própria mão.

— Mas isto deixará uma marca, o que é mais importante para dar uma lição nesse filho da puta.

— Seja lá o que vocês façam, sejam rápidos. — Gareth se encosta na parede, com os braços e tornozelos cruzados, parecendo entediado com todo aquele papo entre seu irmão, Killian, e seu primo, Nikolai.

— Não podemos apressar a violência, Gaz. — Nikolai respira fundo. — É preciso haver a preparação correta.

Levo alguns segundos para controlar as emoções intensas que rugem dentro de mim. Se eu as deixar sem controle, vou parecer apenas dramática, e sentimentos não funcionam com esses caras.

Na realidade, eles vão usá-los contra mim.

Depois de vestir minha máscara de calmaria, adentro mais o cômodo, relaxando os punhos cerrados.

— Seja lá o que estão pensando em fazer, podem parar.

Três pares de olhos se viram na minha direção, todos sombrios e intimidadores. Normalmente, isso me causaria ansiedade imediata. Sinto a pontada de desconforto percorrendo meu peito e fechando minha garganta, mas a contenho.

— E o que você está fazendo aqui? — Nikolai inclina a cabeça para mim, ainda acariciando a arma que escolheu. Seu estado de seminudez, somado a todas as tatuagens e ao olhar mortal em seu rosto, teria me feito fugir no passado próximo. Mas hoje, não.

— Sei que vão torturar o Creighton, e estou aqui para dizer que isso não vai rolar.

— Aqui não é lugar para você, *princesa* — diz Killian, com ironia tomando conta de sua voz no final da frase. — Vai brincar com suas bonecas. Se é que elas não queimaram no incêndio.

— As bonecas podem me esperar. — Igualo meu tom ao seu. — E não vou sair.

Gareth se afasta da parede, caminha até mim e leva um tempo para falar e soar calmo… humano.

— Isso é muito mais sério do que você imagina, Annika. Você não deveria se preocupar nem perder tempo com isso. Que tal ir ver como o Jeremy está?

— Não até soltarem o Creighton.

— Não vai rolar. — Nikolai balança a arma no ar. — Este filho da puta achou que podia incendiar nosso complexo e ir embora como se nada tivesse acontecido.

Dou um passo para trás, quase encostando na parede.

A dúvida me atinge quando entendo melhor suas palavras e os eventos recentes.

O que Nikolai está dizendo pode ser verdade.

Afinal, Creighton já havia tentado incendiar parte da propriedade dos Hereges. O que o impede de ir atrás da mansão?

Estremeço só de pensar nele fazendo isso, não se importando se Jeremy e eu morrêssemos.

Se todos na casa morressem.

Afasto o pensamento. Não vou acreditar nessas suspeitas a menos que haja fatos concretos.

Além disso, Creighton não incendiaria a casa enquanto eu estivesse lá dentro, né? É verdade que não nos conhecemos há muito tempo, mas ele não me odeia.

Eu espero.

Então, em vez de ser sugada por qualquer buraco negro que meu cérebro esteja criando, dou uma risada, jogando a cabeça para trás para dar um efeito dramático.

— O que deu em você? — Nikolai me observa como se eu fosse um alienígena. — Bateu a cabeça mais cedo?

— Só estou rindo de como isso tudo soa ridículo. — Enxugo as lágrimas dos cantos dos olhos, fingindo me esforçar muito para não achar graça. — O Creighton estava comigo desde que me deitei.

Gareth arqueia uma sobrancelha.

— Com você?

Jogo uma das mãos no ar.

— É, *comigo*.

O silêncio recai sobre o cômodo por um instante longo demais, e eu me esforço ao máximo para parecer impassível. Não tive muito tempo para pensar em um jeito de salvar Creighton da tortura que o espera, e essa foi a melhor ideia que me ocorreu.

Espero que minhas habilidades narrativas consigam convencer os três.

Killian pressiona o taser contra a bochecha de Creighton sem desviar o olhar de mim.

Frequentei as mesmas escolas particulares que esses caras, e Killian sempre foi o mais assustador, empatado com Nikolai. Mas enquanto seu primo é aberto sobre seus métodos, Kill é discreto, a única evidência que deixa para trás é um rastro de destruição.

Gareth, por um lado, transmite certa confiança graças à sua aparência principesca. Killian tem a beleza de um assassino em série, com seus cabelos escuros e os olhos azuis sombrios que só parecem ter vida quando Glyn está por perto.

Tenho quase certeza de que ele é um psicopata, e isso o torna o mais difícil de convencer. Sem mencionar que encará-lo nos olhos é semelhante a ser dissecada viva.

— Estava mesmo? — reflete ele. — Então, por favor, me diga: como ele conseguiu driblar a segurança? A única maneira de ele entrar na propriedade

é hackeando nosso sistema e interrompendo a transmissão das câmeras. Tipo, digamos, como fez o autor do incêndio.

— Isso aí! — Nikolai concorda com o primo. — Deixa eu dar uma surra neste filho da puta.

Dou um passo à frente, me sentindo cada vez menos nervosa.

— Por que ele se daria ao trabalho de hackear o sistema se dei meu cartão de acesso a ele?

Killian pressiona o taser com mais força contra a bochecha de Creighton, e preciso de todas as minhas forças para não me encolher.

— Você está me dizendo que convidou um cara para dentro da casa do Jeremy?

— E por que não convidaria? O Jer está observando cada movimento meu, então a melhor maneira de passar despercebida é me encontrar com o Creighton onde meu irmão não suspeitaria.

Não vacilo sob o escrutínio deles.Tenho quase certeza de que os convenci, ou pelo menos dei outra opção para as teorias deles.

O olhar de Nikolai oscila entre mim e Creighton.

— Espera aí. Se ele estava no seu quarto, como é que eu não o vi com você quando o incêndio começou?

— Mandei ele ficar quieto até eu averiguar a situação, já que não queria que ele desse de cara com vocês. — Eu me daria um tapinha nas costas se pudesse. Essa sim é uma mentira crível.

— Mesmo assim… — começa Gareth.

— Mesmo assim o quê? — Levanto o queixo. — O Creighton salvou a minha vida e a do Jeremy. Deveriam recompensá-lo em vez de baterem nele. E se estão preocupados que isso seja obra dos Elites, ainda não faz sentido ameaçar Creighton. Ele nunca fez parte daquele clube.

— O primo dele faz — diz Killian, como se fosse óbvio.

— Mas ele não. Nunca fez e nunca vai fazer. O tempo que estão perdendo aqui poderia ter sido usado para se preocupar com os Serpentes, que você ofendeu tanto, Kill. Com certeza você já percebeu que eles são os culpados mais prováveis dessa confusão, né?

Percebo que estou convencendo os dois, considerando a mudança sutil em suas expressões. Devem ter pensado na opção dos Serpentes também, mas como já tinham Creighton nas mãos, preferiram acreditar que tinham sido os Elites.

Nikolai descarta a arma, desanimado por ter a diversão arruinada.

— Devo admitir, esta história toda soa bem complicada — diz Killian. — Você não está nem ao menos preocupada que o Jeremy pode, e vai, saber disso? Engulo em seco, de repente perdendo um pouco a coragem. Ainda assim, dou meu máximo para manter a compostura.

— Vou conversar com o meu irmão quando ele acordar. Enquanto isso, soltem o Creighton.

Killian e Nikolai saem do cômodo.

Apenas Gareth fica para trás e me ajuda a desamarrar Creighton. O rastro de sangue seco contra seu rosto etéreo e belo é tenebroso.

A falta de iluminação confere às suas feições ângulos severos, quase sinistros aos olhos. Seus lábios estão ligeiramente entreabertos, e não consigo evitar estender os dedos para tocá-los; tocar Creighton. Mas então me lembro de que ele não gosta de ser tocado, e deixo minha mão cair ao meu lado.

Depois de removermos as cordas, agacho-me ao lado da cadeira dele.

— Ele vai ficar bem?

Gareth se recosta na parede; os braços cruzados e a expressão indiferente, mas alerta. Há sujeira em sua camisa úmida, no pescoço e no rosto, como uma evidência persistente do incêndio.

— Ele só está inconsciente. Deve acordar em alguns minutos.

— Vou ligar para o Remi e para o Lan virem buscá-lo.

— Ou você pode esperar até que ele acorde e vá embora sozinho.

— Não confio que Kill e Niko não vão terminar o que começaram.

Gareth sorri.

— Bom ponto. Vai em frente, mas em vez de ligar para o Landon, chama o Brandon. Elites não são bem-vindos aqui.

— Tá bom. Obrigada, Gareth.

— Não me agradeça ainda. O Jeremy vai descobrir isso de um jeito ou de outro. Antes que alguém abra a boca, eu vou contar sobre toda essa ceninha.

— Eu entendo.

Acho que me meti em uma encrenca maior do que esperava.

Então, talvez eu tenha superestimado minha capacidade de lidar com as consequências do incêndio.

Depois que Jeremy acordou e descobriu sobre a situação com o Creighton, ele praticamente me obrigou a viver em prisão domiciliar.

Sou escoltada de um lado para o outro entre a UER e a mansão. Não tenho nem permissão para ser voluntária no abrigo.

A desculpa dele? É perigoso.

E, desta vez, minha mãe está do lado dele e do papai. Ela até me disse que achava uma boa ideia eu voltar para os Estados Unidos por um tempo.

Vem sendo uma semana de vigilância constante, limites irracionalmente rígidos e uma prisão estúpida e intransponível.

Só consigo falar com as meninas por mensagens ou quando imploro que os guardas me deixem almoçar com elas.

Bem, não *imploro,* exatamente. Também aprendi a ameaçar.

O lado bom desta situação é que Jeremy não foi atrás de Creighton. Provavelmente porque sabe que o rapaz salvou a vida dele.

Mas, ainda assim, me garantiu que Creighton será um homem morto se o vir comigo.

É por isso que mantive distância.

Remi e Bran o buscaram naquele dia, e Remi pediu que não contássemos de jeito nenhum a Eli sobre o sequestro e a tentativa de tortura contra seu irmão.

— Se o psicopata do Eli descobrir que isso aconteceu com o Cray Cray, ele vai incendiar a mansão inteira, mas vai garantir que todos os Hereges estejam lá dentro desta vez — disse Remi.

— E não vai permitir que ninguém escape de sua ira — continuou Bran, com um quê de empatia na voz. — Pode acreditar, Anni: o Eli e o Lan são duas pessoas que você deve evitar; e nunca, sob hipótese alguma, deve irritá-los.

Não vi nem conversei com Creighton desde que o levaram da propriedade dos Hereges.

Ele me mandou algumas mensagens pouco depois do incidente, a maioria perguntando se eu estava bem e como consegui tirá-lo de lá. Dessa vez, fui eu quem o deixou sem resposta.

Posso ter abraçado a minha versão corajosa, mas ela não pode ser imprudente. Não quando tenho certeza de que as ameaças de Jeremy podem

se tornar realidade em um piscar de olhos.

No fim das contas, talvez seja melhor assim. Eu nunca me perdoaria se algo acontecesse com Creighton por minha causa.

Além disso, desde o incêndio, a situação entre os três clubes tem piorado cada vez mais.

Ainda não se sabe se foram os Serpentes ou os Elites os culpados pelo incêndio, ou se foi um esforço conjunto.

A tensão tem aumentado em ambas as universidades e se parece muito com a Guerra Fria. Os três clubes estão reunindo suas forças e se preparando, e ninguém sabe quando tudo vai pelos ares.

Hoje consegui convencer o Jeremy a me deixar ir para o abrigo sem os guardas.

Ele só permitiu com a condição de os guardas permanecerem do lado de fora, mas não posso reclamar.

A primeira coisa que faço assim que chego é dar uma olhada no Tigre. Corro até a gaiola dele, abrindo um sorriso gigante pela primeira vez em uma semana.

— Senti sua falta, bebezinho! Como você…

Paro quando me deparo com um pequeno hamster no lugar de Tigre.

Meu coração acelera e me afasto devagar. Harry, que está passando pelo corredor, me vê de relance e vem correndo até mim.

— Por onde você andou, garota? Sentimos muita falta da sua cara por aqui. — Ele me envolve em um abraço, e eu retribuo o gesto, ainda estupefata com o que encontrei.

— Eu estava ocupada com a faculdade — respondo enquanto nos separamos. — Harry, onde está o Tigre?

— Tigre? — repete. — Ah, Tigre, o gato que você deixava te escalar? Ele se foi.

Quase desmaio, dando um passo involuntário para trás.

Harry me pega pelo braço e dá um tapa na própria testa.

— Meu Deus, essa minha boca. Não quis dizer que ele *se foi*, tipo, *morreu*. Não, não. Eu teria te contado, e teríamos feito um funeral de verdade e tudo mais. Ele se foi, tipo, foi adotado.

— Ah. — Aos poucos, minha respiração volta ao normal, mas a pontada de dor não passa. Fico feliz que ele tenha encontrado um lar amoroso, mas queria ter tido a chance de me despedir. — Sabe quem o adotou?

— Não faço ideia. A dra. Stephanie me contou da adoção quando fui alimentá-lo hoje de manhã. — Ele aperta minha bochecha de leve, brincando. — Agora me conta o verdadeiro motivo da sua ausência. E não me venha com essa de “ocupada com a faculdade”. Você foi para um retiro de beleza e não me levou? Vou precisar do nome de onde faz suas limpezas de pele porque, minha nossa, você não só parece uma boneca, como a sua pele também é igual à de uma.

Eu sorrio.

— Shh, não conte a ninguém sobre o retiro de beleza. Vai ser o nosso segredinho.

— Sabia. Sua sem-vergonha… juro. — Ele aperta minha bochecha com um pouquinho mais de força, me provocando. — Vai me levar com você na próxima vez?

— Pode me soltar primeiro? — Dou uma risada.

— Só depois que você prometer. Seremos só nós dois para que ninguém descubra o segredo.

Em um momento, estou rindo das palhaçadas do Harry e, no seguinte, estou sendo puxada para trás por um aperto firme na cintura.

Bato contra um peito rígido enquanto uma presença imponente paira sobre mim.

Os dedos de Creighton se cravam na cintura do meu vestido, como se ele pretendesse queimar o tecido e gravar suas impressões digitais na minha pele.

Levanto a cabeça, apressada, para olhar seu rosto. Não há mais rastros de sangue, nem fuligem ou impurezas em suas feições tão atraentes que são quase um crime.

No entanto, há escuridão; do tipo lenta e crescente, que poderia a qualquer momento se transformar em um furacão.

Apesar da minha resolução de ficar longe dele, borboletas intrometidas explodem por todo meu estômago com a intenção de me devorar de dentro para fora.

É injusto que esteja vestindo seu jeans e moletom de sempre, e ainda assim pareça ter saído de um desfile de moda. É ainda mais injusto que ele tenha o superpoder de roubar minha atenção sem nem se esforçar.

— Ela mandou soltar. — Sua voz grave está impregnada de um quê raivoso, e eu tremo, mesmo que não seja direcionado a mim.

Harry, que é forçado a me soltar, parece alheio à tensão e apenas o encara boquiaberto.

— Caramba. E aí, bonitão. Não sabia que vocês conversavam. Aliás, sentimos sua falta a semana toda! Espera aí, você só vem por causa da Anni?

Meus lábios se abrem. *Não me diga que Creighton não apareceu no abrigo quando eu não estava aqui?*

Em vez de responder, Creighton praticamente me arrasta com ele para o espacinho que uso como escritório, deixando Harry para trás.

— Foi bom falar com você! — grita ele atrás de nós. — E não se esqueça do nosso acordo, Anni, ou vou te sacrificar e começar a te chamar de "Nika".

— Não se atreva! — Eu o encaro por cima do ombro.

Ele apenas faz uma careta, abre um sorriso travesso, então faz um buraco com os dedos e desliza o indicador da outra mão para dentro e para fora dele de forma sugestiva.

Minhas bochechas esquentam quando Creighton me empurra para dentro do cômodo e bate a porta atrás de nós.

Todo o constrangimento é esquecido quando seu peito se choca contra o meu.

Cambaleio para trás até bater na parede. Abro a boca para falar, mas até isso é interrompido quando ele agarra minhas mãos e as prende acima da minha cabeça.

O som grave de sua voz reverbera pela minha pele quando ele sussurra perto demais do meu rosto:

— Vou te fazer algumas perguntas, e você vai respondê-las, Annika. Minta para mim e será punida. Fui claro?

CAPÍTULO 13
ANNIKA

Quanto mais sustento o olhar de Creighton, mais ofegante e instável se torna minha respiração.

Olhos severos.

Olhos totalmente desprovidos de emoções.

Sempre o vi como alguém distante, com gelo correndo nas veias em vez de sangue, mas esta é a primeira vez que presencio esse fato em primeira mão.

Sem falar nessa frieza… Está se infiltrando sob minha pele e agarrando-se à minha parte mais sombria.

— Fui claro, Annika? — A letalidade em sua voz atinge minha pele como um chicote.

Não consigo evitar o leve sobressalto dos meus ombros, nem a secura na garganta, apesar das minhas tentativas de me manter firme.

Engolindo em seco, assinto devagar.

— Você tem voz. Use-a.

Meu Tchaikovsky, venha bater um papo com esse carinha, porque ele não tem o direito de soar tão irritantemente atraente quando está sendo tão mandão e controlador.

— Tá — murmuro e tento sorrir. — Será que pode me soltar agora?

— Para com essa mania de sorrir quando se sente desconfortável. Você não é a porra de uma boneca.

Como… *diabos* ele sabe disso?

Eu aperfeiçoei tanto meu sorriso de fachada que ninguém é capaz de enxergar através dele, então por que ele consegue?

O ato se tornou tão subconsciente que nem presto mais atenção. Então, por que ele presta?

Uma nuvem de desaprovação o envolve como uma segunda pele enquanto ele se aproxima, seu corpo esmagando o meu.

— Me diga, Annika, por que você não atendeu a nenhuma das minhas ligações nem respondeu às mensagens?

Meu peito se enche de um desejo carnal que não consigo nomear, e preciso pigarrear para falar.

— Sabe, as coisas viraram uma loucura depois do incêndio, e o Jeremy meio que confiscou minha liberdade.

— Ele não confiscou seu celular, que você andou usando para falar com todo mundo sem problemas, menos comigo.

Droga.

Levando em conta sua natureza distante, eu tinha certeza de que ele não se concentraria nesse detalhe, então não prestei atenção nesse ponto.

Aparentemente, foi um erro.

Seus dedos se cravam na pele macia dos meus pulsos, e o timbre grave de sua voz fica ainda mais baixo.

— Responde!

— É ruim ficar sem resposta, né? — Desvio da pergunta dele, tentando manter minha compostura com muito custo.

— Não tira uma com a minha cara.

— O quê? Eu não sabia que você era o único com o privilégio de deixar os outros no vácuo. Pensei em testar para ver como é, e posso afirmar com certeza que você está reagindo meio mal. Talvez eu continue sem responder se estiver com vontade. Além disso, consegue falar comigo sem me tocar?

Ele me aperta com mais força. Sou bombardeada por sua presença sobrenatural, seu calor marcante e seu aroma viciante, tudo isso enquanto tento permanecer inabalável.

Minhas chances de realmente conseguir? Nulas.

— Que joguinho é esse, roxinha?

Meu coração e mente lutam por uma reação apropriada às suas palavras. Uma parte minha quer largar essa encenação, poupar todo mundo do incômodo e me esconder na minha bolha.

Mas a outra parte, a parte que vacila com o apelido que ele me dá, briga, exigindo ser libertada.

— Você pode parar de usar o *inha*?

— Mas você *é* pequenininha. — Seus dedos se flexionam na minha pele, e o ar cintila com sua intensidade assertiva.

— Vou fazer dezoito anos em breve, sabia?

— Não tem nada a ver com a sua idade.

— Então… tem a ver com o quê?

Algo em seus olhos muda, inflamando-se enquanto ele os percorre pelo meu rosto e meu peito arfante.

— Você é tão pequena e frágil que estou sempre com vontade de te morder, machucar, marcar e foder sua boceta com força enquanto você chora porque não aguenta mais.

Eu deveria estar muitas coisas agora, incluindo horrorizada, petrificada e assustada… mas com um tesão descarado e vergonhosamente molhada com certeza não estão entre elas.

Maldito seja ele e sua boca surpreendentemente suja.

— Vou perguntar pela última vez: que joguinho é esse, Annika?

— Sem joguinhos — murmuro. — Só andei pensando nos seus avisos e decidi levá-los a sério. Não vou mais te incomodar. Juro por Tchaikovsky, juro pela minha vida.

Sua expressão permanece a mesma, com exceção de um movimento sutil no maxilar.

— Tarde demais.

— O quê?

— Não vou te deixar ir.

Meu coração dispara, e todo o meu corpo parece se moldar ao seu toque.

— Mas…

— Cala a boca.

— Você não deveria querer que eu sumisse da sua vida? É isso que vem tentando fazer desde que nos conhecemos.

— Cala a boca, Annika.

Aperto os lábios e fecho as coxas com força. Esse lado controlador dele me afeta de maneiras que me recuso a admitir, e meu sangue corre para lugares que me recuso a nomear.

Ele solta minhas mãos e dá um passo para trás. Meu estômago embrulha ao considerar que talvez ele tenha pensado melhor e decidido que eu não valho a pena, afinal.

Mas Creighton não vai embora.

Em vez disso, ele coloca a mão no bolso, e percebo que faz isso quando parece estar se impedindo de fazer algo.

Como um touro em um estábulo.

— Senta na mesa.

Meu olhar se volta para a única mesa no cômodo, minha pequena escrivaninha que está encostada na parede coberta por uma pilha de papéis.

— P-por quê?

— Para de questionar. Quando eu disser para sentar na mesa, você se senta na porra da mesa.

Eu me sobressalto, odiando e amando a pulsação entre as minhas pernas. É impossível controlar meu corpo quando ele está por perto; Creighton confisca e incinera esse autocontrole como se fosse seu direito de nascença.

Depois de uma tentativa inútil de me acalmar, subo na mesa. Assim que estou sentada, ele estala a língua.

— Abre as pernas o máximo que puder. Pés e palmas das mãos na mesa.

Minhas bochechas esquentam e sinto meu pescoço pulsar. Uma parte minha quer resistir, mas não consigo fazer isso sob seu olhar perscrutador, então levanto as pernas e me posiciono do jeito que ele pediu.

Meu vestido sobe até a cintura, revelando minhas coxas nuas e a renda da calcinha. Calcinha esta que Creighton vê assim que para na minha frente. Ele permanece ali, imóvel como uma estátua, enquanto tremo e me sinto totalmente deslocada.

Começo a fechar as pernas, mas um simples olhar duro dele é suficiente para me fazer desistir da ideia.

Merda.

Por que ele parece uma pessoa completamente diferente neste momento e por que estou tendo uma reação tão intensa a esse fato?

— Agora será um. — Ele puxa a cadeira da escrivaninha e joga seu peso sobre ela, sentando-se na altura da minha parte mais íntima. — Me desobedece de novo e serão dez.

Com ele perto assim, estou me afogando em seu perfume inebriante enquanto seus olhos sombrios devoram o que está entre minhas pernas.

— Você falou que estava levando meus avisos a sério, né?

Assinto, tentando, sem sucesso, não pensar no ângulo pelo qual ele está me observando. É tão íntimo, o tipo de intimidade que deixa meus pulmões ofegantes por ar.

A mão dele sobe rapidamente entre as minhas pernas, e arfo quando ele coloca a mão em concha por cima da calcinha, os dedos cravando-se na pele sensível.

— Então, por que você está encharcada, roxinha?

Minhas palmas ficam suadas e aperto os lábios.

— Cadê sua boca espertinha agora? — Ele mexe na minha calcinha até a costura roçar nas minhas partes. — Ou ela só serve para mentir?

A fricção do tecido contra minha vulva superestimulada é prazerosa e dolorosa ao mesmo tempo. Estou começando a achar que talvez essas duas sensações andem de mãos dadas quando se trata de Creighton.

— Você fica provocando, andando por aí com essas sainhas curtas e calcinhas de renda, implorando para ser disciplinada. — Ele dá um tapa na minha boceta. *Com força*. — Mas você não pode fugir agora. Não é assim que funciona. Sabe por quê?

Meu corpo inteiro estremece com a força do golpe; lágrimas brotam dos meus olhos e mais tesão cobre minha calcinha e sua mão.

Seus olhos selvagens encontram os meus, escorrendo um sadismo carnal e animalesco.

— Porque eu decidi que você será meu brinquedinho.

E então ele me preenche.

Sua mão cheia de veias envolve minha coxa, fazendo-a parecer pequena, e ele mergulha entre minhas pernas. Sua barba por fazer arranha a pele sensível conforme seus dentes mordiscam minha boceta por cima da calcinha. Então, ele praticamente a rasga, afastando-a do meu corpo.

Estremeço, mas logo colapso quando ele enfia a língua dentro de mim.

Arqueio as costas, erguendo o corpo, mas ele me mantém contra a mesa.

Puta. Que. Pariu.

Preciso de todas as forças para não me mexer muito. Tento fechar as pernas para conseguir um pouco de fricção. Um pouco, qualquer coisinha, mas seu aperto implacável na minha coxa me proíbe de fazê-lo.

Minha cabeça pende para trás enquanto faíscas de prazer se espalham do meu âmago para todo o meu corpo.

Habilmente, ele mexe no meu clitóris com o polegar e o indicador no mesmo ritmo insano com que me fode com a língua.

Meus quadris se movem para a frente, e só percebo isso quando o ritmo frenético de sua língua quase me desfaz. Levanto as mãos para agarrar seus cabelos. Então basicamente rebolo na cara dele enquanto estrelas invadem minha visão.

Um orgasmo poderoso toma conta de mim.

Desta vez, ele é mais desesperador, com tamanha intensidade e falta de controle que fico surpresa por não desmaiar.

Minhas pálpebras tremulam, encobertas pelos cílios enquanto tento abafar meus gemidos descarados.

A cabeça de Creighton espreita por entre as minhas pernas, e ele bate na minha boceta com tanta força que grito. O prazer se mistura com a dor outra vez, e não faço ideia se as lágrimas que se acumulam nos meus olhos são graças à primeira ou à segunda opção.

— Eu falei que você podia tirar as mãos da mesa?

Nego com a cabeça, e ele me encara.

— Não — sussurro enquanto minhas palmas suadas voltam para a mesa.

— E qual seria a sua punição?

— Ah.

— "Ah" não é resposta.

— Dez.

Um entusiasmo assustador cobre seu rosto com a perspectiva de me punir. Ele se excita ao saber que vai infligir dor, que minha carne carregará um mapa de marcas dele.

— Começa a contar. — Ele dá outro tapa na minha boceta, e eu me encolho, arfando.

A cada golpe, a dor aumenta, oferecendo uma quantidade mínima de prazer, o suficiente para me fazer querer gozar, mas não o suficiente para permitir que isso aconteça.

Durante a punição, ele é feroz, sem misericórdia nenhuma. Ele não para quando guincho, grito ou soluço.

Especialmente quando soluço.

Minhas lágrimas intensificam aquele brilho sádico em seu olhar — a necessidade por mais, mais e muito… *mais*.

Uma fera.

É isso o que ele é agora, com a expressão firme, o maxilar tenso e os lábios apertados.

E controle… ele transborda controle. Cada vez que minhas pernas vacilam ou pendem, ele as endireita para que eu fique na posição correta.

Para que eu fique à mercê dele para fazer o que quiser.

Quando ele termina de me punir, estou chorando copiosamente. Minha boceta parece estar em chamas, mesmo com o tesão cobrindo a parte interna

das minhas coxas.

Creighton se levanta da cadeira e se ergue sobre mim. Minhas pernas ainda estão dobradas, meu corpo inteiro treme e lágrimas cobrem minhas bochechas. No entanto, não ouso secá-las, temendo que isso me cause mais problemas.

Ainda não sei como isso tudo funciona, mas sei que, apesar da dor e do desconforto, me sinto atraída de maneiras inexplicáveis.

Sua mão toca o meu rosto, mais fria do que a minha bochecha quente, grande e… segura.

Ele passa o polegar logo abaixo dos meus olhos, espalhando as lágrimas na minha pele enquanto fungo em silêncio.

Sadismo puro brilha em seus olhos da cor do oceano, parecendo erradicar quaisquer sentimentos nobres que ele possa ter.

— Amo ver suas lágrimas.

Minha respiração falha quando um arrepio me percorre.

— Isso… soa doentio.

— Eu *sou* doente. Você deveria ter ficado longe quando teve a chance.

Ele desliza o polegar por todo meu rosto outra vez, a escuridão dentro dele mudando, transformando-se e fervendo por trás de sua expressão fria.

Atenta, observo com interesse.

Assim como da outra vez, parece que sempre que ele me pune, algo tenta emergir de dentro de si.

Brigando.

Mordendo.

Batendo.

É como se ele estivesse… guerreando pelo controle. Mas contra quem? E por quê?

Como se confirmasse meus pensamentos, ele enfia a mão no bolso e dá um passo para trás.

Ele está indo embora.

De novo.

Não consigo evitar sentir uma pontada de vazio diante da disfuncionalidade disso tudo.

Mas não vou permitir que Creighton me descarte assim. Eu queria aceitar a oferta de me afastar que ele ofereceu, mas ele não deixou.

O mínimo que pode fazer é me tratar como se eu tivesse valor.

Abaixo as pernas e me arrumo na mesa.

— Será que desta vez vou encontrar um bálsamo para bocetas doloridas na minha correspondência?

Ele para a alguns passos da porta e se vira com os olhos semicerrados.

— Não seja malcriada.

— Não seja um babaca. Não sou uma boneca inflável que você pode usar e descartar.

— Não, não é mesmo. Ainda não te fodi.

Sinto minha nuca e minhas bochechas esquentarem, mas eu continuo:

— Ou você me dá o respeito que mereço, ou me deixa ir embora disso.

— Já falei que é tarde demais para te deixar ir.

— A solução é simples, então.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— É sério, Creighton. Se acha que estou blefando, me testa para ver. Eu finjo que namoro com o Brandon. Só não vai se arrepender depois, porque namoros de mentira quase sempre se tornam reais.

Seu cenho se franze e seus olhos se estreitam quando sua voz gélida ecoa:

— Nada de namorar o Brandon, de mentirinha ou não.

— Então faz o que eu quero.

— E o que você quer, roxinha?

Pulo da mesa, e caramba, superestimei demais minhas habilidades, porque minha boceta lateja freneticamente.

Creighton também deve ter notado a mudança no meu rosto, porque seu olhar sombrio desliza para minha boceta recém-coberta antes de, por fim, encontrar meus olhos.

Esperando.

Intimidando.

Dou um passo na direção dele.

— Vá a um encontro comigo e te digo o que quero.

— Eu não vou a encontros.

Meu rosto deve estar horrendo por causa das lágrimas, mas ainda assim jogo o cabelo sobre o ombro.

— Nesse caso, acho que vai ter que começar a ir.

Então, passo por ele com a cabeça erguida.

CAPÍTULO 14
CREIGHTON

— Essa é a sua ideia de encontro? — Passo o olhar pelo telhado do abrigo, agora montado com um cenário que lembra um piquenique.

Quando Annika exigiu um encontro ontem, eu estava pronto para ignorá-la. Mas este é o problema dessa garota irritante: é impossível a ignorar.

Toda vez que finjo que ela não está lá, ela invade o lugar com sua presença colorida, tagarela e muito malcriada.

Hoje ela apareceu para se voluntariar com uma enorme bolsa pendurada no ombro. Agora entendo o porquê.

Um lençol roxo xadrez está no chão, e sobre ele repousam inúmeros pratos. Macarrão, almôndegas, três tipos de salada, peixe com fritas e uma cesta de frutas.

Annika está ajoelhada, servindo o que parece ser suco de maçã em um copo cheio de glitter com um canudo ainda mais brilhante.

Sem sucesso, tento não prestar atenção na maneira como está sentada. Tenho quase certeza de que ela não quer provocar, mas é exatamente isso que acontece quando, de maneira natural, fica nessas posições submissas, e ainda por cima consegue ter um visual elegante durante o processo.

Uma onda de calor vai até abaixo da minha cintura, e meu pau desperta lenta, mas firmemente. Ele engrossa só de pensar em estraçalhar sua boceta e virá-la do avesso.

Cedo demais.

Ela não está acostumada com a dor.

Porra, ela nem conhecia a dor antes de eu entrar em cena. Preciso me lembrar de que não posso dominá-la… *ainda*.

Para piorar, a roupa que ela escolheu hoje não ajuda. Está usando uma saia de babados que vai até acima dos joelhos e um cropped ciganinha que mostra seu umbigo. Do modo como a encaro de cima, ela parece tão pequena que eu poderia destruí-la com um açoitamento.

Não, mordidas já bastariam.

Sua pele pálida ficaria vermelha, depois roxa, igual à sua cor favorita.

— Infelizmente, sou como a protagonista de *A Filha do Presidente* e preciso ser vigiada o tempo todo, então este é o único tipo de encontro que podemos ter até segunda ordem. — Ela sorri para mim, o cinza-azulado dos seus olhos brilhando sob a luz do sol. — Vai ficar aí parado o dia todo?

Com um suspiro, me sento na ponta do lençol e pego alguns talheres.

— Você precisa ter tudo sempre tão… *roxo*?

— Você precisa ser tão mal-humorado sobre tudo? Além disso, roxo é a melhor cor. Foi mal, não faço as regras.

Eu a encaro; normalmente, ela quebraria o contato visual ou tentaria mudar de assunto, mas desta vez apenas balança a cabeça como se eu fosse o irracional ali.

Então, ela empurra o peixe com fritas na minha direção.

— Olha, fiz seu prato favorito. É claro que precisei implorar para a Ces me ensinar a preparar por videochamada, e não foi tão difícil assim. Aliás, as pessoas dizem que sou uma péssima cozinheira, e quando digo *pessoas,* minha família está inclusa. Ava diz que eu deveria me limitar a saladas, então entendo cem por cento se você não quiser comer.

Ela deveria ter dito aquilo antes de me entregar o maldito pote. Abri o recipiente e provei um pouco da comida, em seguida praticamente engoli sem mastigar. Sou a pessoa mais despretensiosa do mundo com comida — sendo comida, eu devoro —, mas a Annika é uma criminosa culinária de carteirinha.

Ela deveria ser banida da cozinha.

Fico surpreso que minha expressão não muda enquanto mando aquela gororoba salgada goela abaixo. Dou outra mordida antes que a primeira acabe.

Quando pego uma garrafa d’água, percebo que ela está me observando com os olhos arregalados e os lábios entreabertos.

— O que achou?

— Nada mal. — Eufemismo. É a pior coisa que já comi, e deve ser considerado o fato de que minha mãe também não é uma boa cozinheira.

Mas, assim como minha mãe, Annika se esforçou por minha causa. Então isso é algo bom, eu acho.

Seu rosto desmorona e ela mexe no canudo em seu copo.

— Ah.

É normal que eu odeie esse tipo de expressão no rosto dela? Fica ainda mais perceptível quando ela muda drasticamente de toda animada e cintilante para completamente abatida.

— Tá bom. — Continuo comendo. — Só tá um pouquinho salgado.

Outro eufemismo.

— Sério? — Ela estica a mão, mas hesita. — Posso experimentar?

— Não.

— Para de ser mesquinho. Só quero ver o quão salgado está.

— A resposta ainda é não.

Ela enfia o garfo na salada e pega um monte, encarando-me por baixo dos cílios.

Resisto à vontade de sorrir para sua expressão absolutamente cômica e abro minha água. Annika é a primeira pessoa que conheci com emoções tão visíveis; observá-la se tornou um pouco inebriante.

É divertido provocá-la ou irritá-la só para ver a mudança perceptível em seu rosto.

Comemos em silêncio por um instante. No meu caso, como e bebo água quase ao mesmo tempo.

Ainda assim, sei que a paz vai terminar em três, dois, *um*…

— Achei que isso seria um encontro entre nós, mas, aparentemente, acabei de formar um parzinho entre você e a comida. Talvez eu não devesse incluir alimentos daqui para a frente.

Você não deveria cozinhar daqui para a frente.

Mas não falo nada. Em vez disso, passo para as almôndegas depois de terminar o primeiro prato.

Annika ainda devora a salada como se sua vida dependesse disso.

— Andei querendo te perguntar: por que você gosta tanto de comida? Na verdade, não sei se você gosta mesmo ou se só é chegado no ato de comer em si.

Engulo o bolo de almôndegas igualmente terríveis e levanto a cabeça.

— Por que a pergunta?

— Quero te conhecer melhor.

O que há para conhecer?

Tendo um pouco de familiaridade com a personalidade dela, não tenho dúvidas de que Annika vai fugir ao primeiro sinal de trevas.

Ela não fugiu do seu lado perturbado ontem. Nem na vez anterior.

Ignoro aquela vozinha e murmuro:

— Isso não é necessário.

— Hã, não. Essa decisão não é sua. Embora eu não tenha certeza do que somos exatamente, tenho certeza de que somos alguma coisa, e as regras dizem que precisamos nos abrir um com o outro. Então, acho melhor você querer me contar; senão, vou te irritar.

Levanto uma sobrancelha.

— Vai me irritar, é?

— Até o fim, senhor. Pode contar com isso. Sou muito persistente. Aliás, *Persistente* provavelmente deveria ser meu nome do meio.

— Tenho quase certeza de que deveria ser *Malcriada* — resmungo. Ela sorri, e semicerro os olhos. — O quê?

— Nada. Gosto do seu senso de humor, por mais seco que seja.

— Você acabou de me chamar de "seco", malcriada?

Ela bate uma das mãos no peito em uma reação dramática.

— Você acabou de me chamar de malcriada?

— Olha a boca, senão começo a contar.

Ela aperta os lábios e se sobressalta de leve. Pelo menos a promessa de dor tem um efeito sobre ela.

Por enquanto.

Tomo um gole d'água e olho para os prédios ao longe.

— Houve uma época na minha infância em que quase morri de fome. Desde então, sempre senti como se houvesse um buraco negro no meu estômago que não pode ser preenchido ou saciado, então, sempre que há comida, tenho essa necessidade de simplesmente… devorá-la.

Sua mão ao redor do garfo se afrouxa e ela me encara com um olhar de dó.

Olhos inocentes.

Que estou tentado a encher de lágrimas outra vez.

— Seus pais sabem disso?

— Eles me salvaram daquela fome eterna.

— Sinto muito…

— Não me venha com piedade, ou esta será a última vez que te conto alguma coisa.

— Tem razão. Desculpa. Não tenho o direito de sentir pena de você, e realmente não foi minha intenção. Ser empática é algo natural para mim.

Mas juro por Tchaikovsky que não farei isso de novo.

Já conheci muitas pessoas. Algumas são cheias de segredos, outras são falsas, algumas são sinceras, mas todas elas, sem exceção, escondem um pedaço de si.

Só Annika é sempre sincera sobre si. O que você vê é o que realmente é… na maioria das vezes. Tenho o pressentimento de que, se eu cavar mais fundo e puxar com mais força, consigo trazer a escuridão latente à tona.

O fato é que ela é a única que admitiria ter feito algo errado sem se dar ao trabalho de inventar desculpinhas.

E talvez eu goste disso um pouquinho além da conta.

Ela me empurra o terceiro prato: o de macarrão.

Eu o pego, engulo um bocado salgado para caralho, então me inclino para trás, apoiando-me em uma das mãos, com o prato no colo.

— Qual é o seu lance com o Tchaikovsky?

Ela sorri, o rosto se iluminando como se estivesse conhecendo seu ídolo.

— Ele é meu deus. Sabe como as pessoas adoram Jesus, Alá e Buda? Eu ouço os balés, os concertos e as sinfonias de Tchaikovsky. Eles me dão a mesma espiritualidade que as religiões almejam. Tudo começou quando eu tinha uns quatro anos e minha mãe me levou para assistir ao balé pela primeira vez. Chorei de verdade assistindo *O Lago dos Cisnes*, e me perdi no brilhantismo de Tchaikovsky. Assim que chegamos em casa, falei: *Precisamos conversar, mamãe. Decidi que com certeza vou ser um cisne quando crescer, então convença o papai e faça acontecer. Por favorzinho.*

Passo meu garfo pelo prato sem comer. Não é que eu odeie o sal excessivo, é só que a história dela com aquela voz suave e cheia de vida é mais interessante do que comida.

Isso é inédito.

— Presumo que ela tenha feito isso acontecer? — pergunto, sem outra razão a não ser fazê-la continuar.

— No começo? Ela foi totalmente contra. Então, a questão é que… eu descobri mais sobre o assunto durante os anos, conversando com o guarda-costas favorito e melhor amigo da minha mãe, Yan (aliás, ele é o que papai menos gosta, porque meu pai sabe ser bobo e ciumento quando quer)… Enfim, descobri que minha mãe foi, tipo, uma primeira bailarina icônica do New York City Ballet, mas sua carreira terminou de repente. Depois disso, ela meio que pegou raiva do meio e só começou a se conformar com o fim

da carreira quando eu era pequena, e foi por isso que me levou àquele espetáculo. Ela tem amigos lá; diretores, coreógrafos e bailarinos renomados. Mesmo assim, não queria que eu vivesse aquilo. Então, em vez de a minha mãe me ajudar a convencer meu pai, foi ele quem teve que a convencer. Chocante, pois é. Eu mesma não conseguia acreditar. No fim das contas, deu tudo certo, e ela concordou em me colocar nas aulas uns meses depois da minha primeira ida ao balé.

Ela suspira e toma um gole do suco.

— Eu estava certa de que queria ser bailarina. Até consegui participar de vários espetáculos no ensino médio e me saí bem, mas minha mãe me convenceu a dar uma chance para a faculdade durante um ano, a estudar a arte sob uma perspectiva acadêmica e ver se eu prefiro isso ao balé. Aceitei mais pela aventura do que por qualquer outra coisa, além da chance de me livrar do olhar vigilante do meu pai, mesmo que apenas por um tempo. Não tenho certeza de qual prefiro. Só vou decidir no fim do ano. — Ela levanta a cabeça, arregalando os olhos. — Foi mal por isso. Acho que me empolguei.

— Pelo quê?

— Você… não vai dizer que eu falo demais?

— Você fala demais mesmo.

— Ah.

— Já me acostumei.

— *Ah.* — Desta vez, um sorriso acompanha a fala. — Mas, quer saber, tenho a impressão de que falo demais quando estou com você, porque você fala de menos. Alguém precisa preencher o silêncio.

— Por que ele precisa ser preenchido?

— Não é da natureza humana socializar e formar conexões?

— Nem todos os humanos são iguais.

— É verdade. Eu não sabia que o seu tipo existia.

— Meu tipo?

— A aparência de um príncipe, mas os gostos de um demônio. Me pegou totalmente desprevenida e me surpreendeu para caramba.

Meus lábios formam um sorriso irônico.

— Gostos de um demônio, hein?

— Dã, você já viu sua cara quando inflige dor? Espera aí, você está sorrindo? — Ela pega o celular e tira o que parecem mil fotos, continuando por muito tempo mesmo depois de eu voltar à minha inexpressividade.

Ainda assim, ela sorri, parecendo satisfeita com sua conquista enquanto rola a tela do celular.

Eu me remexo para aliviar o aperto repentino sob meu cinto.

— Você me falou que odeia dor. Ainda é o caso?

— Com certeza. Quem quer sentir dor? — Ela ainda encara o celular.

Meu maxilar se contrai e aperto o pote de comida com mais força. Achei que ela mudaria de ideia se eu pegasse leve no começo, mas talvez eu esteja perdendo meu tempo com alguém que só quer sexo baunilha.

Mas não posso ter me enganado quanto ao gosto dela.

A Annika tem uma masoquista submissa interior que dá as caras de vez em quando, principalmente quando ela não está prestando atenção.

— Parte dos meus "gostos de um demônio" é que só consigo sentir prazer se infligir dor.

— E eu não sei? — Ela balança a cabeça. — Ainda estou dolorida por causa da punição idiota de ontem.

— Olha para mim.

— Um segundo.

Estico-me, pego o celular dela e o atiro para longe.

— Quando eu digo para olhar para mim, você olha para mim.

Ela engole em seco e uma vermelhidão sobe por suas bochechas. Quero lamber aquele rubor, mordê-lo, triturá-lo com os dentes.

Levanto seu queixo com o dedo indicador e o médio para que eu seja o centro de suas atenções.

— Se acha que isso é um joguinho ou um experimento temporário, então você não faz a menor puta ideia de com o que está lidando, roxinha. Vou destruir sua vida e não deixar pedacinhos para pegarem depois. Quando eu te mando fazer algo, você não questiona, não vem com birra e, com certeza, não age como uma malcriada. Fui claro?

Seus lábios tremem antes de ela os apertar.

— Cadê sua resposta?

— Ainda estou pensando nela.

— Não há o que pensar em um "sim, eu entendo".

— Não, eu não vou concordar com tudo o que você diz. Não é assim que relacionamentos funcionam. Há concessões de ambas as partes. Você pode dar uma olhada no Google.

— Annika.

Ela sorri, mesmo ainda estando trêmula.

— O quê, Creighton?

— Você está forçando a barra.

— E você está sendo um opressor. Não me importo com o seu domínio no sexo, e até com a dor, porque também traz prazer, mas você simplesmente não vai ditar a minha vida nem me fazer viver de acordo com as suas regras. É como se fosse a versão 2.0 do meu pai e do Jeremy, e não me agrada.

Eu solto o queixo dela e me afasto.

— Um.

— Não pode ser sério.

— Dois.

— Ah, qual é? Não posso dar a minha opinião?

— Não quando está me desafiando. Três.

— Para de contar, maldição.

— Não se você não parar de falar. Quatro.

— Você…

— Cinco.

Ela abre a boca para dizer algo, mas a fecha imediatamente e me olha feio, com os braços cruzados sobre o peito.

Parece que encontrei o método perfeito para fazê-la ficar de boca fechada.

Termino a refeição em silêncio enquanto ela espeta a salada sem parar, mas mal come. Contenho um sorriso.

Só Annika tentaria chamar atenção mesmo quando suas únicas opções são agir em silêncio.

Ela abre a boca algumas vezes, mas ao lembrar que isso aumentará sua punição, a fecha e grunhe baixinho.

Observo-a nessa agonia por alguns minutos, amando a visão um pouco além do que deveria, antes de finalmente perguntar:

— Você tem algo a dizer?

— Neste momento, eu te odeio.

Meu maxilar fica tenso.

— Seis. Da próxima vez, pense antes de falar.

— Continuo te odiando. Não acredito que sacrifiquei minha liberdade por você, semana passada.

— Sete. — Inclino a cabeça. — E o que você quer dizer com “sacrificou sua liberdade”?

— Você realmente achou que o Kill, o Niko e o Gaz te deixaram ir por pura bondade?

Aperto os olhos.

— Não use apelidinhos. Eles têm nome de gente.

— Ah, me poupe. Além disso, esse não é o ponto. Eles acharam que você tinha iniciado o incêndio na mansão, por ser o culpado mais provável, considerando sua proximidade com os Elites, então, para driblar a culpa, falei que você estava comigo a noite toda. É claro que o Jeremy descobriu e me colocou em prisão domiciliar, de casa para a aula.

Coloco os talheres e o pote no chão. Quando acordei na mansão dos Elites, o Remi estava superanimado, me chamando de sua cria favorita e me pedindo para não o preocupar mais.

Ele também contou que receberam um telefonema dos Hereges para me buscar, então pensei que Nikolai tivesse percebido que tinha cometido um erro ao me apagar e decidido me soltar. Jamais acreditaria que Annika tivesse algo a ver com isso. A Annika boazinha. A Annika que acredita que o *conflito é maléfico*.

Sem brincadeira, já a ouvi dizer esta exata frase para Ava uma vez: *O conflito é maléfico e deve ser evitado a todo custo.*

Achei que Jeremy tinha reforçado a segurança ao redor dela e a impedido de ir ao dormitório da UER por temer que estivesse em perigo.

Acontece que ele estava especificamente mantendo-a longe de mim.

— Por que você só está me contando isso agora?

Ela joga uma das mãos para o alto.

— Não achei que fosse importante.

— Mas é. Eu não te avisei para não se colocar em perigo? Sou capaz de lidar com seu irmão.

— E quando teria feito isso? Antes ou depois de os Hereges te espancarem até virar um bagaço?

— Não importa. É sério, Annika. Para de se sacrificar pelos outros. Ninguém vale a pena, inclusive eu.

— Sou eu quem decide isso, não você.

— Annika — aviso.

— Oito? Tanto faz.

— Agora nove.

Ela solta um suspiro frustrado, mas volta a me olhar com aquela inocência.

— Foi você?

— Eu o quê?

— Que queimou a mansão?

— Acha que fui eu?

— Não sei o que pensar. Você tem um histórico de atear fogo no complexo dos Hereges. Aliás, por que fez aquilo?

— Você não precisa se preocupar.

— Ok, e por que apareceu no meu quarto? Acho que tenho o direito de saber o motivo de você aparecer lá ou em qualquer lugar.

— Estava tentando encontrar uma saída. — E eu poderia ter usado qualquer sacada, mas inconscientemente pulei na dela.

Era a mais fácil de identificar, considerando as almofadas roxas e os bichinhos de pelúcia do lado de fora.

Naquela época, eu não tinha certeza de por que tomei aquela decisão precipitada de pular na sacada dela, mas agora sei.

Mesmo quando achava que não tinha o menor interesse em Annika Volkov e em sua presença irritante e tagarela, eu ainda a procurava quando ela não estava por perto. Nunca expressei isso em voz alta, mas percebia sua ausência.

Mesmo contra minha vontade.

Naquela época, ela não ia ao apartamento que dividia com as meninas há três dias e estava confinada na mansão do irmão.

E uma parte de mim queria vê-la.

Seus ombros caem com a minha resposta, mas ela pergunta:

— Foi por isso que aquele segundo incêndio aconteceu? Não conseguiu terminar o trabalho no anexo, então decidiu ampliar a área atingida?

— E arriscar sua vida no processo?

— Pequenos sacrifícios pelo bem maior, certo? — Seu corpo inteiro enrijece e seus dedos tremem. Ela não quer acreditar nas próprias palavras, mesmo enquanto as pronuncia.

— Se é isso o que você pensa, então esta conversa terminou. — Eu me levanto.

Annika se coloca de pé em um pulo e agarra meu braço.

— Mas é verdade?

— Não sei. Me diga você. Acredita que eu te machucaria e depois salvaria você *e* seu irmão?

Ela fica em silêncio.

— Acredita nessa porra, Annika?

— Não — ela revela em um murmúrio ínfimo. — Mas eu quero ouvir de você.

— Eu nunca te machucaria.

Ela solta um longo suspiro e o brilho retorna lentamente aos seus olhos. Ela abre um sorrisinho e para na minha frente, perto o suficiente para que eu a faça parecer minúscula.

— A não ser durante o sexo, né?

— A não ser durante o sexo, malcriada.

— E se ficar muito intenso e eu não aguentar mais? O que devo fazer?

— Escolha uma palavra e diga ela. Então, eu paro.

— Ah, tipo uma palavra de segurança?

Está mais para um refúgio da minha escuridão. Mas assinto.

— É, uma palavra de segurança. Qual você quer que seja?

— Violeta — responde ela, sem hesitar. — Não gosto dessa cor. É inferior ao roxo.

— Por que não estou surpreso?

— Porque você está começando a me conhecer. Parabéns por virar VIP.

Dou um peteleco na testa dela de brincadeira, sem força suficiente para machucar.

Ela coloca a palma da mão sobre o local atingido.

— Por que isso?

— Por causa da sua boca espertinha.

— Vou considerar isso um elogio… Ai, não! — Ela olha para o céu enquanto ele se abre e uma chuva torrencial começa a cair. — Meu cabelo. Qual é, Inglaterra? Que droga.

Ela corre para a porta que leva ao andar de baixo com as mãos cobrindo a cabeça.

Ao se refugiar na soleira, ela olha para trás e me vê parado no mesmo lugar de antes. Encaro o céu, deixando a chuva me encharcar em segundos. Fecho os olhos e deixo que a água me lave.

Sempre amei a chuva.

Chovia quando acordei no hospital e também no dia em que conheci mamãe e papai pela primeira vez. De certa forma, a chuva limpa tudo.

Inclusive um passado sangrento.

Me deu um novo começo, mesmo que minhas memórias continuem a me assombrar.

— Creighton, o que você está fazendo?

— Sentindo a chuva.

— Mas você está todo molhado!

Meus lábios se curvam em um sorriso travesso.

— Esse comentário é para ser sobre mim ou sobre você? Da última vez que chequei, sua boceta estava toda molhada depois que a puni.

— Seu… pervertido sádico de merda.

— E… dez. — Abro os olhos, inclino a cabeça na direção dela e estendo a mão. — Vem cá.

— Se acha que vou para baixo da chuva, você enlouqueceu.

— A loucura não é algo normal neste mundo louco?

— Nãna-nina-não. Passei duas horas arrumando meu cabelo para ele ficar bonito assim.

— Se você continuar se escondendo da chuva, vai perder a sensação.

— Prefiro perder a estragar meu cabelo e minhas roupas. Até a comida foi arruinada.

Dou de ombros e fecho os olhos outra vez.

Neste exato momento, Annika provavelmente está correndo escada abaixo para secar o cabelo. Eu não me surpreenderia se ela tivesse uma muda de roupa em algum lugar no abrigo. Está sempre preparada para esse tipo de situação.

Sempre se esforça para ter a melhor aparência possível, como se qualquer coisa além disso fosse um insulto direto à sua personalidade.

Uma música clássica lenta preenche o ar antes que uma mãozinha deslize sobre a minha e o sutil aroma de violeta invada minhas narinas.

— Se vou estragar meu cabelo, é melhor você dançar comigo.

Abro os olhos e encaro seu rosto pequeno, todo encharcado. Gotas de água escorrem por suas bochechas e seu pescoço. Sua blusa branca fica transparente, moldando-se ao sutiã sem alças e revelando um pouco dos seios redondos e empinados.

Faço uma anotação mental para lhe dar meu moletom antes de descermos, para que ninguém a veja assim.

— Eu não danço — digo.

— Não se preocupe. Eu te ensino. — Ela coloca a mão no meu ombro e posiciona a minha na cintura dela, então começa a se mover devagar ao ritmo da música.

Ela parece tão pequena nos meus braços, como se fossem feitos para ela.

A necessidade de devorá-la pulsa dentro de mim como um impulso imperativo.

De novo.

E de novo.

E mais uma vez.

Ela deve ter visto a necessidade animalesca no meu rosto, porque seus lábios se entreabrem. O ar parece se comprimir, movendo-se com uma tensão insuportável que vem crescendo desde que a espanquei até ela gozar.

Ela não só não se importou com a dor, como também ficou excitada.

Eu me pergunto até onde posso ir antes de finalmente chegar aos seus limites.

Me pergunto se vou parar nesses limites ou convencê-la a expandi-los.

— Agora você me gira — sussurra ela, sua voz alta demais no silêncio. Então usa minha mão para rodopiar seu corpo com muita graça.

Estou preso à sua elegância e à forma como ela parece pertencer aos meus braços; como quero mantê-la colada em mim, então a puxo, e ela se choca contra o meu peito.

No momento em que ela ofega, abaixo a cabeça e tomo seus lábios com os meus. Annika se derrete, seus lábios entreabertos, provavelmente graças ao choque, e eu aproveito a chance para deslizar minha língua para dentro de sua boca.

Eu a consumo como se estivesse faminto por um pedacinho; um gole.

Um beijo.

Meus lábios pressionam os seus, minha língua dominando a dela. Lambendo, sugando, mordendo, mordendo e *mordendo*.

Ela geme, suas mãos frouxas nos meus ombros, e isso pode ser um convite para eu devorá-la.

Eu a beijo como nunca beijei, porque de fato nunca havia a beijado, nunca considerei o ato como algo valioso; não até essa garota invadir minha

vida e bagunçar tudo.

Meus lábios se deleitam com os dela com a energia de uma fera insaciável até a deixar ofegante, até que seu corpo se molde ao meu. Até que eu não consiga mais saber onde ela começa e eu termino.

A chuva cai sobre nós como uma testemunha do momento.

Annika Volkov não conseguirá escapar de mim.

Nem se ela quiser.

CAPÍTULO 15
ANNIKA

FAZ DUAS SEMANAS QUE MINHA VIDA VIROU DE CABEÇA PARA BAIXO.

Que dancei com Creighton debaixo da chuva e ele me beijou.

Ou melhor, me devorou todinha e se deliciou com os restos até eu achar que desmaiaria.

Nunca pensei que beijar pudesse ser uma experiência de vida ou morte, mas Creighton, é claro, age como se sua missão fosse destruir cada uma das minhas convicções.

Antes dele, eu me achava sensível demais à dor, mas a cada punição, a cada tapa da sua mão, começo a desconfiar que eu talvez curta essa depravação. Talvez minha sensibilidade seja um dos motivos pelos quais gosto tanto.

Ou talvez eu goste do que vem depois: os toques controladores, os orgasmos arrebatadores.

Até as lágrimas.

Antes dele, eu achava que chorar era uma fraqueza. Agora, sempre que choro, a intensidade de Creighton aumenta um pouco e ele me devora.

Ele é sádico nesse nível.

Mas ele é *meu* sádico.

Durante as duas últimas semanas, ele tem me apresentado conceitos que eu não conhecia. Como amordaçar minha boca com a calcinha ou com os dedos enquanto me bate (ele curtiu isso até demais para o meu gosto). Ou me fazer implorar por um orgasmo, me estimulando quase ao ápice sem parar, até eu não aguentar mais.

Mas ele também me ensinou a aceitar a dor, a parar de lutar contra ela, e no momento em que o faço, o prazer me atinge com muito mais facilidade.

Em parte, porque estou me acostumando com seus cuidados.

Mas também porque é ele quem está por trás dessa dor. Ninguém mais, apenas Creighton.

Mesmo eu já tendo parado de idolatrá-lo há muito tempo. Não apenas entendo que ele é um ser humano imperfeito, como também não gosto dele em algumas situações. Principalmente quando entra no modo tirano e nega pedidos básicos.

Se eu disser não, sou punida.

Se eu o desafiar, sou punida.

Se ele achar que estou sendo malcriada? Pois é, estarei em sérios apuros.

Às vezes, parece que seu controle imaculado é sua maneira de manter partes de si seladas.

Essa teoria tem se tornado mais plausível à medida que ele intensifica as punições sempre que sente a rebelião crescendo dentro de mim.

Depois daquele beijo, senti como se uma barreira entre nós tivesse sido demolida. A triste notícia é que estou descobrindo cada vez mais barreiras.

É como se ele estivesse me mantendo a certa distância, longe o suficiente para não vislumbrar sua verdadeira natureza.

Quero dizer, além da parte sádica que não consegue sentir prazer sem infligir dor.

É por isso que tenho insistido para tirá-lo da zona de conforto. O que, basicamente, significa exigir encontros. Sim, sou punida por eles, mas vale a pena.

No começo, nos encontrávamos com frequência no terraço do abrigo e almoçávamos juntos, mas o Jeremy afrouxou a segurança na semana passada.

Não tem mais guardas me seguindo por aí, e não preciso mais ficar desconfiada o tempo todo. Até saio com as meninas; porém, ainda não cheguei ao ponto de passar as noites no dormitório.

Precisei me impor pela minha liberdade, liguei para meu pai e minha mãe e disse a eles que fugiria se continuassem me mantendo em uma coleira.

— Isso se você conseguir fugir — constatou meu pai, com naturalidade, mas depois pediu para o Jeremy me libertar.

Papai é bem adepto ao amor rígido, sabe?

Mas, enfim, depois de conquistar minha tão sonhada liberdade, saí para assistir a um filme com o Creighton, e ele, surpreendentemente, não dormiu durante a sessão.

Também fomos caminhar montanha acima, ou melhor, ele me arrastou lá para cima. O quê? Não gosto de trilhas. É esse o nome. Não é corrida, é

essa porcaria de trilha.

Ele apenas sorria e balançava a cabeça enquanto eu sofria, ficava vermelha e exigia uma pausa a cada dez minutos.

O desconforto talvez tenha valido a pena, já que pude ver seu sorriso. Que é tão raro quanto edições de colecionadores e tem a capacidade de descompensar corações. Então quem sabe não é uma bênção ele não sair por aí exibindo-o.

Além disso, não quero dividir seu sorriso, nem ele, com ninguém.

Mas eu meio que preciso fazer isso hoje.

Ava, Cecily e eu fomos ao clube de luta. É onde os alunos da UER e da King's U trocam socos. Até existe um campeonato disso. É como um extravaso para todas as rivalidades entre eles.

Como os Hereges são presença constante no campeonato, Jeremy deixou bem claro que eu não tenho permissão para entrar.

Da última vez que me encontrou no clube, ele me acompanhou para fora antes mesmo de eu assistir a uma luta sequer e me colocou em prisão domiciliar.

Por isso tive que entrar com mais cuidado desta vez. Fiz questão de usar um moletom grande, esconder o cabelo e até usar óculos escuros.

Não enxergo exatamente bem, considerando o breu da noite em contraste com as luzes ofuscantes, mas é melhor do que ser expulsa antes de assistir ao Creighton lutar nas semifinais contra ninguém menos que Nikolai.

O mesmo Nikolai que parece sempre pronto para amassar a cara de alguém e acabar com a vida de um segundo sujeito no mesmo instante.

— Vocês já tentaram impedi-lo? — pergunto às garotas, e minha voz soa assustada.

— Ninguém consegue impedir o Creighton de lutar — responde Cecily.

— Nem mesmo o tio Aiden. — Ava fica na ponta dos pés para ter uma visão melhor da multidão. — E o tio Aiden é, tipo, a pessoa mais obstinada que conheço, sério.

— Talvez ele tenha herdado a crueldade do pai? — questiono, batendo o olho em Creighton conversando com Remi na lateral do ringue; ou melhor, ouvindo Remi falar sem parar.

Creighton está vestindo apenas um shorts preto, exibindo seu físico e sua tatuagem de aranha. E não consigo parar de observar com atenção, me perdendo nos detalhes impressionantes.

Já vi mais modelos do que consigo me lembrar, mas, aos meus olhos, Creighton é o homem mais belo do mundo.

E, sim, sou tendenciosa.

— Não — discorda Cecily. — O tio Aiden não é violento. Nem perto disso. Ele é simplesmente calculista e metódico ao extremo.

— Total, mas ele pode ser violento se necessário. Papai sempre diz que não consegue acreditar que Creigh é filho do tio Aiden. Tipo, ele é tão fofo e educado, e na verdade sua personalidade combina mais com a do meu pai.

Fofo? Encaro Ava, estupefata. Estamos falando do mesmo Creighton ou ele tem um irmão gêmeo?

Cecily abre um sorrisinho irônico.

— É, seu pai obviamente prefere Creigh ao irmão mais velho.

— Shh. Não vamos falar coisas ruins quando estou me divertindo. — Ava aponta para a camiseta de Cecily, que diz: *Violência não é a resposta. Violência é a pergunta, e a resposta é sim*. — E você veio para se divertir.

— Foi você quem comprou para mim.

— E ficou perfeita em você. — Ela sorri. — Eu devia era ter feito aquela covarde da Glyn usá-la. Não acredito que ela nos deu um bolo de novo.

— Mas ela não odeia violência? — pergunto.

— É, mas está mais interessada no Killian. Ainda assim, torço por ela. Aquela garota precisava transar há um tempão.

— Ainda preferia que tivesse ficado com alguém que não fosse aluno da King's U — murmura Cecily, depois sorri para mim. — Sem ofensa.

— Não ofendeu. — Faço um gesto distraído com a mão enquanto me concentro em Creighton.

Do outro lado do ringue, Nikolai abre os braços e inclina a cabeça para trás, com os olhos fechados.

Seu roupão de cetim preto se abre, revelando seu shorts e as tatuagens extravagantes que cobrem seu peito.

O lado bom é que Jeremy e Gareth estão ao lado dele, então posso ficar de olho nos dois e fugir se vierem na minha direção.

Meu irmão tem uma luta contra o Landon pela segunda semifinal marcada para a semana que vem, e eu com certeza não estarei por perto para assistir.

Os olhos de Nikolai se abrem de repente e me encaram diretamente.

Droga.

Escondo-me parcialmente atrás de Ava, mas o olhar dele não vacila. Se contar ao Jer que vim aqui apesar de seus avisos, estou condenada a mais um episódio na torre de marfim.

Espera aí.

Vou para o lado, e o olhar de Nikolai não me segue.

Está fixo em…

Sigo seu olhar para encontrar um Brandon tenso, parado atrás de nós. Sua mão mexe no cabelo da nuca enquanto encontra a mirada animalesca de Nikolai, seus lábios estão apertados, seu olhar, duro.

É a primeira vez que vejo Brandon parecer tão chateado, tão… perturbado.

— Bran! — Ava o abraça meio de lado. — O que está fazendo aqui?

Sua expressão volta ao normal, e ele tira a mão da nuca.

— O Remi nos implorou no grupo.

— Sério? — pergunta Cecily. — Quanto é o suborno para você nos mostrar isso?

— Não precisa de suborno. — Ele pega o celular e vai até um grupo chamado *Assistentes do Lorde Remi*.

Remington: Minha cria favorita (e única, devo acrescentar) vai lutar nas semifinais hoje à noite! Vou precisar que todos vocês venham torcer pelo nosso caçulinha. Estou até emocionado, juro. Quando foi que ele cresceu tanto?

Eli: Para de falar dele como se fosse uma criança.

Remington: Vai se foder, seu psicopata. Você o chama de “irmãozinho” o tempo todo.

Eli: Mas só eu posso fazer isso.

Landon: A gente sempre pode fazer isso quando você não está por perto.

Eli: Não se você quiser ver o sol nascer amanhã. Ele é meu irmão.

Landon: E meu priminho.

Creighton saiu

Remington: Blá-blá-blá. Vocês assustaram minha cria com essas balelas aí. Ele é meu primo e minha cria, mas não me veem me gabando disso por aí, apesar de que eu deveria. Enfim, quem vai estar no clube de luta?

Remington adicionou Creighton

Brandon: Você sabe que violência não é a minha praia.
Landon: Implore primeiro, vossa senhoria.
Eli: É, implora aí. E faça valer nosso tempo.
Remington: Que tipo de tara esquisita é essa? A única vez que vou implorar é quando vocês dois forem jogados no inferno. É aí que eu vou me ajoelhar e implorar a Satanás para esfolar vocês vivos e me deixar assistir.
Landon: Acho que isso significa que você vai sozinho.
Eli: Odiaríamos que você ficasse triste, Remi.
Landon: As fãs não iam gostar.
Eli: Você pode acabar perdendo o direito de transar.
Remington: Tá bom, seus filhos da puta. Venham ter o prazer de assistir à luta, por favor.
Landon: Vai nos dar prazer, é?
Remington: Vai se foder, Psicopata 2.0. Conta isso para qualquer um e eu te mato. Tá? Tá.

Creighton saiu

Cecily ri, e Ava encara a tela sem reação por um tempo antes de rir também.

— Eu te pago para me enviar um *print* — diz Cecily.

— Eu te mando de graça.

— Ah, nós não merecemos o Bran. — Ela o agarra pelo braço.

— Amiga, ninguém no mundo merece o Bran. — Ava envolve um braço em volta do ombro livre dele.

Ele o afasta sutilmente.

— Obrigado pelo elogio, mas eu meio que ainda quero viver para ver o amanhã.

Ela revira os olhos e dá um passo para trás.

— O Creighton sempre sai do grupo? — pergunto.

Bran sorri.

— Sim, e o Remi coloca ele de volta. Parece um jogo de gato e rato.

— Ele responde vocês lá?

— Raramente.

— Ai. Meu. Deus. — Ava me observa avidamente.

— O quê?

— Garota! Esse tempo todo você falou que estava colocando a Operação Namorado de Mentira em hiato, mas é porque tá a fim do Creigh, não é?

— Agora que você mencionou… — Cecily estreita os olhos para mim. — Talvez o motivo de ela não ficar mais grudada no Creigh seja porque eles estão passando um tempo sozinhos.

— Aliás, o Creigh me perguntou qual é o melhor filme em cartaz no cinema — complementa Bran, para o meu horror.

— Um encontro? — Os olhos de Ava quase pulam para fora. — O Cray Cray indo a um *encontro*? Bombástico. Precisamos de detalhes, tipo, de *todos* eles, em ordem cronológica. Vocês se beijaram? Transaram?

Meu rosto deve estar muito vermelho, mas pigarreio com calma.

— Eu… não sei do que vocês estão falando.

Os três se aproximam de mim, mas antes que possam me pressionar por respostas, a luta começa.

Isso com certeza desvia a atenção.

Solto um longo suspiro, mas ele é interrompido quando Nikolai praticamente se lança contra Creighton assim que o árbitro anuncia o início da luta.

A maioria dos lutadores passa os primeiros segundos circulando uns aos outros com cautela.

Não Nikolai.

Ele nasceu para a violência. Um príncipe da máfia até os ossos.

A multidão da King’s U enlouquece quando ele desfere o primeiro golpe, fazendo o rosto de Creighton girar abruptamente para o lado.

Uma arfada escapa dos meus lábios e meu corpo inteiro enrijece.

A multidão da UER começa a gritar o sobrenome de Creighton em uníssono. Ava e Cecily se juntam a eles.

— King! King! King!

Não consigo respirar direito, muito menos falar.

Creighton cambaleia para trás, mas não cai. Ele acerta o punho bem no rosto de Nikolai. Sangue escorre de seu nariz e ele grunhe, depois limpa o vermelho com a mão enfaixada.

Eles continuam a briga por algum tempo, um golpeando e o outro recuando antes de revidar com mais força.

Todos os gritos, berros e clamores da multidão se misturam até se tornarem uma coisa só.

Preciso de todas as minhas forças para ficar ali e assistir enquanto eles se socam e se empurram para longe, mas continuo firme, porque isso também faz parte de quem Creighton é.

Deve ter uma razão para ele ser como é. Um motivo para estar tão determinado a infligir dor e se envolver em tanta violência.

Preciso conhecê-lo.

Só então serei capaz de entender o Creighton.

Quero isso mais do que tudo. Não posso simplesmente aceitar suas palmadas e me esconder do motivo pelo qual ele ficou assim.

Remington pula na lateral do ringue, gritando e torcendo por Creighton. Não demora até Landon se juntar a ele, com uma expressão entediada no rosto.

Cecily e Bran ficam imóveis ao vê-lo. Apenas Ava continua pulando feito pipoca.

— Acaba com ele, Cray Cray! Nós te amamos!

— Ama, é?

Ava para de gritar, de repente, e sua boca permanece ligeiramente entreaberta enquanto todos nos viramos na direção da voz grave.

O recém-chegado é ninguém menos que Eli. Eu nunca conversei com ele, mas já o vi por aí, e Ava me fez segui-lo no Instagram para que ela pudesse stalkear seu perfil.

Ele me seguiu de volta, então estamos naquela situação estranha em que nos seguimos e tal, mas nunca nos falamos.

Além disso, ele é irmão de Creighton, e seu Instagram é um dos poucos lugares onde há atualizações sobre ele. Algumas fotos são em ambientes familiares, mas a maioria são selfies onde Creighton aparece dormindo ao fundo e Eli tem legendas zoando-o, por exemplo:

Documentando as aventuras da Bela Adormecida. Dia 100.

O merdinha atrevido caiu no sono enquanto eu falava. Que audácia.

Mandei ele escolher entre mim e dormir. Ele cobriu a cabeça com o lençol. Revogando os direitos fraternais neste exato momento.

Eli King não se parece em nada com o irmão mais novo. Ambos são bonitos, mas enquanto Creigh parece um belo príncipe, Eli é mais como um príncipe versão assassino em série. Sua constituição é mais magra, seus traços mais angulosos e marcantes. E ele tem cabelos pretos e olhos cinza-escuros que poderiam competir com metal bruto.

Supus que a diferença drástica na aparência dos dois fosse aquela situação em que alguém puxa mais a um dos pais, e esse é o caso de Eli. Ele é uma cópia exata do pai deles. Creighton não se parece em nada com a mãe, então talvez se pareça com outra pessoa da família.

O rosto de Ava assumiu um tom avermelhado em questão de segundos, mas ela ainda zomba:

— Você não deveria estar se escondendo na escuridão para fazer seus rituais satânicos?

— Preciso de um ingrediente importante. — A expressão dele não muda. — Sangue.

Nossa. Tá bom. Talvez os irmãos King sejam mais parecidos do que eu pensei logo de cara.

— Annika, certo? — Ele me oferece a mão e eu a aperto. — Tenho certeza de que o Creigh fala de mim o tempo todo.

— Na verdade, não fala, não. — Eu sorrio e continuo: — Mas já ouvi falar de você.

Ele franze a testa.

— Mas não por ele?

— Não… — respondo sem jeito, pensando que provavelmente não é isso o que ele quer ouvir.

— Aquele cretino atrevido. — Seu olhar se volta para a briga, que está ficando acalorada. — Quer dar o fora daqui?

Lanço um olhar para Cecily, mas ela finge que a briga é mais importante do que essa situação esquisita.

Ava trinca os dentes, mas também olha para o ringue.

Brandon está tão absorto na luta que não se moveu um centímetro. Droga, ele está tão quieto que acabei esquecendo que estava aqui.

— Deixa ela em paz — diz Ava finalmente, com o maxilar cerrado.

Um sorriso cruel curva os lábios de Eli.

— Tenho algumas perguntinhas para a Annika. Não vai demorar muito. Os dois se encaram, ou melhor, Ava o olha com uma carranca, enquanto ele

mantém aquele sorriso estático.

Distraio-me do que quer que esteja acontecendo entre eles porque algo aconteceu no ringue.

A multidão vai à loucura, e é porque Creighton encurralou Nikolai.

Soco.

Soco.

Soco.

Sua expressão se tornou selvagem e ele golpeia o rosto do oponente sem parar. Nikolai cai na gargalhada, como um maníaco, sem nem mesmo tentar se defender.

Pelo canto do olho, vejo Bran levando a mão à nuca e puxando os fios curtos com tanta violência que me encolho.

Quanto mais Nikolai ri, mais firme se torna o puxão de cabelo de Bran.

O árbitro anuncia que Creighton venceu por pontos. A torcida da UER vai ao delírio, gritando seu sobrenome.

Cecily aplaude. Bran se vira e sai sem dizer uma palavra.

Eli e Ava ainda estão naquele impasse estranho que até a fez perder o foco na luta; e isso diz muito, já que, do nosso grupo, ela é a maior entusiasta quando se trata desses conflitos.

Olho para trás e arfo quando Creighton salta de um dos postes do ringue. Ele ignora Remi e Landon completamente e avança em nossa direção.

A multidão se abre para ele e algumas pessoas lhe dão tapinhas nas costas enquanto outras tentam apertar sua mão. Ele não dá atenção a ninguém. Seu único foco está em mim.

Há um corte em seu lábio, e seu rosto parece o de um lorde do submundo recém-saído de uma batalha.

— Ah, oi… — O que quer que eu tivesse a dizer morre na minha garganta quando ele me agarra pela cintura e me puxa para si.

A voz de Creighton é, na melhor das hipóteses, cortante enquanto ele encara o irmão.

— Fica longe do que é meu.

Então ele me arrasta para fora do clube.

CAPÍTULO 16
ANNIKA

— Ei, vai devagar…

Eu praticamente corro para acompanhar os passos largos de Creighton. Passamos depressa pelos alunos boquiabertos que provavelmente estão tão chocados quanto eu com sua atitude.

Ou talvez seja porque ele está seminu, com os músculos definidos à mostra, cobertos apenas por um shorts curto e baixo na cintura.

Mesmo que eu nunca tenha assistido a nenhuma de suas lutas, é fato conhecido que Creighton King é o atual campeão. Sua indiferença é sua força e a razão pela qual venceu o campeonato do ano passado e todos os confrontos desde então.

Então, ele perder a compostura no final da luta deve ter parecido algum tipo de blasfêmia.

Seu aperto no meu pulso me impede de sequer pensar em lutar. Tudo o que posso fazer é acompanhá-lo (ou tentar, né). Quando tiro meus óculos escuros para ver melhor, eles caem no chão, mas ele não me deixa pegá-los.

Continuamos andando sem parar, passando rapidamente por estudantes e moradores locais, e então estamos atravessando as ruas vazias e as lojas fechadas. Tento falar em um tom suave, pedir para ir mais devagar, mas ele não me ouve.

É uma fera com o único propósito de me arrastar por aí.

O ar noturno penetra meus ossos, e me sinto grata por estar de moletom; ele não só me permite o anonimato tão necessário, como também me mantém aquecida.

— Eu não me importo com o sequestro e tal, mas será que você pode andar mais devagar, por favor? — Tento brincar. — É impossível continuar neste ritmo.

Ele me olha por cima do ombro, com os olhos sombrios e a tensão percorrendo seu corpo.

— Cala a boca.

Minhas palavras morrem na garganta. Acho que isso significa que ele está com raiva. Não, talvez seja um pouco mais intenso do que isso.

Mas por que essas emoções destrutivas são direcionadas a mim? Não é como se eu tivesse feito algo errado.

Para me impedir de piorar meu caso sem querer, mordo a língua e deixo que ele me arraste para Deus sabe onde.

Depois do que parece uma eternidade, chegamos à praia. As pessoas costumam ir para onde há areia para aproveitar a água e a paisagem.

Mas definitivamente não Creighton.

Ele me leva até uma área com rochas onde as partes pontiagudas parecem presas de animais ferozes.

Luto para me soltar.

— Não, não. Eu não vou para lá. — Ele puxa minha mão e eu planto meus pés no chão. — Já disse que não vou para lá. Coisas esquisitas vivem nessas pedras, esperando pela próxima vítima. Quem sabe que tipo de animal me atacaria no escuro?

— O único animal com o qual você precisa se preocupar sou eu.

Fico boquiaberta e ele usa meu momento de perplexidade para puxar meu pulso, me levando consigo para o topo de uma enorme rocha.

Observo meus arredores com cautela. Está escuro aqui, o céu está nublado e a única trégua do breu noturno é oferecida por um poste de luz distante.

As ondas quebram contra a costa com uma ferocidade que me arrepia.

Creighton me gira para a frente, de modo que fico de costas para a água, e ele se eleva sobre mim.

Parece monstruoso no escuro, um pedaço de escuridão feito para infligir punição.

Ele é violência perigosa envolta por um exterior bonito. Sangue seco está grudado na linha de seu cabelo, o canto do lábio está cortado e um hematoma decora sua bochecha.

Ainda o observo quando ele se pressiona contra meu corpo em um único movimento, seu olhar faminto me despindo e sua intensidade transbordando a cada inspiração.

Meu pé escorrega e grito enquanto agarro seu braço retesado.

— O que diabos você está pensando?

— Sou eu quem deveria perguntar isso.

— Eu?

Ele não responde. Continua a me encarar, provavelmente bolando um plano para me deitar em seu colo e me bater.

Estremeço com a visão e ignoro a pulsação no meio das minhas pernas.

— Se você não me disser o que acha que fiz de errado, não vou conseguir descobrir. Certamente eu adoraria ler mentes, mas, infelizmente, não tenho esse superpoder.

— Um.

— Ah, qual é. Isso é bem injusto e vingativo.

— Dois.

— Creighton! — A raiva borbulha dentro de mim, mas sei que, se continuar a me guiar por essa emoção, só vou me ferrar.

Principalmente quando ele me olha desse jeito, como se estivesse à beira de um colapso.

Então, suavizo meu tom de voz, aproximando-me dele.

— Você pode, por favor, me dizer o que está acontecendo?

— Fica longe do Eli.

Minhas sobrancelhas se arqueiam.

— Ele não é seu irmão?

— Isso não significa que você pode se aproximar dele.

— Por que não?

— Para de fazer perguntas e faz o que eu mando.

Este é o tipo de situação em que eu normalmente daria uma resposta mal pensada e me colocaria em apuros. Mas me forço a manter a calma. Nas poucas semanas que passei com Creighton, percebi que ele não lida com as emoções humanas como o resto das pessoas.

Ele não é desalmado como, digamos, o Killian, o Nikolai ou até o Jeremy. Não é que ele não se importe. Simplesmente escolhe não se importar. É uma decisão consciente que deve ter tomado há muito tempo.

O que significa que ele de fato tem sentimentos, imperfeições e segredos (que venho tentando desvendar).

E, para conseguir isso, não posso me deixar guiar pelas emoções. Ele não só não reage bem a elas, como quanto mais eu me exalto, mais ele se refugia em sua mente sádica.

A única maneira de derrubar suas barreiras robustas é abrir as minhas de bom grado e mostrar a ele minhas partes vulneráveis.

— Você sabe que estou do seu lado, certo?

Seu aperto no meu pulso suaviza.

— Está?

— Com certeza. Sou sua fã número um e atualmente estou sabotando todas as outras fangirls e fanboys, principalmente o Harry, para que parem de te desejar. Vou suborná-lo com produtos luxuosos de *skincare* e te contar se funcionou.

Ele aperta os lábios, e essa é a coisa mais próxima de um sorriso que vou receber agora, então eu o agarro, guardo em um cantinho do meu coração com o nome de Creighton escrito por toda parte e pressiono meu corpo ainda mais perto do dele.

— A questão é que, já que estou do seu lado, eu meio que preciso que você confie em mim, deposite sua fé em mim e me diga as coisas. Juro por Tchaikovsky que vou manter o que me disser em segredo.

— É mesmo?

— É claro.

— Tá bom.

— S-sério? Tá bom?

— Sim. Em troca, você vai parar de mencionar o Tchaikovsky.

Vacilo.

— Mas por quê?

— Eu não gosto quando você admira outros homens.

— Mas ele está morto. Ele está morto há mais de um século.

— Não me importo.

Não consigo evitar um risinho.

— Por acaso você está… com ciúmes de um velho morto?

— Acho que isso significa que você não está interessada neste acordo. — Ele me solta e vai se sentar em uma pedra próxima.

Eu o sigo e tiro o capuz do meu moletom do cabelo, deixando os fios esvoaçarem ao vento. Passo alguns minutos observando os arredores, procurando por um animal assustador. Quando não vejo nada suspeito, limpo a superfície disforme e suja, e me acomodo ao lado dele.

— Tá bom, tá bom. Chega de Tchaikovsky.

Exceto na minha cabeça.

Ele me lança um olhar de aprovação e volta a mirar o oceano, permanecendo tão silencioso quanto a noite.

Sua falta de palavras nunca prejudica sua presença imponente. Ele é capaz de se transformar em uma arma letal se quiser.

Não, não é uma escolha. Ele tem uma energia destrutiva que precisa de um escape. É como a pedra em que está sentado, imóvel e sólido. Mas as ondas ainda batem contra sua superfície dura, tentando eventualmente atingir seu núcleo com o poder absoluto da persistência.

Sou eu. Sou essas ondas. Essas ondas sou eu.

Empurro seu ombro com o meu.

— Agora é a hora em que você cumpre a sua parte do acordo.

— Você precisa aprender a ter paciência.

— Tenho sido paciente desde que você me arrastou para fora do clube como um homem das cavernas.

Sua cabeça se inclina na minha direção.

— Um homem das cavernas, é?

— Oi?! Você viu a sua expressão?

Seu olhar se perde na água agitada outra vez.

— Estou sempre com essa necessidade inexplicável de te proteger.

— Atiro melhor do que um profissional, sabia? Papai me treinou desde pequena, depois que um lunático tentou me sequestrar, então tenho uma mira perfeita e nunca erro. E o Jeremy vive me mandando andar com uma arma. O ponto é que sou capaz de me proteger e descer a porrada nos outros. Bem, descer a bala, mas o ditado não é assim. Além disso, eu não estava em perigo no clube.

— Não gosto quando outros tocam no que é meu. Principalmente o Eli.

Meu coração salta com aquela palavra. *Meu*. Ele disse isso mais cedo no clube, mas eu estava mais preocupada em ser sequestrada na frente de todas aquelas testemunhas às quais Creighton não estava dando atenção.

— Por que *principalmente o Eli*?

— Ele é um anarquista. Do tipo sem propósito nenhum além de assistir ao mundo virar de cabeça para baixo. Se ele te colocar na mira, você está ferrada.

Ah.

— Acho que só ficou ofendido por você nunca ter mencionado ele para mim.

— Ele é grudento assim.

— O Eli? Grudento?

— É, não me deixa em paz, e não é por falta de esforço da minha parte.

— Pelo que vi no Instagram dele, ele só é assim com você. No geral, é mais tipo o Kill, cem por cento distante, mas passando a imagem exatamente oposta.

— E como você sabe disso?

— Somos seguidores mútuos.

— Seguidores mútuos?

— Ah, é. Esqueci que você não usa redes sociais. Sermos mútuos significa que seguimos um ao outro.

— Você *segue* o Eli?

— Por que não? O objetivo das redes sociais é seguir as pessoas.

Ele estreita os olhos.

— Para de segui-lo.

— Não.

— Annika. — O som do meu nome em sua voz grave e grossa é nada menos que uma ordem.

— Para de ser um tirano. Além disso, sigo o Remi, o Bran e até o Landon. Sem mencionar o Nikolai, o Gareth e o Killian. Eu preciso parar de segui-los também?

— De preferência.

— Já, já me fala para apagar minhas redes sociais.

— De preferência.

Dou uma risadinha.

— Você é impossível.

— E você é tão ousada que me irrita para caralho. — Num piscar de olhos, seus dedos apertam meu queixo.

Consigo ver a escuridão invadindo suas feições. O ar muda de acordo com seu olhar sério, que revela o plano nada sutil de me deitar em seu colo e aplicar suas punições na minha pele.

Mas ainda não terminamos esta conversa.

— Você sempre pode criar as próprias redes sociais e me stalkear — sugiro. — Assim saberá com quem estou interagindo.

— Não nesta vida. — Ele acaricia meu queixo com o polegar, para a frente e para trás, com cada vez mais intensidade.

— Valeu a tentativa. — Puxo a manga do meu moletom sobre a mão e limpo o sangue seco em seu rosto. — Por que você luta?

— Tenho um excesso de energia que só consigo expurgar sendo violento e infligindo dor.

Um desejo.

Um impulso.

Uma parte de quem ele é.

Mas por que ele é do jeito que é?

Em vez de perguntar isso, questiono:

— O que acontece se você não expurgar?

— Nada de bom vem dessa pressão reprimida. — Seus lábios se estreitam em uma linha. — Se você está pensando em opções para mudar quem eu sou, nem adianta tentar.

— Não quero te mudar. — *Quero te entender.*

As últimas palavras ficam entaladas na minha garganta antes que eu possa falá-las, então simplesmente passo o dedo sobre o corte em seu lábio.

— Está doendo?

Ele solta um ruído afirmativo, seus olhos se perdendo nos meus enquanto seu polegar continua o movimento enlouquecedor de vaivém no meu queixo.

Vaivém.

— Sério? — Começo a afastar a mão.

Creighton a agarra e a coloca de volta no próprio rosto.

— Pode continuar.

Abro um sorriso.

— Então, você quer que eu te toque?

— É. Hum.

— Caramba. Você evoluiu muito desde quando se recusou a me deixar te tocar.

— Não gosto de abrir mão do controle — admite em um tom de voz baixo que é levado pelo vento.

— Está em boas mãos comigo.

— Duvido.

— Por quê?

— Você é uma malcriada.

— Também posso ser comportada. — Uma ideia me ocorre e eu me animo. — E se eu te provar?

— Provar o quê?

— Que você pode abrir mão do controle comigo e eu vou tratá-lo bem.

— Não gosto do rumo desta conversa.

— Confia em mim. — Ajoelho-me entre suas pernas.

A superfície áspera da rocha arranha a minha pele, mas não presto atenção na sensação. Em vez disso, concentro-me na minha missão.

Na penumbra, Creighton tem a aura de um senhor da guerra, seminu, ensanguentado e vitorioso. Sem mencionar que estamos em um local público por onde qualquer um pode passar. Sim, estamos fora de vista da rua principal, mas alguém pode andar até aqui.

A Annika do passado ficaria apavorada, mas eu não me importo nem um pouco.

Não quando Creighton está aqui.

Meus dedos agarram o elástico do seu shorts, um pouco trêmulos, mas não a ponto de se tornarem inúteis.

A princípio, ele me deixa puxar o tecido, então sua voz dura reverbera no ar.

— O que você pensa que está fazendo?

— Te dando prazer. — Levo alguns instantes para libertar seu pau do shorts.

Hesito quando minha pequena mão mal comporta sua circunferência.

Mas o que…?

Nunca vi um pau na vida real, fora alguns nudes não solicitados. E um pouco de pornografia.

Mas eu tinha consciência de que os paus daqueles atores pornô não refletiam a realidade.

No entanto, Creighton se equipara a um ator pornô. Tanto em grossura quanto em comprimento. Agora estou reconsiderando meus planos.

Seu indicador e dedo médio deslizam por baixo do meu queixo, levantando meu rosto, me prendendo na escuridão de seus olhos.

— Você vai envolver esses lábios no meu pau e me deixar te sufocar com minha porra, roxinha?

Puta merda.

Meu coração acelera. Ele deveria ser do tipo calado, então como é que é tão bom em falar essas putarias?

— Você já fez garganta profunda em outro pau antes, Annika? Já deixou outro pau foder sua boca até seus lábios ficarem inchados?

Tensiono minhas coxas.

Sério, ele precisa parar de falar assim. Isso aqui deveria ser sobre ele, mas sou eu quem está ficando molhada para caramba.

— Responda à pergunta.

— Não, é… minha primeira vez. — Como também é a *dele*.

Sei disso porque uma vez jogamos "Eu nunca" com todo mundo, e ele admitiu nunca ter tido o pau chupado. Um fato que fez Remi ter um ataque de pelanca.

Desde então, acho que secretamente venho fantasiando sobre ser a primeira a pagar um boquete para ele.

Em especial agora que entendi que provavelmente nunca se permitiu receber sexo oral porque isso lhe tira o controle.

Mas ele não vai me impedir agora.

Está me observando com olhos ardentes e uma expressão cheia de luxúria.

Os dedos que estavam sob meu queixo pressionam meus lábios.

— Abre.

Obedeço, e ele desliza o dedo médio e o anelar inteiros para dentro. Ele os empurra contra minha língua e os lambuza com minha saliva várias vezes.

Eu engasgo, babando seus dedos.

— Respira. Se você não consegue aguentar meus dedos, como vai engolir meu pau?

Uso seus olhos como porto seguro enquanto inalo pelo nariz. Lentamente, a pressão diminui e lambo seus dedos. Um barulho baixo sai de seus lábios enquanto ele envolve a outra mão na minha, que está em volta do seu pau.

Ele desliza minha mão para cima e para baixo em um movimento circular, me fazendo masturbá-lo.

— Não fica só lambendo. Seja uma boa menina e usa essa língua entre meus dedos.

Movo minha língua em estocadas hesitantes entre seus dedos, então acelero o ritmo. Quanto mais ele emite sons de prazer, com mais força faço o movimento. Minha cabeça fica tonta com tanto estímulo e minhas coxas ficam tão molhadas que eu gostaria de poder colocar a mão lá para me tocar.

Creighton puxa os dedos de volta.

— Bota meu pau na sua boca.

Meus lábios envolvem seu comprimento; seu tom autoritário adicionando calor e tensão ao ato. Mas minha boca é tão pequena que tenho dificuldade. E ele gosta disso, a julgar pelo brilho sutil em seus olhos oceânicos.

Faço o que ele me ensinou com os dedos, embora eles não se comparem ao seu pau monstruoso. Respiro fundo, tentando não engasgar, e lambo as laterais sem parar.

Ele geme e meu pulso acelera. É normal eu estar encharcando minha calcinha só de pensar no tesão dele?

É normal que eu queira intensificar aquele olhar dele, guardá-lo e garantir que eu seja a única que ele encara assim?

Creighton passa os dedos pelo meu cabelo, cerra o punho, envolve meus fios na mão e se levanta.

Eu o encaro enquanto sua outra mão acaricia meu rosto com um quê sinistro.

— Tão linda e inocente, minha roxinha. Tão… quebrável.

Meu corpo fica rígido, mas continuo tentando lamber, para provar que posso lhe dar prazer da mesma forma que ele me dá.

— Vou foder sua boca até você se engasgar com meu pau. Talvez doa.

Ele enfia o pau até o fundo, e eu engasgo para valer dessa vez. Não estou pronta para o ataque de seu poder, para a maneira como ele está me usando, como se eu fosse um mero buraco para foder.

Lágrimas ardem nos meus olhos, e não tenho certeza se é por causa dessa compreensão, do sufocamento ou da umidade que lambuza minhas coxas.

Ele mantém o aperto firme nos meus cabelos enquanto se enfia para dentro e para fora da minha boca. Engasgo e gaguejo; lágrimas, saliva e pré-gozo escorrem pelo meu queixo.

O som erótico do seu vaivém se mistura com as estocadas violentas e se choca contra minhas costelas.

Creighton não consegue sentir prazer sem infligir dor, então quanto mais eu engasgo e choro, mais profundo é seu gemido.

Mais duro seu pau fica.

Mais pervertido ele se torna.

Isso é tão problemático, mas eu devo ser tão depravada quanto ele, porque quanto mais longe ele leva as coisas, mais brutal fica, e eu, mais

molhada.

Ele continua sem parar, cada uma de suas estocadas como um estímulo direto ao meu íntimo faminto. Então, quando penso que vou gozar fazendo uma garganta profunda, um gosto salgado explode na minha língua.

Creighton tira o pau e enfia os dedos na minha boca, com autoridade transbordando de cada movimento.

— Engole.

Não tenho escolha a não ser obedecer. Ele usa os dedos para empurrar a porra que escorre pelo meu queixo de volta à minha boca, forçando-me a lamber cada gota.

Quando termina, ele me puxa pelos cabelos e choca meu corpo contra o dele enquanto me beija.

Não, enquanto me devora.

Ele lambe cada gotinha de porra dos meus lábios, da minha língua e do resto. Ele me devasta, me devora, me detona de dentro para fora.

Tento acompanhar o beijo, mas ele é como uma fera. Não há como igualar sua intensidade. Então, deixo que se delicie comigo e me perco na maneira perversa e erótica como ele sorve o próprio gosto dos meus lábios.

Quando finalmente nos separamos, eu me inclino para trás e sua mão envolve minha cintura, me mantendo de pé.

O nariz dele roça em meus cabelos, e um grunhido de apreciação lhe escapa dos lábios.

— Boa menina.

Os pelos do meu corpo se arrepiam e fico surpresa por não derreter em seu abraço. Droga. Essas duas palavras são mesmo tão excitantes assim?

— Você me deve pelo menos três encontros por isso — resmungo.

Meu corpo fica estático quando algo que eu nunca presenciei acontece.

Creighton joga a cabeça para trás e ri.

É um riso sincero e feliz; e aquilo mexe comigo.

E acho que talvez, só talvez, eu esteja envolvida demais.

Tão envolvida que farei tudo ao meu alcance para entendê-lo.

Mesmo que ele não queira.

CAPÍTULO 17
CREIGHTON

— VOCÊ ESTÁ ME IGNORANDO?

A pergunta é acompanhada por um chute na lateral do meu corpo, um cutucão e um empurrão sutil, me jogando para fora da cama.

Caio no chão com um baque, solto um grunhido e me sento, depois olho feio para o meu primo perturbado.

Landon sorri e forma um retângulo com os polegares e indicadores.

— Expressão perfeita. Você é inspiração para arte, Cray Cray. Que tal ser meu modelo?

— Que tal parar de me perguntar isso?

— Não quando você pode mudar de ideia. — Ele se senta na minha cama (aquela da qual me expulsou) e me encara de cima. — Não respondeu à minha pergunta. Sinto uma *vibe* meio "estou sendo ignorado".

— Não sou eu quem deveria sentir isso? — Eu me levanto, soco ele para fora da cama, observo enquanto ele cai, depois me sento para ser a pessoa que o encara. — Você anda enrolando para soltar a informação que combinamos.

— Na cara não, seu desgraçado — xinga ele, sorrindo. — E não ando enrolando, só estou juntando as peças do quebra-cabeça para formar um todo. Não posso revelar nada até que todas as peças estejam em seus devidos lugares.

Desde que éramos crianças, Landon e Eli são obcecados por xadrez e fazem todo o possível para vencer. Eles chegaram a desafiar meu pai, nosso tio e o vovô Jonathan. Ou seja, os melhores jogadores de xadrez que conhecemos.

Ambos conseguiram vencer meu tio e o vovô — este último porque ele permitiu, acredito.

Meu pai, por outro lado, continua sendo o campeão invicto.

Eles também nunca vencem um ao outro. Aliás, Eli e Lan ainda estão em uma partida que começaram anos atrás.

Landon, em particular, sempre enxergou o mundo como seu tabuleiro de xadrez e as pessoas nele como seus peões.

E isso me inclui.

Embora eu não dê a mínima para isso, contanto que consiga o que quero, uma coisa vem me incomodando desde o incêndio.

Lan me observa com cautela antes de se jogar na cama à minha frente. Assim que tem certeza de que não vou chutá-lo, sorri como um maníaco.

— Andei pensando — começo.

— É mesmo? Como você encontrou tempo para isso entre dormir demais e comer o suficiente para um exército?

— Você está por trás do incêndio que atingiu o complexo dos Hereges?

— Não ficou sabendo? Eles estão culpando os Serpentes. Um bando de nojentos, esses aí. Peçonhentos também, até onde eu sei.

— Você armou para eles?

— Pareço capaz de tamanhos atos satânicos? — Quando permaneço em silêncio, ele sorri. — Tudo bem, sou capaz disso e muito mais, então vai saber, né? Se eventos podem ser falsificados, por que a verdade não poderia?

Eu me levanto num pulo e o iço comigo, quase o sufocando com meu aperto em sua gola.

— Estou pouco me fodendo para os seus planos, ou a falta deles, mas você não vai, em hipótese alguma, colocar a Annika em perigo novamente.

Seu rosto assume tons azulados pela falta de oxigênio, mas, em vez de lutar, ele deixa o sorriso se alargar, tornando-se monstruoso de verdade.

Eu o largo quando estou prestes a estrangulá-lo até a morte. Esse filho da puta é bizarro; se eu não o tivesse soltado, provavelmente o teria matado e ele não teria mexido um músculo.

Não é que Landon não seja violento, ele é, mas tais atos acontecem nos termos dele, de ninguém mais.

De verdade, não tenho a mínima ideia do que meu pai vê nele e por que escolheu cuidar dele pessoalmente. Ele é pirado.

E isso diz muito, considerando o meu caráter e o do Eli.

Landon cai na cama, aquele sorriso permanente ainda estampado no rosto.

— Como você teria a chance de ser o Príncipe Encantado se ela não estivesse em perigo?

— Então, você *está* por trás daquilo? — Estendo a mão em sua direção outra vez, e ele desvia e rola para fora da cama.

— Na primeira vez, fui cortês; na segunda, vou te matar, Cray Cray. Não queremos o tio Aiden triste, não é?

— Estou falando sério. Faça seus joguinhos longe do que é meu, porra.

Meus pulmões ardem com as palavras e com o quão verdadeiras elas são. Annika é minha. Ela era minha muito antes de eu sequer considerar isso, e vou acabar com qualquer um que tentar machucá-la.

Não, vou destruir qualquer um que lhe causar mero desconforto. Isso é o suficiente para colocar alguém na minha lista de rejeição.

Não tenho certeza de onde essa obsessão por ela vai parar, mas estou comprometido a continuar com isso até o fim.

Especialmente depois da luta das semifinais ontem à noite.

Eu estava pensando em maneiras de nos entrelaçar, mas ela tomou a frente e se ajoelhou para mim. Para o horror do Remi, eu nunca havia me interessado em receber boquete, mas, no momento em que Annika colocou meu pau na boca, eu me transformei em um animal movido unicamente por instinto primitivo. E quando ela me deixou foder a boca dela e engoliu minha porra, a fera dentro de mim emergiu.

Landon me circula devagar, sem pressa nenhuma.

— Achei que você não se interessasse mais pela dor, mas parece que encontrou uma válvula de escape permanente. Como eu pensava, Annika Volkov é o motivo de você ter estado ausente no nosso tempo juntos. Que interessante.

— Pode deixar esse pensamento para lá, seja ele qual for.

— Ah… É muito pior do que eu poderia ter imaginado. — Ele dá batidinhas nos lábios com o indicador. — Aí vai um conselho: fica longe dela, do irmão dela e de todo o grupinho deles. Isso só vai te ferrar.

Se ele acha que o que quer que os Hereges façam vai me assustar, não tem ideia de até onde eu iria para manter o que é meu.

— Quer ir ao clube? Variar suas preferências?

Nego com a cabeça. A ideia de tocar em alguém que não seja ela me causa enjoo.

Ele dá de ombros, vai até a porta, para e questiona por cima do ombro:

— Ainda não quer se juntar aos Elites?

— Não.

— Um dia desses, você vai mudar de ideia. Ah, e talvez queira dar uma olhadinha no seu celular.

E então sai.

Deito-me na cama e pego o celular.

Normalmente, faço isso só para descobrir se a Annika me mandou alguma mensagem. Ela é do tipo que gosta de tirar fotos de todas as coisas que vê no dia a dia e mandar junto a um *Não é uma fofura?* Ou *Queria poder levar tal coisa para casa comigo*.

Normalmente são gatos, cachorros ou qualquer criatura pequena.

Então imaginem minha surpresa quando vejo que não recebi nenhuma mensagem dela nas últimas… duas horas.

Isso sim é raridade.

A essa altura, geralmente estaria exigindo um encontro ou me convencendo a entrar em uma conversa com ela.

Mas hoje não.

Dou uma olhada no grupo do qual o Remi insiste para eu continuar fazendo parte. Sempre que começam a encher meu celular com notificações, eu os silencio.

Remington: Quem anima uma festinhaaa?

Eli: Não sendo na nossa casa, você pode fazer o que quiser.

Remington: Mas por que não? Tenho privilégios nessa casa.

Eli: Porque não. A não ser que queira arriscar suas bolas.

Remington: Caralho, amigão, sem ameaçar as joias da família, por favor. Tenho um título que preciso manter.

Landon: Você sempre pode ir a uma balada.

Remington: Já volto. Me deixa achar minha cria.

Brandon: O Creighton está dormindo.

Remington: Isso nunca me impediu antes.

Brandon: Não acorda ele. Se precisa de alguém para te acompanhar, eu vou.

Remington: Eba, acho que me emocionei aqui. Sabia que você era meu favorito, Bran.

Remington: Não conta isso para o Cray Cray.

Landon: @Creighton King

Remington: Vou te matar, caralho.

Que diabos o Landon queria que eu visse? O Remi sendo um palhaço? Ou o fato de ele ter saído para transar e ter conseguido arrastar o Bran como cúmplice?

Uma notificação aparece no topo da tela.

Landon: Esqueci que você é um eremita.

Com a mensagem, um *print* do Instagram do Remington.

Ele postou uma selfie em que a Ava, a Cecily e a Annika estão entre ele e o Bran. E ele está com um braço em volta dos ombros da Annika; eles sorriem alegremente.

Meus festeiros favoritos. Quer vir também?

Meus dedos apertam o celular com força, e um fogo descontrolado se espalha pelo meu peito enquanto continuo a olhar para a tela. E para o braço do Remi em volta dos seus ombros nus, já que ela está usando um vestido sem alças.

Então é por isso que ela não me mandou mensagens. Aparentemente, estar ocupada com festinhas pode apagar a memória dela.

Mando mensagem para ela.

Creighton: Cadê você?

A resposta não chega por… cinco minutos. Tempo que gasto andando de um lado para o outro no quarto.

Quando o nome dela aparece na tela, encosto-me contra a parede.

Annika: Hum, oi.
Annika: Quero dizer: ooiii.
Annika: Oi :)
Annika: É isso o que as pessoas falam antes de fazer perguntas. Oi :)
Creighton: Você está bêbada, Annika?
Annika: Nãna-nina-não. Não.
Creighton: Tem certeza?
Annika: Uhum. Mas eu bebi um drinque, sim.
Creighton: Só um?

Annika: Talvez dois. Gosto de beber. Vou pedir para ele me trazer outro.
Creighton: Ele quem?
Annika: Meu parceiro de copo favorito, é claro.
Creighton: Nome.
Annika: Adivinha :)
Creighton: Remi ou Bran?
Annika: Talvez os dois. Talvez seja outra pessoa.

Aperto ainda com mais força e preciso de todo o meu autocontrole para não jogar o celular na parede.

Creighton: Cadê você?
Annika: Não, nem vem. Não vou te falar para você vir aqui e acabar com a minha diversão. Você prefere dormir, de qualquer forma. Boa noiteee.

Mando mais algumas mensagens, mas ela nem sequer as lê.

Aquela…

Levanto-me depressa, visto um moletom e envio uma mensagem para o Landon.

Creighton: Endereço.
Landon: Que rápido. Posso ir e levar pipoca para assistir?
Creighton: Endereço.
Landon: Precisamos trabalhar suas habilidades de conversa, priminho. Tá aí. Não mata meu irmão. A vida do Remi, por outro lado, é toda sua.

Levo quinze minutos longos demais para chegar à boate. Saio do carro e entro no lugar com passos pesados.

A música alta, os gritos e a multidão barulhenta para caralho são como ter algum tipo de maquinário dentro da minha cabeça.

Passo por entre os corpos serpenteando e se contorcendo enquanto pulam, dançam, bebem e usam drogas. Depois de algum tempo empurrando

as pessoas para fora do meu caminho, chego ao andar superior da boate. Agarro-me ao corrimão e olho para as pessoas lá embaixo.

As luzes coloridas ofuscam minha visão, fazendo com que todos pareçam uma fotocópia da fotocópia.

Naquele caos, meus olhos são atraídos para uma garota de vestido roxo-claro. Seu cabelo castanho-escuro cai sobre as costas meio expostas.

Annika, Ava e Remi pulam juntos ao som da música e apontam para um canto do outro lado do lugar. É onde Brandon e Cecily estão sentados, observando-os com sorrisos e balançando a cabeça com frequência.

As emoções de antes se intensificam conforme desço as escadas praticamente correndo até onde eles estão.

Quando chego, preciso de todo o meu autocontrole para não dar um soco no nariz aristocrático do Remi e potencialmente começar uma epopeia dramática.

Mas me insiro no círculo deles e o empurro com o ombro.

Ele cambaleia para o lado e escapa por pouco de estatelar a cara no chão. Ava é a próxima a me notar, então interrompe seus pulos frenéticos e cutuca Annika.

A atrevidinha irritante é a única que continua dançando e rebolando os quadris.

Eu a agarro pela nuca e a puxo para mim de uma só vez. Suas costas batem contra meu peito com um baque, e o perfume de violeta preenche meus sentidos. Um arrepio percorre seu corpo e se infiltra no meu. Não faço ideia de como consigo me conter e não apertar meus dedos ao redor do pescoço dela, presenteando-a com um colar vermelho.

Annika deve ter sentido a escuridão que irradia de mim. Suas pupilas se dilatam e seus lábios, que eu adoraria foder, se entreabrem em um convite claro.

Ela fica imóvel ao meu toque, e estou viciado na maneira como sua submissa interior sabe quando ficar quietinha e não me provocar.

É provável que também seja seu instinto de sobrevivência em ação, afinal, ela sabe que ser malcriada não vai acabar bem para ela.

Pelo canto do olho, vejo Cecily e Brandon se juntando a nós com bebidas na mão.

— Cria! — grita Remi por cima da música. — Você apareceu! Espera aí, você veio de bom grado sem que eu tivesse que insistir para caralho? Quem

é você e o que fez com a minha cria favorita?

— Meu Deus! — Ava junta as mãos, ignorando por completo as palavras do Remi. — Você está aqui por causa da Anni! Isso é surreal demais para eu sequer começar a entender. Não acredito que essa traidora vem nos mantendo no escuro sobre o relacionamento de vocês. Estou muito magoada.

— É mesmo — apoia Cecily. — Ela anda nos ignorando e mudando de assunto, assim não insistimos em busca de respostas.

— Não é? Tipo, esconder o quê? Eles já foram a um encontro! Ele até chamou ela de sua na frente d'Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado. Não foi, Bran?

— Sim — concorda ele. — Eu estava no clube de luta e ouvi pessoalmente.

— Espera aí. Que porra é essa? — Remi me confronta. — Um *encontro*? Você foi a um encontro e não me contou? E qual é a da declaração de propriedade quando eu não estava presente? Como posso ser seu mentor se você não vem até mim em momentos assim? Eu sou o último a saber disso? Seus vagabundos, vocês conspiraram para me matar ainda jovem, é?

— Nós não fomos a um encontro — digo.

Annika se encolhe sob meu toque, mas força um de seus sorrisos falsos repugnantes.

— É, não é o que vocês estão pensando. Não teve um encontro.

— Não teve um encontro. E, sim, *encontros*.

Todos me encaram perplexos, inclusive a Annika. Toda a cena chama a atenção para o nosso grupo, considerando que somos os únicos imóveis em meio ao caos do lugar.

— Espera aí. *Encontros?* — Ava praticamente grita.

— Sim, no plural. — Acaricio a pele quente de Annika com os dedos e olho de Remi para Bran. — Ela é minha. Se eu descobrir que algum de vocês encostou nela, preparem-se para perder um membro do corpo.

Então, eu a giro para mim e minha boca reivindica a dela em um beijo intenso. Meus braços envolvem sua cintura, impedindo-a de escapar do meu domínio possessivo. Tudo o que ela consegue fazer é arfar, abrir os lábios e permitir que eu a devore.

Ela cambaleia quando me afasto dos seus lábios e a arrasto para fora da boate, deixando os outros quatro parados e em silêncio, atordoados.

Annika me acompanha, sua expressão ainda travada no completo espanto.

— Hum, você tem certeza de que foi uma boa ideia…

— Se estiver a fim de conseguir se sentar amanhã, cala a boca.

Seus lábios se apertam, e medo e tesão invadem seu olhar.

Mas deveria ser apenas medo, porque meus planos para ela excedem tudo o que já fiz.

CAPÍTULO 18
ANNIKA

ESTA NOITE É A DEFINIÇÃO DE CAOS.

Tudo começou quando eu passei a ficar um pouco brava.

Na verdade, brava não, chateada. Meio triste também.

Então, fui para a balada porque estava me esforçando ao máximo para ficar menos chateada.

Deu certo?

Em partes. Tá, não deu. Não de verdade.

Meu humor piorou depois da troca de mensagens com Creighton, mas dancei e bebi para esquecer. A cereja do bolo foi ele aparecer em uma balada — chocante, eu sei — para me reivindicar em público. *De novo*.

Meus lábios ainda estão formigando por causa do beijo punitivo, da maneira como ele me devorou e não me deu brecha para respirar.

Nem para pensar direito.

Nem para me lembrar de que ele me magoou um pouco.

Depois que ele me deu café para me ajudar a ficar sóbria, a viagem de carro vem sendo em silêncio. Toda vez que tento falar, ele me lança um olhar irritado, e se eu insisto, ele conta uma punição a mais.

Contou até quatro antes de eu desistir, cruzar os braços e olhar pela janela. Afinal, ele que se dane.

Ele é a causa do meu humor e até mesmo da minha necessidade de uma válvula de escape emocional. Não vou me sentir mal por isso.

Esta não é a primeira vez que entro no Range Rover do Creigh. Ele costumava dirigir um Porsche, mas há uma semana, quando me mandou sentar no seu colo, reclamei que o carro era pequeno demais para isso, então ele o trocou dois dias depois.

Quando perguntei se ele tinha algo a me dizer (talvez que tinha feito aquilo por minha causa), o idiota sem coração apenas falou:

— Nada. É um presente antigo do meu avô favorito, Agnus.

Nos dias bons, Creighton é frio, porém, nos ruins, como hoje, ele não é diferente das geleiras do Oceano Ártico.

O carro desacelera até parar em frente a um portão de uma mansão gigante que lembra a do meu irmão.

É a primeira vez que venho aqui, mas consigo dizer que é o complexo dos Elites.

Os portões de metal preto se abrem e Creighton entra com o carro, passando por um gramado bem cuidado até chegarmos à entrada circular.

O prédio não perde em nada para um castelo majestoso, é definitivamente menos gótico que o dos Hereges e cheira ao dinheiro antigo e cheio de poder do qual toda a UER é feita.

— Sai. — A voz do Creighton está sem emoção, quase sem vida, e isso me arrepia.

Devo estar sóbria para conseguir me sobressaltar com tais sentimentos.

Assim que ele desce do carro, solto o cinto de segurança e saio cambaleando. Só tomei uns dois drinques, e obviamente sou fraca para bebida, porque isso foi o bastante para me deixar tonta.

Mas não estou mais; tem outra coisa me deixando alterada.

Ou, mais especificamente, alguém.

— Vem comigo. — Creighton começa a se dirigir à enorme porta da frente.

— Dá para parar de dar ordens?

— Cinco, e não.

Cerro os lábios e o acompanho, com os braços cruzados, o corpo rígido e a frustração correndo em minhas veias no lugar de sangue.

Em vez de me concentrar no babaca, opto por observar o ambiente. O interior é tão elegante quanto o exterior: piso de mármore, papel de parede em estilo barroco, corrimãos com detalhes dourados e os móveis clássicos.

Sem dúvida, eles poderiam convidar a rainha para um chá, se quisessem.

Creighton me conduz escada acima. No segundo andar, passamos por algumas portas fechadas antes de ele abrir uma e gesticular para que eu entre.

Entro com cuidado, esperando encontrar alguns instrumentos de tortura que combinem com o seu caráter.

Meus pés param logo após a entrada. É apenas um quarto. Todo cinza como o céu da Inglaterra (e uma corzinha faria bem), mas, ainda assim, o

quarto de um homem comum.

Um suspiro escapa dos meus pulmões, mas é interrompido quando o clique distinto de uma fechadura ecoa no ambiente.

Tento me virar, mas ainda nem estou totalmente de frente para ele quando seus dedos envolvem minha nuca e ele me empurra contra a parede.

A parte da frente do meu corpo bate contra a superfície dura, e a dele colide com minhas costas. Alto, musculoso, imponente.

Ameaçador.

Sua respiração quente roça meu ouvido, e ele sussurra de modo sombrio:

— Se importa de me contar o que você estava pensando?

Tento olhar para trás, encontrar seus olhos, mas seu aperto firme impede meus movimentos.

— Em relação a…? — Tento parecer calma, mesmo enquanto minhas entranhas se reviram e explodem em mil cores ao mesmo tempo.

— Não zoa com a minha cara, Annika. Você foi àquela boate com o Remi e o Bran para provar alguma coisa? Talvez para retomar o plano de namorado de mentira de onde parou?

— Não é bem assim…

— Então, como é? O que te fez sair com eles sem me convidar?

— Você nem gosta de baladas.

— E não gosto de encontros, nem de dançar, nem de ir à porra do cinema, mas obviamente tenho feito tudo isso. Então, por que não me conta o motivo da rebeliãozinha de hoje? Estava tentando ser malcriada?

Meus lábios se apertam em uma linha, e encaro a parede, invocando uma paciência inexistente.

Creighton aperta minha nuca com mais força.

— Vou interpretar isso como um sim.

— Não — murmuro.

— Então, o que foi?

Fico em silêncio por um instante, e sua mão bate com força na minha bunda. Solto um gritinho quando a ardência se espalha por todo o meu corpo e se instala entre as minhas pernas.

— Sua bunda é minha para punir como eu quiser a cada segundo que você ficar em silêncio.

Tapa.

Fico na ponta dos pés, meu coração martelando em um ritmo anormal. Sinto a rigidez do seu tronco contra as minhas costas; consigo perceber o quanto ele está se segurando e até onde quer ir com essa punição específica.

Se dependesse dele, provavelmente ultrapassaria todos os meus limites e me deixaria em ruínas.

Merda, talvez ele apenas me deixe e eu fique arruinada de qualquer forma.

Tenho me esforçado tanto para entendê-lo que não cogitei ajudá-lo a me entender também. Mamãe disse que relacionamentos só podem ser construídos quando há um meio-termo e, para encontrá-lo, preciso comunicar o que sinto.

— Eu estava chateada — admito num sussurro, odiando o quão vulnerável soou.

Sua mão aperta minha bunda, mas ele não me bate, mesmo que sua voz permaneça cortante.

— Em relação a…?

— Meu aniversário é amanhã, e eu estava especialmente ansiosa porque vou fazer dezoito anos. Então, quando hoje de manhã perguntei se tinha planos para amanhã e você disse que sim, fiquei chateada achando que eram outros planos no dia do meu aniversário. Mas percebi que não era justo me sentir assim, já que você provavelmente nem se lembra da data, que citei semanas atrás. No fim, entendi que estava sendo imatura e resolvi descarregar essa energia na balada.

Consigo sentir o ritmo de sua respiração contra minhas costas. Como ela diminuiu antes de acelerar, acompanhando o ritmo de seus golpes contra minha bunda.

O silêncio se estende entre nós, mas não tento preenchê-lo. Espero ele refletir sobre as próprias palavras antes de pronunciá-las.

— Você deveria ter me dito.

— Qual parte do “estava sendo imatura” você não entendeu? É vergonhoso até falar sobre o assunto, então podemos só deixar para lá?

— Não.

— Creighton…

— Os planos que eu tinha eram com você.

Dou uma pausa no meu espetáculo de autodepreciação diante do tom baixo de suas palavras. Eu ouvi direito, né? Ele tinha planos *comigo*?

Cada um dos nossos encontros foi, de uma forma ou de outra, planejado por mim, e ele apenas seguiu a onda. Esta é a primeira vez que ele planeja algo.

Tento olhá-lo, mas ele ainda não permite, então encaro a parede, saboreando seu toque autoritário.

— O que… o que você planejou?

— Você não tem o direito de saber depois de me irritar.

— Mas eu não tive a intenção.

— Ah, teve sim. Estava sendo uma malcriada de propósito porque sente falta dos seus castigos. Você tem sido uma garota má, Annika, e sabe o que acontece com garotas más?

Meu corpo se pressiona contra o dele conforme aquela tensão familiar cresce em meu ventre. Ele tem um jeito de despertar meus desejos mais selvagens com uma simples mudança de tom.

No momento em que sua voz abaixa, sei que estou em sérios apuros.

— Elas são devoradas.

Tapa.

Eu me encolho com o golpe, mas seu aperto ainda impede os meus movimentos.

— Creigh… por favor.

— Não há “por favor” no mundo que vá te salvar hoje. — Sua mão desliza da minha bunda para o meu quadril, então para a curva da minha cintura antes de acariciar a pele das minhas costas. — Você nunca deveria ter ido até aquela boate vestida como um presente esperando para ser desembrulhado. Nunca deveria ter me desafiado.

Ele agarra o tecido do meu vestido e o rasga com força em um único puxão. Arfo. Não é só por causa da agressividade dele, mas pelos estímulos que me invadem de uma só vez.

O bojo embutido escorrega dos meus seios e o vestido se torna um montinho no chão. Fico ali parada com nada além da calcinha.

Uma calcinha encharcada.

Como algumas palmadas e o tom dele podem ser suficientes para me deixar caótica assim?

Creighton se afasta e minha pele formiga onde suas mãos me tocaram.

— Deita na cama.

Sua voz autoritária não deixa espaço para negociação. Tropeço na direção da cama e me deito nos lençóis bagunçados.

Eles cheiram a ele; todo masculino e viciante. Preciso de todas as minhas forças para não abraçar o travesseiro dele contra o peito ou algo assim.

Creighton vai até o armário e me esforço para ver o que está aprontando.

Ele reaparece com uma bolsa de couro preta. Normalmente, eu comentaria sobre o estilo e a qualidade do objeto, mas não tenho chance de fazê-lo antes que ele comece a retirar uma corda de dentro.

Sua voz grave, profunda e absolutamente controlada ressoa pelo quarto e, em seguida, me atinge.

— Eu planejava te apresentar mais ao conceito da dor, te treinar e te disciplinar melhor antes de chegarmos a este momento, mas você tinha que ir lá e me provocar, roxinha.

Corda.

Corda.

Mais corda.

Engulo o nó que se forma na minha garganta, mas ele só aumenta.

Creighton joga a bolsa na cama e sobe. O colchão afunda sob seu peso enquanto ele se senta em mim com um joelho apoiado de cada lado, agarra meus dois pulsos com uma das mãos e os leva acima da minha cabeça.

Sua calça jeans cria atrito contra minha pele nua, causando-me arrepios que se multiplicam em uma velocidade assustadora.

— Creigh…

— Shh. — Ele enrola a corda em um pulso e o prende à cabeceira de metal, depois faz o mesmo com o outro.

Tento puxar minhas mãos, mas os nós que ele fez ficam mais apertados a cada tentativa. Merda. Ele é um especialista nisso, não é?

Creighton se afasta de mim depressa, parecendo muito maior do que eu me lembrava, parado à minha frente.

Levanto a cabeça, observando-o agarrar um tornozelo e amarrá-lo ao pé da cama. Então ele repete o movimento com o outro pé, de modo que eu fique completamente esticada no colchão, com apenas minha calcinha oferecendo algum tipo de barreira.

E eu preciso disso agora.

Enquanto ele me amarrava, eu estava meio que hiperventilando. Embora eu goste das preliminares de punição e prazer, esta situação é diferente.

Estou completamente à mercê dele, em uma posição da qual não conseguiria escapar mesmo se quisesse.

Um monstro de sangue frio e impiedoso que quer um pedaço da minha carne me prendeu.

Literalmente.

Figurativamente.

Creighton vasculha sua bolsa, que agora está no chão, e reaparece com uma venda.

Nego com a cabeça freneticamente.

Sim, estou ansiosa, mas prefiro ver os planos dele para mim, mesmo que seja além do que consigo aguentar.

Ele levanta meu queixo com dois dedos e, em seguida, passa o polegar sobre meus lábios entreabertos.

— Você será minha linda bonequinha esta noite, Annika. Usarei sua pele alva como minha tela de pintura, vou te transformar em meu brinquedo até que meu pau te preencha inteirinha, e que você esteja soluçando e gritando meu nome. A única coisa que você terá para me fazer parar é aquela palavra.

Então ele coloca a venda sobre meus olhos, tornando meu mundo um breu.

Minha mente dispara no momento em que minha visão é confiscada.

Ele tem razão. Tenho aquela palavra e posso parar o que está acontecendo.

Posso, sim.

Mas, por algum motivo, não quero. Pelo menos não agora.

Então, respiro devagar, como todas as vezes em que ele me colocou em seu colo ou em uma mesa. De certa forma, isto não é diferente. Só estou amarrada à cama.

Além disso, não é como se ele permitisse que eu me movesse nas situações anteriores, mesmo sem estar amarrada.

Esta é exatamente a mesma situação em um cenário diferente.

Ou estou me iludindo.

Meus sentidos se aguçam devido à minha perda de visão. Meus ouvidos captam o mais sutil som, meu nariz é permeado pelo cheiro de Creighton e minha pele fica tão sensível que mal consigo lidar com os lençóis macios.

Um som vem da minha lateral e percebo que ele está revirando sua bolsa do terror outra vez.

Ansiedade e tesão se misturam, guerreando dentro de mim até que acho que vou vomitar.

Minha respiração falha quando o barulho cessa, e o sinto pairando sobre mim, observando-me em silêncio, com expectativa.

Então, algo frio toca minha barriga e desliza até o cós da minha calcinha.

— C-Creighton?

— Adoro quando você fala meu nome com essa vozinha assustada. Isso me dá tesão.

Um arrepio toma conta do meu corpo inteiro, porque não tenho dúvidas de que meu medo é o catalisador dele e que ele se excita com isso e com a minha dor.

Ainda deslizando a coisa fria — agora mais quente — sobre minha barriga, ele amassa minha calcinha com o punho, puxando o tecido contra meu clitóris.

Meu corpo se arqueia para longe do colchão enquanto um prazer inexplicável me invade. Como o desamparo e a escuridão podem me excitar tanto?

Estou tão sensível que um simples roçar das minhas roupas é suficiente para me deixar superestimulada.

Um som cortante me tira do devaneio.

Ar atinge meu íntimo quando minha calcinha é removida. E então algo de plástico é colocado na minha boca.

— Chupa.

Abro os lábios ao seu comando e os envolvo em algo de forma arredondada, como uma bola.

— Boa menina.

Meus movimentos se tornam mais entusiasmados com seus elogios, e eu chupo e lambo como se fosse seu pau.

Creighton logo tira o que quer que tenha colocado na minha boca e o desliza pelo meu clitóris, ali na entrada. Ele me provoca, esfregando e deslizando o objeto pela minha umidade até que eu me contorça.

Então ele o enfia dentro de mim. Estremeço quando o objeto (um brinquedo sexual, presumo) me preenche. E então uma vibração lenta começa no meu íntimo e contra meu clitóris.

Um arrepio me percorre com a estimulação suave, quase como um toque delicado, que Creighton é frio demais para oferecer.

— Vamos jogar um jogo. — Ele desliza a ponta do primeiro objeto gelado que me tocou sobre meus mamilos enrijecidos. — Se você não gozar até o fim dos seus cinco golpes de punição, eu te solto. Porém, se você gozar… será minha para eu te devorar.

Engulo em seco, mas a ação se transforma em um grito agudo quando seu primeiro golpe atinge meus seios sensíveis.

Fogo se espalha pela minha pele e me consome de dentro para fora. O lugar onde ele me atingiu queima e formiga.

É um chicote, eu acho. Ele está me punindo com um chicote.

Puta merda. Eu não entrei nessa para passar por isso.

Ou será que entrei?

Creighton sempre foi transparente sobre quem ele é e quais são suas inclinações. Ele nunca disse que me ofereceria sexo baunilha.

Caramba, ele até falou sem rodeios que não namora, não acredita nessa encenação de relacionamento e gosta de depravação.

Desejos singulares.

Tendências violentas.

Com o tempo, descobri que ele é um dominador nato e um sádico sem vergonha que trouxe à tona a masoquista em mim. De certa forma, tenho me acostumado com isso, com a anormalidade dele. Gosto da liberdade que a perda de controle oferece. Aprecio não ter que planejar cada passo, não ser uma princesa da máfia perfeitinha, não ser a pessoa favorita de todos.

Anseio pela depravação e liberdade que ele oferece nesse acordo de pegar ou largar.

Mas posso ter superestimado minha tolerância à dor.

Quando o segundo golpe vem, lágrimas encharcam a venda e escorrem pelo meu rosto. A palavra de segurança está na ponta da minha língua.

Eu posso parar isso.

Se eu assim escolher, vou parar com isso.

O terceiro golpe vem acompanhado de algo completamente diferente da dor excruciante. A vibração no meu íntimo e no meu clitóris aumenta até ser tudo o que sinto.

No quarto golpe, um gemido e um soluço escapam do fundo da minha garganta.

O prazer se acumula entre minhas pernas, e tento juntá-las, mas isso só aperta as amarras em volta dos meus tornozelos.

Uma coceira desconhecida surge no meu âmago, queimando, esperando, pulsando por alívio.

Eu quero gozar.

Eu quero gozar.

Eu quero *gozar*.

Nunca experimentei esse tipo de estímulo antes e acho que será o meu fim. Que, de alguma forma, vou desmaiar aqui e agora com a necessidade de simplesmente gozar.

— Creigh… p-por favor… por favor… — Não reconheço minha própria voz, tampouco a luxúria nela.

Não reconheço a necessidade se agitando, latejando, se contraindo em meu ventre.

Ele passa o chicote pelos meus mamilos excitados e eu estremeço.

— Isso deveria ser um castigo, lembra, roxinha? E, ainda assim, sua boceta está deixando uma poça no colchão. Que bagunça.

— Por favor… por favor…

— Por favor, o quê? — Ele provoca meus mamilos dolorosamente ardidos e estimulados. — Te deixar gozar?

Incapaz de encontrar palavras, assinto sem parar.

— Mas esse é um privilégio exclusivo para meninas comportadas, coisa que você não foi esta noite, Annika. *Não* goza.

O chicote zune no ar antes de atingir meus mamilos outra vez.

Já era para mim.

A onda que me atravessa é diferente de qualquer outro orgasmo que já tive. A força dele quase me cega.

É uma mistura de dor, prazer, soluços, gemidos e uma ardência latejante sem fim.

É uma sinfonia de músculos contraídos e tesão transbordante.

Minhas unhas cravam na corda como se minha vida dependesse disso enquanto caio sem parar, sem solo à vista.

Sou envolvida por um murmúrio de reprovação.

— Falei para você não gozar, não falei?

A escuridão intensa de seu tom me congela no lugar.

O colchão afunda e, logo em seguida, ele remove a venda.

Pisco para afastar as lágrimas enquanto a luz machuca meus olhos, agora sensíveis. É então que vejo Creighton entre minhas pernas, com as calças abaixadas e o pau duro em sua mão.

Ele faz um longo movimento com o pulso, se masturbando com uma firmeza assertiva que me deixa de boca seca.

— Vou te estraçalhar e te possuir, Annika. Vou te marcar para que ninguém ouse chegar perto de você de novo.

Antes que eu possa responder, ele arranca o brinquedo sexual de mim e me penetra de uma só vez.

Seu gemido e minha arfada ecoam no ambiente. Se eu pensava que o brinquedo me preenchia, então ele está me rasgando ao meio.

Meu corpo inteiro estremece e eu me agarro às cordas com tudo o que tenho.

Creighton para, e seus olhos oceânicos vão de luxúria sombria para luxúria perplexa.

— Você é… virgem?

— Tá tudo bem. — Suspiro, cravando minhas unhas na corda. — Tá tudo bem se for você.

— Porra — xinga ele baixinho, tão baixinho que mal o ouço.

Então ele estica a mão para o lado e pega uma faca. *Por favor, não me diga que foi isso que ele usou para tirar minha calcinha mais cedo.* Com habilidade, ele corta a corda em volta dos meus pulsos, me puxa contra si e, em seguida, se estica para soltar meus tornozelos.

Tudo isso com seu pau enfiado em mim até o talo e os vergões nos meus seios latejando, provocando prazer e dor.

Creighton me deita outra vez na cama, com as mãos nas laterais do meu rosto. Seus olhos se perdem nos meus, escuros e obstinados, enquanto ele move os quadris devagar.

— A porra de uma virgem. Por que não me contou que era virgem, Annika? Hein?

— Não achei que fazia diferença — digo entre gemidos, entrando no ritmo do seu pau.

— Faz quando eu estava planejando te foder como um animal.

Estico as duas mãos, ignorando as marcas vermelhas nos meus pulsos, e seguro suas bochechas entre as palmas.

— Gosto quando você é um animal.

— Porra.

Ele diz isso com uma voz quase inaudível antes de colar os lábios nos meus e me foder. Percebo que ele está reprimindo seu verdadeiro eu na tentativa de não me machucar.

Mas quando cravo as unhas em suas costas e balanço os quadris, ele aumenta o ritmo até estar acabando comigo de dentro para fora.

A dor dos vergões aumenta a fricção. Ele se afasta para sussurrar:

— Está sentindo sua boceta apertando meu pau, exigindo mais? Essa boceta é minha, não é?

Concordo com a cabeça, deixando o prazer me invadir.

— Diga.

— É sua…

— Diga para eu foder essa minha boceta como eu quiser.

— Fode sua boceta como você quiser. — Estremeço.

— Porra. — *Estocada*. — Sua boceta foi feita para mim. — *Estocada*. — *Você* foi feita para mim.

Ele tira totalmente o pau e depois me penetra com tudo. Vejo estrelas quando o orgasmo me atinge com uma força que eu não imaginava ser possível depois do prazer que senti há pouco.

Desta vez, digo seu nome enquanto ele me penetra sem parar, até que eu seja levada ao limite outra vez, literal e figurativamente.

— Creighton… Creigh…

— Adoro quando você fala meu nome com essa vozinha erótica. — Ele acaricia meus lábios, minha bochecha, meu nariz, espalhando beijos firmes por toda parte. — Adoro sua cara quando você está sendo dilacerada pelo meu pau. — Ele vai com mais e mais força até a cabeceira da cama bater contra a parede, com a brutalidade por trás de sua reivindicação. — Mas, acima de tudo isso, adoro como você me recebe como uma boa menina.

Não tenho certeza se é uma continuação do primeiro orgasmo ou um novo, mas suas palavras, somadas ao seu toque intenso, me fazem gozar de novo.

E *de novo*.

Os lábios de Creighton encontram a pequena cavidade na base do meu pescoço, então ele morde ali com força enquanto se esvazia dentro de mim com um grunhido.

Prazer com dor.

Não há prazer sem dor.

Quanto mais forte a dor, maior o prazer.

Acho que comecei a entender esse conceito conforme amoleço em seus braços com um sorriso.

Não tenho certeza se é um sonho, mas consigo senti-lo me aconchegando, tocando minha garganta, beijando minha bochecha e sussurrando:

— Feliz aniversário, roxinha.

CAPÍTULO 19
CREIGHTON

SEMPRE PROSPEREI TENDO O CONTROLE.

Não só é seguro, como também é a única maneira que consigo me expressar.

Como consequência, tenho sido muito meticuloso em relação a isso, muito disciplinado, muito cuidadoso para não permitir nenhum dano à minha armadura.

Nunca dei vazão a emoções bobas e irracionais, tampouco as alimentei.

Nunca deixei alguém se aproximar o suficiente para espiar meu interior.

Descascar meu exterior.

Transformar minha disciplina em pedacinhos.

Isto é, até que essa garota cheia de energia invadiu minha vida sem ser convidada, se instalou onde ninguém jamais pisou e vem me detonando de dentro para fora desde então.

Apesar do brilho de submissão que havia em seus olhos azul-acinzentados, optei por não lhe dar atenção e a ignorei como se ela não existisse.

Ela é jovem demais, diferente demais, cheia de… vida demais.

É essa a imagem que tenho da Annika. *Vida*.

Vida brilhante, deslumbrante, roxa e violeta.

E minha escuridão absoluta não tem o direito de apagar essa luz, devorando-a lenta, mas inevitavelmente.

Quando isto acabar, não sobrará nada dela para os outros verem.

Ela estará tão vazia. Tão… sem vida.

A escolha mais lógica é deixá-la ir. Eu deveria ter feito isso na primeira vez que a toquei. De preferência, antes. Porque um gostinho foi o que começou essa situação toda.

Um gostinho foi o que jogou tudo ladeira abaixo.

No entanto, não consigo sequer contemplar a opção onde ela não está na minha vida.

Ela chegou como um vendaval, e agora há um buraco no lugar do impacto.

Haverá um dia em que precisarei deixá-la ir. Ela é tão linda, e estou destinado a destruir qualquer coisa bela.

Mas esse dia não é hoje.

Depois de abrir a torneira e deixar a água encher a banheira, pego uma toalha, umedeço-a e volto para o quarto.

Annika capotou há algum tempo e está dormindo de lado, com uma leve ruga na testa.

Afasto o lençol que cobre sua cintura e ela estremece, provavelmente por causa dos vergões. Meu pau se estica contra a cueca boxer ao ver as intensas marcas vermelhas maculando a pele alva de seu pescoço e seios, sem mencionar seus mamilos rosados e duros.

Aperto um deles e ela geme, enterrando o rosto no travesseiro.

Só Annika sentiria esse prazer extremo na dor. Ela diz que não gosta, mas seu corpo a contradiz.

Quanto mais eu inflijo dor, mais ela se desfaz.

Ela é uma masoquista nata. Só não sabia disso.

Sento-me no colchão, abro suas pernas e hesito diante da visão do sangue seco na parte interna de suas coxas.

Ela era virgem.

A porra de uma *virgem*.

Eu deveria ter desconfiado, considerando sua criação protegida, mas, por outro lado, ela é engenhosa e astuta o suficiente para ter transado, se quisesse.

Talvez não quisesse até então.

Abaixo a mão para ajustar minha ereção na cueca ao ver meu esperma misturado com o sangue dela. Então, começo a limpar suas coxas com dedos firmes e sem pressa.

Gemidos baixos escapam dela, e levo mais tempo do que o necessário para limpar sua boceta rosinha.

Continuo o serviço, gravando essa imagem dela nos cantos mais profundos e escuros da minha memória.

Assim que termino, jogo a toalha no chão, abro a gaveta da cabeceira e pego um tubo de bálsamo. Nunca fiz nenhum tipo de prática em casa, mas

planejava trazer Annika para cá desde o começo — embora não tão cedo assim —, e é por isso que comprei o necessário.

Das cordas aos brinquedos e ao bálsamo.

Aplico-o sobre os vergões, meus dedos se demorando um pouco demais em cada marca irritada.

Minhas marcas.

Meus hematomas.

Eu a marquei, então ela é minha.

Uma sensação de possessividade intensa me agarra com firmeza enquanto inspeciono o mapa de vergões que deixei. E também quando me lembro de como ela gritou e soluçou, então desmoronou enquanto aguentava tudo.

Annika choraminga enquanto cuido dela, mas não dá sinais de acordar enquanto se esconde no travesseiro.

Depois de terminar de aplicar o bálsamo, eu a carrego nos braços como se fosse uma noiva. Sua cabeça pende e repousa no meu peito; o cabelo está desgrenhado, os lábios estão entreabertos e o rímel escorre por suas bochechas, mas ainda não há nenhum sinal de consciência.

O aroma de violetas se mistura com meu cheiro nela, além do de sexo, me sufocando e enviando um sinal de "vamos de novo" para o meu pau meia-bomba.

Cedo demais.

Se eu seguir esse instinto, vou quebrá-la de verdade desta vez, e não quero isso. Por mais que eu goste de machucá-la, não quero levá-la a um ponto sem volta.

Eu a carrego até o banheiro, verifico a temperatura da água e, em seguida, a coloco na banheira lentamente até que seus seios estejam parcialmente cobertos.

Se dependesse de mim, eu a manteria assim, com minha porra seca entre suas pernas e meu cheiro em sua pele.

Mas não estou disposto a sacrificar seu conforto por isso.

Embora eu esperasse que ela acordasse ao entrar em contato com a água, ela não o faz. Sua cabeça se inclina para o lado, deixando o cabelo cair em cascata pelos ombros e dentro da banheira.

— Annika. — Levanto seu queixo. — Vamos lá, acorda, roxinha.

— Humm.

Seus sons baixinhos de prazer e seus gemidos quase me fazem gozar na boxer. Caralho. Eu a sinto em todos os lugares: na minha corrente sanguínea, na minha carne e naquele canto proibido do meu coração.

Eu a cutuco outra vez, mas um som ininteligível é tudo o que recebo como resposta. Então, me inclino e sussurro em seu ouvido:

— Que tipo de encontro você quer ter agora?

Isso chama sua atenção; seus brilhantes olhos azul-acinzentados se abrem devagar, e ela encara a parede oposta, atônita, quase sem foco. Então, ela se concentra no próprio corpo, que está submerso na água.

Seu expressivo olhar azul-acinzentado desliza para mim, e parte da confusão desaparece automaticamente.

É como se ela… confiasse em mim.

Grande erro.

Uma ovelha nunca pode confiar no lobo. Não importa a máscara bonitinha que ele use.

Seus dedos vão até a garganta pálida, agarrando o colar que coloquei lá quando ela dormia, e então ela pega o pingente na palma da mão, seus olhos se arregalando.

— O que é isso…? — Sua voz está um pouco rouca, um pouco áspera.

Ela é, sem esforço nenhum, a coisa mais erótica que já vi.

E talvez, só talvez, isso não se deva apenas ao seu corpo, que foi feito para ser fodido, marcado e amarrado.

— Seu presente de aniversário. É a coisa mais próxima do roxo que consegui encontrar.

— É um diamante.

— E…?

— É um diamante rosa-púrpura. Ele é, tipo, muito raro e caríssimo.

— Nada é muito raro quando peço ajuda ao meu pai. E, por sorte, sou rico.

Ela abre um sorriso suave, seus dedos percorrendo a joia.

— É tão lindo. Vou cuidar como se fosse um tesouro.

Minha respiração se acalma enquanto ela examina o colar com admiração. Todo o esforço que tive para mandar fazer isso especialmente para ela vale a pena neste momento.

Depois de um minuto inteiro de admiração, ela se concentra no próprio corpo.

— Espera aí. Você preparou um banho para mim?

— Acho que está óbvio.

— Mas por quê?

— Você não está dolorida?

Ela estremece. Então seus lábios se projetam para a frente em um beicinho.

Adorável.

— Precisa mesmo perguntar? Você meio que me quebrou ao meio com seu pau monstruoso. Literal e figurativamente. — Ela mexe os dedos dos pés debaixo d'água e suspira. — Está agradável.

Pego a embalagem do meu xampu, sento-me na beirada da banheira e esfrego seu cabelo.

— Pau monstruoso?

— Hum. — Ela se inclina em direção ao meu toque, fechando os olhos. — Você já deu uma olhada nele? É nível pornô.

Meus dedos se enroscam em seu cabelo e eu puxo os fios até que sua cabeça encoste no meu abdômen.

— Você assiste a pornô?

Seus olhos se abrem de uma vez.

— Todo mundo assiste a pornô.

— Eu não assisto.

— Você não precisa ver nada, considerando seus gostos muito *peculiares*. Por que assistir a cenários de mentira quando pode experienciar todos eles na vida real? Reconheça seus privilégios, nem todos nós pudemos fazer sexo tão jovens.

— Um dia desses, ainda vou foder sua boca até essa esperteza toda sumir.

— Você está sendo impossível. Pornografia é normal, e não é como se eu assistisse o tempo todo.

— Que tipo de pornô você assiste?

Uma risada constrangida escapa dela.

— Achei que não fosse alguém que entende de pornô. Como você sabe que existem categorias?

Eu puxo seu cabelo com mais força.

— Responda à pergunta, Annika.

— Um pouco de tudo. E, como falei, eu só faço isso uma vez por mês, e olhe lá.

— Quais termos você pesquisa quando abre um site pornô pela primeira vez? Quando sente tesão e sua bocetinha fica pulsando, o que você procura?

Seus lábios entreabrem e preciso de todas as minhas forças para não os preencher com meus dedos ou com meu pau.

— Pesado — sussurra ela, desviando o olhar. — *Hardcore*. Amador. Eu não gosto de… hum, gemidos e orgasmos falsos, prefiro ver como seria na vida real.

— Não assista mais.

— Por que não?

— Não gosto quando você olha para o pau de outros homens.

— Não se preocupe. O seu é muito mais brutal.

— Estou falando sério.

— Não acredito que você esteja com ciúmes de pornô. Você não me vê surtando por causa de todas as suas antigas *submissas*.

— Você pode.

Ela solta um suspiro.

— Não vou fazer isso. Seria vergonhoso. E, a propósito, você não usou camisinha, mas está tudo bem. Eu tomo anticoncepcional, então tudo certo, mas não quero pegar nada que suas parceiras sexuais anteriores te passaram.

— Se elas me passaram algo, você já pegou.

Annika empalidece até ficar branca como papel, e dou uma risada.

— Eu estava brincando.

Seus lábios se abrem e ela me observa com atenção, como se gravasse cada detalhe do meu rosto na memória antes de engolir em seco.

— Desde quando você faz isso?

— Desde que você apareceu.

— Você também riu.

— Eu só rio perto de você. — Acaricio seu cabelo com os dedos, massageando seu couro cabeludo. — Mas, falando sério, fiz os testes. Sempre uso camisinha, além disso, não faço sexo com penetração há meses.

— Por que não?

— Infligir dor geralmente é estímulo suficiente.

— Mas comigo não?

— Com você, não. — Eu precisava transar com ela, possuí-la, deixar minha marca nela para que ninguém ousasse chegar perto.

Ela mordisca o canto do lábio.

— Se você sempre usa camisinha, por que não usou comigo?

— Eu esqueci, e quando lembrei, você estava encharcando meu pau com seu sangue. Não tinha a mínima chance de eu desistir dessa sensação.

— Você… não precisa ser tão detalhista.

— Foi você quem perguntou. Agora, me diga… — Acaricio os longos fios do seu cabelo, puxando-os para perto do meu rosto e ficando um pouco decepcionado por cheirarem ao meu xampu e não ao aroma de violeta dela. — Por que você era virgem?

Ela mexe os dedos dos pés na água outra vez.

— É meio difícil perder a virgindade quando se está cercado por uma família superprotetora. Mas, mesmo quando tive a oportunidade, não queria transar no banco de trás de um carro ou num canto escuro de uma festa, onde seria simplesmente decepcionante. Pode parecer clichê, mas eu queria que fosse especial.

— E foi especial?

— Foi muito mais que isso. — Ela me lança um olhar. — Definitivamente não foi o que eu esperava.

— Apesar de todo o pornô?

— Apesar disso. E para de julgar tanto. Pelo menos o pornô me ensinou algumas coisas.

— Tipo?

— Que é diferente da vida real.

Meus dedos voltam ao movimento suave de lavar o cabelo dela.

— Diferente em que sentido?

— Na vida real, é mais poderoso, mais intenso, mais… avassalador. — Ela me encara. — E dói.

— A dor é um catalisador do prazer. — Pego o chuveirinho e enxáguo o xampu do cabelo dela. — Você poderia ter parado se tivesse ficado intenso demais.

— Não. — Ela se inclina na direção da minha mão, se esfregando em mim como uma gatinha. — Gosto da dor, mas só se você me der banhos assim depois.

— Só para você saber, não vou pegar leve com você.

Ela pisca para afastar a água dos olhos e os revira.

— Nunca imaginei que fosse fazer isso, sádico.

Um sorriso se forma em meus lábios.

— Olha. Você até está feliz com isso. — Ela me olha por cima do ombro. — Sabia que você é a pessoa mais amigável do mundo depois de infligir dor? Não sei se devo ficar feliz ou assustada com essa informação.

— Voto na segunda opção.

— Meu Tchaikovsky. Você é tão cruel.

Meu bom humor evapora.

— Que porra eu falei sobre adorar aquele compositor?

Seus olhos se arregalam e ela bate os dedos nos lábios.

— Foi mal, esqueci.

— Da próxima vez, te coloco no meu colo.

— Sim, senhor — zomba ela.

— Não me chama assim.

— Vocês, homens, não gostam de ser chamados de “senhor”?

— Eu não, e não vindo de você.

— Ótimo, porque prefiro “Creigh”. — Ela abre um sorriso tão grande e alegre que sinto vontade de devorá-lo.

E devorá-la.

Quero açoitá-la, espancá-la, colocá-la na beirada da banheira e fodê-la de novo e de novo até que ela grite meu nome.

Preciso de todo meu autocontrole para me levantar.

— Vou te deixar terminar.

Uma mãozinha segura a minha, me fazendo parar.

Sua expressão inocente preenche minha visão enquanto ela murmura:

— Você precisa mesmo ir?

— Não consigo simplesmente ficar aqui e só te assistir.

— Consegue sim. — Ela joga a água na direção oposta com o pé. — Você também pode se juntar a mim.

Eu me deleito com a visão de seu sorriso vitorioso quando me viro. Aqueles olhos inquisitivos me observam sem reservas enquanto tiro minha boxer e a chuto para longe.

Ela estuda cada movimento meu, e é como se estivesse cravando suas unhas e dentes afiados na minha carne.

Nunca senti tanto orgulho do meu físico quanto neste momento em que Annika me observa como se eu fosse seu deus feito sob medida.

Meu pau fica duro com sua atenção, exigindo uma segunda rodada para a foder até a estraçalhar.

Eu me forço a sentar na água morna em frente a ela.

Ela estica as pernas para descansarem sobre minhas coxas.

— Acho que a banheira é pequena demais para nós dois.

— E só agora isso te ocorreu?

— Acabei de perceber. — Ela desliza o pé para cima, acariciando a lateral do meu tronco com os dedos com esmalte roxo.

A pele onde ela toca envia um choque elétrico direto para o meu pau.

— Para com isso, a menos que você queira ser fodida sem camisinha aqui e agora.

Ela morde o lábio inferior como a malcriada que é, mas abaixa o pé para que ele repouse sobre a minha coxa.

— O que a tatuagem de aranha significa?

— Precisa ter um significado?

— Não, mas é incomum alguém tatuar uma aranha tão grande assim, então imaginei que talvez houvesse uma história por trás.

Deixo meus braços ficarem pendurados nas bordas da banheira e reclino a cabeça.

— Tá mais para uma tragédia.

— Tragédia? — Sua voz é praticamente um sussurro.

Não sei se é por causa disso ou da atmosfera pacífica, mas as palavras saem de mim com uma facilidade que eu nunca havia experimentado:

— Havia um garotinho de três anos cujo pai era poderoso o suficiente para que ele e sua mãe fossem tratados de forma diferente apenas por serem sua família, embora o garotinho sempre tenha pensado que não eram uma família de verdade. Seus pais brigavam todos os dias, traíam um ao outro, e só agiam como o casal perfeito em público. Mas ambos o amavam, então, por ele, tudo bem. Um dia, o menino acordou e descobriu que seu pai havia morrido após descobrirem que ele fazia parte de um escândalo. Um escândalo que abalou a cidade deles. O menino e sua mãe foram perseguidos por repórteres, desconhecidos, inimigos furiosos, investidores insatisfeitos, adversários poderosos e policiais. Policiais para caralho, além de outros homens corpulentos. Eles não paravam de vir, como ratos de esgoto. Faziam perguntas e exigências. Ameaçavam e espancavam o menino e sua mãe. Apreenderam quase todos os seus bens… incluindo sua

mãe. Uma criança de três anos não deveria se lembrar de tudo, mas ele se lembrava. Em detalhes vívidos. Ele se lembrava de se esconder debaixo da cama, atrás da porta e no guarda-roupa. Não apenas dos homens, mas também de sua mãe.

O pinga-pinga da torneira aberta é o único som que preenche o banheiro.

O ritmo conflita com meus pensamentos, que logo se tornam completamente vis.

Quando permaneço em silêncio, a voz baixa de Annika ecoa ao meu redor.

— Por que ele precisava se esconder da mãe?

— Porque ela voltou a beber, e era melhor que ele não ficasse no caminho quando estava com uma garrafa de tequila na mão. No início, ela começava a chorar, mas depois… passou a descontar essa energia no garotinho. Isso continuou até que ela não o deixou mais sair de casa, e ele foi puxado para seu círculo violento de autopiedade, onde ela não o alimentava, não cuidava dele e o deixava jogado para apodrecer. Até que sentia vontade de bater nele de novo. O menino pensou que essa realidade nunca acabaria, mas, então, um homem bem-vestido veio anunciar que o banco confiscaria a última posse deles: a casa. Naquela noite, a mãe não bebeu muito. Ela até abraçou o garoto e disse: “Você sente falta do seu pai, querido?” Quando ele assentiu, ela sorriu. “A mamãe também sente falta dele. É muito difícil sem ele. O que você acha de irmos até ele?” O menino pensou que o pai estava no céu. Como eles poderiam encontrar alguém no céu? Ele estava sonolento e tonto, provavelmente porque não comia há dias. Então, fechou os olhos e ouviu a mãe lhe dizer que tudo ficaria bem. Quando voltou a abrir os olhos, viu uma aranha gigante pendurada no teto. Ou foi nisso que ele escolheu acreditar ao ver a cena enquanto rastejava e perdia o equilíbrio, então rastejava de novo até desmaiar. Acontece que a mãe planejou que ambos morressem naquela noite; ela, enforcada, ele, asfixiado por gás.

O barulho de água respingando ressoa ao meu redor antes que uma figura pequenina se encoste em mim.

Olho para baixo e encontro Annika deitada no meu peito. Seus dedos trêmulos acariciam meu maxilar cerrado, e lágrimas mancham seu rosto lindo.

Meus músculos relaxam devagar e eu limpo suas bochechas com os polegares.

— Por que você está chorando?

— Porque eu queria abraçar aquele garotinho, mas não consigo. — Ela envolve seus braços em volta da minha cintura em um abraço apertado e caloroso. — Sinto muito.

Meus dedos se fecham em seu cabelo e afasto seu rosto.

— Aquele garoto está morto, assim como aqueles lixos que se diziam seus pais. Uma pessoa completamente diferente ressurgiu de suas cinzas, e os únicos pais que tenho se chamam Aiden e Elsa King. Então, por que diabos você sente muito? Já não falei para não ter pena de mim?

— Mas eu não tenho. — Seus lábios tremem, e ela não tenta lutar contra o meu aperto em seus fios. — Só quero compartilhar sua dor.

— Não há nada para compartilhar. Esse capítulo se encerrou.

— Mas…

— Cala a boca. — Solto seu cabelo. — E sai da banheira.

Ela é a razão pela qual escavei uma parte minha que gosto de manter enterrada bem fundo, sem que ninguém jamais tenha a chance de descobri-la.

Annika Volkov simplesmente colocou o nariz onde não foi chamada.

Ela me olha nos olhos.

— Se você continuar me afastando, um dia não voltarei.

— Eu consigo viver com isso.

— Bem, eu não.

— Annika. — Cerro a mandíbula. — Ou você sai ou eu te fodo. Dolorida ou não.

Ela não se move nem hesita, seus olhos nunca se desviando dos meus.

— Você devia ter corrido enquanto eu estava sendo legal, roxinha. — Eu a puxo pela cintura. — Senta no meu pau. Vai ser uma noite longa para caralho.

Então, eu a fodo, mordo, marco e faço com que ela se arrependa completamente de um dia ter me escolhido.

Ter me tirado do sério.

Ser a pessoa de quem eu nem sabia que precisava.

CAPÍTULO 20
ANNIKA

Lambe, lambe, lambe.

Estremeço enquanto o sobe e desce de uma língua áspera continua.

No meu rosto.

Acordo assustada e meus olhos quase pulam para fora ao ver o focinho minúsculo, as orelhas e os bigodes.

— Tigre? — Quase grito, e ele pula para trás na cama, assustado, e então lentamente se aproxima de mim outra vez.

Ele cresceu desde a última vez em que o vi, semanas atrás, mas não tenho dúvidas de que é ele. Até tem aquela mancha fofa em formato de coração entre os olhos.

Sento-me e estremeço quando meus músculos doloridos protestam de dor. O banho mal fez efeito depois que Creighton me fodeu de quatro no chão, depois contra a parede e na cama.

Foi poderoso e brutal, e ele não se conteve como da primeira vez. Fez o que quis e me deu um prazer ofuscante em troca.

Ele estava furioso, completamente animalesco e desequilibrado.

Dizer que eu mal escapei com vida seria um eufemismo.

Bem, eu curti, mas não gostei que ele tenha ficado distante depois. Mesmo quando me levou para o chuveiro e nos limpou. Não havia aquele toque carinhoso de quando ele me preparou um banho e lavou meu cabelo.

Por um momento, pensei que talvez tivesse derrubado suas barreiras, mas ele provou que foi apenas uma ilusão.

Ainda assim, ele me deu o colar mais lindo de todos os tempos como presente de aniversário. Passo meus dedos sobre ele para ter certeza de que continua ali.

Além disso, ele me fez dormir aconchegada na curva do seu corpo, então talvez ainda haja esperança?

Embora ele não esteja em lugar nenhum agora, e eu seja a única na cama.

E o Tigre.

Ele pula no meu ombro, chegando perto da minha cabeça como costumava fazer, e eu rio, acariciando-o. Seus ronronados me enchem com uma dose muito necessária de dopamina.

— Você estava aqui o tempo todo, amorzinho? Está até de coleira, que fofura.

Ele esfrega a cabeça na minha mão e ronrona mais um pouco, depois mia, provavelmente pedindo comida.

Deixando-o na cama, levanto-me com esforço e faço uma busca pelo quarto, mas não há comida nem sinal das minhas roupas. Então, visto um dos moletons de Creighton, que me cobre toda praticamente, e saio para o corredor, carregando um Tigre agitado.

— Tudo bem, tudo bem. Vou encontrar um pouco de comida para você.

É mais fácil falar do que fazer, porque logo me perco.

Levo alguns instantes para localizar a escada e ainda mais tempo para chegar à base dela.

Então, caminho pela sala de estar, olhando ao redor e me perguntando se acabei, de alguma forma, presa em uma casa abandonada.

A falta de barulhos em um lugar tão grande arrepia os pelos da minha nuca, e aperto Tigre com mais força.

Agora seria uma boa hora para Creighton aparecer.

A menos que ele tenha desaparecido antes de eu acordar para me poupar do constrangimento de me pedir para ir embora?

Meu coração se aperta com o pensamento, e eu prontamente o empurro de volta para o abismo da minha alma.

— Quem temos aqui?

Eu me encolho, e Tigre também. Ele salta das minhas mãos e sibila para o recém-chegado, com o rabo eriçado, o corpo curvado e as orelhas para trás.

Eli o encara como se ele não passasse de sujeira em seus sapatos, e então a coisa mais estranha acontece: Tigre enfia o rabo entre as pernas e corre para se esconder. Será que Eli o assustou apenas com um olhar?

— Não sou muito popular com animais. — Ele sorri para mim, mas não há um pingo de honestidade nem sensação acolhedora por trás do gesto.

Ele se encosta na parede, e há uma cabeça de búfalo empalhada pendurada acima, dando-lhe um ar macabro. Sua expressão e aura entram

em conflito com a maneira classuda como está vestido: calças pretas bem passadas, uma camisa social elegante e mocassins italianos estilosos.

Ele podia entrar numa sessão de fotos e os fotógrafos se ajoelhariam para capturá-lo com suas lentes.

— Oi — digo, me esforçando ao máximo para parecer casual e nem um pouco intimidada por ele.

Se ao menos Creighton aparecesse neste instante. Não que ele seja melhor que o irmão, mas é aquele lance de antes o diabo conhecido…

— Annika. Se me lembro bem, temos uma conversa para terminar.

É mesmo. Aquela que estava rolando lá no clube de luta, quando Ava tentou atacá-lo e Creighton me sequestrou. Gostaria que aqueles dois estivessem por perto agora.

Como não estão, estou prestes a forçar um sorriso, mas me lembro de como Creighton me disse que eu não devo nada a ninguém, então apenas pergunto em tom calmo:

— Sobre o que você queria conversar?

— Primeiro, sobre seu relacionamento com o meu irmão. Segundo, seu relacionamento com *seu* irmão. Terceiro, como seria uma má ideia se um dia você tivesse que escolher entre eles e optasse pelo seu irmão, deixando meu irmão para trás. Eu levaria isso para o lado pessoal e faria todo o possível para destruir vocês dois.

Sinto um arrepio me percorrer com a maneira amigável com que ele faz ameaças. Sua voz soou suave, totalmente eloquente, como se fosse um âncora do noticiário.

— Não vou machucar o Creighton — consigo responder de maneira assertiva. — E o Jeremy não é o monstro que você pinta. Ele não vai atacar o Creighton só porque estou com ele.

— Esses pensamentos delirantes te ajudam a dormir melhor à noite? Ambos sabemos que seu querido Jeremy é capaz de muito mais do que isso. Então, que tal você se afastar da maneira fácil antes que a merda atinja o ventilador?

— Com todo o respeito, você não tem o direito de se intrometer entre Creigh e eu. E não vou embora.

Percebo que Creighton e eu temos um longo caminho a percorrer; a foda selvagem de ontem à noite, logo depois que ele revelou um pouco de si, foi só o começo, mas não me importo.

Gosto de quem sou ao lado de Creighton, gosto do jeito como me torno mais franca e menos aduladora. E quero que ele goste de si quando estiver comigo também.

Para conseguir isso, estou disposta a fazer qualquer coisa.

Eli me observa por um instante, seus olhos cinzentos parecendo quase pretos. E, embora eu queira correr e me esconder, me obrigo a manter contato visual, a encontrar seu olhar com o meu.

— Muito bem. — Ele se afasta da parede. — Vou ficar de olho em você.

— Também vou ficar de olho em você.

— É? — Ele sorri como um lobo, com a cabeça inclinada para o lado. — Por qual motivo?

— Para quando você achar que é uma boa ideia intervir.

Seu sorriso se alarga.

— Não é à toa que o Creigh te escolheu, sendo que ele nunca se interessou por ninguém.

Um calor irrompe na minha barriga, mas é do tipo bom, do tipo que me aquece de dentro para fora.

Jogo o cabelo para trás e não consigo evitar um sorriso largo.

— Sou especial assim mesmo.

— Arrogante também. Entendo por que você é amiga dela.

— *Dela* quem?

— Deixa para lá.

Ele está prestes a sair, mas eu me coloco na frente.

— Posso te perguntar uma coisa?

— Só respondo perguntas aos domingos. Igual à igreja.

— Hoje é domingo.

— Que sorte a sua — responde ele com aquele sorriso irônico que nunca deixa seus lábios, e eu hesito, pensando que talvez esteja deixando alguma coisa passar, mas logo descarto a ideia.

Aproximo-me dele.

— Você sabe quando o Creigh fez a tatuagem de aranha?

Essa é minha tentativa de descobrir a época em que ele percebeu que ainda era assombrado por suas memórias, apesar de ter uma boa família. Por mais que ele negue, sei que o que aconteceu na infância o afeta de uma forma ou de outra. Não tive a chance de perguntar por causa do sexo que ele

deve ter usado como meio de me calar, mas posso tentar obter informações com o Eli.

— No ensino médio. *High school* para vocês, americanos. É uma lembrança da versão mais jovem dele.

Claro. Eli é o irmão mais velho dele, então é lógico que sabe sobre a adoção.

Como é que ninguém me contou? Talvez seja informação que só um círculo fechado tenha, e eu não pertenço a esse grupo. Embora eu esteja um pouco magoada, decido me concentrar em uma questão muito mais urgente.

— Você sabe do… passado dele?

— Não há nada que eu possa te contar sobre isso além do que ele já falou.

— Só quero entender se ele se tornou o que é por causa disso.

— "O que é"?

— Tenho certeza de que você sabe que ele é um… sádico.

Ele sorri.

— Tenho orgulho dele.

É claro que tem. Agora estou começando a entender por que a Ava o chama de "Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado".

Eli é uma anomalia.

Mas talvez seja o tipo de irmão de que Creighton precisava enquanto crescia, considerando que carrega esse tipo de bagagem.

— Então? — insisto. — Ele é assim por causa do passado?

— Talvez. Provavelmente.

Então me dou conta. Certa vez, Creighton me contou que come demais porque passou muita fome em algum momento da vida. E provavelmente dorme sempre que possível por causa do passado também.

Arrepios percorrem minha pele com uma velocidade assustadora, como quando ele me contou a história ontem à noite.

Pensar que alguém tão jovem passou por tudo aquilo me dá vontade de chorar.

Mas não quero que Creighton interprete tal gesto como pena. Eu realmente não sinto pena dele. Só quero que possa contar comigo.

Ao que tudo indica, sou péssima em expressar tal pensamento, porque ele se ofendeu com minhas palavras ontem à noite e descontou no meu pobre corpinho.

— Minha vez de fazer perguntas. — A voz de Eli me traz de volta ao presente. — Como você o coagiu a falar?

— Eu não coagi.

— Conta outra. Ele passou por terapia intensiva quando criança e já superou essa fase da vida há muito tempo. Ele não tocaria no assunto a menos que fosse instigado a falar. Então me diga, Annika, que método você usou?

— É sério, não fiz nada. Só perguntei sobre a tatuagem dele.

Ele estreita os olhos por um instante, depois se recompõe.

— Hum.

Ficamos em silêncio por um tempo antes de eu perguntar baixinho:

— Você sabe onde ele está?

Ele inclina a cabeça para a esquerda.

— Na cozinha.

— Obrigada.

Começo a ir naquela direção e percebo que Eli me acompanha. Prefiro não comentar sobre isso para evitar conflitos desnecessários.

Se eu quiser ficar com Creighton, preciso me acostumar com Eli, já que o irmão faz parte da vida dele.

Uma comoção nos recebe assim que abrimos a porta.

Creighton está de avental, mexendo no celular, e há farinha salpicando suas mãos, rosto e até sua calça.

Remi parece ser seu mentor, considerando os aventais combinando e seus braços cruzados.

Em frente aos dois está Brandon, aparentemente alheio a toda a confusão enquanto toma seu café e lê alguma coisa em um tablet.

— Estou falando, cria, todas essas receitas são idiotas e erradas. Como ousam competir com a opinião de minha senhoria?

Bran arqueia uma sobrancelha.

— E por acaso você é um especialista nisso?

— É óbvio. — Remi joga as mãos para o alto. — Estou sempre certo.

— Está mais para sempre errado — murmura Creigh.

— Mas que porra? Mas que porra de caralho, cria? Acordei cedo depois da minha transa (ou melhor, transas) de ontem à noite só para te ajudar na sua missão, e você diz que estou errado? Vou te denunciar para associações de direitos humanos por abuso.

— Ai, vai começar de novo. — Bran suspira.

— Cala a boca. Não se faça de inocente depois de começar essa briga sem fim entre pai e filho. Cria, como pôde fazer isso comigo?

— Foco — pede Creigh, ainda olhando para o celular. — Quanta manteiga devemos esquentar?

— O suficiente para afogar o Remi. — Eli entra de modo tranquilo, pega uma maçã da mesa e sorri.

— Que isso? Que violência é essa contra mim esta manhã? — Remi finge segurar um celular. — Alô? Proteção a testemunhas? Me busquem, por favor.

Creighton levanta a cabeça, seus olhos encontrando os meus do outro lado da cozinha antes de se voltarem para o irmão e se estreitarem. Ele afasta o celular para o lado, pressionando o dedo contra a parte de trás do aparelho, conforme me avalia da cabeça aos pés e dos pés à cabeça.

O ar se carrega de uma tensão animalesca e faminta; e me surpreende que mais ninguém no cômodo pareça perceber.

Quando ele não demonstra intenção de cortar o nosso contato visual, engulo o nó na garganta e então me concentro nos outros.

— Oi, meninos.

Bran me cumprimenta com um aceno de cabeça. Remi praticamente corre em minha direção e me agarra pelos ombros.

— Me salva dessas bestas selvagens, Anni. Juro que elas estão atrás da vida da minha senhoria.

Creigh basicamente joga o celular no chão e chega até nós em poucos passos. Observo, perplexa, enquanto ele agarra a mão de Remi, que está em volta dos meus ombros, torce seu punho até o amigo gemer e o empurra contra a parede mais próxima.

— Que porra é essa, cria?

— Nada de ficar tocando.

— Alguém está com ciúmes. — Eli se apoia no balcão e cutuca Brandon ao seu lado. — Você alguma vez já imaginou que testemunharíamos nosso Cray Cray se transformar em um homem das cavernas?

— Eu meio que deduzi isso, já que ele não ficou muito contente com a ideia de eu me tornar o namorado de mentirinha dela. — Bran toma um gole de café.

— Mas que caralho… — O olhar de Remi passa por todos nós. Ele se esqueceu completamente de como Creighton o empurrou. — Faz tanto tempo? Como é que só descobri agora?

— Talvez porque você não é muito inteligente? — Eli se serve de uma xícara de café.

— Ou só não entendeu mesmo? — Bran brinda sua xícara na de Eli.

— Tão envolvido no próprio pau que nem enxerga o mundo ao redor direito.

— E tem também a questão da falta absurda de concentração.

Remi entra no modo drama total e começa a xingá-los. Brandon e Eli continuam a escalonar as ironias, especialmente o último.

No meio da discussão, Creigh tira o avental, agarra minha mão e me arrasta para fora da cozinha, então me puxa escada acima.

Assim que entramos no quarto dele, ele fecha a porta.

O peso de seus olhos sombrios, do rosto impenetrável e da expressão vazia me acertam em cheio. Tudo voltado para mim.

Sua voz baixa fere mais minha pele do que suas chicotadas.

— O que você estava fazendo lá embaixo vestida assim?

— Assim como?

— Como se estivesse nua por baixo do moletom.

— Não consegui encontrar as minhas roupas. Além disso, essa coisa é grande o bastante.

— Eu gosto de te ver usando as minhas roupas, mas nunca mais ande por aí assim na frente deles — resmunga ele.

— Não seja um ditador. Além disso, eu tinha um motivo para querer te encontrar.

— Que seria…?

— O Tigre! Como assim você não me contou que o adotou? Você sabe o quanto eu amo aquele gato.

— Era para ele ser seu segundo presente de aniversário.

Abro um sorriso largo.

— Você consegue ser muito fofo quando não está sendo um babaca. — Ele estreita os olhos, e eu emendo apressada: — Quero dizer, obrigada.

— Ajoelhe-se em frente à cama, de bruços no colchão e com as pernas bem abertas.

Aquele formigamento familiar irrompe por todo meu corpo e chega até meu ventre. Mordo o canto do lábio.

— Pode me dar uma pausa? Adoraria fazer tudo de novo, mas estou toda dolorida.

— Não vou te comer. Não seja malcriada e faça o que eu mandar.

Toda vez que ele me diz para não ser malcriada, é exatamente isso que quero ser. Mas, para evitar punições indesejadas, ajoelho-me em frente à cama e obedeço.

— Levanta o moletom. Deixa eu ver minha boceta.

Meus dedos tremem enquanto puxo a barra do moletom até a cintura.

— Humm. Boa menina. — Ele dá um tapa na minha bunda que parece uma recompensa, e estremeço, contendo um gemido.

Com a bunda para cima, meus dois buracos estão ali para que ele contemple, e não faço ideia de por que isso é tão excitante.

O som de uma gaveta se abrindo e fechando quase me ensurdece.

Engulo em seco.

— Ei… eu não fiz nada para ser punida. Acho que não, pelo menos. Podemos conversar sobre isso?

— Cala a boca ou eu te dou um castigo.

Meus lábios se franzem quando sinto sua presença atrás de mim. Ele coloca algo roxo nos meus lábios.

— Chupa.

Um brinquedo, percebo. Na verdade, um plug anal.

Meus olhos se arregalam e balanço a cabeça.

— Sabe o que é isso?

— Dã. E sexo anal não vai rolar.

— Ainda não, mas uma hora ou outra vou reivindicar sua bunda como reivindiquei sua boceta. Anota o que eu digo: você vai chupar meu pau e me implorar para decorar sua pele com minha porra. Agora abre a boca.

— Você vai enfiar isso na minha bunda?

— Sim.

— Ok. — Meu ventre pulsa quando não tem motivos para tal. — Bem, já que você escolheu uma cor esteticamente agradável…

Minhas palavras são interrompidas quando ele enfia o plug na minha boca, desliza-o contra a minha língua como se fosse seu pau e, em seguida, o arranca.

Estou ofegante quando ele se ajoelha atrás de mim e agarra minha bunda com a mão.

— Relaxa.

— Falar é fácil — murmuro, mas tento ao máximo não ficar tensa.

— Você confia em mim?

— Não o tempo todo.

Sua risada sombria me envolve como uma sinfonia fodida.

— Malcriada espertinha. — Ele derrama algo frio na minha bunda, provavelmente lubrificante, e desliza o plug contra o meu ânus.

Fico tensa, não importa o quanto eu me convença a não fazer isso.

— Não. — Ele bate na minha bunda, e solto um grito. — Quanto mais você lutar contra, mais difícil será.

Seus dedos acariciam meu clitóris daquele jeito habilidoso de que só ele é capaz. Tentei imitar os movimentos quando estava sozinha, mas não há a menor possibilidade de eu me tocar do jeito que Creighton me toca.

Meus músculos relaxam enquanto gemidos escapam dos meus lábios. Minha boceta aparentemente não percebeu que estou toda dolorida.

Creighton aproveita a oportunidade para empurrar o plug aos poucos. Meu coração dispara enquanto sou preenchida, mas me concentro nas explosões de prazer em meu íntimo. Quando ele enfia o plug até o fim, estou gozando.

Meus lábios se abrem e deixo a onda me levar.

— Você é tão sensível, roxinha. — Ele bate na minha bunda novamente para reforçar o que diz. — Amo como você sente meu toque.

Também amo. Mas, caramba, foi rápido.

Por favor, não me diga que eu também preciso da dor para gozar intensamente.

Ele está me corrompendo?

Provavelmente.

Com certeza.

Creighton empurra o plug na minha bunda, me fazendo gemer, e então prende algo do plug no meu clitóris.

— Você vai usar ele duas horas por dia.

— O-o quê? Você espera que eu use essa coisa todos os dias?

— Sim, e eu vou checar.

— Como vai fazer isso?

— Você vai descobrir. — Ele me puxa para ficar de pé e me entrega uma caixa, provavelmente para guardar seu mais novo dispositivo de tortura. — Se não usar, será punida.

Eu me mexo e solto um som erótico, apesar de tudo.

— É estranho.

— Você vai se acostumar.

— É mais um presente de aniversário?

Um sorriso lindo se abre em seus lábios.

— Um dos muitos.

— Tem algum outro do qual eu deva ficar ciente?

— O bolo que o Remi estragou.

Dou uma risada.

— Era isso que vocês estavam fazendo? Cozinhando?

— Tentando.

— Tenho quase certeza de que consigo salvar esse bolo.

— Duvido.

— Vou te mostrar.

Depois que Creighton exige que eu vista uma de suas calças de moletom, que preciso enrolar várias vezes antes de apertar na cintura, descemos para a cozinha.

Não preciso salvar o bolo, já que Eli o jogou fora e Remi encomendou outro. Nós cinco tomamos café da manhã em meio às palhaçadas de Remi e ao sarcasmo dos outros.

Creighton não fala muito, mas está atento a cada um deles.

Ele gosta deles, percebo. É por isso que está disposto a passar um tempo com eles. Até sai em defesa de Remi sempre que Eli passa do ponto.

Ele é leal nesse nível.

E ele é meu.

Este homem lindo e maravilhoso é todo meu.

Mesmo que apenas por um tempo.

CAPÍTULO 21
CREIGHTON

— Devemos ir embora?

Annika levantou a cabeça do meu ombro e sussurrou para que as pessoas ao redor não a ouvissem.

Sua voz é tímida, relutante. Duas características que eu juraria que ela não tinha.

Mas, pensando bem, Annika sempre provou que as minhas conclusões sobre ela estavam equivocadas.

No começo, pensei que não passasse de uma princesa da máfia hiperativa e mimada, protegida demais para entender como o mundo funciona.

E embora isso seja verdade em partes, sei que ela tem se esforçado ao máximo para superar a imagem que seus pais e sua criação lhe deram.

O processo é lento, mas ela está determinada a assumir o controle da própria vida.

Se sua persistência em chamar minha atenção serve de parâmetro, então essa determinação valerá a pena.

Passo meus dedos pelo cabelo dela e deito sua cabeça no meu ombro.

Já faz uma semana desde que a reivindiquei completamente como minha, e tenho sentido uma vontade enorme de tocá-la o tempo todo — seu cabelo, abaixo do queixo, por cima do ombro.

Qualquer lugar que eu consiga alcançar.

No entanto, isso vem se mostrando um problema, considerando que temos aulas diferentes, não moramos no mesmo lugar e ela ainda precisa se esconder do olhar atento do irmão.

— Isso significa que podemos ficar? — murmura ela, com a voz esperançosa e confiante.

— Não falei que precisávamos ir embora. — Apesar de o grupo irritante no fundo estar empenhado em comer e ser um incômodo barulhento em vez de assistir ao filme.

— Só achei que o barulho fosse te incomodar. — Ela me encara. — Quero sair com você o tempo todo, mas não se estiver desconfortável.

Olha só para isso.

Minha Annika está entendendo minhas manias com uma velocidade que não sou capaz de compreender.

Ela se importa com meu jeito, desenvolveu um gosto por encontros em lugares mais tranquilos e não me pressiona quando me recuso a comentar mais sobre o meu passado.

Em vez de me antagonizar, ela me entende.

Em vez de me pressionar, ela me dá espaço.

E imagino que isso deve exigir um baita esforço, considerando sua teimosia inata.

Acaricio seu cabelo e não consigo resistir a inalar o aroma de violetas. Ele flui pelo meu sangue, lento, mas com firmeza, tornando-se parte de mim.

— Não me sinto desconfortável quando estou com você, roxinha.

Não vejo sua reação às minhas palavras, mas a sinto na maneira como ela se aconchega mais em mim, passa o braço em volta da minha cintura e até se inclina ao meu toque.

Ela é uma miríade de cores e uma explosão de energia. Uma pessoa muito expressiva, seja com os movimentos fluidos do corpo ou com as palavras.

Se há alguns meses me dissessem que eu estaria a fim de alguém como a Annika, eu teria considerado a possibilidade absurda.

Por mais que parecesse uma blasfêmia na época, a mera ideia da minha vida sem ela agora me enche de uma raiva inexplicável.

E de um vazio.

Eu nunca havia me importado com essa emoção. Os momentos de vazio têm sido uma constante desde que me safei das garras da morte.

No entanto, não é mais uma emoção bem-vinda.

Depois que o filme acaba, passo um braço em volta da cintura de Annika enquanto ela tagarela sem parar sobre o enredo, os personagens, os atores e os efeitos especiais.

Tudo.

Estou mais interessado em como sua saia de tule sobe por suas coxas alvas a cada movimento. E como sua blusa se molda aos seios e termina

bem na cintura, onde começa a saia.

Acaricio a pele descoberta de sua barriga em um ritmo torturante, para cima e para baixo, e isso está afetando meu pau.

Não importa quantas vezes eu a amarre, bata, açoite e foda, no momento em que termino, preciso de mais.

Mais.

E ainda mais.

A pior parte é que, com Annika, não se trata apenas de sexo, e sim dela, da maneira como ela se submete ao meu domínio, como ela é a masoquista do meu sádico.

A necessidade de me banquetear com ela é constante, intensa e infinita.

— Você gostou? — pergunta ela a caminho do estacionamento.

Pressiono meu polegar contra sua pele e continuo com as carícias.

— Muito.

— E eu que pensava que você não era fã de cinema.

— Eu não estava falando do filme.

Annika provavelmente nota a mudança na minha inflexão, porque hesita, seus lábios se abrem e um tom rosado se espalha pelas bochechas e pelo pescoço alvos.

— Você… você…

— Você está mesmo sem palavras?

Ela solta um suspiro.

— Juro que só fico assim perto de você.

Eu sorrio e a puxo para mais perto quando algumas crianças passam correndo por nós em direção ao carro dos pais.

— Por que você está sorrindo? — Ela cutuca a lateral do meu corpo. — Isso não tem graça.

— É divertido.

— Fico feliz em ser uma fonte de entretenimento. — Ela se emburra e fica adorável para caralho assim.

Tão adorável que eu lhe dou um peteleco provocante na testa.

Ela me olha feio.

— Não, nem vem. Nem tenta flertar comigo.

— Era isso que eu estava fazendo?

— Aham. Você só está pensando em jeitos de me amarrar na sua cama e me fazer implorar.

— Eu?

— Ah, por favor. Eu consigo ver o sadismo brilhando nos seus olhos, sabe? — Ela suspira. — Se alguém dissesse que é difícil ser seu brinquedo, eu acreditaria totalmente.

— Você não é meu brinquedo.

Ela congela, aquele tom rosado retornando às suas bochechas.

— Então, o que eu sou?

— Minha.

— E tem alguma diferença?

— Eu nunca quis ficar com nenhum dos meus brinquedos.

— Até eu chegar?

— Até você chegar.

Ela me cutuca de novo enquanto morde o canto do lábio.

— Você está dizendo e fazendo todas as coisas certas hoje. Não que não faça isso em outros dias, mas normalmente você não é tão… despreocupado.

— Eu não sou despreocupado.

— Ninguém mais te acusaria disso. Mas não se preocupe, eu cuido da parte despreocupada por nós dois. Cuidarei das coisas que você não consegue e vice-versa.

— E que coisas são essas?

Ela se solta do meu abraço e fica na minha frente, começando a contar nos dedos.

— Vou planejar todos os encontros e garantir que não haja muita gente por perto. Vou planejar festas e convidar nossos amigos, mas quando eu perceber que você está irritado, eu os expulsarei com toda a gentileza do mundo. Também vou falar com as pessoas no seu lugar, já que você não gosta delas. Cuidarei da decoração e da estética. Ah, também vou dançar para você, como um cisne, embora você provavelmente vá rasgar meus lindos vestidos em seguida, porque sabe ser selvagem. Enfim, isso é um resumo do que eu farei.

Arqueio uma sobrancelha.

— E o que eu farei, então?

— Você pode socar as pessoas se elas te irritarem. Embora eu prefira que não faça isso, você disse que precisa liberar sua energia, então acho que está tudo bem de vez em quando ou no clube de luta. Ah, e pode me sequestrar

de qualquer interação social se perceber que estou desconfortável e tiver recorrido a fingir que está tudo bem. Ninguém vai se importar se for você, porque todos estão acostumados com sua personalidade sem rodeios.

Não consigo evitar o sorriso que surge nos cantos dos meus lábios — algo que acontece com mais frequência quando estou perto da Annika.

— O mais importante: devemos conversar sobre as coisas.

— Que tipo de coisas? — pergunto.

— Tudo. Eu sei que você está acostumado a guardar suas emoções em um cofre, e respeito isso. Mas já que estamos em um relacionamento, você deveria me dizer como se sente às vezes para que eu possa te entender melhor. Certa vez, mamãe me disse que a comunicação é a chave que pode construir ou destruir um casal, e eu não quero nos destruir, ok?

— Ok.

— Sério?

— Não é algo natural para mim, mas vou tentar.

— Tentar é um bom começo. — Ela sorri e levanta o dedo indicador. — Esqueci de algo muito importante. Eu cuido de toda a comida, já que você não sabe cozinhar.

Estremeço por dentro.

— Provavelmente deveríamos terceirizar isso.

— Mas por quê? Você gosta da minha comida.

Porque você se esforça para fazê-la, não porque é gostosa.

— Tem algo errado com a minha comida? A Ava diz que é horrível, o papai mandou categoricamente que eu não cozinhasse mais em casa e o Jeremy mal toca nos pratos que preparo para ele. E agora você diz que deveríamos terceirizar.

Acaricio o cabelo dela.

— Você pode cozinhar, se quiser. Só não quero que se esforce demais.

— Ownt, sério? Eu sabia que você era a minha pessoa favorita.

— Não faz isso. — Meu tom endurece.

— O-o quê? O que eu fiz?

— Não diga que sou sua pessoa favorita quando você diz essa mesma frase para todo mundo.

Seus lábios se abrem e se fecham com força antes que ela pigarreie.

— Você está no topo da minha lista de favoritos, então não fique com ciúmes.

— Não estou com ciúmes. Sou territorialista.

Seus olhos se arregalam e ela abre um sorrisinho.

— Nossa. Que intenso.

Abro a porta do carro.

— Vamos para a minha casa e eu te mostro como é ser intenso de verdade.

— Hã?! O plano era que eu passasse a noite com as meninas no nosso apartamento.

— Não.

— Mas, Creigh…

— Ou você vem por vontade própria, ou eu te jogo por cima do meu ombro.

— Territorialista e homem das cavernas. Você não acha que isso é um pouco exagerado?

— Não.

— Foi uma pergunta retórica. — Ela solta um suspiro e pausa quando o celular apita. Ao verificar a notificação, ela torce o nariz.

Paro ao lado dela para ver o que recebeu. É uma selfie que o Harry tirou comigo hoje cedo no abrigo, enquanto eu estava prestes a me limpar.

Harry: Vou roubar ele de você, Anni. Muahaha.

— Vou bagunçar o lindo cabelo dele da próxima vez que o vir, e ele não vai mais receber nenhuma dica minha de *skincare* — murmura ela, e basicamente soca a tela do celular para digitar.

Annika: Ele é meu. Fica longe dele.

— Achei que ser territorialista era exagerado — sussurro perto do ouvido dela. Ela se sobressalta e esconde o celular.

— Ah, o Harry é um pestinha de merda, e eu precisava me posicionar. Ele é o líder do seu fã-clube, que continua crescendo demais para o meu gosto, e me expulsou por causa de um “conflito de interesses”. Não é como se eu estivesse com ciúmes nem nada do tipo. Tá, talvez um pouco.

— De um homem?

— Ele é gay.

— Mas eu não. — Deslizo meus dedos pelo cabelo dela. — Além disso, você é a única que eu quero. Nem noto o resto.

— Ah. — Ela cora e sorri. — Você está mesmo dizendo todas as coisas certas hoje. Pega leve com meu coração, tá bom?

— Só se você voltar para casa comigo.

Ela espalma as mãos no meu peito, tocando, explorando, cravando as unhas em uma parte muito mais profunda do que a minha pele.

— E quais são seus planos para mim?

Eu a agarro pela bunda e a puxo com força contra meu corpo, saboreando quando ela arfa.

— Vou tirar sua roupa até você ficar só com essa saia, e então vou rasgá-la para brincar com todos os seus buracos. Não, não vou brincar, vou foder. Você vai aguentar meu pau como uma boa menina, não vai?

Ela assente com certo desespero.

— Mas você vai me machucar?

— Ah, vou sim. — Beijo o topo da cabeça dela. — Mas prometo que você vai adorar cada segundo.

CAPÍTULO 22
ANNIKA

ACHO QUE ESTOU EM APUROS.

Quando comecei a me interessar pelo Creighton, nunca pensei que as coisas ficariam tão… fora de controle.

Da melhor maneira possível.

Ou, talvez, da pior.

Ele tirou minha virgindade há duas semanas e deve ter lançado algum feitiço em mim, porque não consegui ficar longe dele desde então.

Não importa que as garotas (especialmente a Ava) tenham me azucrinado por não ter contado a elas sobre os encontros.

Até comecei a dar desculpas menos elaboradas ao meu irmão — embora ele, de alguma forma, ainda acredite nelas. Provavelmente está ocupado demais com a guerra entre os clubes para me dar atenção, uma oportunidade que andei usando para passar o máximo de tempo possível com Creighton.

Não preciso mais o importunar com esse lance de encontros, já que ele me leva para sair de bom grado, como naquela vez no cinema uma semana atrás. Já a ideia de Creighton de um passeio divertido é ir a algum lugar onde estejamos isolados do mundo para que ele possa me ter só para ele. E me foder quando quiser.

Aquele homem tem a estamina de uma estrela pornô, sério.

Quando resmunguei sobre ele me levar para lugares isolados só porque queria ter acesso à minha boceta, ele simplesmente respondeu:

— Não há espaço para outras pessoas no que temos. Estou aqui por você, não por elas.

E é verdade. Se dependesse do Creighton, ele não sairia, mas sai. Por mim. Até me leva ao cinema porque sabe o quanto adoro ir.

Ele sai da própria zona de conforto por mim.

Ele me trata como uma princesa em público e como seu brinquedinho feito sob encomenda quando estamos a sós. Ele me fode, me pune e me leva a extremos que eu não imaginava serem fisicamente possíveis.

Meus momentos favoritos vêm logo depois que ele me desamarra, me envolve em seus braços musculosos e me beija. São as pequenas coisas: a forma como me dá banho, cuida das marcas que deixou, ou como me aconchega na hora de dormir, sabendo o quanto preciso dessa conexão depois de um sexo intenso.

Creighton oferece o melhor tratamento pós-foda do mundo, e só isso já me prende ainda mais aos seus encantos. Nunca me senti tão segura, feliz e livre como quando estou em seus braços.

Às vezes, me sinto especial, mas em outras ocasiões, não tenho certeza se ele está mesmo interessado em mim ou em simplesmente me dominar.

Talvez ele goste da minha perseverança e da minha disposição para mergulhar em seu mundo repleto de fetiches?

Quando perguntei do que ele gostava em mim, Creighton apenas deu um peteleco na minha testa.

Não foi hostil, mas também não foi uma resposta.

Então, vou continuar perguntando até obter uma resposta.

Talvez no fim desta noite.

Estamos em um pub com nossos amigos para comemorar a conquista do time de basquete do Remi. Eles venceram a KU, então para mim deveria ser um conflito de interesses estar aqui, mas essas pessoas são os únicos amigos de verdade que tive nos meus dezoito anos de vida.

Desde que Jeremy me deu liberdade, não voltei para o complexo dos Hereges. Porém, estou sempre trocando mensagens com o meu irmão.

Por mais que eu o ame, percebo o quão monstruoso Jeremy pode se tornar em certas circunstâncias.

Tenho sorte de ele andar ocupado demais para prestar muita atenção em mim.

Foi só por isso que consegui vir a este pub.

É aconchegante, com decoração temática de floresta, nem muito grande, nem muito pequeno, e definitivamente menos barulhento em comparação com todas as baladas que já frequentei nesta ilha. Eu costumava chamar o lugar de bar, mas me informaram que todos por aqui chamam de pub, então quem sou eu para nadar contra a maré?

Uma música suave de indie rock toca ao fundo, e o cheiro de álcool permeia o ambiente. Nosso grupo está sentado ao redor de uma grande mesa no meio do salão.

Cecily e Ava não param de cochichar uma com a outra. Bran está mostrando algo para Glyn em seu celular, e ela está rindo disso. Esta é uma das poucas vezes em que ela não nos deu um bolo por causa do Killian. Normalmente, ele entraria sem ser convidado, mas, ao que parece, os Hereges têm um evento no clube esta noite.

Creighton e eu estamos sentados um ao lado do outro. Tomo um gole do meu martíni enquanto ele me observa sem reservas.

Tipo, sério mesmo.

Ele apoia o cotovelo na mesa, a cabeça na palma da mão e não tira os olhos de mim, não para de devorar meu rosto com seu olhar faminto.

É como se eu fosse a única por quem ele nutre interesse aqui, e ele não é nem um pouco discreto ao demonstrar isso.

Embora eu goste da atenção dele, ela nos deixa em uma posição desconfortável sempre que estamos com outras pessoas.

— Para com isso — sussurro.

— Não estou fazendo nada — murmura ele em resposta, com a voz áspera.

— Você está me olhando… *assim*.

— *Assim?*

— Como se quisesse me punir e me foder, provavelmente nessa ordem. — Abaixo ainda mais meu tom de voz para que ninguém escute.

— Então talvez devêssemos ter seguido meu plano e ficado no meu quarto.

— Não — sussurro, exaltada. — Você prometeu que poderíamos ter este momento.

— Nunca prometi.

Abro a boca para protestar, mas Remi, na ponta da mesa, se levanta e ergue o copo.

— Um brinde ao homem do momento, ao deus do basquete, à estrela inalcançável, lorde Remington Astor!

Começo a levantar meu copo para acompanhá-lo, mas paro quando Creighton me lança um olhar. Na verdade, me encara com uma carranca.

É muito injusto que ele consiga se comunicar tanto com um simples olhar.

— Ei, seus vagabundos, por que não estão levantando os copos para o brinde da minha senhoria?

— A gente já entendeu, Remi, você venceu. — Cecily se recosta na cadeira. — Você vem fazendo mil e um discursos e brindes para nos informar desse fato.

— Cala a boca, nerd. O que você sabe sobre vencer em esportes altamente competitivos?

— Sei do fato de você agir como um babaca depois de cada vitória.

Ava ri.

— É verdade, Rems. Estamos começando a torcer para que você não ganhe mais para não termos que ficar ouvindo esses discursos tediosos.

— Que porra é essa? Vocês estão com inveja de mim, e isso fica evidente nas suas caras esnobes. Anni, Glyn! Me deem uma mãozinha aqui.

— Olha… o que a Ava falou não é de todo mentira — opina Glyn, erguendo uma sobrancelha.

— Sua…

— Você é realmente incrível, Remi — digo para interromper sua resposta cheia de raiva, ou drama.

— Né? Eu sabia que você era a minha favorita. — Ele sai do seu lugar, vem para o meu lado e segura meu ombro.

Ou começa a fazer isso.

No momento em que me toca, Creigh dá um tapa na mão dele.

— Eu disse, nada de ficar tocando.

— Eita. — Remi ri e levanta ambas as mãos. — Graças a Deus, nada territorialista, hein?

— Nem me fale. — Ava olha de soslaio para Creighton. — Ele nem deixa a Anni passar um tempinho com a gente.

— Fomos às compras ontem — digo com um sorriso.

— Depois de, tipo, uma semana inteira sem fazer compras. Você está perdendo os privilégios de ser nossa melhor amiga, Anni.

— Você mal vai ao nosso dormitório — complementa Cecily.

— Nem passa um tempo só de garotas com a gente — acrescenta Glyn.

Meu sorriso se torna, na melhor das hipóteses, constrangido.

— Não é que eu não queira…

— Você passa mais tempo com o Killian do que com a gente, Glyn. — Creighton olha para ela, depois volta sua atenção para Ava. — E você ignora todo mundo quando meu irmão está por perto. — Então encara Cecily. — Quanto a você, vamos apenas dizer que tem saído escondida

sempre que todos estão dormindo. Então, em hipótese alguma, tentem fazer Annika se sentir mal por se priorizar.

A mesa fica em silêncio.

Embora Creighton aos poucos venha se tornando cada vez mais falante comigo — e por *falante*, quero dizer que suas respostas não são mais monossilábicas como no passado —, ele ainda é a presença silenciosa do grupo.

Então o fato de ter dito tantas palavras de uma vez, e até mesmo atacado as garotas durante sua fala, deixou todos em choque.

— Caramba. — Glyn exala. — Parece que você tem um baita advogado ao seu lado, Anni.

— Só para constar, eu não ignoro todo mundo quando Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado está por perto. — Ava aponta o dedo para Creigh. — Isso é mentira!

— Você meio que ignora, sim. — Cecily pigarreia. — Com frequência.

— Sua traidora maldita! — Ava lhe dá um empurrãozinho antes de um sorriso travesso se formar em seus lábios. — Por que você anda saindo escondida quando todo mundo está dormindo? Eu sabia que estava escondendo algo de mim.

— I-isso não é verdade.

— Gaguejou, perdeu a razão!

Elas começam a discutir, mas quando Remi se envolve só para provocá-las, as duas desistem de implicar uma com a outra e se unem contra ele. Glyn e Bran tentam mediar, mas não dá certo.

E quanto a Creighton?

Ele está com uma expressão satisfeita no rosto, como se tivesse atingido seus objetivos.

Todo mundo diz que Landon e Eli são profissionais em instigar o caos, mas Creigh consegue chegar ao nível deles caso se dedique para tal.

Ou se sentir que estou em uma posição comprometedora.

Não force um sorriso quando estiver se sentindo desconfortável. Se estiver de mau humor, demonstre, é o que ele vem me dizendo sem parar, tentando me livrar do que ele chama de “hábito desagradável”.

Estar com Creighton é semelhante a ficar ao relento neste país, sujeito ao clima: às vezes, ele é amigável, permitindo que um pouco de sol se esgueire por entre as nuvens, mas, na maioria das vezes, é chuvoso e infeliz.

Bem, ele não está infeliz, mas eu estou.

Porque, desde que ele me contou sobre sua infância e revelou ser adotado, rejeitou todas as minhas tentativas de puxar o assunto outra vez.

Não importa o quanto eu fale sobre minha família na tentativa de fazê-lo retribuir, ele simplesmente não cede.

O celular dele toca e vejo o nome *Landon* de relance na tela antes que ele se levante e coloque uma mecha de cabelo castanho atrás da minha orelha.

— Já volto. Se comporte.

Então, ele segue rumo ao corredor a fim de atender a ligação.

Eu me pergunto sobre o que ele e Landon tanto conversam secretamente. Outro dia, eu os encontrei na cozinha, e Landon estava sussurrando no ouvido de Creighton como um diabinho em seu ombro.

Por algum motivo, isso me deixou extremamente desconfortável. Sei que Landon não machucaria o primo, mas tenho um mau pressentimento sobre seja lá qual informação eles estejam trocando.

Creighton me disse que não era nada com que eu devesse esquentar a cabeça, o que me deixou ainda mais preocupada.

Embora Landon e Eli possam ter características em comum, sei que o Eli adora Creighton e jamais o sabotaria. Landon, por outro lado, é imprevisível.

Remi arrasta sua cadeira para o meu lado, surpreendentemente interrompendo sua discussão com as garotas. Eu poderia jurar que ele gostava demais dessas briguinhas para abdicar delas.

Ele brinda seu copo no meu e sorri com aquela beleza aristocrática.

— Agora que o merdinha territorialista se foi, permita-me agradecer, Anni.

— Pelo… quê?

— Por ajudá-lo a se abrir. Eu tinha tanta certeza de que aquele cretino atrevido morreria sozinho e eu seria obrigado a me preocupar com a minha cria, mesmo experimentando uma vida glamorosa… Você faz ideia da pressão disso? É terrível, posso afirmar. Então, valeu mesmo. Serei eternamente grato e sacrificarei qualquer coisa em seu nome, exceto sangue virgem. A menos que voltemos vários anos no tempo.

Não consigo conter a risada que deixo escapar.

— Ah, não seja bobo. Além disso, não posso levar todo o crédito pelo feito. Se você não o tivesse preparado mentalmente antes de eu entrar em

cena, eu nem teria conseguido começar a quebrar a defesa dele.

— Isso é verdade! Droga, me sinto como um pai orgulhoso. — Sua expressão se torna séria enquanto ele agarra minhas mãos. — Mas ainda sou grato para caralho. Achei que os demônios dele o devorariam por inteiro, mas agora tenho certeza de que você não vai permitir.

— Pode contar com… isso.

Minha voz falha quando uma vibração repentina começa no meu íntimo.

Merda.

Uma explosão de calor percorre toda a minha pele e meus dedos ficam úmidos.

Olho ao redor em busca do culpado, mas não há sinal dele.

A vibração aumenta de intensidade, e minhas pernas se contraem enquanto resisto à vontade de desabar ali mesmo.

Juro por Deus, ele é selvagem.

Não é a primeira vez que ele liga o brinquedo desde que me mandou usá-lo, mas fazer isso em público, com tanta gente por perto, é inédito.

No dia seguinte à inserção do plug, quis testar se ele falava sério e o tirei, mas ele descobriu porque ficou com o controle remoto. Depois da punição que recebi, não tentei removê-lo novamente e o usei pelo tempo que ele especificou.

Há dois dias, ele trocou por um plug anal maior que me expandiu a limites que eu não imaginava serem possíveis, embora eu tenha gostado do jeito como ele mexeu no brinquedo enquanto me fodia sem camisinha no chuveiro ontem à noite.

Mas nunca me ocorreu a ideia de que ele o ligaria em público.

— Anni, está tudo bem? — Remi me observa com atenção. — Você está toda vermelha.

Solto um suspiro trêmulo quando a vibração se intensifica um pouco, me fazendo estremecer.

Droga. Ele pretende me fazer gozar na frente de todo mundo?

Olho para baixo e noto que meus dedos estão tremendo enquanto seguro os de Remi. Então, recolho as mãos depressa.

Creighton deve estar por perto para ter visto isso. Essa é a única explicação lógica para a selvageria repentina dele.

Aquele maldito idiota possessivo.

Apesar de eu não estar mais tocando Remi, o ritmo não diminui, mas também não aumenta.

— Anni? — Remi me chama novamente. — Você está bem?

— S-sim. Já… volto.

Não sei como consigo me levantar, pegar meu celular e andar. Tudo o que sei é que não posso simplesmente ter um orgasmo na frente deles. Prefiro morrer.

A princípio, escolho o banheiro, mas a fila para entrar me faz mudar de direção depressa. Basicamente, corro para o estacionamento, mas antes que eu encontre um canto para me derreter, alguém agarra meu pulso e me arrasta atrás de si.

— Precisa de ajuda, roxinha?

— Para com isso… — Minha voz sai rouca demais, excitada demais enquanto aperto as coxas.

— Eu disse para não encostar nos meninos. Falei especificamente “nada de ficar tocando”. — Sua voz é calma, mas a raiva espreita logo abaixo da superfície.

— Não foi minha intenção… *Ah*…

A intensidade aumenta outra vez quando ele abre a porta do carro e se acomoda no banco de trás.

Continuo do lado de fora, observando-o ansiosa, de pernas bambas e com o suor escorrendo pelas costas.

Creighton abre o zíper da calça jeans e bota o pau duro para fora.

— Senta no meu colo.

Olho para os lados antes de lamber os lábios.

— Estamos em público…

— Quando eu terminar o que quero fazer com você, o público será a última coisa que vai passar pela sua cabeça.

Quer saber? Tentar agradar as pessoas nunca me fez bem de qualquer maneira.

Que se dane.

Entro no veículo e me sento no colo dele, fazendo meu vestido subir até a cintura. Ele fecha a porta, nos confinando naquele espaço minúsculo. Mas ainda é muito mais confortável do que seu antigo carro esportivo.

— Você não pode esperar até mais tarde? — sussurro, mas a fala termina em um gemido quando ele roça o pau contra meus grandes lábios já

sensíveis. A combinação disso com a vibração do plug faz meu pulso disparar.

— Sem calcinha? — sussurra ele em um tom sombrio no meu ouvido.

— Eu, hum, esqueci?

— Esqueceu ou estava sendo malcriada? — Ele dá ênfase a sua pergunta ao mexer no meu clitóris superestimulado.

— Creigh, por favor…

Ele usa os dedos para dar um beliscão no meu clitóris, passa o pau perto da minha entrada, mas ainda não chega lá.

Percebo que ele está me torturando de propósito. Quer me fazer sentir a dor, mas me negar o orgasmo.

É um joguinho que ele joga às vezes: me enlouquecer por puro esporte.

O ritmo continua sem parar até eu achar que vou enlouquecer por causa da fricção.

— Você está encharcada. Olha só a sua boceta implorando para eu fodê-la. Está prontinha para mim, não é?

Depressa, concordo com a cabeça várias vezes, incapaz de falar qualquer coisa.

— Mas estou tentado a não te satisfazer hoje. Você deixou outro homem tocar no que é meu, e eu não lido bem com isso.

— Não vai acontecer de novo, prometo.

— Você fez essa mesma promessa outro dia enquanto se desmanchava no meu pau, então talvez a gente não acredite mais em você. Talvez a gente te deixe encharcada e cheia de tesão, mas sem chance nenhuma de gozar.

— Não, por favor, Creigh. — Agarro seu rosto e lhe dou um beijo na bochecha. — Você não faria isso comigo, né? — Meus lábios vão até o nariz dele, depois para a boca. — Pode me punir o quanto quiser depois, mas não assim.

Ele geme contra meus lábios, e respiramos o ar um do outro.

A tensão persiste entre nós, mas ele não para de causar fricção.

Para cima.

Para baixo.

Para cima.

Para baixo.

Suas narinas se dilatam quando continuo deslizando os dedos em seus cabelos.

— Não provoca.

— Só provoco você. — Roço meus lábios em sua bochecha, sabendo o quanto ele adora isso.

— Continue fazendo isso e você vai se machucar.

— Não me importo se for você.

Um grunhido baixo escapa de seus lábios antes que ele afaste a extensão estimuladora do brinquedo do meu clitóris, me erga e me puxe de volta para baixo, enterrando-se dentro de mim.

Solto um gritinho quando ele entra por completo, então levo um momento para me acostumar com seu pau enorme. Mas eu não tenho um momento.

Nem mesmo uma fração de segundo.

Creighton movimenta os quadris e estoca com movimentos bruscos. Tenho certeza de que ele consegue sentir a pele fina entre ele e o plug. Eu com certeza consigo, e estou tão preenchida, tão absoluta e completamente preenchida que dói.

Do jeito bom.

O tipo de dor que preciso para acompanhar meu prazer.

Creighton me fode com uma brutalidade que me deixa ofegante. Envolvo meus braços em seu pescoço para me equilibrar.

A cada estocada, uma explosão de prazer me invade. Suas mãos agarram meus quadris de modo intenso e possessivo, enquanto eu quico em seu pau e bato a cabeça no teto do carro.

Ele diminui o ritmo quando percebe isso.

— Porra, você me transforma em um animal. Está te machucando?

— Não. Não para… — murmuro.

Esse é o único convite de que ele precisa para me penetrar com uma intensidade progressiva, desta vez com uma das mãos em cima da minha cabeça para absorver o choque da batida contra o teto.

O prazer é avassalador, e o impacto de carne contra carne acrescenta ainda mais à cena erótica, mas eu não gozo.

Está faltando alguma coisa.

Alguma coisa…

Meus pensamentos se fragmentam quando ele puxa meu cabelo, afasta minha cabeça para o lado e morde a pele sensível do meu pescoço. Então,

solta meu quadril, puxa a alça do meu vestido para baixo e morde meu seio, adicionando mais marcas às que já estavam desaparecendo.

Quando ele prende meu mamilo entre os dentes, eu gozo. A onda ofuscante me transporta para um universo alternativo, e eu grito.

Creighton tapa minha boca com a mão. Até minha voz abafada está tão erótica que aumenta o prazer que me consome.

Dor com prazer.

Uma combinação que só Creighton pode me dar.

Ele continua me penetrando até eu quase não aguentar mais. Quando goza dentro de mim, meus olhos se fecham devagar e eu enterro meu rosto em seu pescoço.

Quero dizer *Eu te amo*, mas mantenho a fala escondida naquele canto escuro do meu coração, aquele que tem medo de deixar as pessoas se aproximarem demais, porque isso significaria ter que as ver ir embora.

Aquele que tem medo de que meus sentimentos não signifiquem nada para ele e eu seja cruelmente rejeitada.

Ficamos assim por um tempo, respirando um ao outro enquanto ele continua dentro de mim. Em seguida, nos limpamos com lenços umedecidos.

Leva mais tempo do que o necessário graças ao espaço estupidamente apertado. Carros não são feitos para sexo, sério.

Mas as chances de convencê-lo dessa verdade são quase nulas.

Peço a Creighton para me levar para a casa dele. Estou com cara de quem acabou de transar, e se voltarmos para o pub, todo mundo vai nos encher o saco.

Creighton apoia a ideia cem por cento, já que não queria sair hoje à noite, de qualquer maneira.

Mas, em vez de dirigir até a mansão dos Elites, ele para em um mercado.

— Por que estamos aqui? — pergunto antes de entrarmos.

— Minhas cordas estão acabando.

— Nossa. Que romântico.

— Só com você. — Ele entrelaça os dedos nos meus. — Brincadeira. Quero comprar um barbeador.

Não consigo evitar um sorriso, porque sei que ele não é do tipo que mente.

— Me pergunto o que seus pais pensariam se soubessem das suas tendências — comento.

— Meu pai é totalmente a favor de explorar quem somos, então ele não se importaria. Já minha mãe… é melhor que ela não saiba.

— Suponho que seu pai tenha a mente aberta.

— Muito. Nada é errado ou tabu demais. Ele encorajou Eli, Landon e eu a irmos atrás do que queríamos.

— Ele parece ser fodão. Eu queria que o papai fosse assim. Quero dizer, ele é incrível, só que é rigoroso demais, acho. Tipo o Jeremy. É por isso que eu queria um namorado de mentirinha, sabe? Para o meu pai não ter que me casar com o primeiro pretendente que pedir minha mão.

— Isso não vai acontecer. Você me tem agora.

Meu coração quase explode.

— Isso significa que você é meu namorado?

— Se quiser colocar esse rótulo no que temos, sim.

— Como você me chamaria?

— Minha garota.

— É, gostei. — Eu sorrio. — Você é o meu homem, então.

— Seu homem, hum?

— É, soa legal e combina com sua personalidade rabugenta. Um dia, com orgulho, vou te apresentar à minha família. Papai e Jer não vão me dizer o que fazer.

Ele abaixa os cílios enquanto me encara.

— E a sua mãe? Ela é parecida com eles?

— Não. A mamãe é a pessoa mais doce do mundo e vive sendo minha armadura contra o papai e o Jer. Eles não conseguem desafiá-la. — Dou uma risada. — As mulheres mandam.

— Gostei da sua mãe. Ela se parece com a minha.

Eu sorrio.

— É mesmo?

— Minha mãe conseguiu domar o leão, também conhecido como meu pai, e isso é um superpoder. Veja bem, ele é o mais impiedoso da nossa família, tirando meus avôs Jonathan e Agnus, mas se mamãe não estiver bem, meu pai sempre parece disposto a queimar o mundo por ela.

— Por que sua mãe não estaria bem?

— Ela sofre de um problema cardíaco. Na maioria das vezes, é cheia de energia e capaz de fazer qualquer coisa, mas, às vezes, a doença crônica piora e meu pai perde o rumo. Não é nada grave, só uma tontura, e até foi confirmado pelos milhões de médicos que ele contratou que não é uma ameaça à vida dela, mas ele não entende a lógica.

Meu coração se aquece.

— É porque ele a ama.

— É mais do que amor. Eli e eu sabemos que, se ela morrer primeiro, ele se juntará a ela, sem hesitar.

— Sinceramente, também não consigo imaginar o papai sem a mamãe. Eles tiveram um passado sombrio do qual Jer foi testemunha… aconteceu muito antes de eu nascer… mas eles compartilharam cada momento bom e ruim da vida desde que me conheço por gente. Eu amo o quanto eles se amam e nos amam intensamente. Às vezes, odeio ser uma princesa da máfia, por motivos óbvios, mas eu não trocaria meus pais por nada no mundo.

— Que menina boazinha, minha Annika.

Solto um grunhido, sentindo meu corpo esquentar.

— Você não pode simplesmente me chamar assim em público. Agora quero te beijar.

— E o que te impede? — Ele puxa minha mão que está segurando, me aproximando do seu peito, e então seus lábios encontram os meus.

Enrosco meus braços e pernas em volta dele, basicamente o estrangulando, mais para encontrar o equilíbrio do que qualquer outra coisa.

O beijo rouba meu fôlego e todos os meus pensamentos. Tudo o que consigo fazer é me apaixonar mais e com mais intensidade por este homem.

Mais do que eu esperava.

Mais do que pensei ser possível quando o conheci.

Ele me coloca de pé e me empurra contra a prateleira mais próxima para me devorar.

Justamente quando penso que o beijo nunca vai acabar, sou puxada para trás pelo cotovelo, e me choco contra ninguém mais, ninguém menos que meu irmão.

Que está com uma carranca.

CAPÍTULO 23
CREIGHTON

QUANDO ALGUÉM ARRANCA A A DOS MEUS BRAÇOS, O PRIMEIRO pensamento que me ocorre é: assassinato.

Meu segundo pensamento é espancar essa pessoa até que suas feições fiquem irreconhecíveis e ela implore pela morte.

Paro, com os punhos cerrados ao lado do corpo, quando reconheço a pessoa por trás da interrupção.

Jeremy.

Annika treme um pouco, o rubor rosado em sua pele desaparece lentamente até que seu rosto fique todo branco.

Ela parece tão pequena ao lado do irmão, não apenas fisicamente, mas também em sua aura. É quase como se a presença dele ofuscasse a dela. Annika me disse que sempre gostou de coisas femininas e amava ser menina porque, pelo menos nesse sentido, ela é diferente de Jeremy.

E ela quer desesperadamente ser diferente dele, porque, mesmo amando o irmão, percebe o caminho que ele precisa seguir: se tornar um líder da máfia.

Annika nunca gostou dessa parte da família, o que é comprovado de novo sempre que ela evita o assunto usando todas as artimanhas possíveis.

E, na ilha em que moramos, seu irmão é a própria manifestação desta vida.

— Jer — sussurra ela, encarando-o com grandes olhos inocentes.

Apesar de segurar seu cotovelo com firmeza, ele não olha para ela. Sua atenção mordaz recai sobre mim, transbordando com a intenção de causar dor. Seu rosto está impassível, seus olhos, indecifráveis.

Eu nunca convivi com Jeremy Volkov, exceto quando o salvei daquele incêndio, e apenas porque sua irmã estava pronta para morrer por ele. Obviamente, uma merda dessas não aconteceria comigo presente.

Antes disso, Jeremy e eu tínhamos nos cruzado no clube de luta, mas não havíamos nos enfrentado.

Ele raramente participa, e quando o faz, é apenas em lutas que levam ao mata-mata do campeonato.

Este ano, serei eu contra ele na final, já que ele eliminou o Landon nas semis.

Assisti à luta do lado de fora e foi brutal de verdade. Se eu não soubesse, teria jurado que Jeremy estava levando para o lado pessoal, e Landon estava aproveitando cada segundo batendo de frente com ele.

Meu primo acabou perdendo mesmo assim, e agora todo mundo não para de falar sobre a final que acontecerá em algumas semanas. Embora eu não tenha pensado muito nisso, talvez seja a hora. Minhas interações com os Hereges foram basicamente eu derrotando Killian e Nikolai no ringue, então com Jeremy não será diferente.

— Você tem a audácia de tocar na minha irmã? — Ele fala com monotonia, com a intenção de ser uma ameaça velada.

— Jer… não é o que você está pensando… — Annika tenta explicar em voz baixa, com aquele sorriso falso e irritante.

Eu a interrompo.

— É exatamente o que você está pensando.

Annika é mais legível do que um livro, e se ela pensa que vou permitir que desvie a atenção dele de mim para direcionar sua ira para ela, então está redondamente enganada.

— O que você acabou de dizer? — enuncia Jeremy.

— Você me ouviu. Annika e eu estamos juntos.

Ele dá um passo na minha direção, e os olhos de Annika quase saltam das órbitas. Suas unhas esmaltadas se cravam na jaqueta de couro do irmão, e todo o seu corpo se move junto ao dele.

É pânico.

Ela está prestes a hiperventilar com a ideia de uma briga entre nós dois começando aqui.

Sempre contra conflitos, minha Annika. Sempre tão… elegante, mesmo quando está apavorada. Foi isso que me atraiu nela no início: sua elegância e suavidade. Sua beleza e até mesmo sua presença toda roxa com aroma de violeta. Não faço ideia de quando começou, mas, em algum momento, eu quis confiscar tudo nela e guardar para mim.

— Jer… por favor. Vamos voltar para a mansão e eu te explico tudo.

— Voltar para que ele possa te trancafiar de novo? — Dou um passo à frente para ficar cara a cara com Jeremy.

Ela aperta os lábios e balança a cabeça para mim. Annika pode até ser pacifista, mas eu certamente não sou, e não vou, sob porra de circunstância nenhuma, permitir que ele a tire de mim.

— E por acaso é da sua conta o que eu faço com a minha irmã?

— Ela não é mais uma criança. Tem dezoito anos e pode e deve ter a liberdade para tomar as próprias decisões.

— Vou te dizer uma coisinha, King: vou deixar essa passar, já que você salvou a minha vida e a da minha irmã naquele incêndio. Vá procurar outra garota para atormentar, porque com ela não vai rolar.

— Obrigado pela cortesia, mas terei que recusar.

Ele sorri, mas é cruel e não demonstra nenhuma receptividade.

— Acha que vou deixar você ficar com a minha irmã?

— Essa decisão não cabe a você. Ela já é minha. Em todos os sentidos da palavra.

— Esse maldito… — Ele investe contra mim com o punho erguido, e eu faço o mesmo, pronto para derrubar no soco esse filho da puta.

— Parem! — Annika se mete entre nós, seu corpo pequeno tremendo apesar da postura ereta. — Parem com isso, por favor.

— Considere-se com sorte. — Jeremy a agarra pelo braço e a arrasta para a saída.

— Você *não* vai tirá-la de mim. — Começo a segui-los, e tenho todas as intenções sanguinárias ao meu lado.

Annika olha para mim, nega com a cabeça freneticamente e articula, sem emitir som: *Por favor. Confia em mim.*

Meus pés param de avançar, apesar de tudo.

Ela jogou sujo e me pediu para confiar nela, então não posso simplesmente esmurrar seu irmão e fazê-la ficar colada em mim.

Por mais que eu não goste de deixá-la ir, escolho depositar minha fé em Annika.

Porque, ao contrário do irmão dela, acredito que é uma adulta com livre-arbítrio.

Mesmo assim, pego meu celular e mando uma mensagem.

Creighton: Você tem apenas um dia para fazê-lo mudar de ideia, ou faremos as coisas do meu jeito.

Não consigo dormir.

Algo que nunca me ocorreu na vida.

Desde criança, dormir é a única atividade que consigo realizar sem esforço nenhum.

Mas, esta noite, não.

Fico encarando meu celular por tempo suficiente para quase fazer buracos nele com o olhar. Annika não respondeu, e eu não deveria incomodá-la, caso ela estivesse ocupada conversando com o merda do irmão.

Ou estivesse dormindo.

Algumas notificações do grupo com os meninos aparecem no topo da tela, e como estou entediado, clico nelas.

Remington: Se algum de vocês, putos, tentar sabotar minha orgia, juro pelo título de minha senhoria que vou arrancar suas bolas.
Landon: Eu vou participar.
Remington: Mas nem fodendo. Você só vai roubar toda a aten-ção para você.
Landon: Não seja mesquinho, Rems. Os manos vêm antes das minas, lembra?
Remington: Vá encontrar a própria orgia. Você não me vê me intrometendo na sua diversão. Além disso, é uma noite especial, já que estamos comemorando a minha vitória.
Landon: O Bran ganha o tempo todo. Você não o vê exibindo o pinto por aí. Não é mesmo, @Brandon King?
Remington: Ou é isso o que você acha *emoji de gargalhada* *emoji piscando* *emoji de olhar de soslaio*
Landon: Detalhes?
Remington: Digamos que o Bran surpreendeu minha senhoria, e isso não é algo fácil de conseguir.
Brandon: Cala a boca, Remi.
Remington: Sim, senhor. Estou saindo agora. Se eu de alguma forma morrer em meio ao prazer, escrevam “Ele se foi fazendo o que

mais amava” na minha lápide, e digam aos meus pais e avós que eu os amo. À minha cria também. É melhor você sentir minha falta, @Creighton King.

Eli: Tenho certeza de que ele não vai. Na verdade, ficará feliz em se livrar do seu apego incômodo.

Remington: Cala a boca, seu homem insensível, vilanesco e selvagem.

Landon: Mas é verdade. O Creigh não dá a mínima para você, não importa o quanto você tente. Como é ser insignificante assim?

Creighton: Você é importante para mim, Remi.

Há uma longa pausa, então pessoas digitando ao mesmo tempo. Por fim, todas as respostas vêm em uma enxurrada:

Remington: Tirei um *print* disso. Vou emoldurar e pendurar no meu quarto. Você não pode voltar atrás na sua palavra agora, cria.

Landon: Quem é você e o que fez com o nosso silencioso Creighton?

Brandon: É você mesmo, Creigh?

Eli: Temos uma emergência. Ele deve ter sido sequestrado.

Remington: Vocês estão com inveja. Morram todos.

Então ele envia um monte de GIFs de risadas maléficas.

Deixo meu celular de lado, uso a mão como travesseiro e encaro o teto.

Uma bolinha escura pula no meu peito e suspiro enquanto Tigre decora minha camiseta com seu pelo.

Este gato é mais uma lembrança de Annika. De seus sorrisos doces quando o vê e da voz de bebê que ela usa para falar com ele.

— Escuta aqui, seu pestinha. — Eu o seguro na altura do rosto para encará-lo. — Chega dessa história de subir no ombro ou na cabeça dela, ou te jogo na rua.

Ele apenas me encara com aqueles olhos semicerrados, do jeito que gatos esnobes fazem, e tenta me arranhar.

Jesus.

Não acredito que estou falando com um gato e ainda sentindo ciúmes dele.

Minha porta se abre, batendo com força contra a parede, quando meu irmão entra com a indiferença de um guerreiro cansado.

Tigre se sobressalta e sai correndo, provavelmente indo atrás de Brandon. Ele é seu humano favorito depois da Annika.

Eli para ao lado da minha cama, me encara com um olhar crítico e cruza os braços.

— Você não foi sequestrado. Espera aí, você perdeu seu celular…? — Ele franze a testa ao ver o aparelho na mesa de cabeceira.

Em vez de ir embora e me deixar sozinho, Eli se senta na beira da cama e passa os dedos sob meu queixo.

— O que está acontecendo, irmãozinho? Alguém está te incomodando? Quem eu devo mutilar até só sobrar pedaços e depois jogar os restos no mar?

— Deixa para lá.

— Que nada. Se isso está te afetando a ponto de você não só responder às mensagens, mas também defender o Remi em vez de se perder no sono, eu preciso saber.

Solto um longo suspiro. Eli é igualzinho a um cachorro com um osso, e não vai me deixar em paz de jeito nenhum até conseguir o que quer.

E, no momento, talvez eu possa usar a “sabedoria” dele para encontrar uma solução.

— O Jeremy me pegou com a Annika no mercado, e ela foi embora com ele.

Os movimentos de Eli sob meu queixo param, mas ele não afasta a mão.

— E…? Você o espancou até ele virar um bagaço?

— Eu bem que queria. Ainda quero, mas a Annika interveio.

— Entendi.

Meus olhos encontram os dele, inexpressivos, e isso me lembra daquelas vezes em que nos metemos em encrenca (por causa dos planos anarquistas dele) e ele tentou de tudo para sair ileso da situação.

Sem ferrar nenhum de nós dois.

Nosso pai geralmente percebia seus planos e o punia. Mas Eli não se importava, contanto que eu não fosse culpado por suas ações.

O mundo pode considerá-lo uma anormalidade, mas ele tem sido meu exemplo desde que descobri o que é um exemplo.

Sento-me na cama e ele se encosta na cabeceira ao meu lado, esticando as pernas no colchão.

— Como posso conseguir a Annika de volta sem irritar o irmão dela?

— Por que você não pode dar uma lição ou duas nele? Talvez algumas?

— Porque ela o ama. Estava pronta para morrer em um incêndio com ele, e embora eu esteja disposto a bater para caralho nele por ousar se meter entre o que temos, sei que vou perdê-la se fizer isso.

— Olha o meu pequeno Creigh, todo crescido e desenvolvendo sentimentos. — Ele coloca a mão sob meu queixo de novo.

Eu a afasto com um tapa, olhando feio para Eli.

— Você vai ajudar ou vai se ferrar?

— Tá bom, tá bom. Só para você saber, sinto que estou sendo usado só por causa dos meus neurônios geniais agora, mas vamos lá. — Ele inclina a cabeça na minha direção. — O que aconteceu depois que ela foi com ele?

— Ela me pediu para confiar nela. Eu disse que daria apenas um dia antes de fazer do meu jeito.

— Do *seu* jeito? Tenho certeza de que isso implica violência e mandá-lo para o hospital. Achei que você não queria que ela te odiasse.

— E não quero, mas prefiro que ela me odeie do que não tê-la de jeito nenhum.

— Hum? Interessante. — Ele cantarola por um instante. — Mas, por enquanto, faça o que ela pediu.

— O quê?

— Confie nela. Deixe que ela lide com ele. Annika o conhece a vida toda, portanto, é mais provável que tenha a capacidade de convencê-lo.

— Você não entende. Ela é anticonflito e age como a mamãe sempre que você e nosso pai entram em uma discussão. Ela sempre, sem dúvida, irá se sacrificar para trazer paz à situação. E essa opção está fora de questão.

— Você nunca vai saber de verdade até a deixar cuidar disso. Confiar nela, como ela pediu, será muito importante depois que esse obstáculo for superado. Acredite em mim quando digo que as mulheres se lembram quando você lhes dá liberdade. Não precisa ser real, e você sempre pode observar de longe, mas fingir já basta. Então, seja paciente. Se a ideia dela não funcionar, você sempre pode fazer o que prometeu depois que o prazo de um dia acabar. Nós invadiremos a mansão dos Hereges juntos. Lan cuidará do Kill… ele não o suporta depois daquele lance com a Glyn. Eu

vou manter aquele selvagem do Nikolai sob controle. Tenho certeza de que Bran e Remi conseguem segurar o Gareth. E você poderá enfrentar aquele merda do Jeremy sozinho.

Solto um longo suspiro, sem querer concordar com ele, mas sabendo que é a coisa mais sábia e lógica a se fazer.

Eli apoia a cabeça nas mãos cruzadas.

— Nunca pensei que nosso bebê Creigh ficaria tão enfeitiçado por uma garota.

— Eu não estou enfeitiçado.

— Você não consegue dormir por causa dela, já a trouxe aqui mais vezes do que consigo contar. Mencionou-a de forma sutil quando falava com a mamãe (e aliás, agora ela não para de me perguntar sobre ela, então é bom você me compensar pelo fuzuê) e até contou a ela sobre sua infância quando nunca tinha visto tal necessidade de tocar no assunto. Ah, e age como um homem das cavernas desequilibrado com tendências assassinas sempre que alguém, inclusive nós, se aproxima dela. *Enfeitiçado* sou eu sendo gentil.

Mas que caralho.

Sou tão óbvio assim?

— Gosto de passar tempo com ela. Ela é a luz que eu nunca pensei que precisasse e a única pessoa capaz de preencher meu vazio.

— Ai, assim você me magoa. Pensei que preencher o seu vazio fosse o meu papel.

— Você é vazio também. Como caralhos vai conseguir preencher outra pessoa?

— Mágica? — Ele sorri. — Brincadeiras à parte, você não é oco. Só teve pais biológicos bem ruins, e tenho certeza de que eles estão apodrecendo sentados no colo do diabo agora mesmo.

Dou uma risadinha.

— Deduzo que você finalmente esteja superando esse assunto, já que está conversando sobre isso com a sua garota?

Sua garota.

Gosto de como a frase soa. Na verdade, gosto tanto que gostaria de poder fazê-lo repetir só para gravar desta vez.

— Nunca vou superar esse assunto — digo a ele. — Vou me vingar.

— O quê?

— Você me ouviu.

— Você está vingando aqueles pais inúteis?

— Estou vingando a minha versão de três anos que foi levada para os portões do inferno.

— E como caralhos você pretende fazer isso, gênio? Viajando no tempo? Não pode perguntar para a mamãe nem para o papai. Eles não só não vão responder, como da última vez que você perguntou, a mamãe ficou deprimida por um mês inteiro achando que estava fazendo algo errado. Na cabeça dela, você se interessar pelo seu passado tem uma relação direta com seus pais biológicos, e se quer saber sobre eles, significa que ela falhou como mãe.

— Eu não vou envolver a mamãe e o papai, e nem você. Tenho outros métodos.

— Tipo… Espera aí, você estava todo meloso com o Lan por causa disso? — Ele franze a testa. — Não dá para confiar nessa víbora. Qualquer ação que ele tome é puramente para fins egoístas.

— E você é diferente porque…?

— Eu sou seu irmão. Não te machucaria.

Solto um suspiro.

— Eu sei. Mas me deixe ir atrás disso, Eli. Caso contrário, nunca encontrarei o encerramento de ciclo de que preciso. Nunca serei… completo.

— Puta merda. A mamãe com certeza choraria se ouvisse isso.

— *Nunca* mencione isso para ela. — Encaro a parede. — Odeio essa parte minha que, mesmo tendo a mamãe, o papai e toda a nossa família, é incapaz de superar o passado. Tentei deixar isso para trás, mas os demônios nunca desaparecem.

Meu irmão permanece em silêncio, provavelmente porque não entende do que diabos estou falando. Ainda assim, ele continua aqui por mim, ouvindo e oferecendo uma parte de si que nunca dá a ninguém.

E sou grato por isso.

Depois de um tempo, ele se inclina na minha direção.

— Quais pistas você já conseguiu com aquele babaca do Lan?

— Ele disse que eu nasci nos Estados Unidos, em Nova York, para ser mais específico. Atualmente, ele está procurando meu sobrenome de nascimento e as circunstâncias que levaram a todo aquele inferno.

— Você poderia ter contratado um detetive particular em vez de confiar naquela víbora.

— Eu contratei, mas todas as informações sobre o meu passado foram apagadas. Provavelmente pelo papai e nossos avôs.

— Eu não ficaria surpreso. Eles nunca gostaram de falar sobre o seu passado. Então, nesse caso, como o Lan conseguiria tais informações?

— Ele disse que teve um pressentimento que ainda não vai me revelar, e que descobriu outra maneira de obter informações.

— Parece suspeito.

— Os pressentimentos do Lan estão sempre certos.

— E sempre envolvem as pessoas em sérios problemas.

— Eu já cheguei até aqui. Nem preciso dizer que estou preparado para fazer alguns sacrifícios.

— Alguns são mais do que você pode pagar.

— Vou lidar com isso quando acontecer.

Ele balança a cabeça, parecendo muito, muito descontente. Eli sempre odeia quando me coloco em uma posição desfavorável.

Sempre.

— Não se preocupe. Vou ficar bem — digo.

— Quem está preocupado, seu merdinha? Se você tiver a audácia de se machucar, não vou te deixar esquecer isso nunca.

Um sorrisinho surge nos meus lábios.

Ele me olha de soslaio.

— Por que você está sorrindo feito um idiota?

— É estranho como você odeia todo mundo, mas sempre se recusou a me deixar sozinho.

— Não tive escolha. Quando mamãe e papai te enfiaram na minha vida, eu tinha duas opções: gostar de você ou te matar. Eu teria escolhido a segunda opção, mas imaginei que isso seria malvisto pelos nossos pais, então não tive escolha, a não ser gostar de você.

— Deve ter sido difícil.

— Não é? Difícil demais. Você é um filho da puta sortudo.

— Obrigado, Eli.

Ele me agarra pelo ombro e passa os dedos sob meu queixo.

— Não existe esse papo de “obrigado” entre irmãos, bostinha. Agora, vamos usar o seu tempo livre para algo produtivo.

— Tipo?

Um sorriso feroz toma forma em seus lábios.

— O Landon está enrolando e provavelmente escondendo informações para te controlar. Tenho a solução perfeita para forçar ele a abrir o bico.

CAPÍTULO 24
ANNIKA

— A Annika não tem permissão para sair do perímetro da propriedade até segunda ordem.

— Sim, senhor.

Jeremy cumprimenta seus guardas com um aceno de cabeça e entra na casa.

Desço da moto dele — ele nunca deixa ninguém andar nela, e só me permitiu ir na garupa por necessidade — e corro atrás do meu irmão. Seus passos são tão largos que levo um tempo para alcançá-lo e agarrar seu braço, forçando-o a parar no saguão de entrada.

Ele me encara com as sobrancelhas franzidas, uma expressão sombria e músculos tensos. Está assim desde que saímos do mercado.

Eu amo meu irmão, muito mesmo, mas às vezes não o reconheço. Na verdade, é mais como se eu não reconhecesse a escuridão que flui dentro dele, meramente escondida por baixo da superfície.

— Você tem alguma objeção, Anoushka?

— Claro que tenho. Você não pode simplesmente me trancar toda vez que quiser, Jer. — Meu tom de voz se suaviza. — Eu não sou um cachorro.

— Eu não teria que fazer isso se você não estivesse por aí com os desgraçados dos Elite.

— O Creighton não é membro do clube.

— O primo dele é.

— Isso não significa nada. Vocês são rivais dos Elite, não de todos na UER. Creighton nunca participou das atividades do clube.

— Tem certeza disso? Porque, quanto mais penso no assunto, mais a aparição repentina dele durante o incêndio é suspeita.

— Eu te disse. Não foi repentino…

— Me poupa dessa conversa fiada. Você acha mesmo que eu não descobri que você estava acobertando ele?

Enrijeço de repente.

— Você sabia?

— Claro que sabia.

— Então… por que você deixou para lá?

— Porque ele salvou a gente. Sem mencionar que o Gareth encontrou evidências de que os Serpentes estavam por trás daquele incêndio. — Ele se aproxima. — Mas isso não significa que ele não sabia. Talvez tenha tramado com aquele primo maluco dele e aparecido no momento certo para ser visto como um salvador.

— Isso não é verdade.

Jeremy me agarra pelos ombros e me sacode.

— Acorda, Annika. Você acha mesmo que foi coincidência ele estar lá na hora certa? Acredita mesmo que não teve nada de duvidoso por trás disso tudo?

Minha garganta seca e eu encaro seus olhos inexpressivos com os meus ardendo.

— Tenho certeza de que há uma explicação…

— É por isso que o papai nunca quis você longe de casa. Você é tão ingênua que dá até vergonha. — Ele me solta e eu cambaleio para trás como se alguém tivesse me dado um tapa na cara.

Não. Não doeria tanto se alguém tivesse me batido fisicamente.

— Você não vai mais sair e será escoltada para dentro e para fora da UER. — Ele se dirige para as escadas. — Ponto-final.

Normalmente, eu me trancaria no meu quarto, ligaria para a mamãe atrás de apoio emocional e talvez chorasse escondida de todo mundo.

Normalmente, eu nem tentaria ir contra a decisão do meu irmão.

Desta vez, porém, me coloco na frente dele, com os ombros erguidos, e levanto o queixo enquanto falo com a voz calma, embora um pouco trêmula:

— Você chama isso de ingenuidade, mas eu chamo de dar às pessoas as chances que elas merecem. Eu me recuso a enxergar o mundo em preto e branco como você, Jeremy. Quero ver o cinza, quero o roxo, quero todas as cores, e não vou permitir que você nem ninguém me proíba de vê-las. É assim que eu escolho te amar, apesar do seu lado sombrio. Minha afeição por você não se deve aos seus raros momentos carinhosos ou, Deus me livre, ao seu comportamento sufocante; se deve à *minha* escolha. Também é *minha* escolha confiar no Creighton. Ele não é do tipo que orquestra um

incêndio só para bancar o salvador, e ele *não está*, em hipótese alguma, associado aos Elites. Eu sei disso tão bem quanto conheço você. Não me insulte insinuando que eu escolheria alguém que está determinado a te machucar. Se você confiasse em mim o suficiente, descobriria que eu jamais faria isso.

Meu peito se esvazia com as emoções avassaladoras que acabei de liberar de uma só vez. Demorou muito para acontecer, considerando sua superproteção sufocante. Caluniar Creighton foi a gota d'água para mim.

Pelo menos Creigh confiou em mim para resolver a situação sozinha. O mesmo não pode ser dito sobre Jeremy. Duvido que ele confiaria em mim para sequer respirar por conta própria.

Suas sobrancelhas se franzem em clara confusão, mas sua voz se torna mais suave.

— Não é que eu não confie em você; é que não confio na sua tendência a confiar no próximo, Anoushka. Essa característica atrai todos os tipos de predadores e os convida a te machucar. Toda a família King é impiedosa e brutal. Se te usassem como peão, você não sobreviveria.

— Tenho sobrevivido muito bem com eles, Jer. Caramba, gosto mais deles do que dos seus amigos desequilibrados.

— Você ainda vai gostar deles se te machucarem?

— Está vendo? Esse é o seu problema. Você acredita que todos querem me machucar ou que sou instável demais para me virar sozinha. Tenho dezoito anos, sabe, e sim, posso até ter sido um pouco imatura no passado, mas não sou mais. Sei que existe um mundo inteiro fora da jaula perfeitinha que você e o papai construíram para mim, e eu quero esse mundo, Jer. Quero viver, cometer erros e corrigi-los sozinha. Quero estar *viva*.

Os punhos de Jeremy se cerram ao lado do corpo, mas ele relaxa as mãos aos poucos.

— E tudo isso tem que acontecer com o Creighton?

— Sim. — Mordo o canto do lábio inferior. — Eu o amo.

— Você não pode ter certeza disso tão no começo do relacionamento.

— Se não estou com ele, penso nele. Caramba, penso até quando ele está lá. Ele me faz sentir feliz e valorizada. Quando estou com ele, sou apenas a Annika, e não a srta. Volkov, acorrentada pelo meu sobrenome e origem. Ele é o lugar para onde vou quando quero me sentir segura, então sim, eu o amo, e tenho certeza absoluta disso.

Jeremy fica tenso, e acho que vai lidar com a situação do jeito ditatorial, mas então ele suspira.

— Por que tinha que ser o Creighton?

— Por que não pode ser o Creighton?

— Se ele tiver que escolher, optará pela família.

— É aí que você se engana. — Eu sorrio. — O Creigh sempre me escolherá. Assim como eu sempre o escolherei.

— Nunca se sabe, Anoushka. Todos esses sentimentos positivos que você tem por ele podem facilmente se tornar negativos.

— Não, isso não vai acontecer.

— Você está disposta a provar isso?

Levanto ainda mais o queixo.

— O que você tem em mente?

— Amanhã cedo voltaremos para casa, e você contará ao papai sobre esses sentimentos. Se, depois de ele fazer suas pesquisas sobre Creighton, acabar aceitando-o, eu recuo.

Engulo em seco.

Conversar com Jeremy é uma coisa, mas nosso pai é outra completamente diferente.

— O que foi? — Ele abre um sorrisinho irônico, sabendo exatamente qual ferida cutucou. — Mudou de ideia?

— Claro que não. Você manterá sua palavra. Se papai concordar, você não vai intervir.

— Eu juro. — Ele continua com aquele sorriso no rosto.

Porque sabe muito bem que a aprovação do papai é tão impossível de conseguir quanto ver um unicórnio.

Mas eu tenho uma arma secreta. A *mamãe*.

Parece que precisarei lutar uma batalha completamente diferente ao voltar para onde eu odiava ficar.

Onde eu não era nada além de uma princesa protegida.

Minha casa.

Minha casa e eu temos uma relação de amor e ódio.

Guardo com carinho todas as lembranças que tenho da minha infância com a mamãe, o papai e o Jeremy, mas não gosto do lugar em si, pois fazia eu me sentir muito impotente e reprimida.

No entanto, no momento em que entramos na vasta propriedade, minha mãe, de alguma forma, a faz se transformar de uma mansão gótica para uma aconchegante, e a única coisa que me vem à mente são essas lembranças preciosas.

Como a vez em que meu pai me ensinou a andar de bicicleta. Acabei caindo e batendo o joelho, então Jeremy soprou o machucado, e nossa mãe limpou o ferimento enquanto eu me debulhava em lágrimas. Depois disso, eu me levantei e saí correndo como se nada tivesse acontecido.

Ou quando o papai me colocou em seus ombros e eu não parava de agarrar seu rosto e bloquear sua visão.

Ou quando a mamãe surpreendeu o papai com uma festa de aniversário que ele no fundo odiou porque ela convidou todos os guardas.

Essas pequenas coisas, de pouca importância, podem parecer irrelevantes, mas são o que me vêm à mente no momento.

Talvez seja algum truque psicológico que estou pregando em mim mesma a fim de me preparar mentalmente para a batalha que se aproxima.

O carro para em frente à construção imponente que chamo de casa. Foi aqui que nasci e vivi por dezessete anos, protegida do mundo exterior.

Eu nunca tive amigos, já que definitivamente não podia convidar ninguém para a minha casa, e nem visitar a casa das pessoas — a menos que estivessem dispostas a ter seus lares revirados para uma verificação de segurança e desfrutar da companhia dos meus guardas.

A ideia era que eu estudasse em casa, mas depois de implorar e ficar meio deprimida por um tempo, papai me permitiu frequentar uma escola particular. Depois que ele a comprou e colocou seu pessoal em todos os lugares por lá.

Meu pai é esse tipo de pessoa. Quando se trata da nossa segurança, nenhum detalhe lhe escapa.

Meu irmão sai do carro. Abro minha porta antes que o motorista consiga fazê-lo, então o agradeço com um sorriso.

— Jeremy!

Um homem alto de meia-idade envolve meu irmão em um daqueles abraços de lado que os homens costumam dar, e Jer sorri.

— Yan, como você está?

— Morrendo de tédio com a falta de ação.

Eles se separam e Yan me cumprimenta com um aceno de cabeça. Seu cabelo comprido está preso em um pequeno rabo de cavalo, e seu rosto está tão bonito quanto de costume. Ele é um dos dois guardas em quem meu pai mais confia e o melhor amigo da minha mãe.

Ah, e eu o usei como cobaia das minhas maquiagens inúmeras vezes porque ele é legal nesse nível. Mamãe ainda tem as fotos das minhas criações amadoras como prova.

Ele sorri para mim.

— Princesa.

— É só “Anni”, Yan.

— Não use esses apelidos americanos sem graça. Agora venham. A mãe de vocês está esperando.

Mal damos dois passos para dentro de casa quando mamãe sai da cozinha, limpando as mãos no avental e com um sorriso tão grande no rosto que não consigo evitar sorrir também.

Ela está radiante no vestido florido parcialmente encoberto pelo avental. Seu cabelo está preso em um coque chignon com mechas escapando de ambos os lados. Cheguei à conclusão de que ela é uma vampira, porque não mudou nada desde que eu era criança.

— Meus bebês! — Ela abre os braços, e eu corro direto para eles, deixando minha bolsa cair no chão.

Quando ela me abraça e eu me afogo em seu perfume de rosas, sinto que tudo vai ficar bem. Ela cheira a calor e carinho infinito. Cheira a todas as lembranças bonitas e sonhos felizes de infância.

— Deixa eu dar uma olhada em você. — Ela dá um passo para trás para me examinar com atenção. — Você ficou mais alta e mais bonita, meu anjinho.

— Tenho dezoito anos. Não me chame no diminutivo.

— Você sempre será meu anjinho. Não acredito que minha filha mais nova já tem dezoito anos. — Ela me abraça outra vez. — Senti tanto sua falta. Estou meio que me arrependendo de ter deixado você sair de casa.

— Também senti sua falta, mãe.

— Posso dizer oi ou volto em uma hora, depois que vocês duas terminarem o reencontro?

Mamãe dá um passo para trás ao ouvir a voz de Jeremy e ri, depois o puxa para um abraço. Ele é tão alto comparado a ela que o ângulo do gesto parece, na melhor das hipóteses, cômico.

— Venham, vamos jantar. Preparei um monte de comida para vocês dois — diz ela assim que eles se soltam.

— Não precisava. Poderíamos ter comido qualquer coisa — digo.

— Bobagem. Faz meses que vocês não vêm para casa, e não tem a menor chance de eu deixar vocês comerem qualquer coisa.

Ela nos conduz para a cozinha com a ajuda de Yan. Ogla, nossa governanta, nos cumprimenta, e eu a abraço. Ela considera abraços uma blasfêmia há dezoito anos, mas aos poucos treinei a severa senhora russa a aceitá-los.

— Onde está o papai? — pergunto à minha mãe enquanto ajudo Ogla a servir pratos que mais parecem um banquete para um exército.

— No escritório dele com o Kolya. — Mamãe me senta em uma cadeira e coloca minha salada favorita na minha frente. — Você sabe como ele lida com o trabalho.

— Deixa que eu chamo os dois. — Jeremy mal termina a frase quando papai entra na cozinha com Kolya, seu braço direito, no encalço.

Papai tem uma presença imponente e intimidadora que chama a atenção de todos sempre que entra em um cômodo. Tenho muita sorte de ser filha dele, então nunca sou alvo da sua ira, mas sei que as pessoas tremem com a perspectiva de estar nessa posição.

Depois que ele cumprimenta Jeremy com um abraço, ele me encara com um sorriso suave.

— Anoushka.

Corro para seus braços, e embora eles não me tranquilizem como os da mamãe, são seguros como uma fortaleza.

São momentos assim que me deixam feliz por estar em casa. Momentos de normalidade, aconchego e paz.

De família.

Mesmo que a gente nunca vá ser uma família do tipo convencional.

Todos nos sentamos para jantar, incluindo Kolya, Yan e Ogla. Boris, outro guarda do círculo interno, também teria se juntado a nós, mas aparentemente não está em casa.

Sempre consideramos essas pessoas a extensão da nossa família, aqueles a quem recorremos quando não conseguimos chegar aos nossos pais.

Eles são nossos padrinhos, de certa forma.

Mamãe, que está com um sorriso de orelha a orelha, não para de nos empurrar vasilhas com todo tipo de comida. Sua felicidade é, no mínimo, contagiante, assim como sua energia.

— Como estão as coisas na faculdade? — Papai se serve de uma taça de vinho.

— Como sempre — responde Jeremy, dando de ombros. Nem preciso dizer que ele fez os guardas informarem que o incêndio era pequeno e não havia motivo para preocupação. Caso contrário, nosso pai e esses caras implacáveis teriam ido até lá e enterrado os Serpentes com as próprias mãos.

Principalmente se descobrissem que a minha vida e a do Jeremy foram colocadas em perigo.

Empurro a taça na direção do papai.

— Também quero.

Ele me lança um olhar que faria uma montanha se ajoelhar.

— Você tem seu suco.

— Mas eu já tenho dezoito anos. As pessoas bebem nessa idade no Reino Unido.

— Aqui não é o Reino Unido, e você não é inglesa.

— Bem, eu sou meio russa, e as pessoas bebem aos dezoito anos na Rússia.

Mamãe levanta uma sobrancelha.

— Ela não está errada.

Papai desvia sua atenção para ela, e tudo o que posso fazer é assistir conforme uma emoção enigmática floresce em seus olhos. Sempre amei o jeito como ele olha para ela, como se fosse seu mundo. Ele a procura quando ela não está lá. É como se fosse o oxigênio que ele respira… precisa dela perto a todo momento.

Meu pai pode ser insensível, mas é o melhor marido e pai do mundo.

— Não conte mentiras para ela, Lenochka. — Ele me encara de maneira penetrante. — Sou três quartos russo. Isso faz com que você seja um quarto russa.

— Um terço, na pior das hipóteses.

— A resposta ainda é não.

— Deixa ela tomar um pouco, chefe. Precisamos prepará-la para a vodca. — Yan enche minha taça de vinho e escapa por pouco de ter a cabeça arrancada pelo olhar furioso do papai. Em seguida, ele finge não ter notado a tentativa de assassinato e se concentra na comida.

— Você não comeu há menos de duas horas? — Kolya dedura sua farsa na cara dura.

— E daí? A comida fica muito mais gostosa com as crianças por perto.

— É verdade. — Mamãe suspira. — Estou tão feliz que vocês voltaram, mesmo que seja só por alguns dias. Aparentemente, já são crescidos e não precisam mais visitar a mãe.

— Nada a ver. — Eu a abraço de lado. — Só estamos muito ocupados com a faculdade.

— E outras coisas — acrescenta Jeremy casualmente, cortando seu bife.

Faço uma careta para ele, que continua inexpressivo.

Combinamos que ele me deixaria falar por conta própria. Coisa que farei amanhã cedo, porque estou exausta demais para ter essa conversa hoje à noite.

— Ah, sim. — Mamãe afaga minha mão que está sobre a mesa. — Estou feliz que você fez amigos. Eles pareceram legais.

— São os melhores. Estamos nos divertindo muito no campus.

— Mas não se divertindo demais, né? — Papai me lança um de seus olhares severos e paternais outra vez.

— Ah, Adrian. Deixa ela em paz — mamãe o repreende. — Quero saber tudo sobre esses momentos divertidos.

Falo sem parar, interrompida pelas objeções quase ameaçadoras de Jeremy sempre que ele sente que me aproximei demais do assunto que viemos resolver.

Ficamos à mesa por um bom tempo, mesmo depois de terminarmos o jantar. Eles nos contam as palhaçadas de Yan com Kolya, Boris e papai. Mamãe sai em sua defesa, o que desagrada meu pai, a julgar pelas sutis ameaças à vida de Yan.

Quando nos acomodamos em nossos quartos, já é muito, muito tarde.

Isso significa que é de manhã cedo no Reino Unido.

Depois de tomar um banho, deito-me na cama e pego meu celular. Mando uma mensagem para todos avisando que vou passar o fim de

semana em casa. Recebo respostas de Cecily, Ava, Glyn, Bran e Remi, mas nada vindo de Creighton.

Meu coração aperta enquanto olho para a última mensagem que enviei a ele.

> **Annika:** Vou voltar pra casa para convencer o papai a aceitar o nosso relacionamento. Se eu conseguir, o Jer vai nos deixar em paz. Me deseje sorte. Vou sentir sua falta.

A mensagem não foi lida, então não é como se ele estivesse me ignorando. Talvez ainda esteja dormindo. Afinal, já é sábado lá na ilha.

Virando-me de bruços, dou uma olhada no álbum chamado “Meu Roxo”. Tem todo tipo de foto nossa, a maioria são selfies que tirei enquanto ele não estava prestando atenção.

Tem uma foto que eu amo demais. É de quando ele estava massageando meus pés, apoiados contra o peito dele, durante um banho. O momento foi logo depois que ele me amarrou e me fodeu com brutalidade. Ele me carregou até a banheira e esfregou as marcas vermelhas nos meus pés. Estava tão concentrado na tarefa que nem percebeu quando tirei a foto.

Dou zoom no rosto dele e suspiro. Por que de repente sinto tanta falta dele quando não faz nem muitas horas desde a última vez que o vi?

— Esse é o motivo de toda a sua diversão? — Mamãe se aproxima sorrateiramente pelas minhas costas, carregando uma bandeja de lanchinhos, e é tarde demais para tentar esconder a foto dela.

Graças a Deus, a tela só mostra o rosto dele, e não meus pés em seu peito nu, com o banheiro ao fundo.

— Mãe!

O sorriso dela desaparece imediatamente. A bandeja treme em sua mão antes de vacilar e cair no chão com um estrondo assustador.

Mas não me importo com isso, porque algo mais grave está acontecendo.

Mamãe empalideceu, seus lábios estão trêmulos e o seu corpo enrijeceu.

É a primeira vez que a vejo assim.

Como se… tivesse visto um fantasma.

CAPÍTULO 25
ANNIKA

— Mãe…?

Eu me levanto devagar, meu corpo tremendo e meu coração batendo forte como um martelo descontrolado.

Minha mãe permanece congelada no lugar, com as mãos trêmulas ao seu lado enquanto me encara.

É como se ela estivesse aqui, mas não *aqui* de verdade.

E essa visão me assusta para caramba.

Tomando cuidado para não pisar nos cacos de vidro e nos salgadinhos estragados, eu me aproximo dela com calma até ficarmos cara a cara.

— Mãe — chamo novamente, mais alto desta vez. Balanço a mão em frente ao rosto dela.

Ela se encolhe.

Eu me encolho.

É a primeira vez que vejo minha mãe titubear. Papai pode ser o cara durão envolvido com a máfia, mas, em casa, eles compartilham tudo. Só porque ela é delicada, não significa que seja fraca. Na verdade, pode ser extremamente poderosa se as circunstâncias exigirem.

Ela não é do tipo que se encolhe; ponto-final.

Então por que seus olhos parecem tão… mortos? Geralmente são os mais cheios de vida que conheço.

Os mais calorosos também.

— Mãe! — Minha voz traduz o pânico dentro de mim.

Ela se sobressalta, piscando lentamente, antes de sua atenção voltar para mim. E é como se estivesse me vendo pela primeira vez. Como se eu não tivesse sido sua filha, seu anjinho, pelos últimos dezoito anos.

E essa expressão?

Aterroriza-me.

Deve ser assim que os familiares e amigos de pacientes com amnésia se sentem quando percebem que foram esquecidos. Que são os únicos que se

lembram de cada pequeno detalhe, cada risada, cada sorriso, cada conversa preciosa.

— Mãe? Você está bem? — pergunto, com a voz falhada, o coração martelando forte contra o peito.

— O quê…? Ah, estou bem. — Ela respira fundo, seus olhos se voltando para o meu celular, que deixei na cama.

— Você não parece nada bem, mãe.

— Provavelmente é exaustão por causa do trabalho no abrigo. Só preciso de um momento. — Ela se senta na beira da cama e dá um tapinha no espaço ao seu lado. — Cuidado com os cacos de vidro.

O alívio me atravessa, mas as sombras da cautela pairam no quarto como uma terceira presença.

Um sinal sinistro.

A calma antes do susto.

Mesmo assim, eu me acomodo ao lado dela e a observo com atenção, com tanta atenção que ela sorri.

— Estou bem de verdade, Anni.

— Você não parecia bem há um minuto.

— É só exaustão. Acontece o tempo todo.

— É a primeira vez que te vejo assim, mãe.

— Acho que fiz um bom trabalho escondendo isso de vocês então. — Ela sorri, me faz deitar e apoia minha cabeça em seu colo para que possa fazer carinho no meu cabelo.

Ela costumava fazer muito isso quando eu era criança, mas, conforme fui crescendo, a frequência se tornou cada vez menor. Não que eu esteja reclamando nem nada. Sou eu quem quer ser adulta o mais rápido possível. Mas sinto falta do toque dela.

O movimento de seus dedos no meu cabelo é quase uma canção de ninar reconfortante. Fecho os olhos, imaginando-me pegando com facilidade em um sono tranquilo.

— Anjinho?

— Oi?

— Conte-me sobre o menino na foto que você estava olhando com uma expressão sonhadora.

Estremeço, abrindo os olhos.

— Eu fui tão óbvia assim?

— Aham. Você estava praticamente devorando ele.

— *Não* estava.

— Estava sim.

Suspiro, virando-me de costas para conseguir encará-la.

— O nome dele é Creighton, e nós… estamos meio que saindo.

— Meio que saindo?

— Não estamos juntos há muito tempo, mas o tempo é irrelevante porque compartilho uma conexão especial com ele. Do tipo que nunca compartilhei com mais ninguém.

Os dedos da mamãe param no meu cabelo, e tenho a impressão de que seu rosto empalidece um pouco, ou talvez seja a iluminação do quarto. Depois de um instante, ela volta ao seu ritmo suave.

— Por que você não me contou sobre ele?

— Eu não tinha certeza se tínhamos um relacionamento. Ele não gostava muito de mim no começo, sabe, então tivemos que passar por essa fase e, então, bem, encontrar nossa compatibilidade. Por isso evitei te contar até ter certeza do que temos em comum.

— E agora você tem certeza?

Sorrio.

— Cem por cento.

Seu ritmo falha novamente, embora apenas por um segundo.

— Conte-me tudo sobre ele, sua família, sua personalidade. Quero saber tudo.

— Por onde eu começo?

Levo cerca de quinze minutos para apresentar Creigh e sua família para a mamãe.

Ela nunca interrompe e escuta com atenção. Porque minha mãe se importa.

— Parece que você se diverte muito com ele — comenta ela depois que termino.

— Como jamais me diverti. — Suspiro. — Na verdade, estou com saudade dele.

— Pode me dizer como o relacionamento começou? Ele que corria atrás de você?

Sorrio com timidez.

— Na verdade, foi o contrário. Como eu disse, ele não gostava muito de mim no começo e dizia que eu falava demais. Meu orgulho foi ferido e brutalmente pisoteado, admito, mas depois ele começou a gostar de mim. Até me ouve falar sem parar, e disse que gosta do som da minha voz. Acho que isso significa que eu o conquistei.

— Ele… realmente não corria atrás de você?

— Não. E eu sei, talvez as pessoas achem que uma dama não deva correr atrás de um rapaz, mas essa é uma mentalidade da Idade Média. Eu digo que as mulheres devem ir atrás do que querem. Além disso, ele me alertou, achando que não éramos… compatíveis, mas logo provei que ele estava errado.

— Provou que ele estava errado como?

Dou uma risadinha sem jeito.

— Você não precisa saber.

— Você está escondendo coisas de mim?

— É só que eu… prefiro não falar sobre isso. Todo mundo precisa dos próprios segredos.

— Desde quando você guarda segredos de mim, querida?

— Desde que eu sou adulta. — Sorrio.

Ela suspira profundamente, o som saindo meio entrecortado. Seu olhar se perde na distância, e eu a sinto escapando para outra realidade à qual não tenho acesso. Como antes.

— Ei, mãe?

Ela pisca, voltando a se concentrar em mim.

— Hum?

— Lembra quando você me disse que, se eu tivesse alguém que eu amasse, você não deixaria o papai me forçar a fazer parte de um casamento arranjado? Creighton é esse alguém.

Ela empalidece e, desta vez, não há como negar isso. Mas sua voz ainda se mantém suave e serena.

— Você é jovem demais para saber o que é o amor de fato.

— Será que vocês podem parar de dizer isso? Eu não sou tão jovem assim, e não há outra explicação além de amor para os sentimentos que nutro por Creigh.

— Anni, querida, me escuta. Amor não é um crush em alguém nem uma paixão platônica. Amor é quando vocês passam pela vida juntos, enfrentam

seus medos juntos e, às vezes, até se odeiam no processo. Não é amor se não tiver sido testado.

Eu me levanto, forçando-a a soltar meu cabelo, e a encaro.

— Isso não se aplica a todos. E o que você está insinuando, mãe? Isso significa que você não vai me ajudar a convencer o papai? O Jeremy disse que me deixaria em paz se o papai aceitasse o Creighton, e eu preciso da sua ajuda para fazê-lo enxergar a razão.

Ela pega minha mão.

— Acho que deveríamos esperar mais um pouco antes de puxar o assunto com seu pai.

— Não tenho como esperar. Voltamos amanhã, e não posso deixar o Jeremy me trancar só porque ele quer. Estou muito de saco cheio disso.

— Querida…

— Você disse que me ajudaria. — Meu queixo treme. — Prometeu estar do meu lado neste mundo que trata as mulheres como cidadãs de uma subcategoria. Eu sabia que conseguiria porque tenho você. Como pode virar as costas para mim?

— Não estou virando as costas… Só não podemos ser precipitadas.

Uma lágrima escorre pela minha bochecha e eu a enxugo.

— Eu não ficaria surpresa se o papai ou o Jeremy dissessem essas palavras, porque sei que eles não confiam de verdade em mim para ser responsável pela minha vida, mas me mata que você também não confie. Nunca esperei isso de você.

— Anni… há tanta coisa que você não sabe.

— Então me conta. Não me deixa no escuro e me peça para aceitar situações que não entendo.

— Vou contar, mas, como eu disse, preciso de tempo, querida. Só estou pedindo, implorando, suplicando para você cortar laços com esse Creighton.

— Mãe!

— Eu nunca te pedi nada, Anni. Só queria que você crescesse e se tornasse a jovem brilhante, alegre e deslumbrante que é. Não te impedi de fazer balé, mesmo me sentindo desconfortável com a ideia; não te impedi de viajar para o outro lado do mundo, embora eu temesse pela sua segurança. Mas agora estou implorando para que você o deixe.

— Eu não posso… fazer isso. Eu o amo.

— Vocês não estão juntos há muito tempo. Esses sentimentos não vão durar.

— Você não pode estar falando sério…

Ela se levanta, solta um longo suspiro e sussurra:

— Estou tentando te proteger.

— Me machucando? Você está me ferindo ao exigir que eu pare de ver a única pessoa que não só me aceitou como eu sou, mas também me encorajou a crescer e me transformar em quem sou de fato.

Ela afaga meu cabelo para trás, com uma expressão triste cobrindo suas feições.

— Vai ficar mais fácil com o tempo. Eu prometo.

Então ela sai porta afora, me deixando com dor, tristeza e, o mais importante, confusão.

O que raios acabou de acontecer?

Quando acordo de um sono agitado, a primeira coisa que faço é checar minhas mensagens.

Sinto-me murchar imediatamente quando não encontro nenhuma resposta de Creighton.

Talvez ele esteja bravo porque o prazo de um dia acabou e eu ainda não cumpri minha promessa de consertar as coisas.

Então, envio mais uma.

> **Annika:** Bom dia! É de manhã aqui, então deve ser por volta do meio-dia aí. Vou encontrar uma oportunidade para conversar com o papai sobre nós. Eu esperava que a mamãe fosse minha aliada, mas acho que essa ideia caiu por terra ontem à noite, depois que ela se opôs ao nosso relacionamento de um jeito esquisito. Esta será a primeira vez que vou enfrentar meu pai cara a cara. Me deseje sorte! Estou com saudade. Quero te beijar.

Espero alguns minutos para o caso de ele ler minhas duas mensagens e finalmente responder, mas nada acontece.

Talvez ele tenha perdido o celular.

Passo a mão no colar que ele me deu e envio uma mensagem para o grupo das meninas.

Annika: Bom dia! Vocês saíram com os meninos no fim de semana?
Cecily: Com o Remi e o Bran, sim.
Annika: E os outros?
Cecily: Que outros? O Eli e o Lan não andam com a gente.
Glyndon: Ela está falando do Creigh, bobinha. E não, Anni. Ele não estava junto.

Aperto o celular e franzo a testa.

Sinceramente, não me surpreenderia se ele passasse o tempo todo dormindo, mas desde que começamos a sair, ele já não dorme tanto.

Eu estava esperançosa — e possivelmente delirante — o suficiente para achar que ele preferia minha companhia a dormir.

Minha tela acende quando uma mensagem chega.

Ava: O Creigh não se separava d'Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado. Parecia que estavam tramando alguma coisa.
Cecily: E como você sabe disso? Está virando uma stalker?
Ava: Ai, garota, por favor. Eu só dei uma olhadinha neles quando fui pegar algo emprestado do Bran.
Glyndon: Pegar algo emprestado do Bran, é? *GIF de risadinha*
Cecily: Deixa ela em paz. Ela disse que deu uma olhadinha. Está mais para olhadinhas.
Glyndon: Talvez em posições comprometedoras.
Ava: Vou bloquear vocês duas.
Ava: Não de verdade, mas talvez eu faça isso.

Minha carranca se acentua, mas escolho manter a calma enquanto troco de roupa e desço as escadas. Continuo sem conseguir desgrudar do celular, verificando as mensagens não lidas de novo e de novo.

Só porque o Creighton está passando um tempo com o Eli não significa que ele não me responderia.

Quanto mais penso na situação, menos sentido faz.

Encontro mamãe e Jeremy tomando café da manhã no jardim enquanto trocam cochichos.

No momento em que me aproximo, eles se afastam depressa, recostando-se em seus assentos, encerrando abruptamente a conversa secreta.

Sempre invejei o relacionamento que o Jer tem com nossos pais. O papai se vê nele, e a mamãe o idolatra por ser o primogênito. O anjo dela, como ela o chama. Às vezes, ela o trata como seu melhor amigo e confidente.

Aparentemente, foi ele quem uniu meus pais — feito que eu nunca conseguirei igualar.

Então, sempre que eles têm momentos como este, me sinto excluída.

— Bom dia — murmuro, desabo em uma cadeira e me sirvo de uma xícara de café.

— Bom dia, querido. Você dormiu bem?

Faço um som de concordância.

— Cadê o papai e os outros?

— Eles saíram ontem tarde da noite para resolver algumas coisas.

Coisas? Está mais para matar pessoas. Balanço a cabeça, sem querer imaginar a cena.

Mamãe prepara torradas para mim.

— O Jeremy estava me contando sobre a rivalidade entre a King's U e a Universidade Elite Real. Parece algo intenso.

— E o que tem? — Perco a calma. — Essa é outra maneira de me convencer a ficar longe do Creighton por motivos que você se recusa a revelar? Se for esse o caso, pode desistir, mãe. Acontece que sou uma estudante da UER, e nenhuma vez as pessoas de lá me trataram diferente só porque sou americana ou uma Volkov.

Jeremy me lança um olhar irritado por cima da borda de sua xícara.

— Não fala assim com a mamãe.

— Vocês estão obviamente se unindo contra mim. Esperavam que eu abaixasse a cabeça, acatasse as ordens e simplesmente as cumprisse?

— Você não tem escolha, Anoushka. Falei com o papai ontem à noite, e ele concorda que você não tem mais permissão para ver Creighton King.

A xícara de café treme na minha mão, e eu a repouso sobre a mesa antes que ela caia e se estilhace.

— Combinamos que eu falaria com ele.

— O importante é que ele esteja ciente da situação. Não importa se quem contou foi eu ou você. Quando retornarmos para a Ilha de Brighton, você terminará com ele, ou papai te encontrará um pretendente para se casar.

Encaro minha mãe como se eu tivesse sido esfaqueada bem no peito e ela fosse a pessoa segurando a faca.

— Você disse que não deixaria isso acontecer.

— Anni…

— Deixa para lá. Vou falar com o papai pessoalmente quando ele voltar.

— Não faça isso, Anni — diz a mamãe em voz baixa. — Você só vai irritá-lo e se machucar. É para o seu bem.

— Para o bem de quem? Seu? Do papai? Do Jeremy? Com certeza não é para o meu. — Sinto a frustração borbulhar dentro de mim. Ela se intensifica até quase vazar pelos meus poros.

E o pior é que não tenho ideia de como apaziguar a situação.

Melhorá-la.

Estou tão decepcionada com a mamãe e com raiva de mim mesma por ter confiado tanto nela. Por acabar presa em uma situação em que a única saída é perder.

Todas as portas estão se fechando na minha cara, e Creighton ainda não responde às minhas mensagens.

Será que ele vai dizer que é para o meu bem também?

O celular de Jeremy vibra na mesa e, quando ele o checa, uma ruga aparece entre suas sobrancelhas.

— Estamos indo embora — anuncia ele, levantando-se abruptamente.

— Mas vocês acabaram de chegar — protesta mamãe.

— Aconteceu uma emergência na ilha.

— Que tipo de emergência? — pergunto com a voz assustada.

— Do tipo ruim.

Ele se apressa em direção à casa, e eu corro para acompanhar seu passo.

— O que aconteceu?

— O Nikolai foi sequestrado, e quem está por trás disso quer falar comigo.

CAPÍTULO 26
CREIGHTON

— TEM CERTEZA DE QUE ESSE PLANO VAI FUNCIONAR?

Eli continua completamente imóvel enquanto inclina a cabeça para o lado, esperando o momento certo.

Aguardando.

Estamos escondidos atrás dos arbustos perto da entrada dos fundos do complexo dos Hereges há uma hora, e ainda não há sinal da tal "presa" que meu irmão disse que vamos caçar esta noite.

— Paciência, irmãozinho. Precisamos deixar a presa sair por conta própria.

— Por que não podemos simplesmente fazer com que saia?

Ele me lança um olhar de soslaio, cheio de sadismo.

— E onde estaria a graça nisso?

Nós dois estamos usando jeans e moletom, e provavelmente parecemos pervertidos com tendências à depravação. O que é verdade, até certo ponto.

O fato de ser tarde (por volta das duas da manhã) e de as ruas estarem praticamente vazias não ajuda muito nosso caso.

Desde que vi a mensagem que Annika me enviou, aquela anunciando seu retorno temporário aos Estados Unidos, tenho estado inquieto. Aquelas sombras escuras não paravam de tentar invadir minha visão e eu não consegui ficar parado.

O primeiro pensamento que me veio à mente foi que o pai dela não a deixaria voltar para cá. Ela sempre se orgulhou de como o convenceu a deixá-la frequentar a UER, mas isso não muda o fato de que ele era contra a ideia.

Considerando sua criação e ligações com a máfia, ela está propensa a perder qualquer liberdade que tenha desfrutado nos últimos meses. Principalmente se Jeremy tiver algum poder de decisão nisso.

O que não seria o caso se ela houvesse me deixado lidar com ele.

Como agora essa opção está fora de questão, e eu não tinha nada a dizer que não soasse mesquinho, marquei a conversa como Não Lida até pensar em uma resposta melhor.

E isso nos leva ao presente momento, em que estou acompanhando Eli em suas aventuras noturnas. O que ainda é melhor do que ficar me revirando na cama, sendo arranhado pelo Tigre só porque ele quer, ou ouvindo os devaneios bêbados do Remi — que geralmente incluem revelar qualquer segredo que ele tenha descoberto.

— Lá está ele. — Os lábios de Eli se abrem em um sorriso irônico enquanto ele aponta com a cabeça na direção de um homem musculoso que sai pela porta dos fundos.

— Como você sabe que é ele? Pode ser um aleatório saindo para fumar.

— Primeiro, ele poderia simplesmente fumar dentro da propriedade. Segundo, está segurando um baseado, mas não acendeu para não chamar atenção. Terceiro, e o mais importante, ele está andando por espaços estratégicos que tenho certeza de que são os pontos cegos das câmeras. Adivinha quem se dá a tamanho trabalho para sair de uma propriedade que deveria estar guardando?

— Alguém que tem algo a esconder.

— Bingo. — Ele me agarra pelo ombro. — Lembra quando costumávamos soltar aquelas minhocas e baratas no jardim para vê-las se contorcerem e se debaterem ao fugir, só para as pegarmos de novo? Hora de repetir o processo.

— Papai abortava nosso plano todas as vezes, lembra?

Seu sorriso irônico se alarga, ficando semelhante ao que eu imagino que Lúcifer faça em seu trono infernal.

— Para nossa sorte, o papai não está aqui.

É inútil lembrá-lo de que nosso pai sempre descobre tudo uma hora ou outra. Mas até eu estou disposto a ignorar essa possibilidade se isso significar que estarei mais perto do meu objetivo.

Seguimos o guarda, mantendo uma distância segura até que ele saia do território da KU.

Suas mãos estão nos bolsos e seus passos são ritmados, sem pressa, e há um quê de descuido neles. Está acostumado a andar por este caminho, apesar de ser escondido.

Considerando que ele não é nativo da ilha, como todos os alunos e guardas da KU, isso só pode ser um comportamento aprendido que adquiriu com o tempo.

— Ele está saindo para se encontrar com alguém. — Eli expressa meus pensamentos em voz alta, então sorri. — Quer adivinhar quem?

De fato, o guarda chega a uma área isolada na praia. Escondemo-nos atrás da lateral de um prédio enquanto ele faz uma varredura completa da extensão antes de abrir a porta de um Tesla preto sofisticado e muito familiar.

Esperávamos a McLaren barulhenta que Landon trata como seu amor, e não como um carro. Ele abomina carros elétricos, então jamais a trocaria por um Tesla.

— Brandon…? — pergunto enquanto o guarda desaparece dentro do veículo.

— O *carro* do Brandon — responde Eli, erguendo uma sobrancelha. — Aquele que Landon poderia ter pegado com facilidade para dar uma volta. Nem preciso dizer que ele não teria usado o próprio carro para esta missão. Ele provavelmente já usou o seu e o do Remi antes.

Pensando bem, Landon de fato já havia usado meu carro para dar uma volta. Ele poderia facilmente ter pegado qualquer uma das nossas chaves emprestadas para levar esta operação adiante.

Aguardamos durante alguns minutos, observando o carro preto com vidros escuros. Então, por fim, o guarda desembarca e começa a andar para longe de onde estamos.

O motor do Tesla ronca, coisa que Bran jamais faria, antes de acelerar pela rua.

— Vamos pegar aquele guarda — digo.

— Foi exatamente o que pensei, irmãozinho.

Sem pressa, seguimos o homem por todo o caminho que ele percorre.

Quando ele chega a um beco isolado, Eli e eu trocamos um olhar. Então, seguimos em direções opostas.

Coloco-me na frente do guarda, com as mãos nos bolsos, com a intenção de bloquear seu caminho.

Ele para, estreita os olhos severos e coloca a mão no bolso da jaqueta atrás de algo. Antes que possa sacar qualquer arma que esteja escondida, Eli o acerta por trás com uma pedra.

O guarda cai de joelhos no chão sujo, revelando o sorriso maníaco no rosto do meu irmão.

— Estou improvisando. — Meu irmão joga a pedra para cima e a pega de volta. — Mas não posso dizer que odeio a ideia.

O homem parece ter quase quarenta anos; tem olhos pequenos, lábios finos e cabelo loiro-claro em um corte militar. Ele coloca a mão na nuca, onde um pequeno ferimento jorra sangue. Eu não diria que é fatal, mas definitivamente vai precisar levar alguns pontos.

— Que porra é essa…? — Ele olha de mim para Eli. — Quem caralhos são vocês?

— A julgar pelo sotaque russo, você faz parte da máfia. Confere — reflete Eli, parecendo gostar dessa situação toda um pouco demais para o meu gosto. — Também vou deduzir que você está do lado do Jeremy, não do Nikolai. Ou, mais precisamente, você é um agente duplo que está traindo o Jeremy?

Os olhos do guarda se tornam injetados, mais estreitos, o que significa que estamos chegando perto da verdade. Ele começa a se levantar, mas eu o chuto para que volte ao chão e mantenho minha perna em seu peito.

Ele tira a mão da nuca e se contorce, igualzinho àquelas minhocas de quando éramos crianças. Mas, desta vez, ele consegue pegar a arma e dá um pulo. Chuto a mão dele, e a arma cai no chão com um barulho metálico.

Eli a chuta para longe, agarra os braços do homem, puxa-os para trás e o coloca de joelhos outra vez.

— Calma lá, calma lá, não há necessidade de armas. Elas são ilegais em solo britânico, de qualquer maneira.

— Vamos te fazer algumas perguntas. — Levanto as mangas do meu moletom. — Você vai responder com educação, ou podemos transformar seu rosto em um mapa de destroços primeiro.

Ele cospe em mim e eu sorrio.

— Um mapa de destroços, então.

Eu o uso como se fosse meu saco de pancadas, golpeando seu rosto, peito e estômago diversas vezes enquanto Eli o segura.

Não demora até meu irmão ficar entediado, reprimir um bocejo e decidir dar uma checada no celular. Isso enquanto ainda agarra o guarda com firmeza.

Acerto meu punho embaixo do maxilar do homem, fazendo-o virar a cabeça de lado bruscamente, e pergunto pela décima segunda vez:

— O que você anda falando para o Landon?

Espero que o guarda permaneça em silêncio como antes, mas ele respira com dificuldade enquanto o sangue escorre de sua boca.

— Você vai quitar minhas dívidas no lugar dele?

— Quem sabe. — A atenção maníaca de Eli se volta para o guarda, e ele devolve o celular para o bolso. — Mas se você não nos contar o que queremos saber, não só vai nos perder como patrocinadores, como também vamos garantir que perca Landon. O dinheiro dos King pode ser infinito, mas é difícil de chegar à ralé como você.

— Vocês nem se importam em esconder suas identidades. — O guarda ofega, soando quase incoerente com todo o sangue jorrando de seus lábios e nariz.

— Faz alguma diferença? — Eli solta os pulsos do homem, caminha à sua frente e inclina a cabeça para o lado. — No fim das contas, quem acreditaria em um inseto traidor como você? Com certeza o Jeremy não. E se você acha que o Lan vai ficar ao seu lado, então vai aprender uma baita lição de vida. Meu primo não se importa nem um pouco com ninguém além de si. No momento em que ele perceber que você não é mais um peão útil em seus ditos grandes planos, vai te descartar.

— Vocês vão pagar as dívidas? — Ele está falando comigo, provavelmente percebeu que sou o menos desequilibrado, apesar dos muitos hematomas que deixei em seu rosto.

Pobre coitado.

Não existe um King que seja são.

Ainda assim, assinto com a cabeça e dou um passo para trás.

O guarda demora alguns instantes para se colocar de pé, depois apoia o próprio peso contra a parede de pedra suja e bate nos bolsos antes de pegar um baseado.

Leva mais alguns instantes para ele acender seu fumo. Não interrompemos, esperando com paciência que ele revele o que sabe. Como Eli disse, é melhor deixar a presa sair por conta própria, já que qualquer forma de coerção pode ter o efeito exatamente oposto.

E, pelo que percebi, este homem não tem lealdade a ninguém. Exceto a suas dívidas. Provavelmente por causa de jogos e apostas.

— Landon queria saber sobre os segredos da família Volkov, mas estava particularmente interessado em um que ganhou atenção da mídia, mas acabou virando um caso sem solução. — Ele solta uma nuvem de fumaça. — Isso aconteceu há muito tempo, quando eu tinha vinte anos e havia acabado de deixar a Rússia para me juntar à *Bratva* de Nova York. Coloquei minha vida em risco para salvar um dos líderes e, logo depois, fui recrutado pelos homens de Adrian Volkov. Naquela época, ele tinha um probleminha chato que o distraía de suas funções como o estrategista da filial da cidade de Nova York.

— É mesmo? — Eli se encosta na parede, imitando a postura do homem, e até pega um cigarro. Ele o prende no canto dos lábios, mas não o acende. — Então, por favor, nos diga, qual era o problema?

— A esposa dele estava… — o homem faz um movimento circular com o dedo perto da têmpora — instável.

— Instável? — repito.

Foi isso que Annika quis dizer quando contou que seus pais tiveram um passado sombrio do qual ela não fez parte?

— O tipo de instável que era mantido em segredo até mesmo dentro do círculo íntimo do chefe. Não podíamos nem falar o nome dela, a menos que desejássemos uma passagem só de ida para as *Spetsnaz*, ou pior, para um túmulo.

— Que história interessante, sério. Sou totalmente a favor da instabilidade. — Eli tira o cigarro apagado dos lábios como se estivesse fumando. — Mas não vejo por que isso é importante nas circunstâncias atuais.

— A instabilidade dela a levou a cometer um assassinato.

— Essa, sim, é uma informação melhor para criar suspense. E então…?

— O homem que ela matou era uma figura pública. Um candidato a prefeito, na verdade. O cara que com certeza teria vencido a eleição daquele ano, considerando que era o favorito do povo. Ela o esfaqueou repetidas vezes, trinta e quatro para ser exato, continuando enquanto ele já estava morto.

Um zumbido estridente invade meus ouvidos, e as paredes começam a se fechar ao meu redor. A sensação é tão repentina que tenho dificuldade para respirar. Meu moletom arranha minha pele e meu tronco, onde minha tatuagem formiga e queima.

— Parece brutal para caramba — comenta Eli.

— Foi grotesco. Fui enviado com alguns outros à cena do crime a fim de remover qualquer evidência incriminadora antes que as autoridades chegassem. O homem tinha uma expressão absolutamente horrorizada, como se sua alma tivesse sido arrancada pelo próprio diabo.

— E o que mais…? — instiga Eli.

— Não há *mais*. Esse é o incidente sobre o qual Landon queria detalhes. Contei a ele que o assassinato do candidato a prefeito foi varrido para debaixo do tapete e ninguém foi condenado. Na verdade, ele foi desmascarado publicamente. Acontece que nunca foi o homem decente que a mídia retratava. Muitas mulheres apareceram e confessaram que ele as havia agredido sexualmente, incluindo as que estavam em situação de rua, de quem ele deveria cuidar como diretor do abrigo. Ele também mantinha uma pasta cheia de vídeos e fotos delas, que usava como forma de chantagem. Sua esposa também foi acusada de recrutar candidatas que combinassem com os gostos doentios do marido. Foi o ápice da vergonha para ele e sua família, e todo mundo só falava da esposa dele. Ela perdeu tudo o que o marido lhe deixou para agiotas e estava prestes a ser processada por ser cúmplice nas agressões sexuais. Foi então que cometeu suicídio duplo com o filho. Ouvi dizer que ele era apenas uma criança.

Afasto a gola do meu moletom do pescoço com os dedos trêmulos, minha respiração tão pesada que me surpreende que eles não a escutem. Quando falo, não reconheço a aspereza da minha própria voz.

— Nome.

O guarda ergue uma sobrancelha.

— O quê?

— Nome. O nome do morto, porra.

Uma nuvem de fumaça do baseado me atinge primeiro, obstruindo minha garganta já fechada, antes que suas palavras calmas me cortem ao meio.

— Green. Richard Green.

Esmurro a parede com tanta força que a dor e o sangue explodem dos nós dos meus dedos.

Eli me lança um olhar, franzindo as sobrancelhas antes de seu rosto voltar a ser inexpressivo.

— Presumo que seu chefe tenha sido quem encorajou aquelas mulheres a denunciarem e mexeu os pauzinhos para destruir a família Green?

— Presumiu certo. Não sei quão verdadeiras eram aquelas acusações, mas tenho certeza de que o chefe garantiu que a reputação de Richard fosse tão arruinada que ninguém mais o considerava um herói. Na verdade, as pessoas começaram a expressar alívio por tal verme ter sido morto.

— E isso foi tudo o que você contou ao Landon? — pergunta Eli.

— É tudo o que eu sei. — Ele joga o baseado no chão e pisa nele com o sapato. — Entrarei em contato para pegar meu dinheiro.

— Sugiro que você fuja para o mais longe que puder. — Eli aperta seu ombro. — Dívidas serão a menor das suas preocupações se o seu chefinho querido ou o filho dele descobrirem que há um traidor entre eles.

— Seu maldito…

Eli aperta com mais força e sussurra:

— Você não está fugindo.

O guarda lança um olhar rápido para o chão, mas antes que possa alcançar a arma, Eli a pega e solta um barulho de desgosto, apontando-a para o guarda.

— Nada de armas em solo britânico, lembra? Mas talvez eu possa mudar as regras só desta vez?

O guarda cospe nele antes de sair mancando do beco.

Apenas metade de mim se concentra na cena, mal percebendo o que está acontecendo ao meu redor. Então as peças do quebra-cabeça começam a se encaixar.

Quanto mais nítida a imagem, mais sangrenta ela se revela.

Mais turva minha cabeça fica.

Mais pesada minha respiração se torna.

Afasto meu punho da parede — o mais forte, aquele com o qual costumo lutar — e o bato contra ela de novo. Mais forte desta vez, de modo que um respingo de sangue decora a superfície suja.

Não é o bastante.

Esta dor não é o bastante para abafar o caos que está quase partindo meu cérebro ao meio. Tampouco os fatos que o acompanham.

Como a compreensão de que Lia e Adrian Volkov são os vilões da minha infância.

Os pais da Annika são a razão pela qual eu cresci e me tornei essa pessoa oca, sem nada dentro.

Estou naquele chão outra vez, meu rosto tenso, meus pulmões queimando, e estou rastejando pela madeira.

Como aquelas minhocas, estou me debatendo, me contorcendo, mordendo os lábios, lutando. É por isso que eu adorava caçá-las. Sempre gostei de esmagá-las.

Era melhor que morressem rápido em vez de abrirem a boca e engasgarem ainda mais.

Em vez de terem aquela espuma branca no canto da boca que não saía de jeito nenhum, não importa o quanto cuspissem. Ou de engasgarem com o próprio vômito.

Meu coração queima e sinto que vai se autodestruir. Deve ser isso que acontece com as máquinas quando chegam ao fim de sua vida útil.

Elas precisam ser destruídas.

Soco de novo, mas, desta vez, minha mão encontra uma superfície mais macia.

— Ai. — Eli usa a mão que amorteceu meu soco para me empurrar para trás. — Em vez de se machucar, que tal usar essa energia destrutiva para atingir alguém que realmente merece sua ira?

E então, como um irmão mais velho nada convencional, ele proíbe minha autodestruição e me arrasta para nossa próxima caçada.

Por acaso, o alvo da caçada está de volta à mansão.

Assim que entramos pela porta da frente, encontramos Landon recostado em uma cadeira, com o celular na mão.

— Por que demorou tanto? Deu tempo de eu terminar meus negócios pendentes, visitar um Remi completamente bêbado, jogar um pouco e eu já estava prestes a encerrar as atividades por hoje. — Por fim, ele levanta a cabeça. — Deduzi que o Eli faria você acelerar o processo se confiasse nele. Devo dizer que estou magoado, dói aqui bem no meio do meu coração inexistente. Pensei que tivéssemos uma conexão, Cray Cray. A julgar pela sua expressão, o babaca te contou tudo?

Avanço em sua direção, puxo-o pela gola da camiseta e o soco com a mesma mão que quase quebrei contra a parede.

Landon despenca de lado na cadeira e seu celular cai no chão com um estralo. Ele sorri quando o agarro novamente, meus dedos se cravando em sua pele.

— Você me viu com ela. Porra, você testemunhou tudo, cada parte dessa história, então por que caralhos… — Eu me interrompo porque minha voz está rouca demais para ser ouvida. Engulo em seco. — Por que você não me contou?

— Eu não tinha certeza de que era a família dela até pouco tempo atrás. Sou sobre-humano, mas não o suficiente para localizar o guarda certo que vai abrir o bico quando o bolso estiver cheio de dinheiro. Mas eu tentei te avisar. Não é minha culpa que ninguém ouve o Lan, mesmo quando ele sempre tem razão.

Acerto seu rosto mais uma vez.

— Você deveria ter me contado. — *Soco*. — Mas, em vez disso, escolheu me usar. — *Soco*. — Eu vou te matar, porra.

Sangue jorra do nariz e do canto do lábio dele, e ele cospe o líquido no carpete, mas não tenta lutar contra mim. Está me deixando usá-lo como válvula de escape.

— Isso teria mudado alguma coisa? — Ele abre um sorriso sinistro, revelando dentes manchados de sangue. — Você está tão a fim daquela princesa da máfia que seu julgamento está comprometido, Cray Cray. Aposto que está mais chateado por causa do seu relacionamento com ela do que com a verdade que tanto buscou durante todos esses anos. Devo admitir que eu gostava mais de você quando era um heregezinho sem emoções.

— Cala a porra da boca, ou eu te transformo em uma das suas esculturas e ninguém vai descobrir. — Eli para ao meu lado, encarando-o com uma carranca. — Estou deixando Creigh extravasar sua raiva, senão ele vai explodir, mas não confunda minha tolerância com perdão, Lan. Eu vou acabar com você por apunhalá-lo pelas costas. Então, que tal aceitar o castigo dele em silêncio? Porque não importa o quão difícil seja, será muito mais brando do que a minha indignação.

Landon mostra o dedo do meio para o meu irmão e sorri para mim.

— Tudo o que fiz foi pelo bem maior, inclusive o seu. Sei que isso é incomum, mas te dou a minha palavra. Preparei uma oferta de paz, se estiver interessado…

Eu o jogo longe com meu próximo soco, e ele grunhe, limpando o canto da boca e flexionando o maxilar.

— Vou interpretar isso como um não…

Meus passos são firmes e determinados enquanto me aproximo, levanto Lan segurando sua camisa e o golpeio novamente.

E de novo.

E mais uma vez.

Mas não importa quantos socos eu dê, não é o suficiente para apagar o fogo que se alastra dentro de mim. Na verdade, está se transformando em um incêndio saindo do controle.

— Que barulheira toda é essa? Mas o que…? — A voz de Brandon chega aos meus ouvidos, e percebo que ele está vindo em nossa direção, mas Eli o agarra pela nuca.

— Aqui não é seu lugar.

— Que diabos? O Lan está sangrando.

— Ownt. Você está preocupado comigo? Eu deveria ter pedido para o Creigh me dar uma surra antes então. — Landon se esforça para colocar uma mão sobre o peito. — Estou tão emocionado que eu poderia chorar.

Bran lança um olhar feio para o irmão, mas ainda assim tenta escapar do aperto de Eli. Eu, por outro lado? Estou pronto para quebrar meu primo na porrada.

Entre meus socos no Lan, que ainda não apresenta resistência, e Bran discutindo com Eli, mas sem conseguir escapar dele, uma quinta presença surge.

Remi nos encara com as pupilas dilatadas e pisca bem devagar.

— Não sei que tipo de show de horrores (ou taras, sem julgamentos) vocês, homens da família King, curtem, mas tenho uma pergunta séria. Estou bêbado demais ou tem mesmo um cara amarrado no nosso porão?

Bran para de tentar se soltar do aperto do meu irmão.

— Tem um cara amarrado no nosso porão?

— Sim, e se eu não estiver bêbado demais, tenho quase certeza de que é o Nikolai Sokolov.

— Essa é a surpresa que guardei para você, Cray Cray. — Landon sorri, seus dentes, lábios e queixo ensanguentados. — Ele é o seu caminho para a vingança. Eu disse que tinha tudo sob controle.

CAPÍTULO 27
LIA

O PROBLEMA COM OS DEMÔNIOS É QUE ELES NUNCA NOS ABANDONAM.

Toda vez que penso que os deixei no passado distorcido ao qual pertencem, eles erguem suas cabeças feias, determinados a me lembrar que existem.

Que estão aqui para ficar.

Que não importa o quanto eu tente me concentrar na minha felicidade conquistada com tanto esforço, pode ser apenas uma fase.

Já se passaram tantos anos, mas as memórias são tão vívidas quanto o jantar da noite passada.

Elas rangem, rugem e enchem minha mente com imagens de dor, fraqueza e vergonha.

Muita vergonha e arrependimentos que não consigo conter.

Ando de um lado para o outro no saguão de entrada, de lá para cá, de cá para lá, sem pensar.

Sinto meus nervos chegando ao limite, o aperto no estômago e o caos acertando meu crânio.

Sem parar, aumentando e se mexendo até eu querer gritar.

O fato de Adrian ter tido uma reunião urgente e ter precisado ficar fora com Kolya a maior parte da noite e da manhã também não ajuda.

Felizmente, Yan voltou. Agora ele está recostado em uma cadeira, tomando uma dose de vodca e me observando com uma expressão imutável.

— Você vai acabar ficando com vertigem se continuar nesse ritmo — comenta secamente.

— Eu não deveria tê-la deixado voltar. Talvez consigamos alcançá-los se os seguirmos agora, e eu possa trazê-la para casa e aconchegá-la no meu colo, onde ninguém será capaz de encontrá-la.

— Você está sendo paranoica.

— Você disse a mesma coisa quando ela foi sequestrada na infância.

— Ela não foi sequestrada, já que a salvamos antes que pudessem pegá-la.

— Mas ela quase foi sequestrada.

— Você parece o chefe quando ele inventa desculpas para o próprio comportamento autoritário. *Eu a protejo demais porque eles a usariam contra mim* — ele imita o tom de voz de Adrian.

— Mas é verdade.

— Talvez seja, mas vocês dois precisam entender que ela não é mais uma criancinha. Além disso, está com o Jer. Não há a menor possibilidade de ele deixar que a machuquem.

— E se ele também estiver machucado? — Paro de repente, minha respiração ficando tão pesada que ecoa ao nosso redor. — E se eu perder os dois?

Ele se levanta e me agarra pelos ombros.

— Você está pensando demais. É a paranoia e a ansiedade falando, e nós odiamos essas duas filhas da puta irracionais. Com certeza as mataríamos decapitadas se as encontrássemos em um beco… Agora inspire. Expire.

Solto um suspiro longo, sentindo a nuvem escura que pairava sobre minha cabeça se dissipar.

Um sorrisinho surge em meus lábios.

— Obrigada, Yan. Não sei o que teria feito sem você.

— Provavelmente teria ido a um ponto da crise que não teria mais volta. — Ele abaixa a cabeça para me olhar nos olhos. — Está se sentindo melhor?

— Um pouco.

— *Um pouco* já é um começo.

Ficamos assim por um breve momento enquanto tento, sem muito sucesso, acalmar minha respiração. Sinceramente, não sei o que seria de mim se eu não tivesse um amigo como o Yan ao meu lado.

Também foi ele quem me convenceu de que meus temores sobre a Annika ter o mesmo destino que eu no balé são paranoia. Que minha filha não sou eu e que não sofreremos as mesmas coisas.

— Você tem exatamente um segundo para tirar as mãos dos ombros da minha esposa antes que eu as quebre. — A voz contida de Adrian nos alcança primeiro, seguida depressa por sua presença imponente.

Conheço esse homem há mais de vinte e cinco anos e ainda levanto a cabeça para ter uma visão melhor dele. Ainda me esforço para gravar cada centímetro dele na minha memória.

Provavelmente por causa de todas as vezes em que pensei que ele não fazia mais parte da minha vida.

Seu olhar sombrio recai sobre Yan, que deu um passo para trás, mas ainda responde à expressão solene de Adrian com um sorriso.

— Não precisa ter ciúmes, chefe. Não tenho culpa de ser charmoso.

— Vamos ver o quão charmoso você realmente é quando estiver enterrado de bruços a sete palmos do chão.

Yan dá um tapinha em seu ombro.

— Nós dois sabemos que isso não vai acontecer enquanto Lia estiver viva. Até mais, chefe.

Ele sai de casa com um andar despreocupado, completamente alheio ao olhar mortal de Adrian. Não consigo evitar o sorriso que surge em meus lábios. A relação de Adrian e Yan nunca vai mudar.

Preciso admitir que é divertido. Yan não consegue evitar provocá-lo, e Adrian é cabeça-dura o suficiente para cair nessa de bom grado todas as vezes.

— Aquele filho da puta vai encontrar o Papai do Céu esta noite. E pare de sorrir, Lenochka.

Meu coração acelera, como sempre acontece quando ele me chama por esse apelido. Meus dedos alisam o amassado em sua camisa preta e eu aperto minha palma contra os músculos definidos de seu peito duro.

O peito que serve como meu travesseiro e minha âncora. O peito através do qual posso ouvir as batidas do seu coração.

Eu o conheço há tanto tempo, e ele ainda faz borboletas surgirem no meu estômago só de vê-lo. Continua sendo o homem mais perigosamente belo do mundo.

Balanço a cabeça.

— Você está sendo irracional.

— Você também estava sorrindo para o Yan deste jeito? Com os olhos brilhando e o rosto se iluminando?

— Adrian!

— Estava?

Solto um suspiro.

— Você é mesmo impossível às vezes.

— Só às vezes?

— Acho que sim. — Levanto a cabeça e olho para seu rosto tão lindo que chega a ser injusto; para as feições definidas, as linhas austeras, as sobrancelhas grossas e os olhos cinza-escuros.

Um rosto tão frio que costumava me assustar, mas logo se tornou meu refúgio.

Este homem é tanto minha ruína quanto minha salvação.

Suas sobrancelhas se franzem conforme ele envolve meu rosto com a palma da mãozorra. Sempre me impressiona como um homem duro como ele só se amolece perto de mim — e dos nossos filhos.

Se alguém tivesse se aproximado da minha versão mais jovem e dito que Adrian seria um homem de família, eu teria rido na cara dessa pessoa. Mas eu testemunhei em primeira mão o quão absolutamente dedicado ele consegue ser. Sim, é um homem importante dentro da organização, mas, para ele, nada nem ninguém vem antes de nós.

— Algum problema, Lenochka?

Preciso de todas as minhas forças para não desabar aqui e agora. Como ele consegue estar tão sintonizado com o meu estado de espírito, às vezes mais do que eu mesma?

— As crianças foram embora — digo com a voz embargada.

— Kolya me contou. Quer que eu mande o piloto trazê-los de volta?

É exatamente o que eu quero, mas estaria agindo movida pela paranoia, como o Yan disse, então nego com a cabeça.

— Acho que temos um problema maior.

— Qual?

— Anni… a nossa filha tem um namorado.

Sua expressão se torna sombria.

— O Jeremy me informou sobre o assunto e mencionou que o rapaz não é confiável. Eu mandei ele mantê-los separados até eu investigar o merdinha que acha que pode ter um relacionamento com a minha filha.

— Você não precisa fazer isso. Vi uma foto dele no celular dela, e ele… ele tem olhos familiares.

— Olhos familiares.

— Os olhos de Richard Green. Não a cor, o olhar.

Ele fica imóvel, sinto seus músculos se contraindo.

— O que você acabou de dizer?

— Richard, Adrian. Eu acho… não, eu tenho certeza de que o rapaz tem algum parentesco com ele, provavelmente é o filho dele. Achei que tínhamos deixado aquele pesadelo para trás, mas como… como ele voltou para nos assombrar? Como esse pesadelo pode envolver a Anni desta vez? Ela é tão gentil e inocente, não merece sofrer por nenhum dos nossos pecados. Ela ficou devastada e muito decepcionada comigo quando eu disse a ela para parar de vê-lo. E se… e se for tarde demais para impedir isso?

Adrian passa um braço em volta do meu ombro e me acompanha até o sofá, onde nos acomodamos.

Ele usa uma mão para acariciar meu ombro em movimentos lentos e tranquilizadores, enquanto a outra enxuga as lágrimas do meu rosto.

— Respire, Lenochka, respire…

Aperto os dedos no tecido de sua camisa e o encaro com os olhos embaçados pelas lágrimas.

— Estamos sendo punidos? Foi por isso que a Anni se apaixonou por ele, de todas as pessoas?

— Não há motivo para sermos punidos. Richard era um canalha que merecia a morte, e não vamos, sob hipótese alguma, transferir a culpa para nós.

— E quanto à Anni? Eu garanti a ela que a incentivaria e que apoiaria qualquer relacionamento que tivesse, mas puxei o tapete debaixo dos pés dela no primeiro teste.

— Vou conversar com a Annika. Ela vai entender.

— Não. — Eu me afasto dele. — Você só vai dizer a ela que, se ela não ficar longe dele, você vai machucá-lo.

— Que é a coisa certa a se fazer.

— Não, Adrian. Isso vai fazer ela se apaixonar ainda mais por ele. A essa altura, qualquer coerção da nossa parte só vai empurrá-la para os braços dele e sujar nosso relacionamento com ela. — Suspiro. — Não sei quando ela cresceu o suficiente para saber o significado do amor.

— Me deixa falar com o desgraçado que ousou tocar na minha filhinha, e vamos descobrir.

— Você quer dizer, deixar seus punhos falarem com a cara dele?

— A única forma apropriada de comunicação nessas circunstâncias.

— Não, Adrian. Eu falo com ela. Conversaremos como deveria ter acontecido ontem à noite, quando vi aquela foto. Ela merece saber a verdade.

Seus olhos escuros me observam com tanto carinho que me afogo neles.

— Você vai ficar bem?

— Não, mas farei isso pela Anni.

— Não crie nenhuma expectativa infundada sobre os resultados dessa conversa. Ela não vai ficar feliz.

— Mas vai entender. Nossa filha cresceu muito. Ela não é mais aquela criança protegida que seguia as suas ordens e as do Jeremy como se fossem as escrituras sagradas. Ela amadureceu e se tornou uma moça cheia de atitude.

— Não gosto disso — resmunga meu marido.

Claro que não. Adrian sempre foi superprotetor, então não gosta de saber que sua garotinha está criando asas que usará para deixá-lo.

Mas tenho orgulho do quanto ela evoluiu e de como se tornou ela mesma. Algo me diz que a mudança na personalidade dela aconteceu graças a esse Creighton.

Annika sempre quis abrir as próprias asas, mas algo a fazia hesitar; se era apreensão ou medo, não sei. O que tenho certeza, no entanto, é que ela finalmente conseguiu viver como ela mesma, em vez de como a pessoa que esperavam que fosse por causa do sobrenome.

Adrian entrelaça seus dedos nos meus.

— Estarei aqui com você.

Meu coração se acalma, batendo em um ritmo tranquilo, enquanto pego meu celular e inicio uma videochamada com minha filha.

Ela atende depois de alguns instantes, aconchegada no que parece ser o assento do avião, com a máscara de dormir no topo da cabeça.

Annika sempre foi a alma da casa. O raio de sol, a brincalhona, a alegria radiante pela qual todos nós ansiávamos.

Ela é a menininha de Adrian (e é por isso que ele se recusa veementemente a admitir que ela cresceu), a luz para as sombras de Jeremy e a garota que conquistou o coração cuidadosamente escondido de Ogla.

Esta bebê, que não é mais um bebê, conquistou todos nós desde o momento em que nasceu.

É por isso que ver sua expressão derrotada e exausta me causa um aperto no coração. Ela nem está usando um de seus lindos vestidos roxos, acabou se contentando com um moletom enorme.

— Ainda não chegamos, mãe. Eu te mando uma mensagem quando aterrissarmos.

— Anni, espera. — Engulo em seco. — Eu queria falar com você.

— Se for sobre eu ficar longe do Creigh, então pode esquecer. Eu já tenho dezoito anos e não preciso da aprovação de ninguém para namorar quem eu quiser. Amo você e o papai, mas não vou deixar vocês tirarem a única coisa que é só minha.

Adrian tenta pegar o telefone, mas mantenho o aparelho fora do alcance para ser a única a aparecer na câmera, então suavizo a voz.

— Posso te contar uma história?

Ela levanta um ombro.

— Se você quiser.

— Lembra quando eu costumava te dizer que, há muito tempo, passei por um momento complicado mentalmente? — Minha voz embarga, e Adrian aperta meus dedos.

Saber que ele está aqui me dá coragem para mexer nos demônios do meu passado.

Depois que Anni assente com cuidado, continuo:

— Foi muito pior do que você imagina. Eu estava sem rumo, criei um abismo entre mim, seu pai e seu irmão, e foi a época mais infernal da minha vida. Todo mundo tem fases na vida em que atinge o fundo do poço, e aquela época foi a minha. Como se não bastasse, uma das figuras poderosas que deveria proteger pessoas como eu usou minhas circunstâncias para… tentar abusar sexualmente de mim, como fez com várias outras antes.

Annika arfa, seus olhos brilhando com lágrimas não derramadas.

— Mas isso não aconteceu — complemento depressa. — Eu não deixei.

— Ah. Graças a Deus. — Ela solta um suspiro. — Onde o papai estava naquela hora?

— Ele… o matou.

— Ufa. Foi tarde.

— E você está bem com isso? Pensei que não gostasse quando seu pai machucava as pessoas.

— Não me importo se ele estiver limpando o mundo de escórias como aquele cara que tentou agredir você e outras moças.

Adrian sorri, parecendo muito orgulhoso de si.

— Aquele homem era candidato a prefeito, Anni.

— E daí? Isso não dá a ele o direito de agredir as pessoas. Na verdade, deveria ser ainda mais responsabilizado.

— Concordo. Mas ele tinha uma família. Uma esposa e um filho.

— Ah. — Ela aperta os lábios. — Sinto pena deles, mas provavelmente é melhor que não tenham um maldito como aquele em suas vidas.

— A esposa tentou cometer homicídio seguido de suicídio pouco depois que a polícia começou a investigá-la por ser cúmplice nos crimes de estupro em série do marido. Ela foi encontrada pendurada no teto da casa deles, mas o filho escapou por pouco de morrer asfixiado por gás.

Acontece aos poucos, quase imperceptivelmente, mas o rosto de Annika empalidece e seus olhos se arregalam à medida que o reconhecimento se instala.

Isso significa que ele provavelmente mencionou o incidente para ela. Maldição. Tenho quase certeza de que o médico disse que ele não se lembraria de muita coisa.

Ele era muito jovem na época.

Troco um olhar com Adrian, cujo rosto está impassível, provavelmente pensando que o buraco é muito mais embaixo do que qualquer um de nós pensava.

Que, no fim das contas, esse rapaz talvez tenha se aproximado dela de propósito.

— O que… o que você quer dizer, mãe? Está tentando me dizer que o homem que te machucou, que o papai matou, é o pai biológico do Creighton?

— Infelizmente, sim.

— Mas não pode ser… É simplesmente… não pode… Ai, meu Deus, foi por isso que você agiu de forma estranha quando viu a foto dele? Ele se parece com o pai biológico?

— Não muito, mas tem o mesmo olhar. Nunca vou me esquecer daqueles olhos.

— Não, não, não… — Lágrimas escorrem por suas bochechas com a constância de um rio transbordando.

— Anni?

— Não, mãe. Não! — Ela soluça. — Isso… isso não pode ser verdade.

— Sinto muito, anjinho. Sinto muito *mesmo*. — Preciso de todas as minhas forças para não me desmanchar em lágrimas e chorar com ela. Queria que estivesse aqui para eu poder abraçá-la, tentar amenizar a situação, mas tudo o que posso fazer é ser forte por ela.

Sua imagem treme, provavelmente por causa de como ela segura o celular. Ela aproxima tanto o aparelho que consigo ver cada lágrima escorrendo, cada sentimento dilacerante transbordando de si.

— M-Mãe… você não entende… Ele acha que aquela época moldou quem ele é, e está sedento por vingança. Não… isso não pode ser verdade. Se for… se for, então ele… ele… ele vai me odiar. Eu não posso… Como vou sobreviver se ele me odiar, mãe? Como posso encará-lo sabendo que o papai é a razão por trás do momento mais sombrio da vida dele?

— Não vai fazer isso. — Adrian mexe na minha mão para que nós dois apareçamos na tela. — Vai ficar longe dele e seguir em frente.

— Não é tão fácil assim. — Ela lança um olhar feio para o Adrian. — Não sou um robô, pai. Não posso simplesmente apagá-lo da minha memória.

— Vai aprender com o tempo. De qualquer forma, ele nunca sentirá afeição por você, considerando o passado que tem. Como você já sabe que ele está tão ligado a essa história, então também deveria saber que ele só vai te usar para machucar a mim e à sua mãe. Talvez até ao seu irmão. Nem preciso dizer que não vou permitir. Vou te dar alguns dias para arrumar suas coisas, se despedir e voltar para os Estados Unidos.

— Papai! — Ela chora ainda mais.

Tomo o celular da mão de Adrian, de modo que só eu apareça na tela de novo.

— Não chora, querida. Odeio quando você chora. Faremos o possível para arrumar as coisas.

— Como é possível quando está tudo… uma bagunça?

Meu coração se estilhaça com o dela, e sua dor me atravessa como se fosse minha. Preciso de todas as minhas forças para manter a compostura.

— Deixe-me perguntar uma coisa: como Creighton se lembra disso? Ele foi adotado logo após a morte da mãe, então não é possível que consiga se lembrar de todos os detalhes, afinal, ele era muito jovem.

— Você sabe sobre a adoção dele? — Seus lábios se entreabrem, fazendo as lágrimas escorrerem para dentro da boca. — Não me diga que você acompanhou a vida dele esse tempo todo?

— Não, claro que não. Nunca o conheci, mas depois que soube do incidente, seu pai e eu pedimos que Rai encontrasse um lar melhor para ele. A irmã dela faz muitos trabalhos sociais e concordou em cuidar disso. Ele logo foi adotado por pais europeus e deixou os Estados Unidos.

Na época, fiquei feliz que o garotinho inocente teria uma vida melhor e que o pesadelo finalmente tivesse saído de nossas vidas. Não gostei do escândalo midiático que mais tarde descobri que Adrian havia conduzido, nem da maneira como ele jogou Richard e sua família na lama, porque considerava a morte por tantas facadas um castigo muito pequeno.

Simplesmente nunca me ocorreu que aqueles pais europeus fossem, na verdade, ingleses, e que colocaríamos nossa filha na vida do garotinho.

— Ele deve ter descoberto a verdade — sussurra Anni, com a voz assombrada. — É por isso que está ignorando as minhas mensagens.

— Não tem como ele saber — garanto, tranquilizando-a. — Este evento é um mistério para todos, exceto para a nossa família. Nem mesmo os pais adotivos dele foram informados de todos os acontecimentos, e pelo que Rai revelou sobre eles, são pessoas de grande status e queriam apagar essa parte de sua origem. Duvido que contassem alguma coisa a ele.

— Mas ele precisa saber. Ele vem buscando a verdade há muito tempo.

— Você não vai se encontrar com ele, Annika. — Adrian aparece para a câmera outra vez. — É perigoso.

— Mas…

— Nada de *mas*. Nos vemos em casa em alguns dias.

E então ele encerra a videochamada.

— Não terminei de conversar com ela — protesto, enxugando as lágrimas com as costas da mão.

— Qualquer coisa que você disser vai parecer uma desculpa para ela, do jeito que está agora. A Annika precisa de tempo para processar o que descobriu e, com sorte, chegará à conclusão lógica de que tudo o que teve com o garoto estava fadado ao desastre.

— O garoto não teve nada a ver com o que o pai fez. Ele era apenas uma criancinha na época.

— Mas isso não muda a verdade: eu fui o responsável pela morte dos pais e pelo fim da família dele. Ele começará a ver a Annika apenas como minha filha, e não permitirei que ele a submeta a tal tortura.

— Ela vai nos odiar…

A mãozorra do meu marido toca minha bochecha e ele a acaricia com gentileza, enviando ondinhas de choque pela minha pele.

— Daqui a alguns anos, ela vai perceber que fizemos isso para protegê-la.

Mas a que custo?

Adrian sempre foi metódico, visando soluções, então ele não se importa muito com sentimentos, mas eu me importo. E eu sei, simplesmente sei que podemos ter matado sem querer uma parte da Anni que nunca conseguiremos recuperar.

CAPÍTULO 28
CREIGHTON

HAVIA UM PLANO ESSE TEMPO TODO.

Do universo.

Dos meus pais.

Do Landon.

Todos tinham um rumo traçado e um caminho a seguir desde o início.

O universo decidiu que meus pais biológicos não mereciam viver e, em retrospecto, destruiu minha vida.

Mamãe e papai achavam que qualquer informação sobre meu passado era desnecessária, então fizeram o possível e o impossível para esconder tudo de mim.

Landon precisava de mim para servir como seu instigador do caos, o elemento que ele usava para fazer os Hereges e os Serpentes entrarem em conflito sem envolver os Elites, então escondeu informações de mim.

Mas ele tinha a minha vingança em mente.

Foi a palavra que ele usou depois de mencionar com naturalidade que havia sequestrado Nikolai porque podemos usá-lo para atrair Jeremy.

— Assim que o líder dos Hereges estiver aqui, você pode socá-lo, matá-lo. Conseguir sua tão esperada vingança. O que é melhor do que punir o pecado dos pais tirando seu único herdeiro?

O Eli acha que o Landon disse isso para que eu o deixasse ir, mas suas palavras não estão longe da verdade.

Fiquei enfurnado no meu quarto desde então, sentado no escuro por horas, talvez até um dia inteiro, olhando para as minhas mãos ensanguentadas.

Não é suficiente.

Essa quantidade de sangue simplesmente não é suficiente.

Precisa haver algum tipo de retribuição. Olho por olho. Uma vida por uma vida.

E como os pais são intocáveis, os filhos pagarão por eles.

Assim como eu paguei há mais de dezessete anos.

Isso os machucaria muito mais, de qualquer forma, considerando que eles dedicaram a vida inteira para criar os dois filhos para serem os futuros líderes dos Volkov.

Uma pontada de dor surge atrás das minhas costelas, dolorosa no início, mas logo se tornando insuportável.

Pensar *nela* abre um corte no meu peito já machucado e me impede de respirar.

Sempre me considerei um pouco sem coração, mas foi Annika quem provou que eu, de fato, tenho um batendo dentro do peito.

Só que ele é reservado para poucos, uma lista exclusiva na qual ela, de alguma forma, conseguiu entrar.

Uma porta fechada que ela atravessou.

Uma muralha alta que ela derrubou no chão.

Mas com que propósito?

Chegamos ao ponto em que não só vou partir o coração dela, como também vou despedaçá-la até que não haja mais nenhuma migalha para juntar depois.

Annika sempre me olhou como se eu fosse um deus. Mal sabia ela que o altar em que adorava pertencia a um tirano.

Na escuridão do meu quarto, mal consigo enxergar minhas mãos. Eu mal existo.

É como se estivesse vendo tudo na terceira pessoa, fora do meu corpo, em um mundo paralelo.

Tigre mia de seu lugar aos meus pés. Ele não saiu do meu lado desde que me tranquei aqui. Ficou se esfregando em mim.

Depois de acariciar sua cabeça, eu o pego e o coloco do lado de fora da minha porta para que possa encontrar o Bran ou o Remi.

Depois de voltar a me trancar no quarto, pego meu celular para ler e reler a última mensagem que ela enviou.

Principalmente a última parte.

Estou com saudade. Quero te beijar.

Meus dedos apertam o celular. Então, jogo o aparelho contra a parede com força suficiente para que ele se estilhace e os pedaços se espalhem pelo chão.

O quarto se torna sufocante com minha respiração ofegante e a merda do cheiro de violeta dela. Está em todos os meus lençóis, meu banheiro, meu guarda-roupa.

Pode até ter sido eu quem a dominou, mas foi ela quem deixou sua marca em todos os lugares.

No meu ar, na minha pele e até na medula dos meus ossos.

De pé, arranco o lençol que cobre o colchão e o jogo no chão. Quebro uma lâmpada e a uso para destruir tudo no banheiro: seu xampu, seu perfume, sua escova de dentes, as toalhas felpudas. Sem querer, corto a mão e mancho tudo de sangue.

Quando termino, estou respirando com dificuldade e tudo está tão quebrado quanto eu.

Mas ainda não é suficiente.

A raiva borbulha em minhas veias, fluindo pelo sangue e exigindo mais.

Hora de levar as coisas para o próximo nível.

Landon já disse que traria o Jeremy até minha porta ao ameaçar a vida do Nikolai.

Já passou da hora de ele cumprir essa promessa.

Saio do meu quarto e desço para o porão. Eli falou que ficaria de olho nas câmeras de segurança — e em Lan enquanto ele cuida dos ferimentos.

Remi desmaiou logo depois que Bran o levou de volta para o quarto, bêbado demais para se importar com qualquer coisa.

Espero encontrar Nikolai ainda drogado. Ele acordou cedo esta manhã e quase quebrou o braço tentando escapar das amarras, então Landon teve que drogar o *desgraçado selvagem e sanguinário* outra vez.

Paro perto do porão quando a luz automática não acende.

Não há problemas com a energia para causar isso, então a única explicação é que alguém a desligou de propósito.

De fato, vejo uma sombra se movendo depressa pelo corredor.

De maneira estratégica.

Acompanho os movimentos da pessoa até que chegue ao destino.

A porta do porão.

Quando a pessoa insere a chave na fechadura e a destranca, vislumbro meu primo.

Surpreendentemente, não é de Landon que estou falando.

Bran se esgueira para dentro com agilidade, coisa que estou testemunhando pela primeira vez.

Espero alguns instantes antes de segui-lo.

Através da porta entreaberta, consigo distinguir o corpo enorme de Nikolai curvado na cadeira à qual está amarrado. Sua cabeça pende sobre o peito e seu longo cabelo está solto, formando uma cortina sobre o rosto.

Brandon permanece a uma distância segura, observando o outro sem expressão nenhuma.

Ele sempre foi o mais equilibrado de nós quatro. Nunca se envolveu com as caçadas, as manipulações, as brincadeiras, as brigas, nem nada monstruoso.

Brandon King é o único bom garoto entre nós.

Ao passo que seu irmão gêmeo é um vulcão, Bran é a terra: silenciosa, profunda e tem um núcleo.

Tem moral.

É por isso que não tenho dúvidas de que ele soltará o Nikolai. Não é do tipo que fica parado enquanto alguém se machuca.

Uma característica que provavelmente o matará um dia.

Estou prestes a entrar com tudo e abortar seu plano, mas hesito quando Bran estende a mão hesitante e toca o… cabelo de Nikolai.

Ele o afasta lenta e gentilmente para trás, revelando seu rosto inconsciente. Um gemido escapa dos lábios de Nikolai, e Brandon o solta de súbito. Sua mão vai até a própria nuca e ele puxa os fios curtos.

Nikolai abre os olhos devagar, suas pupilas estão dilatadas e ele parece estar chapado para caramba.

— Flor de lótus…? O que você está fazendo aqui? — Sua voz está áspera, meio arrastada, quase incompreensível.

Com relutância, Bran solta o cabelo. Então puxa uma faca da cintura e começa a cortar as amarras de Nikolai.

— Foi você quem entrou na minha casa. Não conseguiu ficar longe, foi?

Um sorriso torto surge nos lábios de Nikolai.

— De que outra forma eu te veria tão adoravelmente preocupado comigo?

— Eu não estou preocupado com você, e não me chame de *adorável* de novo, porra.

— Nossa. O playboy sabe xingar.

— Cala a boca, ou eu te deixo à mercê inexistente do meu irmão e dos meus primos.

— Se eu soubesse que veria esse seu lado, teria sido sequestrado há muito tempo.

— Você é maluco?

Nikolai dá de ombros.

— Provavelmente.

Brandon balança a cabeça e solta um longo suspiro.

— Vou te soltar e deixar a porta dos fundos aberta, e você terá que se virar para encontrar a saída.

— Não. — Marcho para dentro, e Bran congela, então me encara devagar.

— Creigh.

— Para trás — ordeno quando ele continua tentando cortar as cordas.

— Isso não está certo e você sabe…

— Bran, vai para trás, caralho. Não vou repetir outra vez.

Ele obedece, mas não guarda a faca e a deixa pendurada ao lado do corpo. Quando fui para o meu quarto mais cedo, Lan e Eli informaram Bran sobre a situação, então ele sabe exatamente por que estou fazendo isso.

— Saia.

— Escuta… — Ele se aproxima de mim. — Sei que você sente necessidade de vingança, mas essa situação toda está errada.

— Ninguém pediu a sua opinião. Fica fora disso.

— Não vou permitir que você jogue sua vida fora por pais que nunca conheceu e um passado do qual foi bom você ter se livrado, Creighton. — Sua voz endurece. — Vou soltar o Nikolai e depois conversaremos sobre isso. *Racionalmente*.

Ele se vira para o nosso prisioneiro, mas antes que comece a tentar libertá-lo outra vez, dou um soco na parte de trás de sua cabeça.

Um grunhido escapa de seus lábios quando seu corpo inconsciente cai sobre Nikolai. Eu o puxo de volta e o coloco no chão, encostado na parede.

Foi mal, Bran, mas sua moral não tem lugar nesta situação.

— Isso foi desnecessário — comenta Nikolai com a voz impassiva.

Eu o encaro, com as duas mãos nos bolsos.

— Tentar te salvar é que é desnecessário.

Ele está prestes a dizer algo quando a porta se abre de novo, e Landon entra vestido com roupas novas e ostentando um monte de hematomas.

Seu olhar percorre o quarto e para ao ver o irmão, mas ele não parece nem um pouco surpreso.

— E o que ele está fazendo aqui?

— Estava tentando resgatar o Nikolai — respondo.

— Eu deveria ter percebido, já que o merdinha estava agindo de forma suspeita. — O olhar de Landon é de desaprovação, mas ele pega Bran no colo e meio que o carrega, para na porta e acrescenta: — Ah, a propósito, o Jeremy está aqui. Vou deixá-lo entrar assim que eu prender o rei da moral. — Com uma última olhadela para Nikolai, ele sai, levando Bran consigo.

Encosto-me na parede e cruzo os braços, invocando a calma que não tenho.

Nikolai me encara por baixo das mechas de seu cabelo rebelde.

— O que você está aprontando, King? De que vingança Flor de Lótus estava falando?

Não respondo, encarando-o com meu característico olhar inexpressivo.

— Você não deveria estar subornando o Jer para que ele te deixe ficar com a irmã dele em vez de incentivá-lo a arrancar suas bolas?

Meu maxilar se tensiona, mas recomponho a expressão.

— Que porra é essa? Responde. Espera um minutinho aí. Você estava brincando com a Anni? Se for esse o caso, eu mesmo ajudo o Jeremy a arrancar sua cabeça e jogar seu corpo no oceano para dar de comida aos peixes.

Quando continuo em silêncio, ele solta um longo suspiro.

— Acha que o Jeremy não sabia sobre o relacionamento de vocês? Ele estava desconfiando desde aquele incêndio, mas deixou você se safar dessa porque sabia que a irmã dele se sentia sufocada por causa de todos os seguranças e guardas a rodeando, então deu a ela um pouco de liberdade. Continuou te observando e sabia que você a tratava bem e que ela estava feliz. A única razão pela qual ele começou a suspeitar das suas intenções de novo foi por causa da sua proximidade com aquele filho da puta do Landon. Ele estava te levando para o caminho errado, e o Jeremy se perguntou se deveria ter confiado a irmã dele a você, para começo de conversa. Ele tinha razão?

Caminho até ele e pego a faca que o Brandon deixou cair no colo do Nikolai quando desmaiou. A mesma faca que esse maldito estava tentando esconder entre as coxas enquanto me distraía com sua falação infinita.

Não faço ideia se o Bran deixou a faca para o Nikolai de propósito ou não, mas o perigo obviamente existe.

A porta volta a se abrir, e eu me coloco atrás do Nikolai, segurando a faca contra sua garganta.

Landon e Eli guiam Jeremy cômodo adentro. Ele parece exausto, provavelmente veio nos encontrar logo depois de chegar ao aeroporto.

Isso significa que a Annika veio com ele? Ou ele a deixou nos Estados Unidos?

Afasto o pensamento sobre ela.

Este é o pior momento para me distrair com a Annika Volkov.

Landon obriga Jeremy a parar no meio do cômodo ao segurá-lo com firmeza. Jeremy desvia seu olhar sombrio do rosto de Nikolai para a faca que seguro contra sua garganta.

— Alguém poderia explicar o significado disto tudo?

— Vingança à moda antiga? — pergunta Landon com um sorriso largo.

— É isso mesmo. Vingança. — Eli anda ao redor dele. — É o seguinte: sua mãe assassinou o pai biológico do Creigh, e seu pai encobriu a coisa toda, arruinou a reputação dele e levou a esposa a se matar. E a vadia tentou arrastar o Creigh com ela para o inferno. Ele escapou por pouco das garras da morte quando tinha três anos. Então… ele meio que guarda rancor.

— E bastante — complementa Lan.

— Minha mãe não matou ninguém — diz Jeremy. Na lata. Como se fosse um fato.

— Mesmo quando ela era *louca*? — Lan sussurra a última palavra com um tom de zombaria na voz.

Jeremy se vira e lhe dá um soco no rosto.

— Chama minha mãe de “louca” de novo, e será o seu fim.

— Ai! Parece que hoje é o dia do “estamos-com-ciúmes-do-rostinho-lindo-do-Landon”. — Ele continua sorrindo. — É um tópico sensível, príncipe da máfia?

Percebo que Jeremy quer mandar Lan para o além, mas ele disfarça a expressão e me encara.

— Minha mãe disse que viu sua foto no celular da Annika e te reconheceu porque você tem os olhos do seu pai. Olhos que ela nunca vai esquecer.

— Porque ela o assassinou? — Não sei como consigo falar com tanta calma.

— Porque ele fez mal a ela. Minha mãe não revelou nenhum detalhe além disso, mas eu sei que ela não é uma assassina. Nunca deixaria uma criança órfã nem seria a razão da sua ruína de propósito.

— Então você obviamente não conhece a sua mãe. Ou é cego demais para enxergar.

Ele range a mandíbula.

— Meu pai me disse para te manter longe da Annika custe o que custar, mas estou disposto a ouvir. Estou disposto a acabar com essa desavença.

— Bem, pelo menos um de nós está. — Meu tom é neutro, sem nenhuma inflexão. — Não há nada para ouvir, Jeremy. Meu único objetivo é fazer sua família desaparecer da face da Terra. Vou começar com você.

— Então vou te matar.

— Se conseguir, fique à vontade. Só assim vai ser capaz de me impedir.

— Ei, filho da puta. — Nikolai sorri para mim com o mesmo olhar maníaco que Landon ostenta quando está empolgado. — Você não vai me usar para isso.

E, simples assim, o maldito empurra o próprio pescoço contra a lâmina. Um corte profundo se abre em sua pele, fazendo o sangue escorrer.

— Nikolai! — Jeremy grunhe e começa a correr em nossa direção, mas Landon o impede.

Eu me afasto, ainda segurando a faca ensanguentada na mão.

— Eu… não serei sua… ruína… Jer… — Nikolai gorgoleja, o som vibrando por sua garganta.

— Vagabundo. — Eli marcha até nós, tira o casaco e o pressiona metodicamente contra a garganta sangrenta de Nikolai. — Ei. Não morre, seu fodido. Você não vai fazer do meu irmão um assassino se ele não fez por onde.

— Nikolai! — Jeremy luta contra Lan e tenta socá-lo, mas, desta vez, meu primo se abaixa e dá um soco no rosto do outro.

E eu? Bem, fico olhando para o sangue pingando da faca. Então tirar uma vida é fácil e rápido assim.

Um nanossegundo e uma garganta cortada é o suficiente para acabar com tudo.

Por que caralhos eu lutei tanto contra a morte naquela época? Por que não deixei tudo acabar tão… facilmente?

— Creighton!

Minha visão embaçada pelo caos da situação foca meu irmão, que ainda segura a jaqueta contra o pescoço de Nikolai enquanto a cabeça dele pende para o lado, os olhos mal se mantendo abertos.

— Solta ele. O Nikolai precisa ir para o hospital. — Eli faz uma careta para Lan. — Você não podia ter trazido o Gareth? Por que teve que escolher essa praga?

Meu primo dá de ombros.

— Ele me insultou.

Meus movimentos são seguros e distantes enquanto corto as cordas. Eli prende a jaqueta em volta do pescoço de Nikolai como medida emergencial. Assim que as amarras são removidas, ele o carrega para fora.

Jeremy tenta segui-lo, mas Lan o empurra contra a parede.

— Ainda não terminamos com você, Herege.

— Que porra você está esperando? — Ele me lança um olhar feio, em vez de prestar atenção no meu primo. — Quer me matar? Quer vingar sua família patética? Seu pai fraco que não conseguiu te proteger? Sua mãe criminosa que queria te matar? Vai em frente. Eu estou bem aqui, então vai em frente, caralho.

Avanço depressa em sua direção, arranco-o das garras de Lan e o empurro contra a parede, então empurro meu cotovelo e a faca contra sua garganta.

— Acha que vou vingar aqueles perdedores de merda? Eu não dou a mínima para eles, para a família de mentirinha que tinham e para o mundo podre deles. Esta vingança não é por eles, é por *mim*. Eu fui a vítima das consequências dessa situação, em quem ninguém pensou. Fui eu quem ficou faminto, com sede e sem outro destino a não ser morrer. Eu não rastejei para fora daquele inferno para deixar o passado pra trás.

— Se você não deixar esse rancor de lado, vai morrer no final disso tudo — diz Jeremy de modo calmo e assertivo. — De um jeito ou de outro, seja pelas mãos do meu pai, dos guardas ou dos amigos dele. Você será morto da maneira mais cruel possível e perderá a vida pela qual lutou tanto.

— Pelo menos eu encerraria esse ciclo.

Lan levanta a mão de onde está na parede.

— Eu voto pelo encerramento.

Pressiono ainda mais a faca contra o pescoço de Jeremy. Ele tenta me chutar, mas erra quando o aperto com mais força.

— Anoushka vai te odiar — murmura ele.

— Não mais do que eu já a odeio. — E a mim mesmo por permitir que ela me dominasse dessa forma.

Eu a odeio por entrar na minha vida, destruir meus planos e, de alguma forma, ainda mexer com uma parte estranha de mim.

Mesmo enquanto ameaço Jeremy, não consigo esquecer que ele é o irmão dela.

— Que porra é essa? Mas que porra é essa? — A voz perplexa do Remi surge da porta. — Isso é sangue? Tipo, sangue de verdade? É isso que você quis dizer com "emergência", Anni? O que…

Lanço um olhar por cima do ombro para mandar o Remi vazar daqui, mas congelo quando meus olhos encontram os da Annika.

Os dela estão brilhantes, arregalados e encobertos por uma nuvem de choque.

Pela primeira vez desde que a conheço, ela não está usando um de seus vestidos roxos, mas sim uma calça jeans e um moletom enorme.

Seu cabelo está coberto pelo capuz, e ela treme da cabeça aos pés.

— O que caralhos você está fazendo aqui? — grita Jeremy. — Dá o fora!

Ela aperta os lábios e mantém o contato visual comigo. É constante, como quando as coisas durante o sexo se tornam demais para ela, mas eu lhe digo para não desviar os olhos dos meus, o que a acalma na mesma hora.

Por que estou pensando nisso, porra?

— Creighton… por favor, para com isso. Podemos conversar sobre toda a situação.

— Você sabe sobre isso? — pergunto, sem conseguir esconder a perplexidade no meu tom.

— Minha m-mãe… acabou de me contar. — Seus lábios tremem. — Sinto muito por tudo. Mamãe também sente. Eu juro. Então, por favor, não machuque o Jeremy. Ele não tem nada a ver com o passado.

Meu estômago se contorce com um nojo nefasto.

Dela.

De mim mesmo.

De tudo e todos.

— Seus pais têm. A melhor maneira de machucá-los é tirar o precioso primogênito deles. Você mesma disse que ele é um ponto fraco dos seus pais.

— Não, por favor… — Uma lágrima escorre por sua bochecha enquanto ela se aproxima.

— *Para.* — Pressiono a faca ainda mais contra o pescoço do irmão dela.

Se ela chegar muito perto, posso dar uma de Nikolai e acabar com tudo isso de uma vez por todas.

Annika para, mais lágrimas escorrendo pelas bochechas.

Mais angústia.

Mais tristeza.

Eu sempre odiei as lágrimas dela quando não vinham durante o sexo, e agora que estão surgindo por minha causa, estão me dilacerando.

— Annika. — Sinto o peito de Jeremy reverberar contra o meu. — Sai daqui.

— Eu não vou te deixar, Jer. — Ela me encara e diz, confiante: — Me coloque no lugar dele.

— Annika! — Jeremy quase ruge.

— Eu te imploro, Creighton. Se eu algum dia signifiquei alguma coisa para você, se você já teve um pingo de afeição por mim, não faça isso. Não tira meu irmão de mim. Não me faça odiar você. Não… me faça escolher.

Meu peito queima; é incandescente, tão quente que tenho certeza de que vai explodir em pedacinhos sangrentos.

— Creigh… — Remi chama baixinho. Ele estivera assistindo à cena do lado de fora, provavelmente tentando descobrir se ainda estava bêbado. — Para com isso. Vamos conversar.

— Não há nada para conversar. — Encaro Annika. — Não vou parar até que toda a sua família esteja destruída como eu já estive.

— Eu te pedi para não me fazer escolher — diz ela com a voz rouca conforme enfia a mão por baixo do moletom e saca uma arma, apontando-a para mim.

Seu corpo inteiro treme, exceto o braço, que segura a arma.

— Anni. — Remi para ao lado dela. — Larga isso.

— Annika, sai daqui, caralho — murmura Jeremy com a voz tensa.

Ela não desvia os olhos dos meus.

— Solta ele.

— Não.

— Tenho uma mira perfeita. Eu te contei que nunca erro, lembra?

— Lembro.

— Então solta meu irmão. — Ela está me dando uma ordem, mas também está chorando, sua voz falhando.

— Não.

Isso é vontade de morrer, eu acho. Por um momento, minha mente é invadida por pensamentos como: *eu deveria ter morrido com a minha mãe*.

Qual o sentido de viver se estou tão apegado assim ao passado?

Qual o sentido de viver se estou destroçando a única pessoa que fez eu me sentir vivo?

Mesmo que eu, de alguma forma, supere essa raiva que me consome e ponha um fim nessa história, nunca mais ficarei com ela.

É o fim.

Eu me viro e esfaqueio o braço de Jeremy.

Um tiro ecoa no ar, acompanhado de um soluço igualmente alto.

Um som que nunca ouvi igual.

Um som que me assombrará até o fim.

A dor explode em meu peito, e um sorriso surge em meus lábios enquanto eu cambaleio e despenco em direção ao chão.

Ela disse que não errava, e falava sério.

Mas eu não caio no chão. Em vez disso, sou amparado por Landon.

Ele me encara com seus olhos vazios, e é triste para caralho que ele seja a última pessoa que vou ver.

Poderia pelo menos ter sido o Eli.

Mas acho que alguém como eu não tem o direito de escolher.

— Creigh! Está me ouvindo?

Eu o agarro pelo colarinho e uso as últimas forças dos meus pulmões para gaguejar:

— D-diga… à… minha mãe e… ao… meu pai… q-que eu… s-sinto muito…

A última coisa que vejo são olhos azul-acinzentados borrados, e a última coisa que ouço é a dona Morte feita só para mim chamando meu nome.

Mas eu já fui embora.
A raiva se esvai até desaparecer, e eu fecho os olhos.
Finalmente… acabou.

CAPÍTULO 29
ANNIKA

NÃO.

Não.

Simplesmente… *não*.

Isso só pode ser um pesadelo. Se eu acordar, estarei de volta ao mercado dois dias atrás, segurando a mão de Creighton e falando sobre tudo e nada ao mesmo tempo.

Desta vez, não vou deixar Jeremy nos flagrar e, se ele fizer isso, não vou embora com ele. Vou pegar a mão do Creigh e ficar.

Vou levá-lo comigo e fugir.

Assim, tudo ficará bem. Tudo voltará ao normal e eu não vou me encontrar presa neste pesadelo.

O tipo de pensamento que passa pela sua cabeça quando todo o resto se torna secundário é estranho. Quando tudo ao redor é ruído branco, silêncio sombrio e vermelho.

Muito vermelho.

Vermelho-sangue.

Vermelho. Vermelho. *Vermelho*.

Não sei como acabo de joelhos. Não caminho até onde ele caiu. Rastejo na superfície áspera com a falta de coordenação de um animal ferido.

Não enxergo mais ninguém ao nosso redor, e meus ouvidos não ouvem nada dos gritos e do barulho caótico.

O único som que ouço é um zumbido demorado, e as únicas coisas que vejo são ele e o vermelho.

Ele está todo vermelho.

Por causa da minha arma. Aquela que eu não deveria ter trazido comigo quando descobri que Jeremy estava em perigo. Aquela que eu deveria ter deixado no carro e não enfiado debaixo do meu moletom.

Meu corpo capota, ou talvez seja o cômodo que está girando em um ritmo irregular. Talvez minhas preces sejam atendidas e eu acorde deste

pesadelo.

Agora, por favor.

Alguém me acorda.

Em vez de abrir os olhos, afundo as mãos naquele vermelho escuro, pegajoso e fora de lugar. Deveria estar dentro dele, não fora.

Levanto a mão para encarar, através da minha visão embaçada, o sangue que cobre meus dedos e o corpo de onde ele saiu.

Alguém, Landon, pressiona as duas mãos com força contra o ferimento nas costas de Creigh, por onde sua essência vital continua escapando.

Sem parar, continua fluindo, formando uma poça sob seu corpo.

O rosto de Creighton está pálido, sem expressão, e seus olhos estão fechados, fazendo os cílios tremularem sobre as bochechas.

Seu corpo enorme está imóvel, sem vida.

Ele… não se parece em nada com o Creighton que eu conheço.

As pessoas podem até vê-lo como alguém melancólico, silencioso ou frio demais, porém foi ele quem fez eu me sentir viva.

Aquele que mudou tudo.

E eu acabei com isso.

Com tudo.

Tudinho.

Acho que vou vomitar.

Bem quando a náusea obstrui minha garganta, uma mão firme me puxa pelo braço. Por um momento, acho que é hora de acordar, como andei rezando para acontecer.

Talvez seja o Creigh, que está me chamando de dorminhoca (quando ele é bem mais), e vai me surpreender com um encontro.

Talvez ele assista *Orgulho e Preconceito* comigo de novo, me chame de romântica incurável e em seguida me foda.

Talvez o Tigre faça uma sessão de voyeurismo e o Creigh sinta um ciúme irracional da situação.

Então permito que a mão me puxe. Fechando os olhos, atribuo toda a cena a um pesadelo horrível.

O pesadelo de todos os pesadelos.

Espero o nó que entalou na minha garganta desaparecer. Espero o tremor em meus membros diminuir e a viscosidade sumir dos meus dedos.

Só piora.

Tudo isso se intensifica.

O nó em minha garganta aumenta ainda mais.

Quando abro os olhos, estou sendo empurrada na direção de um carro, com novas lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto vejo Jeremy.

Sua testa está franzida conforme observa a entrada para carros circular dos Elites.

— Não — murmuro, agarrando minha cabeça com as mãos ensanguentadas. — Não, não, não, não… Um pesadelo, um pesadelo, isso é só um pesadelo…

— Anoushka… para de resistir e entra no carro.

Só então percebo que estive me contorcendo, me debatendo e me desvencilhando, impedindo meu irmão de me colocar no banco do passageiro.

Paro, afasto as mãos das têmporas e me afogo no vermelho.

Tudo é vermelho.

Vermelho-sangue.

O vermelho *dele*.

— Anoushka…

Com a visão turva, encaro meu irmão e o corte em seu ombro.

— Me diga que isso é um pesadelo. Me diga que você não é real, Jer. Isso… isso é só coisa da minha cabeça. Eu não… eu não… atirei nele.

— Você atirou, e precisamos dar o fora daqui enquanto eles estão distraídos.

Balanço a cabeça sem parar, com tanta força que fico surpresa que ela não descole do pescoço.

— Eu… eu… vou voltar lá dentro e garantir que isso seja um pesadelo… Tem que ser…

Meu irmão me agarra pelos ombros e me joga contra o carro.

— Acorda, Annika. Você atirou na porra do peito dele. Ele provavelmente está morto, e se você entrar lá, tudo o que vão fazer é te matar, entendeu?

— Não… não… não… — Meus murmúrios aumentam de intensidade, assim como meu contorcionismo e minhas tentativas angustiadas de escapar de suas garras.

Desta vez, Jeremy me enfia dentro do carro, usa o cinto de segurança para me prender e corre para o lado do motorista.

Tento me libertar, desesperada e freneticamente. Mas minhas lágrimas involuntárias e minhas mãos trêmulas e ensanguentadas impossibilitam a fuga.

O carro do meu irmão ronca pela entrada da garagem, e ele quase quebra o portão ao sair.

Está acelerando, e eu estou me debulhando em lágrimas, olhando para trás, pelo retrovisor, pelos espaços disponíveis. Para qualquer lugar onde eu pudesse avistar Creigh.

Não demoramos muito para chegar ao complexo dos Hereges. No momento em que Jeremy solta o cinto de segurança, corro de volta para a entrada da propriedade.

Não faço ideia de para onde estou indo a pé, mas posso encontrar uma solução, contanto que eu saia daqui. Eu posso…

Braços fortes me envolvem pela cintura, e Jeremy praticamente me ergue do chão.

— Onde caralhos você pensa que está indo?

— Ter certeza de que isso tudo é um pesadelo.

— *Não* é. — Sua voz é áspera, sombria e impessoal. Em circunstâncias normais, isso me causaria medo. Agora não é nada comparado ao horror que invade meus ossos.

Ele me coloca no chão, agarra meu cotovelo e me arrasta para dentro da mansão. Tento me libertar, mas não há como argumentar com meu irmão troglodita.

— O que está acontecendo… Eita, porra. — Gareth para perto da porta e observa todo o sangue que nos cobre. — Vocês estão bem?

— Nikolai — diz Jeremy entredentes. — Temos que garantir que ele esteja bem. Aquele merdinha selvagem fez a própria garganta ser cortada para não se tornar minha fraqueza.

— Puta merda. — Gareth pega o celular e sai apressado pela porta. — Eu cuido disso.

— Onde está o Kill? — grita Jeremy, mas Gareth já foi embora.

— Um pesadelo — murmuro, quase inconsciente, presa em um loop. — É só um pesadelo. Só pode ser um pesadelo.

— Me procurando? — Killian aparece no topo da escada, inclinando a cabeça para o lado e estreitando os olhos para mim. — Você atirou mesmo no Creighton?

Meus murmúrios cessam e eu o encaro, estupefata. Será que Killian também poderia ser parte do meu pesadelo?

— Como você ficou sabendo tão rápido? — pergunta Jeremy.

— A Glyndon acabou de me ligar, chorando porque o primo dela está prestes a morrer. Não gosto muito quando alguém faz minha coelhinha chorar, Annika.

— Não fiz nada. — Meneio a cabeça freneticamente. — É só um pesadelo. Jer foi esfaqueado, e isso também foi um pesadelo.

Meu irmão solta um longo suspiro.

— Ela está fora de si. Vá reforçar a segurança. Eu vou cuidar dela e já te acompanho.

— Estou bem. Totalmente bem, tudo não passou de um pesadelo.

Jeremy praticamente me arrasta escada acima até o meu quarto. O mesmo em que Creighton entrou naquela primeira noite.

A noite que serviu para nos aproximar.

A noite em que o reconheci pelo olhar, porque ele era um deus. *Meu* deus. E eu o toquei mesmo assim.

Eu sabia que era proibido, mas toquei naquele deus e agora estou sendo punida por isso.

— Annika… Annika? Annika!

A voz áspera do meu irmão me arranca do transe, e o pesadelo que se recusa a acabar volta a ser minha realidade.

Jeremy está agarrando meus ombros, seus olhos buscando os meus.

— Você vai ficar bem?

Meu olhar se volta para o sangue em sua camiseta. Não está tão vermelho quanto a poça de antes, mas é algo. Toco a região com a mão suja, meus dedos se abrindo e fechando.

— Isto também é um pesadelo. Você não está sangrando, Jer.

Ele estremece e então me solta.

— Eu vou sobreviver. Não acho que ele queria me machucar de verdade.

Um soluço escapa da minha garganta conforme a realidade desaba sobre mim em um vermelho-vivo.

— Ele… ele não queria? — Minha voz falha; a umidade encharca minhas bochechas e meu pescoço.

Jer balança a cabeça.

— Então… então… então por que… por que puxei o gatilho? Fala pra mim, Jer! Se eu não ia te salvar, se eu não precisava fazer isso, por que eu puxei?

— Porque ele queria que você fizesse isso, Anoushka. — A voz de Jeremy se suaviza. — Ele parecia estar sofrendo e decidiu pôr um… fim em tudo.

— Não… — Soluço, batendo no peito do meu irmão. — Ai… ai… Está doendo. Por que dói? Ai… faz parar de doer. Tinha muito sangue, Jer. E se ele…? E se…? E…?

A palavra dá um nó na minha garganta e me sufoca, recusando-se a ser dita em voz alta.

Meu irmão me puxa para perto do seu peito com o braço bom, e eu choro.

Choro sem parar, até pensar que sequei por dentro. Até a dor esmagar meu peito a ponto de me fazer desfalecer.

A imagem do vermelho e do seu rosto pálido me assombra.

O rosto que pode nunca mais voltar à vida porque eu a ceifei.

Com as minhas próprias mãos, eu ceifei sua vida.

Quando minhas lágrimas se transformam em soluços, Jer me leva até o banheiro pela mão, como quando eu era criança e caía e me sujava.

Ele abre a torneira e esfrega minhas mãos com paciência, a fim de tirar todo o sangue.

Esfrega.

Esfrega.

Esfrega.

Todo o vermelho desce pelo ralo em um encontro assustador do carmesim contra o branco. Mas a evidência permanece embaixo das minhas unhas, agarrada aos meus dedos, recusando-se a desaparecer.

Então Jeremy lava meu rosto e passa os dedos pelos meus cabelos sujos e embaraçados. Depois que termina, me leva de volta para o meu quarto.

Eu morri, mesmo ainda me movendo. Não protesto enquanto ele me senta aos pés da cama e pega meu kit de primeiros socorros.

Ele começa a limpar os cortes nos meus dedos, nas palmas das minhas mãos.

Toco seu ombro, e as lágrimas que eu pensava que não estavam mais lá se acumulam nas minhas pálpebras e escorrem pelo meu rosto.

Minha voz sai muito rouca, muito áspera.

— Ele te esfaqueou… eu pensei… eu pensei que ele fosse te matar… eu não podia… não podia deixar ele fazer isso. Não podia te perder. Eu não pensei quando puxei o gatilho. Por que mirei no peito dele? Eu tentei errar, mas era tarde demais. É tarde demais.

Jeremy acaricia meu braço.

— Está tudo bem, Anoushka.

— Não está! Não está tudo bem! Ele não ia te matar, mas eu o matei… eu matei o homem que amo, Jer. Eu o m-matei… Eu… Eu…

— Ele não está morto — afirma devagar, pacientemente. — Você não é uma assassina. Você só me ama, e está tudo bem, Anoushka. Está tudo bem escolher.

Isso só me faz chorar ainda mais, mesmo enquanto tento limpar seu ferimento. Acabo machucando mais do que ajudando, e ele diz que vai pedir para o Kill cuidar disso.

Jeremy não sai do meu lado.

Nem quando finalmente caio no sono.

Nem quando acordo chorando.

Nem mesmo quando bato nele e o culpo por nos interromper naquela noite no mercado.

Por me levar de volta para casa.

Eu o culpo por ser o motivo de eu ter descoberto a verdade sobre meu relacionamento fadado ao fracasso.

Eu o culpo por ir cegamente salvar Nikolai quando não havia necessidade para tal.

Ajo de maneira ilógica e emotiva, um caos de proporções épicas.

Mas meu irmão fica ao meu lado o tempo todo, oferecendo seu apoio silenciosamente, recebendo o ataque das minhas palavras com compreensão.

Killian aparece e realiza uma sutura em Jeremy no meu quarto. Quando pergunto se ele soube de alguma novidade, ele me olha feio e sai sem dizer uma palavra.

Então imagine minha surpresa quando acordo cedo na manhã seguinte, após um sono agitado, e Jeremy pergunta:

— Quer ir ao hospital?

— Você… você vai mesmo deixar?

— Se eu não deixar, você vai sair escondida e se meter em encrenca. Vou visitar o Nikolai de qualquer jeito, então pode ir vê-lo de longe.

— Ele está… bem?

— O Nikolai ou o Creighton?

Engulo em seco.

— Os dois…

— Felizmente, o corte na garganta de Nikolai não é muito fundo. Já o Creighton está na UTI. Ele está com uma hemorragia e em coma. Os próximos dois dias serão importantes para determinar se ele sobreviverá ou não.

Levo a palma da mão à boca e nego com a cabeça freneticamente.

Não. Isso não pode ser verdade.

Jeremy afasta minha mão com força.

— Para com essa porra, Annika. Ou você desmorona e definha… e anota o que eu digo: se isso acontecer, vou te trancar aqui em cima sem saída… ou você toma um banho, troca de roupa e me encontra lá embaixo para irmos juntos ao hospital. Não haverá uma terceira opção. — Com isso, ele se dirige à porta. — Você tem quinze minutos.

Entro no piloto automático enquanto tomo o banho mais rápido da história e não penso em absolutamente nada.

Quando termino de me vestir e desço, encontro Jeremy me esperando com uma mão no bolso e a outra mexendo no celular.

Ele assente em aprovação, em seguida vamos para o carro.

Estou melhor e pior durante esta viagem de carro. Melhor porque não estou chorando como um bebê, mesmo querendo fazê-lo. Pior porque pelo menos eu estava entorpecida ontem à noite.

Agora consigo sentir cada pedacinho de emoção. Cada batimento cardíaco e cada memória ferrada.

Lembro-me vividamente de como segurei aquela arma, de como apertei o gatilho. Consigo sentir a sensação desesperadora que tomou conta da minha mente.

Tudo aconteceu rápido demais e, ao mesmo tempo, devagar demais.

Jeremy continua dirigindo em silêncio, me dando todo o espaço de que preciso. Mesmo que o som do motor se torne sufocante e as estradas se tornem borrões indistintos.

Encosto a cabeça na janela e respiro tão pesadamente que o vidro embaça.

— Se esbarrarmos com algum policial, vamos dar o fora às pressas — diz Jeremy, com os olhos na estrada. — Não tenho um bom pressentimento sobre o fato de a polícia ainda não estar envolvida. O Landon e o Remington estavam lá. Com certeza testemunhariam contra você. Ainda bem que peguei sua arma quando saímos, então não há provas incriminatórias.

— Mas eu fiz aquilo mesmo — murmuro. — Eu atirei nele.

— Escuta aqui e presta atenção, Anoushka. — Ele inclina a cabeça para o lado. — Você não vai jogar sua vida fora por causa disso. Você achou que não tinha outra escolha, por isso atirou nele. Essa é a única versão que contaremos.

— Mas…

— Sem *mas*. Esta será sua única visita ao hospital, então aproveite bem.

— O quê? Por quê?

Ele me lança um olhar indecifrável enquanto estaciona o carro em frente ao hospital.

— O papai está vindo para cá. Ele vai te levar pessoalmente de volta para os Estados Unidos. Por tempo indeterminado.

Qualquer coisa que eu tenha a dizer sobre o assunto é ignorada quando Jeremy sai do carro.

De qualquer maneira, minha opinião não importaria mesmo. Papai, Jer e até mamãe acham que estou em perigo aqui.

O *plot twist* é que fui *eu* quem machucou Creighton.

Fui eu quem…

Um barulhão soa na janela, e eu me encolho enquanto Jeremy me encara pelo vidro. Então, saio do carro e o sigo para dentro do hospital.

— Você pode visitar o Nikolai — digo, com a voz um pouco rouca. — Vou para a UTI e te encontro daqui a pouco.

— Eu vou com você.

— Não precisa… — Minha voz morre quando ele acompanha meus passos.

Não demora para chegarmos à UTI. Paro antes de virar o corredor quando avisto uma mulher loira com olhos injetados e o rosto marcado por

lágrimas sentada ao lado de um Eli rígido, com a cabeça apoiada no ombro dele.

A mão dela está sendo segurada por um homem, ou melhor, seu pulso. Ele observa o rosto dela com uma ruga de preocupação na testa.

Tem uma semelhança impressionante com Eli, como se fosse uma versão mais velha dele.

Aiden e Elsa King. Os pais deles.

Esta é a primeira vez que os vejo pessoalmente. Era comum Creighton falar deles com adoração e quase reverência.

Embora se achasse insensível, amava os pais, e até mesmo Eli, incondicionalmente. No fundo, ele os considerava sua família de verdade e se odiava por estar preso à versão passada de si mesmo.

Uma versão que minha família criou, mesmo sem saber.

Glyndon caminha até a família ao lado de Brandon. O rosto dele está tenso, enquanto o dela está todo vermelho e tão abatido quanto o da mãe de Creighton. Os irmãos trazem café para todos, mas o pai de Creigh recusa.

Quero dar um passo à frente, vê-lo ao menos uma vez, mas não ouso.

Creighton contou que sua mãe tem um coração frágil, e é por isso que deduzo que Eli permaneça ao lado dela e que o pai provavelmente esteja monitorando seu pulso.

Nunca me perdoarei se algo acontecer com ela por minha causa.

Engolindo mais lágrimas, giro nos calcanhares.

— Vamos.

Jeremy me observa por um instante.

— Tem certeza?

Não. Mas assinto com a cabeça, deixando meus pés me levarem escada abaixo. Talvez eu consiga informações sobre Creighton com a equipe do hospital, ou posso simplesmente bisbilhotar de longe.

Ou talvez, só talvez, todo esse pesadelo acabe logo.

— O que você está fazendo aqui? — A voz familiar, agora irritada, me alcança antes de eu ser arremessada para trás graças ao tapa no rosto forte o bastante para me fazer enxergar estrelas.

Jeremy agarra a agressora, Ava, e empurra o corpo dela contra a parede. Seu rosto está vermelho, provavelmente por ter perdido o fôlego, mas ela me lança um olhar irritado mesmo assim.

Cecily se aproxima e, por um instante, só consegue observar a cena antes de vir correndo para afastar Jeremy da amiga.

— Solta ela! — Ela arranha a mão dele, com a voz rouca.

Toco o braço dele e balanço a cabeça. Por mais que eu me sinta magoada e queira chorar, não choro.

Relutante, Jeremy a solta, mas Ava não hesita antes de avançar de novo na minha direção, desta vez com lágrimas nos olhos.

— Nós confiamos em você! Deixamos você se tornar nossa irmã, mas você… você ousou atirar no Creigh… Como pôde fazer isso quando ele se importava tanto contigo? Quem caralhos é você para roubá-lo de nós?

Meu irmão tenta me proteger, mas dou um passo à frente e deixo que ela me ataque. Não tento me manter forte. *Não consigo*. Quanto mais ela chora e bate, mais eu deixo minhas lágrimas rolarem.

— Ava… — Cecily tenta afastá-la de mim. — Se a tia Elsa ou o tio Aiden virem a gente, vamos estar em sérios apuros.

— Não dou a mínima! — grita ela. — Eu pensei que essa vagabunda faria o Creigh feliz, e Deus sabe que ele precisava ser feliz, mas ela está mandando ele para o túmulo!

— Eu não queria… Sinto muito… — sussurro entre um soluço e outro. — Eu só… só pensei em salvar meu irmão. Juro que não queria machucá-lo. Juro…

— Cai fora — Ava praticamente rosna, com o rosto corado e as bochechas marcadas pelas lágrimas. — A única razão pela qual não te denunciamos para a polícia é porque o Landon está deixando a decisão nas mãos do Creighton quando ele acordar, e nenhum de nós quer chatear ainda mais a tia Elsa, então dissemos que foi um assalto. Mas, eu juro, Annika, que se algo acontecer com o Creigh, eu mesma vou pegar um avião até os Estados Unidos para te matar.

— Não se você acabar morta no caminho — diz Jeremy, com a voz sem emoção.

Ava continua me lançando um olhar feio, mas é Cecily quem encara meu irmão.

— Sugiro que você tire ela daqui e vá embora.

— E eu sugiro que você cale a boca — responde ele com uma calma arrepiante.

Cecily encara seus olhos severos por mais um instante, então arrasta Ava para longe.

— Vamos.

— Nunca mais chegue perto de nós — diz Ava entredentes. — *Assassina*.

E então elas desaparecem, me deixando com soluços presos na garganta e uma dor tão intensa que eu só quero… acabar com tudo.

CAPÍTULO 30
AIDEN

— QUERIDA?

Elsa não me ouve. Seu olhar está grudado no corpo inerte do nosso filho mais novo através do vidro com vista para seu leito na UTI.

Ele está conectado àquelas máquinas há dois dias, e ainda não há sinal de que esteja voltando à vida.

Voltando para nós.

Esse fato vem estressando Elsa e roubando aos poucos a luz que eu sempre amei nela.

A mesma luz que Creighton trouxe no momento em que entrou em nossas vidas.

Aquela que ele agora está extinguindo devagar, mas para valer.

— Elsa — chamo novamente, com mais firmeza desta vez.

Finalmente minha esposa desvia sua atenção do vidro para mim. Seu lindo cabelo longo perdeu o brilho nas últimas quarenta e oito horas, seu rosto está pálido e as olheiras escurecem seus olhos, geralmente azul-claros.

Eles estão sem vida agora, como ela toda.

Vou cometer um assassinato antes de permitir que qualquer coisa roube a fonte de vida da minha esposa.

Neste exato momento, essa fonte é Creighton.

— Você deveria voltar para o hotel e descansar. — É surpreendente como soou calmo e tranquilo, considerando as circunstâncias.

— Não, estou bem.

— Você parece completamente exaurida. — Pego seu pulso e cerro o maxilar. — E sua pulsação enfraqueceu.

Ela tira a mão da minha com sutileza, mas com força suficiente para deixar todo o meu corpo tenso.

— Nosso filho levou um tiro e se recusa a acordar. Minha vida inteira está um verdadeiro caos no momento, então meu pulso é a última das minhas preocupações.

— É a primeira das minhas. — Passo uma mão em sua cintura e a puxo para mim. — E o que eu disse sobre se afastar de mim, hein, querida?

Rugas surgem em seu rosto exausto.

— Aiden…

— Que porra eu disse?

Ela solta um longo suspiro.

— Que podemos ficar bravos um com o outro enquanto você me toca.

— Isso mesmo. Então não tente essa gracinha de novo, ou vamos ter um problema.

— Nós já temos um problema. — Sua voz se torna frágil, e ela treme em meus braços enquanto volta a olhar pelo vidro. — O que vamos fazer se ele não acordar?

— É do Creighton que estamos falando, querida. O mesmo Creighton que saiu rastejando daquela casa infestada de gás porque recusou o fim que o monstro que era sua mãe biológica escolheu para ele. Ele é o garoto que nos aceitou de todo o coração e nos chamou de “mamãe” e “papai” logo no primeiro mês em que veio morar conosco. Ele nos escolheu como sua família, e teremos que acreditar que continuará nos escolhendo.

Uma lágrima escorre pela bochecha da minha esposa, e eu quero destruir essa merda de lágrima. Quero esfaquear e sufocar até a morte a dor que assombra Elsa.

— Mas e se ele não fizer isso? E se ele… voltar a fazer perguntas sobre quem é, de onde veio e por que precisou rastejar para fora da antiga casa quando era só um garotinho? E se ele parou de fazer essas perguntas em voz alta e começou a respondê-las por conta própria? Talvez… talvez seja por isso que ele levou um tiro.

Seu coração bate mais rápido do que o meu, e eu quero dar um safanão nela por isso. O médico falou que não é recomendado expô-la a situações extremamente estressantes ou emocionais.

É por isso que agora ela trabalha menos e passa a maior parte do tempo conversando com nossos filhos e encontrando as amigas — o que eu detesto demais, aliás, porque isso significa menos atenção para mim.

Ou melhor, ela conversa com um filho demoníaco: Eli. É um fato conhecido que Creighton prefere dormir a participar de conversas casuais. Sempre respeitamos sua natureza e sua constante necessidade de espaço.

Mas aquilo que vínhamos temendo parece ter se tornado realidade. Já faz algum tempo que suspeito que essa necessidade por espaço é, na verdade, ele se retraindo para planejar a própria destruição.

Ainda assim, me obrigo a manter a calma e acaricio a cintura da minha esposa em um ritmo suave.

— Respira, Elsa, e, enquanto isso, afaste esses pensamentos horríveis da sua cabeça.

— Mas…

— *Agora.*

Ela fica imóvel ao meu comando severo e então me encara. Ótimo. Olhar feio significa que está distraída e não vai permitir que esse veneno a consuma. Aos poucos, seu pulso volta ao normal e ela solta um longo suspiro.

— Você e suas ordens são demais — murmura ela baixinho.

— Você deixar pensamentos sombrios te consumirem é a verdadeira definição de *demais*. — Suavizo minha voz. — Vá descansar, mesmo que por algumas horas, e depois volte.

— Eu não quero deixar o Creighton. E se algo acontecer enquanto eu não estiver aqui?

— Vou ficar aqui. Assim como as crianças, que estão alternando o horário de visitação.

— Mesmo assim…

— Elsa. Não me faça te botar no meu ombro e arrastar seu traseirinho até o hotel. Você sabe que sou perfeitamente capaz disso.

Ela solta um suspiro resignado. No entanto, não importa se vamos fazer as coisas do jeito fácil ou difícil. Minha esposa sabe muito bem que eu cumpriria todas essas promessas.

— Eu te levo de volta, mãe. — Eli vira o corredor como uma sombra, e é provável que tenha escutado toda a conversa.

Meu filho tem esse hábito repugnante que eu tentei tirar dele quando era criança, mas logo desisti quando piorou. Eli entendeu desde cedo que informação é poder, então age como se sua missão fosse colocar as mãos em qualquer pista valiosa.

Isso inclui coisas sobre seus pais.

Ele passa a mão pelo ombro de Elsa e me lança um de seus sorrisos falsos.

Eu não a solto.

Ele não a solta.

Elsa suspira.

— Vocês sabem que consigo voltar sozinha, não é?

— Bobagem — respondo.

— De jeito nenhum — diz Eli ao mesmo tempo. — Tenho certeza de que o papai vai ficar de olho no Creigh enquanto eu me certifico de que você esteja confortável para descansar, mãe.

— Ah, querido. O que eu faria sem você? — Ela sorri para ele, e embora ainda pareça exausta, um pouco daquela luz retorna.

— Viveria uma vida chata ao lado do papai, provavelmente. Parece tedioso só de pensar.

Vou te matar, formo as palavras com a boca para que a mãe dele não saiba.

— Mãe. — Ele começa a atuar, coisa que com certeza aprendeu com aquele filho da puta do Ronan.

Nota para mim mesmo: fazê-lo pagar da próxima vez que o vir, e então pensar em uma maneira de escapar da ira da minha esposa.

— O que foi, querido?

— Papai acabou de me ameaçar de morte.

— Aiden! — Ela franze a testa, e Eli sorri pelas costas dela como um diabinho. Quando Elsa se concentra nele novamente, ele volta à expressão magoada. — Você sabe como seu pai gosta de fazer ameaças por diversão. Ele não está falando sério.

— Vou acreditar na sua palavra, mãe. Agora vamos. Vou te escoltar em segurança até o hotel. Ninguém pode te proteger melhor do que eu.

— Como você protegeu seu irmão mais novo?

Elsa empalidece e Eli congela no lugar. Seu rosto gradualmente perde todo o humor e sua postura se enrijece.

— Aiden — sussurra minha esposa. — Como pode dizer isso?

— Não é a verdade? — Não desvio o olhar do meu filho, aquele que se parece tanto comigo que é como se eu estivesse olhando para uma versão mais jovem de mim mesmo. — Você tinha uma missão. Ficar de olho no seu irmão e não deixá-lo entrar em nenhum ciclo destrutivo, informar a mim ou ao seu avô se algo desse errado, mas você falhou feio.

— Estava tudo sob controle. — Sua voz endurece. Todas as tentativas de me irritar desapareceram; agora que é ele quem está sendo atacado.

Aponto para Creighton pelo vidro.

— Parece que está tudo sob controle para você? Ele está morrendo, caralho.

— Ele não está morto. — Eli cerra o maxilar. — Saí por um minuto para resolver outra situação, e quando voltei…

— Tudo o que ouço são desculpinhas. — Eu me imponho sobre ele. — Admita que a situação saiu do seu controle.

Seus lábios se contraem.

— Diga, Eli. Diga que estou certo e que Creighton deveria ter ficado em Londres, onde eu poderia ter vigiado seu irmão melhor.

— Acha mesmo que isso não teria custado a vida dele, pai?

— Parem com isso, por favor. — Elsa coloca uma palma da mão no meu peito e outra no de Eli. — Não devemos jogar a culpa um no outro. Somos uma família e devemos nos manter unidos em momentos assim.

— Estava tudo sob controle — repete meu filho.

Dou um passo em sua direção.

— Se você não admitir que está errado, nunca vai vencer, seu merdinha.

Ele me encara, e eu o encaro de volta, sem recuar.

Eli e eu compartilhamos o relacionamento mais intenso, porém mais complexo, que qualquer pai e filho poderiam ter. Desde que ele percebeu o que é um desafio e que eu sou o maior oponente que ele pode enfrentar, tem tentado ativamente me irritar.

Eu lhe dei liberdade quando ele era jovem, já que o entendia muito bem. Se havia alguém que sabia o que significava explorar todas as possibilidades possíveis apenas para evitar ficar tão entediado com a vida, esse alguém era eu.

Como eu não queria recriar o relacionamento tenso que tive com meu pai, dei sinal verde para ele fazer tudo o que quisesse. Até apoiei seus métodos, que não são socialmente bem-vistos. Enquanto Elsa tentou conter a natureza dele ao ensiná-lo sobre amor e alegria, eu a deixei livre. Quando ela quis levá-lo a um terapeuta, recusei veementemente.

Só porque somos diferentes, não significa que haja algo de errado com pessoas como nós. Não é nossa culpa termos nascido superiores. O mundo precisa aprender a nos aceitar como Elsa fez.

No entanto, Eli nunca, e eu quero dizer *nunca* mesmo, enxergou qualquer uma das minhas tentativas de entendê-lo como uma forma de apoio. Ele tinha uma fixação estranha em me vencer. Em tudo.

Ele é competitivo ao extremo e tenta me vencer em tudo o que considera digno de seu tempo. Inclusive em ganhar o afeto da mãe e do irmão.

É por isso que explodi com ele há pouco. Eli precisa entender que Creigh não é a porra de um peão que ele pode usar em seus planos.

— Hum, oi. — Uma vozinha feminina quebra a tensão.

Elsa sorri, nos ignorando totalmente, e vai abraçar a recém-chegada. Depois que elas se separam, ela acaricia os cabelos da menina como se fosse uma mãe amorosa.

Meu filho assiste a toda a cena com uma postura mais rígida que antes, seus olhos escurecendo até se tornarem quase pretos.

— Ava, querida. O que você está fazendo aqui? — Elsa continua ajeitando o cabelo e as roupas da garota, sem deixar uma única ruga imaginária passar batida.

Minha esposa sempre quis uma menininha, e como não teve uma, Ava meio que se ofereceu para ser sua filha de consideração.

Às vezes, Eli costumava resmungar, como um idiota, que Elsa a amava mais do que amava a ele e a Creigh. Um fato que fazia meu filho mais novo sorrir e provocar o irmão.

Por mais difícil que Eli possa ser, ele ainda é o melhor irmão que Creighton poderia ter tido. É por isso que estou puto por ele não o ter protegido.

Ava concentra toda a sua atenção na minha esposa.

— O tio Aiden me mandou uma mensagem.

— Mandou? — Elsa me pergunta. — Você deveria tê-la deixado descansar e ir para a aula. Ela estava aqui ontem à noite.

— Achei que você ficaria mais à vontade se a Ava te levasse de volta e ficasse com você. Ela já concordou. Não é mesmo, Ava?

— Sim, claro! — Ela entrelaça o braço no de Elsa e sorri. — Qualquer coisa para te ajudar e passar mais tempo com você, titia.

— Sou eu quem vai levar a mamãe de volta. *Você*. Vaza. — Eli se aproxima delas, tendo se esquecido completamente do assunto do qual tratávamos.

— Eli! Não fale com a Ava desse jeito — repreende Elsa.

— Deixa ele para lá. O tio Aiden me convidou, então a opinião do Eli não importa. — O sorriso de Ava vacila antes que ela o force a voltar ao que era. — Vamos.

Minha esposa me lança um olhar caloroso e não protesta enquanto Ava a conduz pelo corredor. Eli as segue.

Em silêncio.

Se eu soubesse que a presença de Ava faria com que Elsa finalmente me desse ouvidos e relaxasse, eu teria chamado a garota há muito tempo.

Coloco a mão no bolso enquanto encaro o corpo imóvel do meu filho mais novo. O médico disse que agora é com ele, e embora eu tenha ameaçado matar todos os médicos e processar o hospital se algo acontecesse com Creighton, sei que eles estão certos.

Há algum obstáculo impedindo-o de abrir os olhos.

Não sei qual. Mas tenho certeza de que tem a ver com o que as crianças andam cochichando pelos cantos e se recusando a nos contar.

Nem preciso dizer que sei que não foi um assalto, como os péssimos atores, com exceção de Landon, tentaram nos convencer. As histórias que contaram batiam umas com as outras, mas era tudo perfeito demais e fedia a um plano do Lan.

Estou curioso para saber o que os levou a ir tão longe na mentira.

O único que pode responder à minha pergunta é o próprio Landon, meu sobrinho. Os outros são mais fáceis de manipular e me trariam resultados mais rápidos sob pressão, mas ele é o cérebro por trás disso; portanto, é ele quem está escondendo o verdadeiro motivo.

Só tem um problema: ele tem me evitado metodicamente para não ser encurralado.

É um problema que estou encontrando uma maneira de contornar. Assim como encontrei um jeito de fazer Elsa realmente descansar em vez de se sobrecarregar.

Meu olhar se volta para Creighton, e a impotência aperta meu peito. O fato de eu não poder fazer nada para tirá-lo desse estado, a não ser inventar uma máquina do tempo, me dá a sensação de que tem uma corda em volta do meu pescoço.

Eli é meu filho biológico, sangue do meu sangue, e o único filho que pensei que poderia ter, mas Creighton é o filho que eu não sabia que precisava.

É ele quem me manda mensagens aleatórias com um fato novo que descobriu e garante que eu esteja por dentro das novidades sempre que aquele merdinha do Eli tenta me antagonizar por pura diversão.

Creigh atua como o mediador entre nós, o elo que mantém meu relacionamento de pai e filho com Eli funcionando. Sem ele, provavelmente desmoronaríamos.

Nunca o considerei menos meu só porque não compartilhamos o mesmo DNA. Creighton é a prova de que família não depende de sangue, e eu o vi como um milagre, assim como Elsa.

— Acorda, filho — sussurro, minha voz ganhando uma amplitude assombrosa no silêncio.

Sei que ele não pode me ouvir, mas estou pronto para tentar qualquer método, incluindo rituais satânicos, se isso significar que podemos trazê-lo de volta.

Eu poderia começar importunando o médico. Então, faço exatamente isto: entro no consultório do médico-chefe enquanto ele está em reunião.

Ele e seus colegas me encaram boquiabertos, como se eu fosse o diabo recém-saído do inferno.

— Sr. King… há algo que eu possa fazer pelo senhor?

— Além de ser competente de verdade e fazer meu filho acordar?

O dr. Strauss, um velho careca com olhos castanhos esbugalhados e nariz pontudo, parece perturbado.

— Como já lhe informei, fizemos tudo o que estava ao nosso alcance.

— Não o suficiente para me fazer doar mais dinheiro para este estabelecimento e satisfazer suas taras por pesquisa.

— Sr. King…

— Se ele não acordar nas próximas vinte e quatro horas, vou transferi-lo para Londres e cortar minhas doações.

Não espero pela resposta dele enquanto marcho para fora da sala, sem me sentir nem um pouco aliviado.

Paro em frente à máquina de venda automática, hesito quando um dedo surge de trás de mim e aperta a palavra “Água”.

— Só água mineral presta nessas máquinas que ficam ocupando espaço, né?

Pego a garrafa e me viro para encarar meu sobrinho.

Lan está apoiado na parede, com os braços e tornozelos cruzados, conforme o que poderia ser um sorriso faz seus lábios se moverem um pouco.

— Oi, tio.

— Não demorou muito.

— Não pode simplesmente me mandar uma mensagem dizendo que tem informações para me fornecer e não esperar que eu apareça. Embora isso seja um golpe baixo, tio. Você praticamente cavou um buraco no lugar onde meu coração costumava estar.

— Chega de drama. Para de sair com o Remi e de pegar os péssimos hábitos dele. Agora, me conta.

— Contar o quê?

— A verdade sobre o que aconteceu com o Creighton. Quem fez isso com ele?

— Não, eu planejei a história toda com muito cuidado; não posso simplesmente te revelar meus segredos.

— Ou você me conta, ou não teremos um acordo.

— Meu Deus. Tem certeza de que somos mesmo uma família?

— Provavelmente uma falha genética.

Ele dá uma risadinha; o som é suave.

— Bem, eu não sou tão contra falar a verdade, mas depende se você vai ou não me odiar se souber que fui eu quem desenterrou e trouxe à tona o passado do Creighton.

Meu maxilar se cerra, mas me esforço para conter o desconforto. No fundo, eu sabia que chegaria um dia em que Creighton entraria em contato com seu passado, não importa o quanto meu pai e eu tentássemos impedir isso.

— Você não está bravo? — pergunta Lan lentamente.

— Vou te dar uma bela surra depois, mas isso não explica por que ele está nesse estado.

— A questão é que Creigh sempre quis vingança, então, quando descobriu o nome do casal que causou a ruína de sua família biológica, foi atrás do filho deles.

— Foi ele quem atirou nele?

— Não, foi a irmã dele. Juro que não achei que aquela Barbiezinha tivesse culhões para fazer isso, mas, pensando bem, talvez eu a tenha

subestimado, considerando que ela é uma princesa da máfia.

— Uma princesa da máfia — repito, não em tom de pergunta.

É claro.

Elsa e eu conhecemos Creighton nos Estados Unidos durante uma visita ao meu amigo, Asher Carson. Naquela época, a esposa dele, Reina, estava cuidando de um órfão de três anos para uma das instituições que ela administra.

Ele parecia sem vida e magricela, e aparentemente havia escapado da morte por um triz.

Minha esposa se apaixonou por ele logo de cara. Até aquele momento, ela vinha tendo episódios de tristeza sempre que via crianças. Ela sempre quis dar um irmão para Eli, de preferência uma irmã, mas como os médicos disseram que sua primeira gravidez foi um milagre e que qualquer gravidez subsequente traria riscos à sua vida, fiz uma vasectomia.

Porque não havia a mínima chance de eu colocar a vida dela em perigo.

Ela entendeu minha decisão, mas chorou mesmo assim. Ficou deprimida por um mês inteiro depois que eu destruí suas esperanças de ter outro filho nosso, e embora eu odiasse vê-la daquele jeito, nunca me arrependi do procedimento.

Não tínhamos pensado em adoção antes de saber de Creighton, em parte porque o assunto “filhos” deixava Elsa deprimida, e em parte porque eu, honestamente, não achava que conseguiria cuidar de alguém que não fosse do meu sangue.

Mas isso foi antes de conhecê-lo.

Quando Elsa olhou para ele com aqueles olhos maternais, não pensei duas vezes antes de perguntar se ela queria que a criança se tornasse dela.

Nunca vi minha esposa tão irrevogavelmente feliz quanto naquele momento. O olhar dela rivalizava com o jeito com que me encarou no dia do nosso casamento e quando Eli nasceu.

Mas entendíamos que Creighton já vinha com uma bagagem. Reina nos contou que sua irmã, que tinha ligações com a máfia russa, foi quem o confiou a ela, e que ele tinha um passado ambíguo que eles não estavam dispostos a divulgar.

Imaginei que os pais dele tivessem morrido porque irritaram a máfia, mas Reina nos garantiu que o garoto não tinha qualquer vínculo com a máfia. E

eu lhe assegurei que ele seria apenas um King dali em diante. Não mais americano, não mais sozinho.

Ele se tornaria meu filho.

— Essa não é a pior parte. — A voz de Landon me traz de volta ao presente.

— Qual é, então?

— Ela é namorada do Creighton. Ou era, considerando as circunstâncias.

— *O quê?*

— A mina dele, a que atirou nele — repete Lan. — Enfim, a questão é que eu venho investigando o passado dele há algum tempo, mas só consegui colocar o guarda que sabia das informações contra a parede recentemente. Depois que todas as peças do quebra-cabeça estavam no lugar, tentei avisar o Creigh para ficar longe da Annika, mas ele estava muito apaixonadinho para ouvir. Agora que paro para pensar, ele pareceu mais devastado por descobrir que ela era filha das pessoas que foderam com ele do que por causa de suas origens. Você acha que foi por isso que ele a provocou? Para que ela atirasse nele?

— Conte-me mais.

Escuto com atenção o relato de Lan sobre o ocorrido. Quando ele termina, já formei uma imagem na minha cabeça sobre qual parece ser o problema.

Landon consegue seu prêmio e diz que vai encontrar o irmão, que está em um lugar onde não deveria estar.

Ainda estou refletindo sobre as palavras do meu sobrinho quando chego em frente ao leito de Creighton.

Paro de repente, assim que avisto uma menina pequena de moletom e capuz, com os cabelos caindo de ambos os lados do rosto. Ela está chorando. Silenciosamente. Seu rosto está colado ao vidro. Ambas as palmas das mãos tocam a superfície, seus lábios tremendo enquanto ela murmura algo que não consigo ouvir.

Aquela deve ser Annika Volkov.

A garota que serviu de tópico para Eli zoar Creighton quando conversaram com Elsa certa vez.

Minha esposa não parou de falar sobre o assunto naquela noite, recontando cada palavra da conversa com sua expressão radiante e rosto

sorridente. Ela estava tão feliz que nosso caçula finalmente estava descobrindo o amor.

Ela havia presumido que nossos dois filhos morreriam sozinhos e que ela não teria netos, mas ficou feliz quando o destino provou que estava enganada.

Ao que tudo indica, Annika também é a garota que atirou no meu filho.

Aquela que o esfaqueou pelas costas quando ele mais precisava.

Aproximo-me dela com passos firmes. Ela não nota minha presença, aparentemente concentrada demais no outro lado do vidro para notar o que a rodeia.

Quando paro atrás dela, consigo ouvir o que sussurra com a voz rouca.

— Sinto muito… muito mesmo… Por favor, acorde… Se você acordar… se você acordar, não me importo que me mate. Sinto muito, Creigh… sinto tanto.

— Isso é tudo que você tem a dizer depois do que fez?

Ela se encolhe e se vira devagar para me encarar, com os olhos arregalados e as bochechas manchadas pelas lágrimas, e eu percebo exatamente o que ela é.

Annika Volkov é a peça que faltava, o que estava impedindo Creighton de acordar, e eu farei o que for preciso para ter meu filho de volta.

CAPÍTULO 31
ANNIKA

EU NÃO DEVERIA ESTAR AQUI.

Se o papai descobrir que vim até o hospital, e com certeza descobrirá, considerando os mil e um guardas que trouxe consigo, incluindo Kolya, estou ferrada.

Mas, graças a um disfarce, consegui passar despercebida enquanto todos estavam ocupados.

Eu precisava ver o Creighton uma última vez antes de ser arrastada de volta aos Estados Unidos.

Precisava ouvir as máquinas apitando, sinalizando que ele está vivo.

Mas não está acordado.

Pelo pouco que Remi me contou, quanto mais tempo ele fica em estado vegetativo, mais seu estado de saúde se complica.

Remi é o único que fala comigo, em segredo e com certa frequência, até. Como todos os outros, ele me odeia por colocar seu amigo e primo neste estado, mas também disse: *Eu entendo que você fez isso para salvar seu irmão, ainda assim, não gosto de você no momento.*

Tudo bem.

Contanto que eu esteja atualizada sobre o estado de Creighton, não me importo se não gostam de mim, se sou odiada, rejeitada ou simplesmente torturada pelo que fiz.

E desconfio que é isso o que vai acontecer enquanto encaro os olhos cinzentos e sem vida de Aiden King. Eles são tão parecidos com os de Eli, tanto na *vibe* aterrorizante quanto na cor, que é absolutamente aterrorizante.

Na verdade, não. Os de Eli provavelmente são mais dóceis.

Afinal, Aiden é o pai, e ele parece ter visto muita coisa com esses olhos impiedosos.

— Eu lhe fiz uma pergunta, srta. Volkov. Você acredita que se desculpar é o que deveria estar fazendo depois de ter atirado no meu filho?

Minha coluna fica tensa, em parte devido ao choque de ouvir sua voz grave e dura, e em parte devido à informação que ele acabou de soltar.

Ele sabe.

Pensei que Ava tinha dito que eles não iam contar a verdade aos pais de Creighton. Ou talvez estivessem se referindo apenas à mãe dele.

Não que eu me importe. Se pagar o preço pelo que fiz vai trazer Creighton de volta, eu me entrego. Caramba, faço isso mesmo que ele não acorde.

Cometi um erro e vou assumi-lo.

Mas minha família, especificamente papai e Jeremy, jamais permitiram que eu fizesse isso.

— Eu… — Nada mais sai. É como se o gato tivesse comido minha língua.

— Você o quê? — Aiden se aproxima de mim, e mesmo que não invada meu espaço pessoal, meu coração se aperta e gela sob sua força intimidadora.

Agora consigo ver como Eli e Creighton se tornaram quem são. Isso é devido ao fato de terem um pai como esse homem.

Ele tem uma aparência elegante e o mais chique dos sotaques britânicos, porém, lá no fundo, é impiedoso e assustador. Um pouco como meu pai e todos os outros membros da *Bratva*.

No entanto, ele não é um mafioso, o que torna sua personalidade ainda mais assustadora.

— Você tem a coragem de dar as caras por aqui depois do que fez?

Nego com a cabeça, tentando, sem sucesso, manter a postura ereta.

— Ele esfaqueou meu irmão, e eu pensei que ele fosse matá-lo, então eu… não consegui… simplesmente não consegui assistir sem fazer nada.

— Tudo o que ouço são desculpinhas. — Ele me encara com desdém. — Você poderia ter feito várias coisas em vez de atirar, como pará-lo fisicamente ou pedir ao Landon e ao Remington, que estavam presentes, para subjugá-lo, mas escolheu tirar a vida dele. Escolheu a opção mais fácil e sangrenta.

— Não… — Meus lábios tremem e as lágrimas ardem em meus olhos. — Eu não tive tempo. O Jeremy poderia ter morrido.

— E o que há de tão importante no seu irmão? A vida dele tem mais valor do que a do meu filho?

— Eu não disse isso…

— É óbvio que foi o que pensou quando puxou o gatilho. — Sua voz se torna vazia, tão sem emoção que estremeço. — Já não basta que seus pais o tenham traumatizado quando criança? Você está continuando o trabalho de onde eles pararam e destruindo a vida pela qual ele tanto lutou?

— Por favor… pare… — Minha voz falha. — Por favor…

— Por que eu deveria parar? Para você se sentir melhor em relação ao que fez? Para se livrar da culpa e seguir sua vida como se meu filho nunca tivesse existido?

Solto um longo suspiro e deixo meus lábios se curvarem em um sorriso amargo.

— Eu nunca poderia me sentir melhor em relação a nada disso, nem me esquecer de Creighton. Você pode não acreditar, mas aquela bala matou uma parte de mim também. A parte que pensava que Creighton era minha metade e que estávamos destinados a ficar juntos. Aprendi da maneira mais difícil que ele não é, que não estamos, e não consegui viver comigo mesma desde então.

Ele cerra os olhos, observando-me com atenção, como se estivesse arrancando minha pele e inspecionando o que se esconde por baixo. Determinando se o que estou dizendo é a verdade ou apenas uma mistura de meias-verdades e mentiras bem elaboradas.

Quando ele torna a falar, o timbre de sua voz está estranhamente calmo, do tipo forçado e assustador.

— Annika, saiba que, se meu filho morrer, eu vou atormentar você e sua família até os confins do inferno.

Um arrepio me percorre, mas não é por causa das palavras dele.

É por causa da sombra que surge atrás de Aiden, engatilhando uma arma e mirando-a em sua nuca.

— Afaste-se da minha filha antes que eu espalhe seu cérebro pelo chão.

A postura e a expressão de Aiden permanecem as mesmas, imperturbáveis diante da ameaça nem um pouco sutil do meu pai.

Como se não bastasse, ele se vira, fazendo com que papai segure a arma contra sua testa.

— Vá em frente, atire. Esta é a única chance que você terá de me ver em uma situação dessas. Aproveite.

Merda.

Merda.

O que ele está pensando? Como pode provocar meu pai daquele jeito quando papai está literalmente apontando uma arma para a cabeça dele?

É provável que saiba o tipo de homem que meu pai é. Deve ter ouvido falar sobre sua fama, uma vez que já sabe do impacto que ele teve na vida do Creighton… Então por que diabos não recua como qualquer pessoa em sã consciência faria?

Ele é tão destemido assim?

Porque não tenho dúvidas de que o papai puxaria o gatilho e cumpriria sua promessa.

Antes que ele possa de fato fazer algo, avanço para o lado dele.

— Papai, não.

O rosto do meu pai poderia ser confundido com o de uma estátua, frio e imóvel. Este é o tipo de pessoa em quem ele se transforma quando sente que algum de nós está em perigo.

Quando o grande Adrian Volkov intervém pessoalmente em uma situação e decide usar violência.

— Este homem acha que é uma boa ideia ameaçar minha filha, e eu estou aqui para provar que ele está enganado. Afaste-se, Anoushka.

— Não! Ele está sofrendo porque o filho está ferido. — Pego seu braço, agarrando-o com força. — Papai, por favor. Entenda minhas palavras como uma súplica.

Acho que meu pai vai atirar em Aiden mesmo assim, já que não pega leve com ninguém que ameace sua família.

Ele leva esse tipo de coisa a sério, sem piedade e sem remorso.

Mas, depois de um instante, deixa a mão portando a arma cair ao lado do corpo. Porém, em vez de guardar a arma, ele a deixa lá como forma de intimidação.

Os dois homens se encaram, ou melhor, trocam um olhar carrancudo, em uma guerra de poder desmedida.

— Fale com minha filha desse jeito de novo, e você desaparecerá da face da Terra como se nunca tivesse existido.

— Papai! — Balanço a cabeça para ele. — A errada aqui sou eu. Fui eu quem fez isso.

— Se teve alguém que começou essa situação toda, fui eu. — Ele se dirige a Aiden. — Eu matei o pai de Creighton porque ele ousou tocar na

minha esposa. Eu o abati como um porco enquanto ele chorava e implorava. Esfaqueei aquele canalha e assisti enquanto o sangue escorria de todos os buracos. Então, fiz isso de novo e de novo, mesmo muito depois que seu corpo já não tinha mais vida. E faria tudo novamente, num piscar de olhos, só que com mais facadas para deixar seu rosto irreconhecível. Eu o tiraria da cova em que ele está apodrecendo e exibiria sua cabeça empalada para que o mundo percebesse que não deve mexer com minha esposa e meus filhos. Eu nunca desejei que as coisas chegassem a esse ponto, mas não vou, em hipótese alguma, me desculpar por proteger minha família.

— Nem eu — diz Aiden de modo calmo e assertivo. — Não dou a mínima para quem você é nem que tipo de demônio venera. Se meu filho não acordar, vou acabar com você e com cada membro da sua amada família.

Estou tremendo feito vara verde, não apenas pelo avanço da intensidade das ameaças sutis que eles estão trocando, mas também pelo fato de que esta situação pode ficar muito pior.

Aiden é poderoso, sim, mas papai é mais violento, e eu acredito em cada palavra que ele diz. Meu pai tende a se tornar um monstro se sentir que estamos em perigo. Testemunhei isso em primeira mão quando tentaram me sequestrar.

A julgar pela postura rígida e pelo olhar severo, ele definitivamente acha que estou sob ataque e não vai parar até que a ameaça desapareça.

E, no momento, essa ameaça é o Aiden.

Já machuquei Creighton o suficiente; não posso ser a razão por trás da morte do pai dele também.

Vamos lá, Annika, pense.

Preciso dissipar essa tensão de alguma forma, mas como?

Fecho os olhos, cambaleio e solto meu peso para a frente. Papai me segura antes que eu atinja o chão.

— Annika — chama sua voz baixa. — Annika?

Eu me forço a deixar o corpo mole contra o toque dele. Pela brechinha entre meus cílios, vislumbro meu pai finalmente guardando a arma, então me pega no colo e me carrega, como quando eu era bem pequena e achava que era uma boa ideia ocupar o lugar dele ao lado da mamãe na hora de dormir. Ele sempre, sem exceção, me carregava de volta para o meu quarto.

Mesmo assim, eu me esgueirava para o quarto deles logo de manhã. E quando trancavam a porta? Eu batia até que abrissem.

Como todas aquelas vezes, os braços do papai me transmitem segurança. Excessivamente protetores, sim, mas ainda assim seguros.

— Meu filho vai acordar, e quando isso acontecer, vou mantê-lo bem longe da sua filha e da sua família destrutiva. Sugiro que faça o mesmo com seus filhos.

— Annika está deixando o Reino Unido muito em breve, e eu garantirei que seu filho seja apagado da vida dela. Não a levem para a justiça, pois não conseguirão nada com isso.

— Se o Creighton decidir fazer isso, nada me impedirá. Nem mesmo você.

— Vamos torcer para nunca mais nos encontrarmos, sr. King.

— Sugiro que reze por isso, sr. Volkov.

E então papai me carrega para fora do hospital, com passos decididos, segurando-me com firmeza, como se eu não pesasse nada.

Sinto ele me colocar no banco de trás do carro e se acomodar ao meu lado.

— Para onde, chefe? — A voz de Kolya vem do banco do motorista enquanto ele dá marcha à ré para fora do estacionamento.

— Para o aeroporto — responde meu pai, tranquilo. Então sussurra: — Já saímos do hospital. Pode acordar, Anoushka.

Mordo o lábio inferior enquanto abro os olhos aos poucos e encaro meu pai, acanhada.

— Você sabia?

— Você é boa, mas não tão boa assim. Além disso, você costumava fingir que estava dormindo sempre que queria passar a noite no nosso quarto.

— Desta vez é diferente.

— Você não queria que eu o machucasse. Eu sei.

— E eu não quero que ele *te* machuque, pai.

— Ele não vai conseguir. — Um sorrisinho surge em seus lábios enquanto ele bagunça meu cabelo. — Não sabia que você tinha crescido tanto a ponto de conseguir, sozinha, proteger seu irmão e até a mim.

— Também sou uma Volkov.

— Sim, é mesmo. Isso significa que, da próxima vez que alguém te ameaçar, você vai dar uma surra na pessoa.

Balanço a cabeça.

— Eu não conseguiria viver comigo mesma se machucasse o homem que Creighton enxerga como pai e exemplo.

— Ainda assim, isso não justifica o jeito como ele falou com você.

— Olha, pai…

— Não, olha aqui você. Eu sei que gosta daquele garoto e está sofrendo porque teve que atirar nele. Mas essa é a palavra-chave, Anoushka. Você *teve* que atirar nele. Ao ameaçar a vida do Jeremy, ele não lhe deu outra escolha a não ser puxar o gatilho. Ele sabe o quanto seu irmão significa para você, sabe que você não hesitará em protegê-lo, mas mesmo assim o esfaqueou. Foi ele quem te forçou a fazer isso; foi *ele* quem não considerou seus sentimentos e as circunstâncias quando fez aquela escolha. Então, não se culpe por escolher sua família e por tomar uma decisão à qual foi obrigada. Se ele te amasse e se importasse com você, em vez de com a própria vingança, não teria te colocado naquela posição.

Uma lágrima escorre pela minha bochecha, seguida por várias outras.

Consigo entender o raciocínio por trás das palavras do papai, de verdade, mas a única cena na minha cabeça é a do vermelho.

Vermelho-escuro.

Muito vermelho.

A única cena que se passa na minha cabeça é a de um Creighton pálido, preso a máquinas, incapaz de abrir os olhos.

Um fantasma de quem já foi um dia.

Parece que ele é uma memória muito distante agora.

Faz poucos dias que passamos nosso último dia juntos, mas a sensação é de que já faz um século.

Tanta coisa aconteceu entre a maravilhosa fase da lua de mel e este pesadelo que já não consigo mais acompanhar o desenrolar das coisas.

— Dói mesmo assim, pai. — Fecho os punhos ao redor de um punhado do meu moletom. — Bem aqui, dói muito.

— Vai doer menos com o tempo.

— Nem você acredita nisso.

— Tem que doer menos. Você precisa superá-lo, Annika. Se ele está empenhado em se vingar, não vai parar até te destruir, mesmo que isso signifique se autodestruir no processo. Você entende?

Aperto os lábios, mas assinto.

— Preciso que me prometa que não vai atrás dele. Em troca, vou te deixar estudar balé, te dar a liberdade que sempre desejou, e lutarei contra toda a irmandade para que você não seja forçada a entrar em um casamento arranjado.

Não consigo acreditar no que estou ouvindo.

Isto foi tudo o que eu sempre quis da minha família: liberdade para decidir o meu próprio destino.

Só nunca imaginei que o custo seria esta situação.

— Prometa, Anoushka.

— Eu prometo — murmuro.

Por dentro, rezo.

Prometo deixar tudo entre mim e Creighton chegar ao fim, mas só se ele acordar.

Só se eu tiver certeza de que ele está bem.

Depois disso, não me importo com a minha vida.

— Ótimo. — Papai anui com a cabeça. — Agora, vamos para casa. Sua mãe está preocupada com você.

Assinto em silêncio. Não falamos mais nada enquanto embarcamos no jatinho particular.

Não é um silêncio esquisito nem nada. Papai não é falante por natureza, e provavelmente está me dando o espaço que acha que necessito.

Ele e Kolya sentam-se à minha frente, discutindo negócios.

Uma lágrima escorre pelo meu rosto quando vejo a ilha pela última vez.

Estou neste lugar há apenas alguns meses, mas fiz amigos, tive experiências de tirar o fôlego e um homem que me deu o mundo.

Logo antes de eu estragar tudo.

Talvez seja melhor eu ir embora, no fim das contas.

Esta ilha pode ter feito eu me sentir viva pela primeira vez desde que nasci, mas também despedaçou meu coração.

A voz do papai e do Kolya ecoam ao fundo enquanto me forço a dormir.

Assim que pousamos, estou pronta para ir para casa e chorar no colo da minha mãe. Estou pronta para deixá-la me consolar, mesmo que eu a culpe um pouco (e a meu pai) por tudo isso.

Não culpo o papai por protegê-la, mas talvez eu os culpe por me darem a vida, por me deixarem existir neste mundo onde não posso ter a única pessoa que eu queria de todo o meu coração e alma.

E está lutando para sobreviver por minha causa.

Assim que entramos no carro, verifico o celular e engasgo com meus próprios soluços ao ler uma mensagem que recebi durante o voo.

Remington: Achei que você deveria saber que o Creighton acordou. Ele está desorientado, mas os médicos disseram que ele vai melhorar com o tempo :)

CAPÍTULO 32
CREIGHTON

ACORDEI DO COMA HÁ DUAS SEMANAS.

Fiquei a primeira semana no hospital e ela passou como um borrão cheio de exames, reabilitação e barulho para caralho.

Foi repleta de olhares de pena dos amigos com quem convivi durante a vida inteira e de uma compaixão sem sentido e desnecessária.

Houve uma confusão de movimentos, palavras e sensações. Mal me lembro de algo além das lágrimas da minha mãe e da necessidade inata de cessá-las.

Ela estava feliz e triste ao mesmo tempo, e ainda não tenho ideia do motivo da tristeza.

Foi pelo fato de eu estar ferido ou ela reconheceu o meu olhar?

Será que enxergou por baixo da superfície e descobriu a máscara que eu usava como camuflagem?

Não fiz essa pergunta depois que recebi alta alguns dias atrás. Meus pais me levaram para casa, e eu não protestei. Pelo menos assim posso escapar dos rostos transbordando de pena.

Posso ficar longe das conversas cheias de gatilhos deles, que sempre, de alguma forma, voltavam para como fui baleado.

Ou, mais especificamente, para a pessoa que atirou em mim.

Ela.

Minha salvação e minha ruína.

Consegui evitar o assunto fingindo estar cansado, um privilégio que logo perderei, já que meu ferimento está cicatrizando; os pontos foram quase totalmente absorvidos pela minha pele, deixando um buraco perto da parte superior do meu peito.

Alguns centímetros para a direita e a bala teria atingido o coração dele, foi o que ouvi o médico dizer ao meu pai.

E isso me deixa com a questão: por que ficaram faltando esses centímetros?

Eu queria morrer.

Eu deveria ter morrido, porra. Então como é que ainda estou respirando?

Essa pergunta domina meus pensamentos desde que despertei do coma, e mesmo assim não consigo encontrar uma resposta.

É por isso que estou me *recuperando*. Embora eu não tenha certeza se essa é a palavra certa, considerando a atmosfera conflituosa em que me encontro.

Enquanto o céu desaba lá fora, estou sentado na sala de jogos no andar de baixo, usando meus dedos para fazer carinho em um Tigre surpreendentemente dócil. Eu o trouxe da ilha, apesar dos protestos de Brandon.

Ele me liga por videochamada todos os dias, e eu simplesmente mostro o gato, porque é nisso que ele está interessado.

É impressionante como o Tigre continua dormindo feito uma pedra diante da situação atual.

Meus avós maternos e paternos vieram me visitar. Ao mesmo tempo.

Para piorar as coisas, meu avô Jonathan, pai do meu pai, achou uma ideia maravilhosa jogar uma partida de xadrez contra o vovô Ethan, pai da minha mãe.

Eles deveriam ser amigos, ou já foram algo do tipo, mas essa não é mais a realidade. Provavelmente porque o vovô Agnus, marido do vovô Ethan, não suporta (e nunca vai suportar) o vovô Jonathan. Um fato conhecido por todos desde que eu era criança.

Estou sentado em frente a eles, tomando um gole de alguma bebida de ervas que minha mãe me deu e optando por me concentrar nos meus avôs em vez de me perder na minha cabeça perturbada.

Vovô Jonathan empurra sua torre algumas casas para a frente. Ele é uma versão mais velha do meu pai e do Eli, com seu cabelo preto pincelado por fios brancos e seus olhos cinzentos implacáveis.

— Você nunca conseguiu me vencer, Ethan. Desista.

— Nos seus sonhos. — Vovô Ethan bloqueia seu movimento com a própria torre e sorri.

Dos meus três avôs, ele parece o mais novo, apesar de ter a mesma idade dos outros. É provável que seja por causa do cabelo loiro, que minha mãe herdou, e da expressão geralmente agradável que ele tem o tempo todo.

Vovô Agnus é o mais silencioso e absolutamente intratável dos três. Costuma ter uma expressão sombria, e nunca sorri, faz piadas nem permite que ninguém se aproxime do marido, a menos que esteja pronto para perder um membro.

Ele sempre foi meu favorito. Provavelmente porque nos entendemos sem a necessidade de palavras.

Enquanto todos me bajulavam, ele metodicamente os enxotava para que eu pudesse descansar. Ainda assim, meu avô Ethan conseguiu manipulá-lo para que ele e a mamãe viessem me visitar.

— Foi um erro de principiante. — Vovô Jonathan abre um sorriso travesso enquanto come o cavalo branco.

O vovô Agnus, sentado no braço da cadeira do vovô Ethan, se inclina e sussurra algo em seu ouvido.

— Sem roubar, Agnus — diz meu avô Jonathan. — Dois contra um não vai rolar.

— Quem disse que somos dois? — Vovô Ethan entrelaça os dedos com os do marido e sorri, brincalhão. — Somos um só.

Um sorriso raro se abre nos lábios do vovô Agnus, e o rosto do vovô Jonathan vira uma carranca.

— Que visão asquerosa.

— Alguém está com ciúme. Talvez você devesse ir encontrar sua esposa lá fora.

— Talvez seja melhor você limpar isso, Jonathan — sugere meu avô Agnus, com uma expressão neutra no rosto. — Está pingando no chão.

— Tem certeza de que não é o *seu* ciúme que está sujando o chão, Agnus?

— O meu?

— Se não me falha a memória, há pouco tempo recebi um monte de mensagens suas enquanto estava bêbado.

— Mensagens? — Os olhos do meu avô Ethan vão de um homem para o outro. — Que tipo de mensagens?

— Desde quando você olha suas mensagens? — pergunta o vovô Agnus com a voz tensa.

— Desde que sejam suas. Admito que me diverti bastante e até as decorei para um momento como este.

— Não ouse…

— Elas diziam coisas do tipo: “Vai se foder, Jonathan, por conseguir participar de todos aqueles ménages com o Ethan. Estou surpreso por não ter te matado.” Outra mensagem falava: “Você sabia dos meus sentimentos e mesmo assim me provocou. Apodreça no inferno. Sei que também vou para lá, mas vou me certificar de ter um quarto em frente ao seu para te ver queimar por toda a eternidade.” Porém, a minha favorita é: “Aposto que você pensou que eu nunca faria ele ser meu, seu idiota. Toque nele de novo e eu te mato.” Devo dizer que curto mais o Agnus bêbado. Ele é muito menos sem graça do que o que está na minha frente agora.

— Vou te matar — ameaça o vovô Agnus, impassível, e então encara o marido. — E você, pare de sorrir.

— Ah, poxa, isso é engraçado. — Vovô Ethan acaricia a mão do marido. — Se eu soubesse que você tinha esse ciúme guardado durante todos esses anos, eu teria feito algo a respeito.

Meu avô Agnus não parece achar graça enquanto se levanta, lança um último olhar furioso para o vovô Jonathan e se retira após acenar com a cabeça na minha direção.

Vovô Ethan dá um tapinha no ombro do vovô Jonathan.

— Te devo uma, Jonny. — Então começa a seguir o marido.

Ele para perto da porta, dá um tapinha no meu braço e sai.

— Merdinhas — resmunga o vovô baixinho enquanto se levanta.

— Você precisava mesmo fazer isso? — pergunto.

— De que outra forma eu conseguiria fazer Agnus reagir? Embora eu ache que posso ter feito, sem querer, um favor a ele que acabou aproximando os dois. É uma pena que o Ethan nunca tenha entendido como deixar a vida levá-lo. — Ele para na minha frente. — Você precisa de alguma coisa?

Além de entrar em coma outra vez e nunca mais acordar? Nego com a cabeça.

— Se quiser escapar dos seus pais, venha para a minha casa. — Meu avô bagunça meu cabelo como se eu ainda fosse uma criança. — Melhore logo, garoto. É sério.

E então ele sai pela porta, provavelmente para buscar minha avó e ir embora. Ela esteve com a mamãe em cada momento disso tudo, me bajulando e garantindo que eu me sentisse confortável.

Isso significa que ela deu menos atenção ao vovô.

Ele nunca gostou de dividir o tempo da vovó com ninguém, nem mesmo com os netos. Exceto com a Glyn. Ela sempre teve um passe livre para a mansão do vovô.

Aparentemente, agora eu também tenho, já que ele me convidou.

Estou olhando para a chuva, acariciando a cabecinha do Tigre de maneira distraída, quando a mamãe entra carregando uma bandeja cheia de todos os tipos de comida.

Ela está usando um lindo vestido branco que a deixa mais jovem. As olheiras e os olhos vermelhos acabaram desaparecendo conforme melhorei, e agora ela tem se dedicado a se tornar minha chef particular.

Algo em que é péssima — cozinhar, quero dizer —, mas papai, Eli e eu preferimos não contar isso a ela.

Foi assim que consegui comer todos os pratos horríveis que Annika preparou, enquanto os nossos amigos os evitavam a todo custo.

O ferimento de bala coça com essas lembranças, formigando e queimando, e preciso de todas as minhas forças para não estourar os pontos com minhas mãos.

Como se sentisse minha angústia, Tigre pula do meu colo e escolhe o sofá chesterfield como a próxima cama para sua soneca.

Mamãe coloca a bandeja na mesinha à minha frente e encara a porta.

— O que aconteceu? Por que Agnus estava bravo e o papai parecia feliz com isso? E tem a ver com a expressão presunçosa do Jonathan?

— Com certeza. Mas você não quer saber.

— Provavelmente tem razão. — Ela afasta meu cabelo do rosto. — Você precisa cortar o cabelo. Ou não. Eu gosto do seu novo visual, sendo sincera. O que acha?

— Eu não tenho preferência.

— Ora, claro que tem.

— Não tenho, não, mãe.

— Ok — diz ela devagar. — Você quer voltar para a faculdade?

Encaro as gotículas de chuva que salpicam as janelas altas.

— Não ligo se voltar ou não.

— Você está bravo comigo, Creigh?

Meu olhar se desvia para sua expressão infeliz e franzo a testa.

— Não. Por que estaria?

— Porque escondemos a verdade e, desde que você a descobriu, nada de bom aconteceu.

Graças à língua grande do Landon, papai descobriu tudo o que tinha acontecido, mas mamãe continuou acreditando por um tempo que havia sido um assalto que deu errado. Ainda assim, ela tinha a impressão de que ninguém estava lhe dizendo toda a verdade, então Eli lhe contou o ocorrido.

Como eu, ele odeia colocar a saúde dela em risco, mas também não gostamos de esconder a verdade dela.

Afinal, é a mulher que me deu amor incondicional quando não precisava fazer isso.

— Não estou bravo com você, mãe. Estou bravo comigo mesmo por ter ido atrás das coisas, por não respeitar seus desejos e manter o passado onde ele pertencia. Se eu tivesse feito isso, se tivesse desistido depois que você me mandou fazê-lo, eu não estaria à beira desse grande vazio. Eu não teria perdido… tudo.

— Ah, Creigh. Você não perdeu tudo. — Ela segura minhas mãos. — Você tem a gente. Não importa o que aconteça, não importa o que o mundo, a natureza ou a ciência digam, você é meu filho. Você se tornou meu filho no dia em que te conheci naquele quarto do abrigo. Você era tão magricela e pequeno, mas não se escondeu. Você se levantou daquela cama com seus pezinhos e nos encarou com aqueles lindos olhos curiosos. Eles carregavam tanta dor, tanta tortura, mas também tinham muita esperança. Esperança por uma vida diferente, esperança de superar seu trauma e de, finalmente, encontrar uma família de novo. Você olhou para nós como se já fôssemos seus pais, e eu me apaixonei à primeira vista. E acredite, eu nunca senti amor à primeira vista, nem mesmo pelo seu pai, nem pelo seu irmão; me apaixonei gradualmente por ele durante os nove meses de gravidez. Já você… você é diferente, querido. É o único por quem eu me apaixonaria repetidamente, se assim fosse preciso. Eu mataria seus demônios por você. Se eu algum dia renascer, eu me sacrificaria se isso significasse ter você como meu filho outra vez. Então, por favor, se tiver algum problema, fale comigo, com seu pai ou com o Eli. Não lute contra seus demônios sozinho. Não… nos deixe.

Minha mãe está mesmo chorando copiosamente. Suas lágrimas se acumulam no queixo, e aquela tristeza volta a preencher seus olhos azuis que antes estavam brilhantes.

É isso o que eu faço? Trago a escuridão para onde havia luz?

Destruo tudo que toco?

Esses são os pensamentos que ela deve ter tido desde que acordei no hospital, ou talvez desde que descobriu que eu tinha levado um tiro e o motivo pelo qual isso aconteceu.

Ela provavelmente acha que não é o suficiente, e é por isso que eu queria morrer.

— Eu sei que não te dei à luz, mas me senti sua mãe desde o momento em que te conheci. A primeira vez que você me chamou de "mamãe" foi um dos momentos mais felizes da minha vida, e eu sempre, *sempre* te considerarei sangue do meu sangue.

— Eu nunca te considerei menos do que isso. Aquela mulher que me deu à luz nunca foi minha mãe… *você* é. E aquele canalha que doou o esperma não é meu pai, o papai é.

Um leve franzir de testa se forma em seu rosto.

— Então por que você estava tão empenhado em vingá-los?

— Eu não estava vingando os dois; eu estava me vingando. Eu queria um ponto-final para a versão frágil de três anos de mim mesmo. — Seguro a cabeça com as mãos. — Mas eu fodi com tudo.

— Ah, querido… — Mamãe deita minha cabeça em seu peito e acaricia meu cabelo, me oferecendo seu apoio de forma silenciosa.

Não faço ideia se é por causa desse gesto ou pelo peso de todos os eventos que me atingem agora, mas confesso tudo.

— Eu queria que ela me matasse, mãe. Queria que a única pessoa que fazia eu me sentir vivo atirasse em mim. Eu teria morrido e acabado com tudo, e ela nunca se esqueceria de mim. Eu queria que ela não conseguisse me superar. Queria ser uma mancha na vida dela para sempre, para que toda vez que se olhasse no espelho, visse minha sombra. Eu queria assombrá-la, impedi-la de ficar com outra pessoa depois de mim. Quão zoado é isso?

— Você estava apenas lidando com muitos sentimentos. — A voz dela é suave, reconfortante, e não carrega um pingo de julgamento.

Porque é assim que as mães são.

— Não. — Eu me afasto e toco meu peito, onde está o ferimento. — Eu ainda desejo poder voltar no tempo e fazer com que ela me mate para valer. Assim eu não me sentiria vazio para caralho sabendo que a perdi para sempre.

— Para com isso. — Papai se recosta na moldura da porta com os braços cruzados. Provavelmente ouviu toda a conversa. — Não existe isso de perder alguém para sempre se você se dedicar a evitar isso. Admito que queria aquela maldita mafiosinha fora da sua vida por ousar te machucar, e, aliás, ameacei ela para ficar bem longe de você. Mas se você a quer, vá em frente. Tem meu apoio.

— Aiden. — Mamãe afasta as lágrimas com as costas da mão. — Como pode dizer isso? Se ele for para os Estados Unidos, o pai dela vai matá-lo.

— Não se eu estiver envolvido. — Papai levanta uma sobrancelha. — Deixa eu te perguntar, Creigh: *você* quer ir atrás dela?

Eu nego com a cabeça.

— Não posso.

— Por que não?

— Estamos fadados ao fracasso.

— Bobagem. Você está deixando o medo da rejeição te dominar. Eu não sabia que tinha um filho covarde.

— Aiden! — Minha mãe o repreende novamente.

— Não é que…

— Então o que é? Espera mesmo que eu acredite que você a superou quando se recusou veementemente a prestar queixa contra ela? Você mal falava na época, mas me implorou para não levar o nome dela até a polícia. Não vou te dizer o que fazer, mas te digo uma coisa, filho: se você deixar ela ir, outra pessoa vai aparecer e levá-la.

Uma chama ardente se espalha pelo meu peito com a letalidade de um vulcão em erupção. Esse pensamento tem me atormentado; seja acordado, seja dormindo. Imagens da Annika com outro homem me deixaram furioso e apreensivo. Principalmente depois que ouvi a Cecily e a Glyn conversarem sobre como ela, no fim das contas, poderia acabar tendo que fazer parte de um casamento arranjado com algum mafioso.

— É que eu simplesmente… não consigo perdoar os pais dela. Não vou. Não *consigo*. E sei o quanto ela os ama.

— E você teme que ela os escolha como escolheu o irmão? — pergunta mamãe em voz baixa. Quando assinto, ela acaricia minha bochecha. — Se essa é a escolha dela, então ela não te merece, querido.

— Concordo com sua mãe — diz papai. — Se ela não reconhecer seu valor ou te machucar de novo, você conhecerá a verdadeira natureza dela,

então poderá seguir em frente. De vez.

Reflito sobre as palavras deles enquanto uma ideia louca e completamente desvairada se forma na minha mente. E tenho certeza de que papai vai me ajudar com ela.

Porque ele se importa comigo.

E mamãe também.

— Obrigado — sussurro. — E me desculpem se fiz vocês duvidarem da importância que têm para mim. Tenho sorte de ser seu filho.

Mamãe leva as duas mãos ao peito, com lágrimas brilhando nos olhos.

— Agora você fez eu me emocionar. Já volto. Vou trazer biscoitinhos; eles já devem ter assado.

Ela passa pelo meu pai, lhe dá um beijo na bochecha e depois desaparece para pegar mais algumas de suas criações.

Papai toma o lugar dela e pega uma das comidas de aparência esquisita que ela trouxe mais cedo.

— Foi a mamãe que fez — aviso.

— E algumas dessas coisas precisam ser comidas, ou ela vai ficar triste. — Ele nem estremece enquanto mastiga o que deveria ser um muffin. — Nunca quis aprender a cozinhar até descobrir o quanto você ama comida. Ela se esforçou para ser aceita por você. — Também pego um muffin, mas meu pai balança a cabeça. — Você está ferido. Deixa que eu como.

— Nem tente bancar o bacana. Eu não estou tão ferido assim e consigo lidar com isso. Afinal, ela os fez para mim. — Estremeço com a coisa que passou do ponto de cozimento. — Você ouviu a parte em que ela me amou à primeira vista? Coisa que não aconteceu nem com você, nem com o Eli?

Ele estreita os olhos.

— Você tem um passe livre porque está ferido.

— Isso significa que sou mais importante do que vocês dois.

— Não força a barra. E pare de agir como o Eli ou vou te dar um tapa. Ferido ou não.

— Eu trouxe biscoitinhos. — Mamãe se apressa cômodo adentro com biscoitos meio queimados que parecem Smurfs assassinados.

Papai e eu grunhimos, mas comemos até o último pedaço.

E aquela ideia que tive? Está se tornando mais realidade a cada segundo que passa.

CAPÍTULO 33
ANNIKA

É ESTRANHO COMO É POSSÍVEL QUE O TEMPO PASSE, AO MESMO TEMPO EM que permanece imóvel.

É exatamente assim que me sinto desde que fui levada de volta para os Estados Unidos.

Já faz um mês inteiro.

Um mês me convencendo a sair da cama todos os dias. Eu me levanto, falo com meu reflexo no espelho e me esforço muito para não me perder nas partes mais sombrias de mim mesma.

Para não pensar no que deixei na Ilha de Brighton e em como tenho desejado desesperadamente voltar para lá.

Mesmo que seja impossível. Mesmo que eu me machuque.

Creighton e eu fomos feitos para ser linhas paralelas que nunca se encontram. Nada teria acontecido se não fosse pelo meu caráter detestável.

Se não fosse pela minha persistência, tagarelice e tentativa de ser querida por todo mundo.

Se não fosse pela minha curiosidade tóxica e determinação idiota.

A única culpada sou eu, e mais ninguém.

É por isso que quem precisa consertar tudo e seguir em frente sou eu.

Eu não diria que consegui, mas estar aqui com meus pais, Yan e os outros certamente ajuda. Voltei para o balé e vou religiosamente aos ensaios, e também comecei a ser voluntária no abrigo que minha mãe supervisiona.

Assim estarei muito cansada quando chegar em casa e não terei outra escolha a não ser dormir, certo?

Errado.

A noite é a pior parte. É quando meus demônios vêm à tona e eu me transformo em um monte de espinhos afiados e emoções reprimidas.

É quando a saudade e os sentimentos intensos que consigo manter escondidos o dia todo se transformam em morcegos e abrem as asas na caverna do meu peito.

Como agora.

Normalmente, eu tomaria um comprimido e me forçaria a dormir. Mas não esta noite.

Esta noite, quero deixar a dor se infiltrar em mim para que eu possa sentir cada flagelo, cada açoite e cada golpe.

É o justo depois do que eu fiz.

Deito-me de costas e encaro o teto brilhante, e preciso reunir todas as minhas forças para conter as lágrimas.

Dormir sozinha nunca fica mais fácil nem parece algo normal, não importa quanto tempo passe. Não me lembro de como eu costumava dormir antes de Creighton entrar na minha vida, mas agora? Tudo o que consigo imaginar é estar aconchegada no abraço apertado de seus braços musculosos e protegida do mundo. Ele enterraria o nariz no meu cabelo e inspiraria fundo, e suas mãos fortes tocariam meu quadril, minha cintura, meus seios, minha bunda, meu pescoço.

Todos os lugares.

Agora elas não estão em lugar nenhum. Tudo o que percorre meu corpo é um calafrio, agarrando-se ao que resta da minha alma e congelando-a até a morte.

Em vez de me concentrar nesses sentimentos e ficar maluca, pego meu celular e abro o Instagram.

Durante a primeira semana em casa, excluí todos os meus aplicativos de redes sociais. A dor era tão intensa, tão forte, que nem mesmo minha obsessão em registrar minha vida foi capaz de amenizar a pancada.

Mas fiquei ávida por qualquer migalha de atualização sobre o Creighton.

Embora não falemos mais sobre ele, na verdade. É estranho perguntar quando sei muito bem que ele e todo seu grupo me odeiam.

Eu esperava que ele fizesse algo contra mim por ter atirado nele. Caramba, me denunciar à polícia seria a vingança perfeita contra a minha família. Claro, papai não permitiria que ninguém me prendesse, mas essa era uma opção válida que Creighton poderia ter escolhido.

Então imagine minha surpresa quando o Remi disse que o Creighton contou à polícia que havia sido roubado e baleado por um homem que ele não foi capaz de identificar.

Naquela noite, eu não conseguia parar de chorar. Em parte porque ele realmente me protegeu mesmo depois que eu quase o matei. Em parte

porque minha ficha de que ele não quer mais nada comigo caiu.

Realmente terminamos.

Às vezes acho que é melhor assim. Mas, muitas vezes, fico presa em um ciclo vicioso que eu mesma criei e não consigo encontrar uma saída.

A primeira foto que aparece no meu feed é do Remi abraçando de lado um Creighton inexpressivo.

Primo, melhor amigo, cria, pode escolher. Esse merdinha insolente nunca vai se livrar de mim.

Meus dedos tremem enquanto dou zoom em Creighton. Ele parece bem; seu rosto está belo como sempre, silenciosamente deslumbrante. Seus olhos permanecem imperturbáveis, embora um pouco sem vida, e mechas de seu cabelo, agora mais longo, beijam sua testa.

Às vezes, não consigo acreditar que ele se recuperou e está bem. Não consigo acreditar que a vida voltou ao seu rosto, tomando o lugar da palidez mórbida.

Às vezes, me lembro daquela versão dele que vi no hospital, ou de todo o vermelho que o cobriu por inteiro, e tenho dificuldade para respirar.

Mas ele está seguro agora.

Totalmente seguro.

Essa foi a única coisa que desejei desde o começo dessa situação, então por que não consigo simplesmente virar a página?

Por que estou sedenta pela mais simples atualização ou por qualquer vislumbre dele?

A esta altura, eu já deveria estar seguindo em frente. O tempo deveria ter me feito esquecer, como papai disse, então por que está acontecendo exatamente o oposto?

Não há respostas para as minhas perguntas, não importa o quanto eu as faça. Na verdade, elas se tornam mais complicadas quanto mais eu questiono.

Clico no perfil do Remi e olho suas outras postagens.

Creighton voltou para a faculdade faz pouco tempo (há cerca de uma semana), e todos os dias Remi tem postado uma selfie com ele ou alguma foto em que ele aparece no fundo.

Clico em uma foto do grupo e, por meio dela, vou até o perfil do Eli.

Ele deixou de me seguir e me removeu como seguidora, mas pelo menos não me bloqueou.

Sinto uma onda de choque me atravessar quando vejo a última foto que ele postou. Eli e Creighton estão seminus, com os troncos brilhando por causa da umidade, e os cabelos molhados.

Um curativo cobre parte do peito de Creighton, onde a bala entrou, e preciso de todas as forças para não engasgar com o soluço que vem.

Dia de sauna, patrocinado por este que vos fala, porque ouvi dizer que ajuda na recuperação. Bem-vindo de volta, irmãozinho. #TempoEntreIrmãos #EmBreveMaisAventurasDaBelaAdormecida

Tiro um *print* da foto, recorto o Eli, deixando apenas Creigh, e adiciono à coleção dele que tenho no meu celular.

Em seguida, adormeço encarando as fotos com os olhos marejados.

No dia seguinte, estou pronta para ser voluntária no abrigo.

— Você não precisa ir sempre, Anni — diz minha mãe quando estamos saindo de casa.

— Eu não me importo. — Verifico minha bolsa e me certifico de que meu celular está lá.

Ela segura meu ombro e meio que me obriga a encará-la.

— Você precisa de alguma coisa?

— Não, está tudo bem.

— Tem certeza?

— Aham.

— Tá bom. Que tal termos uma noite das meninas mais tarde, e depois eu durmo ao seu lado?

Nas primeiras noites após minha volta para casa, minha mãe me abraçou até que eu dormisse. Ela não me disse nada sobre seu motivo, mas deduzi que estivesse morrendo de medo de que eu fizesse algo para me machucar.

Não vou mentir, esses pensamentos me ocorreram, especialmente depois de ter pesadelos com todo aquele vermelho que cercava Creighton. Mas isso diminuiu conforme fui recebendo novas atualizações sobre como ele estava bem.

— Por favor, não, ou o papai vai me odiar por ousar tomar o lugar dele.

Ela abre um sorriso largo e arruma meu cabelo para trás.

— Deixa que com seu pai eu me preocupo. Se quiser que eu te faça companhia, me avise.

— Não precisa, não sou mais uma garotinha. — Eu posso e vou encontrar uma solução para os meus próprios problemas.

Meu celular vibra e eu o pego depressa, pensando que é uma mensagem do Remi. O nome que aparece na tela me faz hesitar.

Cecily: Como estão as coisas, Anni?

Sinto um aperto no peito e uma onda repentina de lágrimas embaça meus olhos.

Depois de tudo o que aconteceu, eu não só perdi Creighton, como também tive que abrir mão das amizades que havia feito com Ava, Cecily, Glyndon e Brandon.

Eles pararam de falar comigo, e com razão, considerando que conhecem Creighton há muito mais tempo.

Então, ver Cecily me mandando uma mensagem depois de pensar que a tinha perdido para sempre traz à tona aquelas emoções reprimidas.

Annika: Por aqui tudo bem. E com você?
Cecily: Tudo como sempre. Sentimos sua falta.

Mal consigo respirar quando a ardência familiar de lágrimas toma conta dos meus olhos.

Annika: Também sinto falta de vocês. Muita.
Cecily: Podemos nos encontrar?
Annika: Não acho que isso seja possível. Não sei se você ficou sabendo, mas não estou mais na Ilha de Brighton.
Cecily: Ah, eu sei. Estou em Nova York.
Annika: O quê? Sério?
Cecily: Neste instante estou passeando pelo Central Park como uma verdadeira turista, haha.
Annika: Me manda sua localização. Vou te encontrar.

Só quando guardo o celular no bolso é que noto mamãe e Yan me observando com expectativa.

A expressão da mamãe se suaviza.

— Boas notícias?

— Aham. Lembra da minha amiga Ces? Cecily? Ela veio me visitar.

— Convide-a para cá — sugere minha mãe. — Vou fazer um almoço para nós, e ela pode passar um tempo com você.

— Não acho uma boa ideia trazê-la para nossa casa tão cheia de guardas e seguranças. Ela se sentiria desconfortável. É melhor eu ir encontrá-la.

— Vou com você — anuncia Yan.

— Não, Yan. Só vou encontrar minha amiga, e você vai intimidá-la.

— O chefe vai arrancar minhas bolas se eu deixar você ir sozinha.

— Por favor, Yan. — Seguro seu braço e pisco várias vezes. — Só quero me sentir normal por um tempinho. Além disso, o papai tem me dado mais liberdade.

— Não quando se trata daqueles malditos ingleses — responde Yan, revelando seu desgosto extremo pela forma como todos eles me excluíram de suas vidas.

Yan sabe como eu estava animada por ter amigos, então está bravo por eu tê-los perdido com tanta facilidade.

Tentei explicar a ele que Creighton é parte da família deles, além de amigo de infância, que não me perdoariam por atirar nele, mas ele disse que, se fossem amigos de verdade, pelo menos teriam tentado me entender.

— Vai ficar tudo bem. — Eu sorrio. — Além disso, o papai não precisa saber, né, mãe?

— Isso mesmo. — Mamãe segura o outro braço dele. — Deixa ela ir, Yan. Ela merece.

— Vocês duas ainda vão ser a causa da minha morte um dia — resmunga Yan, mas me deixa ir sem escolta depois de me lembrar que devo ligar para ele ao menor sinal de inconveniência.

E que devo manter meu celular por perto, já que eles conseguem me rastrear através dele.

A verdade é que nem sempre tenho seguranças me acompanhando. Papai foi um pé no saco no começo, mas logo me deu a liberdade que prometeu, e eu não precisei mais lutar por ela.

Por algum motivo, essa vitória pareceu vazia, sem graça.

Qual o sentido da liberdade se eu não posso usá-la para estar com o homem que desejo?

Depois de dirigir por um longo tempo, encontro Cecily sentada em um dos bancos do parque, lendo um livro de psicologia e não dando a mínima para a atenção que seu cabelo prateado chama.

Ela está usando uma camiseta que diz: *Espera aí… você consegue me ver?*

No momento em que minha sombra a atinge, ela levanta a cabeça do livro e me encara.

— Oi. — Tento, mas sem sucesso, não engasgar com a palavra.

— Oi — responde ela devagar, com cuidado.

Um silêncio constrangedor paira no ar. Então, eu me sento ao lado dela.

— Não acredito que você veio para os Estados Unidos sozinha.

— Pois é, nem eu. — Ela fecha o livro, guarda-o de volta na mochila e me encara. — Você… hum… está bem?

Apoio as palmas das mãos no banco e olho para o céu. Pessoas, movimento e barulho giram ao nosso redor como o zumbido de abelhas, mas logo desaparecem. Ao contrário do que eu gostaria, o tempo não para, ele continua fluindo em um círculo infinito.

— Acho que sim.

— Você não parece bem. — A voz de Cecily suaviza.

— Não?

— Na verdade, não. Você está meio pálida e perdeu peso.

— Estou de dieta por causa do balé.

— Isso significa que você vai se mudar para cá permanentemente?

— Eu realmente não tenho escolha. É a melhor opção, de qualquer forma.

— A Annika que eu conheço não desistiria assim tão fácil só porque as circunstâncias roubaram sua escolha. Ela lutaria para recuperá-la, e se isso não funcionasse, encontraria outra solução para conseguir o que quer.

Solto um longo suspiro.

— O que eu quero é impossível.

— Quem disse?

— Aquele que eu quero. — Lágrimas invadem meus olhos, fazendo-os arder, mas eu as contenho. — Chega de falar de mim. Me fala de você.

— Ah, nenhuma novidade. — Ela parece triste, como alguém que foi abatido. Achei que ela estivesse seguindo meu tom na conversa, mas realmente parece um pouco arrasada. — Olha, Anni…

— O quê?

— Me desculpa.

— Pelo quê?

— Por ter te cortado da minha vida depois do que aconteceu. Eu não deveria ter feito isso e sinto muito.

— Vocês estavam chateados por causa do seu amigo de infância. Está tudo bem. Eu entendo.

— Não está tudo bem. — Lágrimas se acumulam em seus olhos enquanto ela segura minhas mãos. — Éramos seus únicos amigos, mas quando você mais precisava, nós te decepcionamos. Sinto muito que tenha precisado lidar com todo esse caos sozinha.

Engasgo com as lágrimas e aperto seus dedos.

— Obrigada, Ces. Você não tem ideia do quanto suas palavras significam para mim.

— Aconteça o que acontecer, pode sempre contar comigo.

— Isso significa que posso te mandar mensagens de vez em quando?

— Claro. A qualquer hora.

Abro um sorriso e afasto minha mão da dela para enxugar as bochechas.

— Como estão todos na UER?

— De volta à rotina, acho. A Glyn continua sendo sequestrada pelo Kill com frequência, como sempre. O Bran tem desaparecido constantemente. O Lan, bem, é o Lan: sempre tramando alguma coisa. O Eli anda sumido. O Remi ainda fica atazanando o Creigh para ele se juntar aos seus projetos satânicos. E a Ava está desolada porque não tem mais ninguém para ouvir suas palestras sobre moda. Outro dia, ela ficou bêbada e disse que sente sua falta.

— Também sinto falta dela.

— Apesar da cena que ela causou no hospital?

— Sim. Sei que ela não quis dizer aquelas coisas. Estava magoada e chateada, com todo o direito. Ela sempre foi próxima da mãe do Creighton, e o Eli significa algo para ela, apesar de suas tentativas de negar. Então, ela ter sido reativa faz sentido, e eu não a culpo por isso. Diga a ela que sinto muito.

— Não acha que há outra pessoa com quem você deveria se desculpar? Tipo a pessoa que de fato levou o tiro?

Meu coração dispara só com a menção dele, e levo alguns instantes para me recompor.

— E de que adiantaria?

— Nunca se sabe até tentar.

— Já era, Ces.

— Mas…

— Não vou causar estragos na minha família por causa disso. Minha mãe anda morrendo de preocupação desde que toda essa situação começou, e sua insônia voltou. Não vou ser o motivo da recaída dos problemas de saúde mental dela. Eu nunca me perdoaria.

— Então você vai se sacrificar?

— Vou fazer o que deveria ter feito desde o começo: me casar com alguém da máfia, fazer meus pais felizes e ponto-final.

— Mas e você?

— Nada de bom aconteceu quando eu me priorizei.

— Anni…

— Mal consigo manter a compostura. Estou dando o meu melhor, tá bom? Estou tentando me convencer a continuar, mesmo quando tudo o que quero é parar e deixar minha cabeça assumir o controle. Estou me esforçando *de verdade*, então, por favor, não me pressione, Ces.

— Ok. — Ela acaricia meu ombro.

— Ok?

— É, ok. Não vou fingir que sei como é estar no seu lugar neste momento.

— Obrigada. — Solto um suspiro demorado, mas isso não alivia o aperto dentro do meu peito. — Vamos comer alguma coisa?

Cecily assente e opta por experimentar a comida de rua. Comemos cachorros-quentes e bebemos muitos refrigerantes nada saudáveis, e mais tarde, eu lhe dou uma carona até o aeroporto.

Apesar das minhas tentativas de convidá-la para ficar, ela está decidida a ir embora e diz que foi uma visita de última hora, de qualquer forma.

Ela veio em um jatinho particular, então eu a acompanho até a aeronave.

— Eles não oferecem um carro que vem com esses aviões? — pergunto enquanto caminhamos em direção à escada. — Não que eu me importe de te dar carona.

— Hã… eu não pensei em perguntar. É minha primeira vez voando sozinha, lembra? — Ela força um sorriso, e eu paro de insistir.

Provavelmente está envergonhada, ou pode ter medo de voar.

— Acho que é hora de se despedir. — Paro ao pé da escada.

— Não, entra aqui comigo. Ainda tenho tempo até a decolagem. — Ela sorri. — Podemos tomar um drinque.

— Papai não vai gostar disso, apesar das minhas tentativas de provar minha ascendência russa.

— Ah, qual é. — Ela me agarra pelo cotovelo. — Tenho certeza de que ele não vai descobrir sobre um drinquezinho de nada.

— Você diz isso porque não conhece meu pai. — Mesmo assim, permito que ela me leve escada acima. — Ele conseguiria encontrar um inseto no Oceano Atlântico caso se dedicasse a tal. O Jer herdou essa característica, sabe, e às vezes me sinto excluída do clube dos Volkov descolados.

Cecily enrijece.

Paro no meio da escada.

— O que foi?

— Hã, nada.

— Você ficou toda rígida só com a menção ao meu pai e ao meu irmão. Levando em conta que nunca conheceu o papai pessoalmente, e todas as suas escapadinhas estratégicas quando meu irmão está por perto, suponho que isso tenha a ver com o Jer?

— Nãão. — Ela ri, constrangida.

— Isso não foi muito convincente.

— Você sabe que seu irmão é assustador.

— Não te assustou daquela vez que você me defendeu no clube de luta.

— Talvez eu devesse ter ficado com medo — murmura ela baixinho.

— O que isso quer dizer?

— Nada, nada. — Ela me leva escada acima, e nos sentamos frente a frente nos luxuosos assentos de veludo.

Uma comissária de bordo nos traz duas taças de champanhe e fazemos um brinde antes de beber.

Ou eu bebo, pelo menos.

Cecily me observa o tempo todo com uma expressão ansiosa.

— Isso parece estranhamente familiar, como se eu fosse embarcar num voo. — Sorrio, então hesito. — É impressão minha ou estou falando igual a

uma bêbada depois de apenas uma taça de champanhe?

Cecily se levanta.

— Já volto.

Tento segui-la com o olhar, mas meu corpo parece embriagado.

Meu pai vai me matar.

A menos que eu convença a mamãe e o Yan a me levarem para dentro de casa às escondidas.

Eu me levanto, e o avião parece sair do eixo.

Merda.

Caio para trás e bato contra uma parede.

Não. Não uma parede. *Músculos*.

Um aroma muito familiar preenche minhas narinas, rouba meu fôlego e me deixa cambaleante e ofegante. Meu corpo se aquece e meu coração acelera ao reconhecer o toque.

O mesmo toque que embalou meu sono inúmeras vezes.

Acho que estou sonhando. De novo.

Como naquelas noites tortuosas em que me imagino aconchegada nestes braços fortes. Quando tudo volta a ser como era antes de o meu mundo ser arruinado.

Mas sua voz profunda e grave soa cem por cento real quando ele sussurra:

— Você achou que tudo tinha terminado, roxinha?

Sim, eu quero dizer, mas minha língua está muito pesada. Muito grossa. Muito fora do normal.

Minhas palavras morrem na garganta e minha visão escurece.

CAPÍTULO 34
ANNIKA

PISCO E PARO POR UM MOMENTO ENQUANTO O MUNDO VOLTA AO FOCO DEVAGAR.

Espero acordar no meu quarto, mas as paredes que me recebem são completamente diferentes.

Papel de parede moderno e elegante, um sofá sofisticado, uma mesinha de cabeceira, um abajur extravagante.

Mas o quê…?

Toda a sonolência deixa os meus olhos quando me sento na cama e puxo o lençol até o pescoço, estremecendo ao som de roupas farfalhando.

Onde estou?

A última coisa de que me lembro é tomar aquela taça de champanhe com Cecily e depois cair…

Cair…

Nos braços de Creighton.

Não. Não mesmo.

Aquele foi um sonho cruel.

Devagar, devagar até demais, solto o lençol e coloco os pés no carpete felpudo.

Ainda estou com meu vestido, então deve ser um bom sinal.

Meu olhar vasculha o quarto que parece de hotel em busca de alguma pista, mas não encontro nada. Não faço ideia do que seja este lugar, mas ele cheira a dinheiro e perigo.

Procuro minha bolsa e meu celular, mas não os encontro em lugar nenhum. Até meu smartwatch sumiu.

Certo, não entre em pânico.

Não. Entre. Em. Pânico.

Abro a porta e adentro um corredor igualmente elegante, repleto de pinturas modernas. Após uma curta caminhada, chego a um pátio com vista para uma sala de estar aconchegante.

Meus dedos se agarram ao corrimão, usando-o para me equilibrar enquanto desço a escada de vidro.

Não penso duas vezes antes de me dirigir à entrada. Para minha surpresa, as portas duplas não estão trancadas. Quando as abro, esbarro em um peitoral duro.

Por um momento, acho que é uma continuação do sonho de antes.

Paro e encaro como se estivesse em transe.

As profundezas sombrias de olhos oceânicos lindos e absolutamente assombrosos me engolem com uma promessa de destruição total.

Faz muito tempo desde a última vez que vi Creighton pessoalmente, e estar na presença dele agora é como ser empurrada de uma altura fatal.

É ser jogada no meio da névoa e não ter esperanças de encontrar uma saída.

É respirar, mas não conseguir encontrar oxigênio nenhum.

É uma loucura como tudo pode mudar no espaço de um mês. Houve momentos em que achei Creighton autoritário, um pouco assustador, um pouco babaca, mas esta é a primeira vez que o acho… intimidador.

Do tipo que faz você atravessar a rua deliberadamente quando o vê se aproximando, tudo para evitar ser esmagada por sua energia desastrosa.

Ele está com sua calça jeans e o moletom de sempre. Seu cabelo, agora mais longo, está caído para um dos lados da testa, beijando-a.

Quase me esqueci do quão alto Creighton é e de como me sinto pequena perto dele. Como seus ombros largos bloqueiam o sol e ele se transforma em tudo o que vejo. Porém, ao contrário do passado, agora a diferença de altura e porte físico parece ameaçadora de verdade.

Tem a ver com a aura. Na maneira como ele me encara com imparcialidade suficiente para drenar o sangue em minhas veias e me observar murchar e morrer.

Pisco duas vezes, mas ele não desaparece. Na verdade, ele ganha mais presença.

Uma presença *real*.

Meu coração bate descompassado contra as minhas costelas, e eu poderia jurar que ele consegue senti-lo através da minha pele e das minhas roupas.

Então me dou conta. Enquanto meus seios estão esmagados contra o seu peito e o ar ao meu redor é preenchido por sua colônia.

Isto *não* é um sonho.

É mais real do que as minhas respirações e o ar misturado com seu aroma limpo e característico.

Dou um passo para trás, forçando uma distância não tão sutil entre nós.

O olhar de Creighton desce dos meus seios para a minha cintura, então até onde o vestido termina acima dos meus joelhos.

É um milagre eu não entrar em combustão instantânea diante de sua intensidade implacável antes que ele volte sua atenção escaldante para o meu rosto.

— É você — murmuro.

— Você esperava outra pessoa?

Não estou pronta para o golpe causado por sua voz perfeitamente calma e muito grave. Essa voz me causa coisas desagradáveis, me deixando absolutamente obcecada a ponto de eu tentar fazer todo o possível apenas para ouvi-la outra vez.

Inclusive assistir e reassistir a alguns vídeos antigos em que eu o incomodava para falar mais do que algumas palavras.

Mas isso não importa agora.

Dou mais um passo para trás.

— Onde estou? Para onde você me trouxe?

Sua expressão, fria e indiferente, adquire um quê sinistro.

— Para um lugar onde ninguém pode te encontrar.

— O-o quê?

— Estamos em uma ilha distante aonde ninguém consegue chegar. Nem mesmo seu pai e sua gangue de *serial killers*.

Meus lábios tremem, mas me forço a manter a calma.

— O que você fez com a Cecily? Onde ela está?

— Provavelmente já na faculdade para assistir às aulas.

— Você… a fez me enganar?

— Ninguém foi forçado a nada. Ela concordou em ajudar por conta própria, embora achasse que eu só queria conversar com você. Não contei nada a ela sobre essa parte do plano.

Quanto mais encaro seus olhos sem vida, mais meu corpo treme. É como se eu estivesse encarando um estranho, uma pessoa sem alma, sem coração e sem moral alguma.

Um ser criado para a vingança.

Isto é tudo o que Creighton sempre quis, e é a única coisa que ele busca ativamente desde que descobriu o envolvimento da minha família em sua infância trágica.

Fui e sempre serei uma ferramenta que ele usará para se vingar da mamãe e do papai.

Embora eu já tenha chegado a tal conclusão há muito tempo, esta é a primeira vez que ela é como um tapa na cara forte o bastante para fazer meus olhos arderem.

Preciso reunir todas as minhas forças para falar em um tom sereno.

— Quero ir para casa.

— Esta é a única casa que você terá. Acostume-se.

— Creighton… isto é sequestro.

— E você atirar em mim é tentativa de homicídio, mas você não me vê colocando rótulos por aí.

Eu me encolho como se tivesse levado um soco no estômago.

E não é só por causa das palavras dele. É pela maneira indiferente como fala, pela frieza que reveste sua pele e pela crueldade que irradia dele.

Não reconheço o homem que está na minha frente. Ele é uma mistura de partículas sem coração nem alma.

Preciso me afastar o mais rápido possível, antes que ele faça algo de que ambos nos arrependeremos.

Deixo meu olhar vagar para os lados em busca de uma saída.

A porta está atrás dele, e por mais que eu queira usar essa opção óbvia, não há como eu vencer Creighton no quesito físico. Ele não só é maior do que eu, como também literalmente esmurra as pessoas por pura diversão.

Não estou pronta para o que acontece a seguir.

Estou tão absorta nos meus planos de fuga que nem sequer notei o momento em que ele começou a avançar em minha direção.

No instante em que levanto o olhar, é tarde demais.

Seu corpo prende o meu, e sua mão envolve meu pescoço. Ele aperta o suficiente para que toda a minha atenção se concentre nele.

O aperto é firme o bastante para me congelar no lugar, permitindo-me apenas o ar suficiente para inalá-lo e me entregar, sem volta, a ele.

— Você não precisa ocupar essa sua linda cabecinha com ideias de fuga, porque isso não vai acontecer. Você é minha agora, roxinha, literal e figurativamente.

Minhas unhas se cravam em seu pulso.

— Creighton, para com isso, por favor…

— Não começa a implorar, porque ainda não chegamos a essa fase. — Seus dedos acariciam meu pescoço sem nem um pingo de carinho. — Vou precisar que você seja muito obediente. Consegue fazer isso?

Aperto os lábios.

— Responda à pergunta.

— Eu não sou seu brinquedinho.

— Você é mais do que isso. É o alvo da minha vingança, Annika. Você atirou em mim e precisa haver retribuição.

Eu não vejo acontecer, mas consigo ouvir meu coração se despedaçando. O coração que eu pensei que tinha morrido no momento em que puxei o gatilho obviamente não se foi por completo. Ele continua arranhando, apertando e tentando pular para fora do meu peito.

Então eu estava certa.

Eu tinha uma gotinha de esperança de que o tempo que passamos juntos significaria algo para Creighton, mas me enganei.

Ele está cego pela sede de vingança e jamais verá nada além disso.

Apesar da dor que me dilacera graças a essa amarga constatação, não vou ficar para descobrir quais são seus planos para mim.

Encaro seus olhos impassíveis, que antes eu usava como âncora, enquanto minha voz calma preenche o ar.

— Você sequestrou o Nikolai e forçou meu irmão a ir buscá-lo, e depois o fez assistir ao melhor amigo ter a garganta cortada. Você me forçou a te assistir esfaquear meu único irmão enquanto eu apontava uma arma para você. Enquanto eu estava em choque. Eu implorei para você parar, eu implorei, Creighton, mas você me obrigou a puxar o gatilho.

A tensão irradia de seu corpo em ondas enquanto sua respiração pesada preenche o espaço, roubando a minha, me sufocando, me forçando a respirar o ar inebriante.

— Eu não te obriguei a fazer nada. Foi *você* quem puxou o gatilho. Foi *você* quem escolheu sua família. Se voltássemos no tempo, você escolheria sua família de novo, não é?

Eu escolheria usar a arma em mim mesma.

Mas eu não digo isso. Porque preciso acabar com essa farsa bizarra e fazer com que ele me deixe ir.

Esta situação não é mais sobre nós dois. Vai muito além de nós; muitas pessoas com quem nos importamos estão envolvidas.

Como o pai dele e o meu, que definitivamente entrarão em conflito se algum de nós se machucar.

— Você tem razão. Eu já puxei aquele gatilho e nos matei com isso. Não podemos voltar no tempo, mas podemos sair da vida um do outro.

O aperto em minha garganta se torna mais firme até parecer que ele vai me estrangular até a morte.

— Não vai rolar.

Então, eu a vejo: a determinação, a decisão que ele já tomou sobre o assunto.

Ele não vai me deixar ir.

Nada que eu faça ou diga mudará isso. Ele não estava brincando quando me disse que eu sou dele, literal e figurativamente.

Não.

Não, não é assim que deveria ser.

Eu já estou sofrendo as consequências das minhas ações e enlouquecendo nas minhas tentativas de seguir em frente. Eu simplesmente não vou permitir que ele estrague tudo se autodestruindo.

Porque é isso que está acontecendo agora. Ele pode até pensar que é vingança, mas está se quebrando no processo.

Não penso muito antes de levantar meu joelho e acertar suas bolas.

O instante de silêncio chocado é tudo de que eu preciso. Quando seu aperto em volta da minha garganta afrouxa, eu o empurro para longe, dou a volta nele e corro para fora.

Não tenho ideia de para onde estou indo, mas se encontrar a estrada principal, um carro ou uma pessoa, poderei ir embora.

O som das ondas é a primeira coisa que me atinge ao sair, e enquanto corro, noto uma praia, um caminho rochoso e uma entrada de veículos, mas não há sinal de carros.

A casa fica perto da praia.

Certamente deve haver outros moradores por perto.

Não paro de correr, ignorando as pedras arranhando as solas dos meus pés.

Se eu não for embora, minha família será arrastada para essa situação, e eu não posso… simplesmente não posso ser forçada a escolher novamente.

Isso vai me matar desta vez.

Passos fortes soam atrás de mim, seguros e compostos, antes que sua voz áspera me alcance.

— É inútil.

— Eu vou para casa! — grito sem olhar para ele. Se eu o fizer, as coisas só vão piorar.

Seus passos se aproximam e eu solto um gritinho quando ouço sua voz perto do meu ouvido.

— Então é melhor você correr. Se eu te pegar, já era.

Eu me sobressalto, mas não paro.

Não olho para trás.

E, com certeza, não penso.

Acelero em direção à praia. Deve haver alguém lá, assim como a praia da Ilha de Brighton nunca ficava vazia, mesmo durante os dias frios e com vento forte.

Meu coração acelera quando meus dedos dos pés se enterram na areia branca.

Além da água tropical e das plantas, não há nada à vista.

Eu me viro, de costas para a água, enquanto Creighton se aproxima de mim. Ele parece mais grandioso que um deus e tão perigoso quanto o diabo.

Deveríamos ser estranhos novamente, inimigos até, mas não tem bala no mundo que possa matar as nossas memórias. Na verdade, o tempo as tornou amargas, afiadas e cheias de tensão.

— Para com isso. — Levanto as duas mãos. — Ou juro que vou gritar.

— Vai em frente. — Sua voz diminui conforme ele marcha em minha direção. — *Grita*.

— Não estou brincando.

— Nem eu.

A cada passo que ele dá para frente, dou um para trás.

— Socorro! — grito a plenos pulmões, até minha garganta arranhar. — Alguém me ajuda!

Creighton permanece imperturbável com meus pedidos, absolutamente indiferente. Quanto mais grito, mais perto ele chega, seu rosto como gelo.

— Ninguém pode te ouvir — esclarece ele, continuando a perseguição de gato e rato. — Esta é uma ilha privada.

— Uma *o quê*?

— Ilha privada. No meio do nada. Ninguém vai conseguir te salvar de mim.

Dou um pulo quando algo gelado atinge minha perna. A água. Estou na beira da praia agora, o mar às minhas costas e este homem sem emoções à minha frente.

E sei exatamente qual opção estou disposta a enfrentar. Corro em direção à água.

— Não — grita ele atrás de mim.

Mas não estou ouvindo; continuo avançando sem parar, apesar da ardência da água salgada e de meus dentes estarem batendo devido ao frio.

— Annika, para. — No passado, a autoridade em seu tom de voz teria me deixado de joelhos.

Agora, outras coisas estão em jogo, então eu ignoro.

A água chega à minha cintura, mas continuo avançando.

— Annika! Essa parte é funda…

Suas palavras são interrompidas quando dou mais um passo e não encontro areia. Afundo na água com um grito repentino.

Sou totalmente submersa em segundos. Tento nadar até a superfície, mas é como se uma mão invisível me puxasse para as profundezas do nada.

Bolhas escapam da minha boca e o pânico invade meu peito. Nunca fui uma boa nadadora e sempre me segurei em uma boia na piscina, algo em que eu deveria ter pensado quando escolhi a opção do oceano.

Merda.

Debato as pernas debaixo d’água e jogo as mãos para cima, mas quanto mais impulso tento dar, mais afundo.

A luz que vem de cima escurece para um azul-escuro e minha visão se torna preta.

Se eu soubesse que este seria o fim, eu teria… feito algo diferente.

Eu teria...

Uma mão me agarra pelo cotovelo e me puxa de volta à superfície. Tusso e balbucio, incapaz de respirar rápido o suficiente para suprir a necessidade dos meus pulmões.

Ainda que o cabelo esconda parte da minha visão, já turva, consigo distinguir o homem que me envolve pela cintura. Usando apenas uma das mãos e dando braçadas vigorosas, ele nada em direção à praia.

Suas roupas estão encharcadas, o cabelo gruda na testa e um músculo se contrai em seu maxilar.

É injusto que ele tenha uma aparência deslumbrante. Que ele transborde masculinidade selvagem sem precisar fazer esforço.

Isso não deveria ser permitido, não quando estou me esforçando ao máximo para fazê-lo cortar laços comigo.

Assim que a água se torna rasa, na altura dos nossos joelhos, tento me soltar. Ele não só não me solta, como também para e me puxa contra seu tronco com um tranco.

Fico sem fôlego enquanto encaro seus olhos furiosos.

— Creighton…

— Cala a boca, Annika. Estou a um triz de perder o controle. Não me teste.

— Qual é o seu problema?

— Qual é o meu problema? Não sei. Me diga você. Já que achou uma ideia brilhante pular em águas profundas.

Um arrepio percorre minha pele; não tem nada a ver com o vento, é mais por causa do tom de sua voz, da preocupação nela, do cuidado que ele provavelmente não quer demonstrar.

Minha voz suaviza.

— Eu não sabia que era tão fundo assim.

— Eu te disse para parar, ou não disse?

— Bem…

— Responda à porra da pergunta.

— Disse, sim — sussurro por hábito, e então o olho carrancuda. — Mas você estava bloqueando meu caminho. Eu não tinha para onde ir.

— E você nunca terá. — Seus lábios se chocam contra os meus, e por um segundo, fico atordoada.

Por um segundo, acho que estou de volta às garras daquele sonho cruel, imaginando os lábios carnudos de Creighton nos meus.

Esse pensamento logo se dissipa quando ele enfia a língua dentro da minha boca. Uma mão agarra meu cabelo molhado e a outra me puxa contra si pela cintura.

Creighton não se limita a me beijar: ele me devasta e me devora. É um choque de dentes, lábios e línguas. É uma reivindicação animalesca que visa me lembrar de que sempre pertenci a ele.

Coloco as duas palmas em seu peito, tentando afastá-lo, tentando com todas as minhas forças pôr fim a essa loucura.

Mas ele intensifica as coisas, beijando-me com mais força, devorando-me de maneiras que pensei que nunca mais seriam possíveis.

E eu simplesmente não consigo lutar contra ele.

Nem física, nem emocionalmente, tampouco mentalmente.

Ainda assim, consigo me afastar, respirando com dificuldade.

— Não… Creighton…

— Não o quê? — Ele puxa meus cabelos com mais força, e sua outra mão segura meu seio através do vestido transparente e belisca um mamilo dolorosamente duro. — Não devo te tocar? Te possuir como se fosse minha?

Uma descarga de prazer começa onde ele está me tocando e termina entre minhas coxas.

Faz tanto tempo. Não importa o quanto eu tenha me tocado, não importa quantas vezes eu tenha imaginado seu rosto e seu toque impiedoso, nada poderia me trazer o êxtase ilimitado que ele é capaz de desencadear.

— Apenas para com o que quer que esteja fazendo. — Cravo meus dedos em seu moletom. — Me deixa ir para casa.

— Para você ser a bonequinha perfeita dos seus pais e se casar com quem eles escolherem?

— E se for isso mesmo? Não é da sua conta.

— Não é da minha conta? — Sua voz se torna sombria, sincronizada com seus olhos. Eles se tornaram obscuros agora, como uma noite sem estrelas.

Ele torce meu mamilo com tanta força que eu arfo, mas não para por aí. Ele puxa o zíper do meu vestido e o arranca de mim, e logo em seguida, o sutiã. Suas mãos são rápidas, meticulosas e tão ferozes que me deixam zonza.

Meu vestido e sutiã são jogados na faixa de areia, mas minha calcinha não tem o mesmo destino. Ele praticamente a rasga, deixando os pedaços se espalharem pelo oceano.

Quando ele belisca meu mamilo sensível outra vez, é pele contra pele, carne contra carne, e há tanto domínio que eu me derreto. Estou tão tonta que o mero bater das ondas contra minhas pernas me faz balançar.

— Tudo em você é da minha conta, porra. — Ele solta meu cabelo para abrir o zíper da calça jeans e tirar seu pau duro. — Você pode ter pensado

que havia acabado, mas não acabou. Longe disso.

Ele coloca as mãos debaixo das minhas coxas e me levanta, de modo que eu não tenho escolha a não ser envolver minhas pernas em volta de sua cintura e circundar seu pescoço com uma das mãos.

No momento em que procuro seus olhos, ele me penetra de uma só vez. Minha cabeça cai em seu ombro com a força da estocada, e eu solto um som estrangulado.

Faz apenas um mês, mas parece um ano.

Ele fica ali por um tempinho, imóvel enquanto respiramos um ao outro, mergulhando no agora. As ondas quebrando ecoam ao nosso redor e cravamos nossos dedos um no outro. Bem quando estou me entregando ao momento, ele enfia o pau ao máximo, até eu estremecer.

Então, faz isso de novo e mais uma vez, me penetrando em um ritmo implacável, me fodendo, me possuindo.

Me punindo.

Minha cabeça repousa nele e cravo minhas unhas em suas costas.

É uma tentativa inútil de machucá-lo tanto quanto ele está destruindo meu mundo. Ele me fode com tanto controle e assertividade que não tenho escolha a não ser deixar acontecer.

Eu o desejo tanto que isso me enlouquece. Eu o desejo com a mesma ferocidade com que ele me deseja.

— Essa boceta é minha. *Você* é minha, Annika. Nada nem ninguém vai mudar isso. Nem seu pai. — *Estocada.* — Nem seu irmão. — *Estocada.* — Nem mesmo você.

Ele está instável. Não há como pará-lo e certamente não há como argumentar com ele. Ele me penetra com uma força que eu nunca havia experienciado, e isso diz muito, já que ele sempre foi intenso.

Desta vez, ele nem precisa infligir dor. Ele é a própria dor transbordando de prazer. Um ponto de luz no meio da escuridão.

Ele é tanto o Sol quanto a Lua, e eu não tenho como escapar de sua órbita.

— Creighton… — gemo, empurrando seu peito. — Vai mais devagar… eu não aguento.

— Aguenta, sim. Você sempre aguentou.

— Isso é demais. — Mas também é exatamente o que eu preciso.

— Sabe o que é demais? Você achar que pode se casar com um imbecil qualquer depois que eu te reivindiquei. Depois que eu deixei a porra da minha marca em você. — Ele desliza a mão até meu maxilar, inclina-o para trás e morde meu pescoço. *Com força*. Tão forte que eu arfo. — É acreditar que eu te deixaria ir.

— Mas você odeia a minha família. — Soluço as palavras que me atormentam, as palavras que tornam esse prazer tão zoado.

— Eu ainda posso te foder. — Sua língua se projeta para fora e ele lambe minhas lágrimas, então sussurra: — Lembre-se disto, Annika: Nunca houve um dia em que você não tenha sido minha.

Então ele me penetra tão fundo que atinge meu ponto G, e de novo.

E de novo.

No momento em que seus dentes voltam a encontrar a carne sensível da minha garganta, um orgasmo intenso me atinge, e eu faço barulho suficiente para perturbar qualquer criatura viva em um raio de um quilômetro.

Creighton não diminui o ritmo, não pega leve e certamente não para.

Ele continua como uma máquina determinada a destruir. Ele me fode e bate na minha bunda. Ele puxa meu cabelo e morde meu pescoço, meu ombro, o topo dos meus seios sedosos — qualquer lugar que consiga alcançar.

Quando ele enrijece e se derrama dentro de mim, estou exausta.

Total e completamente satisfeita.

— Minha — rosna ele contra meus lábios enquanto os devora outra vez, os rasga com os dentes e os fode com a língua.

É um beijo possessivo.

A declaração de uma reivindicação selvagem.

Não consigo evitar as novas lágrimas que escorrem pelo meu rosto.

Eu me odeio por desejar o homem que só me enxerga como uma forma de vingança.

Eu me odeio por não me esforçar mais para fugir.

Mas eu vou.

Mais cedo ou mais tarde, vou terminar este relacionamento fadado ao fracasso, e desta vez, sem envolver minha família.

CAPÍTULO 35
CREIGHTON

ANNIKA ESTÁ EM SILÊNCIO DESDE QUE A CARREGUEI PARA DENTRO DE CASA.

Ela não emitiu nenhum som quando a coloquei em frente ao chuveiro, mas fechou a porta na minha cara.

As chances de eu arrombar aquela porta e a comer no chão como um animal selvagem eram de quase cem por cento, mas reprimi o impulso.

Primeiro, porque não gostei da tristeza nos olhos dela.

Segundo, estou perdendo o controle.

Eu sinto isso, percebo o cheiro no ar e o impacto contra minhas costelas.

Quando bolei este plano pela primeira vez, pensei em possuí-la, fazê-la pagar. Me vingar enquanto a mantenho comigo.

E, embora esse plano ainda esteja de pé e em andamento, algo mudou.

Eu não contava com como seria vê-la outra vez. Vê-la *de verdade*.

Com seu vestido roxo e sapatinhos delicados, me lembrando raios de sol e unicórnios. Fui pego de surpresa por seu perfume com cheiro de violeta. Sempre violetas.

Violetas. Violetas. E, maldição, mais *violetas*.

O cheiro se infiltra sob minha pele, rasgando os tendões e se instalando na medula dos meus ossos.

Eu não contava com ouvir sua voz suave, gemendo, implorando para que eu fosse mais devagar.

Para deixá-la ir.

Se as coisas tivessem passado do ponto, ela teria usado a palavra de segurança.

Tiro a roupa e entro no chuveiro do andar de baixo, deixando a água gelada me banhar.

Cada canto do meu corpo vibra com a sensação de sua pele macia, o som de seus gemidos, que poderiam ser canções de ninar para a minha besta, e violetas.

Violetas permeiam o ar, contrastando com o cheiro do mar.

Venho imaginando Annika nua e às vezes amarrada à minha cama desde que acordei no hospital.

Uma fantasia se transformou em cem, depois em mil, uma sobrepondo a outra e saindo de controle até que ficasse transtornado.

O que provavelmente é o motivo de eu ter agido como um homem das cavernas quando a fodi sem piedade nenhuma há pouco.

Mas foi ela quem não calou a boca, continuou falando em ir embora e até cogitou a ideia de ficar com outro homem.

Outro. Homem. Caralho.

Dou um soco na parede, a água fria ineficiente para dissipar minha libido ardente e a raiva que borbulha dentro de mim.

Depois de mais algumas tentativas inúteis de me acalmar, saio do chuveiro, visto um shorts e subo as escadas apressado.

Giro a maçaneta da porta do quarto, apenas para descobrir que está trancada.

Meu punho aperta o maldito objeto, mas me forço a soar impassível.

— Abre a porta.

Nada.

Bato na madeira.

— Eu sei que você consegue me ouvir, Annika. Abre.

Sem resposta.

— Se você acha que uma porta pode me impedir…

— Me deixa em paz! — grita ela, com a voz tensa antes de se tornar frágil. — *Por favor.*

Não gosto do tom dela.

Está cutucando aquele canto do meu coração que tem o nome dela gravado por toda parte.

Nunca ouvi Annika soar tão destruída, mas desde que ela apontou aquela arma para mim, vem perdendo devagar, mas de vez, sua chama, sua alegria e o que a torna quem ela é.

Quase não posta mais nas redes sociais, e quando o faz, não são mais fotos felizes, cheias de alegria e vida. São mais sobre as aulas de balé, os abrigos e coisas do tipo.

Ela está mais interessada em postar sobre pessoas em situação de rua e os colegas que se voluntariam com ela — incluindo um filho da puta com cara de mais velho que anda grudado nela feito supercola com frequência.

E ela sorri de verdade para ele.

E ela o chamou de “meu santuário” em uma de suas postagens.

Considerei matá-lo antes de levá-la para fora dos Estados Unidos, mas isso teria atrapalhado o plano, então optei por definir prioridades.

No entanto, o babaca continua no topo da minha lista de inimigos.

— Vou contar até três para abrir a porta antes que eu a arrebente. — Minha voz sai áspera, fria, cortante. É a mesma voz que eu tinha antes de deixá-la entrar na minha vida, antes de permitir que levasse um pedaço meu, pedaço que ela, de maneira tão conveniente, dizimou.

— Eu só preciso de um tempo sozinha. — Sua voz abafada responde do outro lado.

— Um, dois…

Estou prestes a bater meu ombro contra a porta quando ela se abre e Annika aparece na soleira.

Toda pequena e quebrada. Toda triste e minúscula para caralho.

Ela usa um roupão e nenhuma maquiagem, o que a faz parecer mais jovem, e seu cabelo meio molhado cai sobre seus seios redondos cobertos.

E meu colar.

Ela ainda está usando o colar que eu dei a ela de aniversário. Quando o vi no avião, quase surtei. Por algum motivo, pensei que ela tentaria apagar todas as lembranças que tinha de mim, mas talvez não seja o caso.

Espero raiva na pior das hipóteses, e aborrecimento na melhor, mas quando seus olhos azul-acinzentados brilhantes encontram os meus, não há nada ali. Eles estão sem rumo, turvos e absolutamente sem vida.

Eles têm uma semelhança assustadora com o meu olhar durante a época em que escapei daquele inferno quando criança.

Naquela época, evitei me olhar no espelho por meses, porque o reflexo que eu enxergava não era diferente de um monstro, e aquilo me abalava muito.

— Você não deveria tentar não machucar o ombro…? — Suas palavras sem emoção somem quando ela se concentra na lembrancinha que me deu.

Seus lábios se entreabrem, tremendo enquanto ela observa o ferimento no meu peito. É um buraco vermelho e feio; minha mãe e minha avó sugeriram que eu fizesse uma cirurgia plástica para arrumá-lo.

Uma sugestão que descartei logo de cara.

Fico feliz por ter feito isso, nem que seja apenas pelo turbilhão de emoções que dançam nos olhos de Annika.

Ela não está mais entorpecida, opaca e sem vida agora que seus sentimentos transbordam em um borrão de cores.

Sua mão trêmula se estende rumo ao ferimento, mas eu agarro seu pulso, parando-a no meio do movimento.

— Quem te deu permissão para me tocar?

Annika se encolhe, seus lábios formando um "O" enquanto ela treme.

— Eu…

— Você o quê? Está tentando terminar o que começou, me matando desta vez?

— Eu nunca quis te matar. Se eu quisesse, você já estaria morto. Eu te falei que não erro, mas tentei, mesmo quando não estava pensando direito. — Um soluço escapa de sua garganta. — Eu só queria te parar.

Eu a empurro para trás usando a mão que já segura seu pulso, meu peito subindo e descendo em respirações ofegantes.

Annika cambaleia para trás e faz uma careta, seu rosto se contraindo enquanto ela levanta o pé do chão.

Hesito, e toda a raiva que eu planejava descontar nela se dissipa e vira um sentimento muito mais intenso.

A necessidade de protegê-la.

Qual a porra do meu problema? Ela atirou em mim, e tudo o que eu quero é acabar com qualquer coisa que a machuque. Tudo o que eu quero é mantê-la a salvo do mundo.

Mas não de mim mesmo.

Inspeciono seu pé, o qual ela está apoiando na panturrilha.

— O que foi?

— N-nada.

— Annika, não fode. Qual é o problema?

Ela me encara com aqueles olhos redondos, tão grandes e atormentados.

— Acho que cortei meu pé mais cedo, mas não é nada demais…

Suas palavras terminam em um gritinho quando a carrego como uma noiva para a cama. No momento em que a jogo no colchão, ela se levanta de novo.

— E-eu estou bem, sério.

— Senta aí, porra.

Ao meu comando, ela afunda na cama, e então vou até o banheiro pegar um kit de primeiros socorros.

Uma sensação estranha toma conta de mim quando a encontro na exata posição em que a deixei, com os olhos fixos na porta do banheiro.

Ajoelho-me diante dela e apoio sua perna na minha coxa para inspecionar as solas dos seus pés. De fato, há alguns cortes com sangue, e embora não sejam muito fundos, definitivamente seriam um contratempo.

Devido à sua paixão pelo balé, Annika nunca, e eu quero dizer *nunca* mesmo, permite que seus pés sofram qualquer ferimento. Ela me disse que eu poderia açoitá-la e espancá-la em qualquer lugar, mas que seus pés eram zona proibida. O mais perto que consegui chegar deles foi amarrar seus tornozelos.

Então, vê-la ser tão descuidada em relação a eles me deixa com vontade de matar alguém.

Pego uma embalagem de água oxigenada, limpo os cortes em seus dois pés e começo a aplicar a pomada.

— Da próxima vez que você se machucar, juro por Deus… — Paro de falar quando percebo a tensão na minha voz.

Quanto mais a toco, mais rápido a dor e a raiva me consomem.

Sinto o tremor em seu corpo antes que sua voz suave preencha meus ouvidos.

— Não foi minha intenção. Eu só queria…

— Fugir — termino a fala por ela. — Isso não será possível, porra.

— Meu pai vai vir atrás de mim — murmura ela, mas não soa como uma ameaça, é mais como se estivesse me informando dos fatos. — Ele vai me encontrar, e achar você, e quando isso acontecer, as coisas vão acabar mal.

— Esta ilha não aparece no mapa, e eu deixei todos os seus pertences nos Estados Unidos. Ele não vai conseguir te rastrear.

O silêncio domina o ambiente enquanto continuo passando a pomada em seus cortes sem olhar para ela.

Depois de um momento, ouço sua voz gentil novamente, toda elegante, melódica e feita para mim.

— O que você planeja fazer comigo, Creighton?

— Ficar com você.

— E depois?

— Não tem *depois*.

— Por quanto tempo você pretende ficar comigo?

— Não há um prazo.

— Então, vamos morar nesta ilha pelo resto de nossas vidas?

— Se assim for preciso.

— Você não pode fazer isso. — Sua voz se torna apavorada. — Nós dois temos nossas vidas, famílias, amigos, um futuro.

— Não vou deixar que um futuro em que você se casa com outra pessoa exista, Annika. — Fecho o kit de primeiros socorros, prestes a me levantar e me recompor antes de agir de acordo com os pensamentos sombrios que passeiam sem controle pela minha mente.

Uma palma suave pousa em meu peito, acariciando o ferimento de bala cicatrizado, tocando, tremendo, explorando.

— Dói?

— Dói. — Pego a mão dela e a coloco sobre o órgão palpitante ao lado. — Bem aqui.

— Sinto muito. — Ela se abaixa, ficando de joelhos, de frente para mim, e vejo lágrimas de dor rolando por suas bochechas. — Sei que nada do que eu disser pode desfazer o que aconteceu e nenhuma desculpa é capaz de justificar, mas quero que você saiba que me odiei todos os dias desde então. Não consegui dormir, comer, nem respirar direito, e só consegui sobreviver até agora depois de saber que você estava vivo. Sinto muito, *muito mesmo*, Creighton.

— Pedir desculpas não é suficiente. — Cravo meus dedos nas costas da mão dela. — Você vai precisar me compensar pelo resto da vida.

Ela respira com dificuldade, o som ecoando no ar.

— Se eu fizer isso, você vai deixar o seu rancor de lado?

— Não se preocupe com isso.

Seus olhos brilham com aquele quê desafiador e irritante.

— Você pode descontar sua raiva em mim o quanto quiser, mas não vou permitir que me use para destruir minha família.

— Você não tem escolha.

Ela começa a se levantar, mas eu a empurro de volta para o colchão.

Antes que possa se mover, abro a gaveta da mesinha de cabeceira, pegando as cordas e os brinquedos que preparei especialmente para ela.

Os olhos de Annika se arregalam, e ela luta contra mim, mas é inútil.

— Eu não fiz nada para ser punida.

— Vamos lembrar o que você fez de errado. Além de atirar em mim, você foi embora. — Amarro suas mãos na cabeceira da cama. — Você evaporou, desapareceu, me deixando para morrer.

Aos poucos, ela para de lutar.

— Eu não queria ir. Papai me obrigou.

— Estou de saco cheio do seu pai. — Vou até seus tornozelos, amarrando-os aos pés da cama.

Ela testa as cordas, mas sabe que é melhor não as puxar, pois só vão apertar ainda mais o nó.

— É por isso que você está tão bravo? Porque eu fui embora? Eu não tinha permissão para te visitar, mas eu queria, Creighton. Se dependesse de mim, nunca teria saído do seu lado. Mesmo que eu fosse presa por isso.

— É por isso que você voltou para os Estados Unidos pronta para se casar com o primeiro filho da puta que seu pai escolhesse para você? — Eu fico aos pés da cama, mexo em um brinquedo e o ligo. — Ele é aquele maldito mais velho para quem você vivia sorrindo e que chamou de santuário?

— O quê? Não… — Suas palavras terminam em um gemido quando eu enfio o brinquedo com tudo em sua boceta e coloco a extensão do vibrador contra seu clitóris.

O nó do cinto do roupão dela se desfaz sob meus cuidados. Ela se arqueia para longe do colchão e as cordas a puxam de volta para baixo. Um seio rosa me provoca por baixo do tecido, o mamilo se contraindo e enrijecendo, querendo atenção.

Mas essa visão não é suficiente.

Nada é suficiente quando se trata dessa garota.

Sou atormentado por essa necessidade de deixar minhas marcas na pele dela, e dentro, para que não consiga respirar sem me sentir.

Para que seja incapaz de *respirar* sem mim.

Incapaz de existir se eu não estiver lá.

Quero que ela sinta a dor do caralho que senti quando acordei e descobri que ela tinha ido embora.

Puxo o plug de volta, e seus olhos se arregalam enquanto ela luta contra as amarras. Meus movimentos são metódicos enquanto cubro o brinquedo com os fluidos que jorram de sua boceta.

Preciso de toda a minha força para não substituir os brinquedos pelo meu pau latejante. Mas vai acontecer.

Com o tempo.

— Aposto que sua bunda sentiu falta de uma surra, roxinha.

Um gemido é toda a resposta que recebo enquanto enfio o plug em seu ânus. O som se transforma em um choramingo quando o empurro para dentro, sem parar, só para atiçá-la.

Quando ela está ofegante, com a pele ficando rosada ao se preparar para o orgasmo, solto o brinquedo.

— *Não* goza.

Reforço minha ordem com um tapa em sua bunda e então vou até o guarda-roupa.

Annika se contorce, tentando sem sucesso criar mais atrito, mas seu olhar me segue.

Meus dedos se fecham em torno de um cinto de couro, e eu o enrolo lentamente em meu punho enquanto volto para a cama. A luta de Annika cessa, seus lábios se abrem ao ver o objeto, e um rubor cobre sua pele de vermelho.

— Você achou que conseguiria seguir em frente tão fácil assim? Acha que eu deixaria? — Exponho seus seios empinados e acerto o cinto nos mamilos duros.

Ela convulsiona, arqueando-se antes de ser segurada pelas cordas.

— Argh… — Seus olhos expressivos encontram os meus, suplicando, implorando, pedindo. — Não… Creigh…

— Não me chama assim. — Duas chicotadas sucessivas descem sobre seus seios e vagina, fazendo-a gritar e soluçar. — Você perdeu o direito de me chamar assim.

Lágrimas escorrem por suas bochechas enquanto seus buracos abrem e fecham, se contraem e imploram contra os brinquedos. Aumento a intensidade, apreciando a visão de seus fluidos por todo o colchão. Vou fazê-la encharcar os lençóis até que não lhe reste nada.

Eu a açoito no ritmo do vibrador, e ela grita quando um orgasmo escapa de si com força.

— Você não merecia, mas vou te torturar com isso. — Eu a golpeio na boceta e aumento a velocidade do vibrador.

Cada vez que um orgasmo é arrancado dela, ela irrompe em soluços, se contorcendo e fazendo com que as amarras se apertem contra sua pele de porcelana.

Pele que está cheia das minhas marcas; toda vermelha, irritada e minha.

Seu rosto está corado, coberto de lágrimas e suor, que escorrem pelo pescoço e cobrem seu corpo.

A cada orgasmo, ela se torna mais letárgica, transbordando com uma sobrecarga de estímulos. Toda vez que penso que ela não consegue mais gozar, ela vai lá e goza, com um gemido baixo e um movimento brusco dos quadris.

Mas ela não usa a palavra de segurança nem uma única vez. Aceita tudo, cada parte depravada da situação. Seus olhos até brilham de desejo sempre que a açoito e a provoco até o orgasmo.

Essa garota foi feita para mim. Sua submissão é tudo o que eu sempre desejei. Tudo o que eu queria.

Mas algo em seus olhos me incomoda. Eles voltaram àquele estado triste, àquele opaco absoluto e sem vida.

Desfaço suas amarras, e ela se encolhe cada vez que minha pele encontra a sua. Considerando o número de orgasmos que arranquei dela, qualquer toque deve ser como um raio atravessando seu corpo.

Annika afunda na cama, com os lábios entreabertos e secos. Definitivamente, está desidratada. É por isso que está letárgica?

Desligo os brinquedos e os retiro dela.

Ela geme, mas não tenta se mover, afogando-se na poça do próprio tesão.

Eu planejava terminar o momento fazendo com que ela admitisse que estava errada e que me escolheria desta vez, mas algo me diz que esta não é a hora certa para isso.

— Terminou? — sussurra ela, sua voz rouca e áspera.

— Estou só começando.

— Para com essa loucura.

— Use sua palavra de segurança.

— Não. Não se trata de sexo. Eu só quero que você pare com esse tormento. Por favor. — Ela funga.

Meus músculos se contraem e o ferimento cicatrizado de bala queima.

— Você está implorando pelos motivos errados. Está implorando pela sua família quando deveria estar implorando por mim.

— Não posso simplesmente cortá-los da minha vida.

— Pode. Eu faço isso acontecer.

Seu queixo treme e novas lágrimas começam a escorrer pelo seu rosto.

— Este não é o Creighton que eu conheço. Este não é o homem por quem me apaixonei.

Suas palavras tristemente proferidas e a angústia por trás delas são como uma corda no meu pescoço.

Ela odeia o fato de me amar; ou de ter me *amado*. E eu quero me banhar no sangue de quem a fez mudar de ideia.

De quem a fez cravar uma faca, ou, melhor, uma bala, no meu peito.

— O Creighton que você conhecia foi morto quando você atirou nele.

— Creigh…

— Falei para não me chamar assim.

— Mas…

— Cala a boca e presta atenção, Annika. Você nunca vai se livrar de mim, a menos que atire de novo. Mas, desta vez, mire direto na porra do meu coração.

Ela chora com mais intensidade.

Finjo que suas lágrimas não me afetam enquanto a hidrato, a faço comer, dou banho nela e a deixo dormir aconchegada no meu peito.

Com uma faca na mesa de cabeceira. Uma faca que ela pode pegar a qualquer momento e usar para me matar de verdade. Se ela fizer isso, que assim seja.

Porque eu falei sério. A morte é a única coisa que me manterá longe dela.

CAPÍTULO 36
ANNIKA

UMA SEMANA SE PASSOU.

Uma semana inteira presa em uma ilha a sós com ele.

Uma semana inteira sendo atormentada por Creighton, colocada de joelhos em submissão, com brinquedos enfiados em mim, forçada a ter orgasmos. Tendo orgasmos negados.

Tudo o que puder imaginar.

Uma semana inteira lutando, negociando e implorando. Tentei argumentar com ele, dizer que não só meus pais estão morrendo de preocupação, mas os dele também devem estar.

Tentei dar uma joelhada nas bolas dele de novo e correr, mas isso só me fez ser açoitada até eu chorar enquanto gozava, e então ele me fodeu.

Ele me puniu e me levou ao limite, onde a única coisa que eu conseguia fazer era gemer o nome dele e me odiar por isso.

Completamente. Totalmente.

Eu me odeio porque não importa o quanto eu queira ir embora, eu também quero ficar.

Eu quero dormir aconchegada em seus braços. Eu quero ser fodida por ele até enlouquecer. Quero acordar deliciosamente dolorida e marcada.

Quero que ele deixe essas marcas em mim e depois cuide delas com bálsamo. Ele também as beija com frequência, me fazendo tremer de prazer e raiva de mim mesma.

Afinal, como posso desfrutar da companhia de um homem que se recusa veementemente a nos deixar ter um recomeço?

Como posso encontrar prazer nesta situação, quando minha família provavelmente está sofrendo por causa disso?

Ontem à noite, tive um pesadelo sobre a saúde mental da minha mãe se deteriorando e não consegui voltar a dormir.

Depois de me revirar na cama, Creighton acordou e me fodeu para eu cair no sono de novo.

Ele tem agido como uma fera insaciável desde que chegamos à ilha. Não importa o que eu faça, ele está em cima de mim como um tarado com a estamina de um demônio do sexo.

Se eu sair para correr na praia de manhã, ele se junta a mim e depois me fode na pedra mais próxima.

Se tento cozinhar, ele me irrita até dizer chega, sempre por perto como a dona Morte. Depois da refeição, me devora na mesa da cozinha.

Às vezes, isso acontece durante o preparo da comida.

Se estou tentando praticar balé para não perder a forma, ele se senta na minha frente, observando cada movimento meu como um falcão. Aí ele rasga minha meia-calça e me come no chão.

Essa acabou sendo a transa mais animalesca até agora, com meu lindo tule roxo em farrapos pelo chão.

Não tenho ideia de como ele trouxe minhas coisas para cá, mas definitivamente as pegou da Inglaterra. Quando saí da Ilha de Brighton, não levei tudo comigo.

Uma parte de mim esperava que eu voltasse.

Essa parte nunca contou com a depravação de agora.

Juro que não foi isso que eu quis dizer quando contei às meninas que minha fantasia era ser sequestrada.

Ou talvez tenha sido.

Mas os motivos que o levaram a isso deixaram um gosto amargo na minha boca.

Coloco a sopa de cordeiro e o peixe com fritas que Creighton preparou na mesa do pátio, com vista para o mar cristalino, e ele traz minha salada.

Acabamos entrando nessa rotina doméstica que seria um sonho em outras circunstâncias.

Fazemos nossas corridas matinais ou nadamos juntos, às vezes completamente nus. Ele pesca perto da pedra, e eu tento ajudar, mas acabo mais atrapalhando que tudo. Depois, tomamos banho juntos. Ele me observa treinar antes de preparar o almoço, e então caminhamos pelas montanhas da ilha a ponto de cada dia ser uma aventura. Conversamos sobre tudo (está mais para eu falo e ele apenas responde). Falamos sobre a faculdade, a vida e arte, como se nada tivesse dado errado. E ele se fecha completamente quando pergunto se vamos sair dali.

— Eu posso cozinhar às vezes, sabia? — Sento-me de frente para ele e me encolho com o desconforto na minha bunda.

É impossível me mover sem senti-lo ainda dentro de mim; um fato que ele percebe e gosta, a julgar pela leve contração do seu lábio superior.

— Eu fico com a parte de cozinhar.

— Achei que você não sabia.

— Isso foi há mais de um mês. Eu aprendi.

Assinto e pego um pouco de salada.

— Posso pegar um pouco de fritas?

— Fritas?

— Batata frita, fritas, tanto faz.

— Você não precisa pedir. — Ele empurra o prato inteiro na minha direção.

— Nossa. Você realmente está dividindo sua comida. Quando nos conhecemos, você quase me matou porque eu pedi um pedacinho.

Aquilo parece ter acontecido há séculos. Acabei me apaixonando por Creighton à primeira vista. Ele era silencioso, estoico e bonito, a receita perfeita para mexer com meu coração. Apesar de sua melancolia, eu ansiava por revelar o homem que se escondia dentro dele.

Ansiava por cravar minhas garras em sua pele e arrancar a parte secreta para fora.

Mas talvez eu devesse ter ouvido os avisos dele e de todos os outros e ficado longe. Talvez então não estivesse na situação em que me encontro agora.

— Você era uma desconhecida naquela época — diz ele, pegando um punhado de batatas fritas e praticamente fazendo um montinho em cima da minha salada. — Agora não é mais, então pode pegar um pouco da minha comida sempre que quiser.

Tento não me comover, principalmente sabendo o quanto ele ama comida e que com certeza não a divide, nem mesmo com as pessoas mais próximas, incluindo seu irmão e Remi.

Pigarreando, digo:

— Não consigo comer tudo isso. Se eu não soubesse que não é o caso, diria que você quer me engordar.

— Você emagreceu.

— Não desde que cheguei aqui. — Solto um longo suspiro. — Como é que nunca ficamos sem comida?

Ele permanece em silêncio, fingindo estar preocupado com a comida, mas apenas não quer me responder.

— Alguém traz suprimentos? Quando?

Silêncio.

— Quando estou dormindo?

Mais silêncio.

— Creighton!

Ainda segurando o garfo e a faca, ele levanta a cabeça enquanto mastiga devagar. Seu olhar é perturbador, às vezes tão vazio que me apavoro com a profundidade escondida ali.

Às vezes, ele me olha como se não fosse me deixar sair do lado dele, nunca, e se eu tentar, as coisas vão ficar feias.

Lá no fundo, uma parte minha gosta disso. Até demais. O que me assusta.

— Pois não?

— Alguém vem aqui?

— Ainda não. Tenho uma despensa cheia de comida que vai durar alguns meses. Mas, mesmo que acabe, você não precisa se preocupar. Nem preciso dizer que se você tem planos de escapar, talvez seja melhor deixá-los para lá.

Esvazio meus pulmões com um longo suspiro enquanto deixo meu garfo espetar a salada sem a intenção de comer.

— Posso pelo menos ligar para minha mãe e dizer que estou bem?

— Para que seu pai possa rastrear a ligação?

— Mando uma mensagem de texto, então.

— Não. Não há celulares aqui.

Solto um grunhido de frustração.

— E se um de nós se machucar ou ficar doente e precisarmos pedir ajuda?

— Vou me preocupar com isso quando acontecer. — Ele se serve de uma taça de vinho. A bebida preferida dele é vinho, sem brincadeira. Aos vinte anos.

Juro que ele parece um idoso às vezes.

Mas eu não sou de recusar bebida, então quando ele me serve uma taça, também dou um gole.

A bebida sem graça está começando a me conquistar. Ou talvez a família dele só beba vinho de safras especiais, porque eu nunca pensei que fosse gostar até então.

Creighton se recosta na cadeira, girando a taça de vinho e me observando com um sorrisinho.

Coloco um monte de salada na boca.

— Por que você parece tão satisfeito consigo mesmo?

— Por que eu não deveria estar?

— Nossa, sei lá. Talvez porque você me sequestrou?

— Você gosta daqui.

— Gosto, mas não quero ficar presa neste lugar pelo resto da minha vida.

— É melhor do que estar cercada pelo mundo lá fora.

Ah.

É aí que percebo.

O mundo lá fora, a verdade sobre suas origens e o envolvimento dos meus pais nos separaram, então Creighton escolheu propositalmente um lugar onde eles não podem nos afetar.

Não sei se devo ficar comovida ou chocada com esse fato.

— E seus pais? — sussurro. — Eles devem sentir sua falta.

— Eles entendem. Meu pai incentivou este plano.

— Ele *o quê*?

Creighton ergue sua taça como se estivesse brindando.

— E o Prêmio de Melhor Pai do Ano vai para Aiden King.

— Caramba. Tive a impressão de que ele talvez fosse desequilibrado quando o vi durante nossa conversa, mas agora tenho certeza.

Uma de suas sobrancelhas se ergue.

— Vocês conversaram?

— Foi mais ele me ameaçando, mas papai o ameaçou de volta, quase o matou, na verdade, então fingi desmaiar, e meu pai não teve escolha a não ser me tirar de lá. Mas ele não acreditou nem um pouco na minha performance. — Suspiro. — Tenho medo de que aconteça algum tipo de guerra mundial se eles se encontrarem de novo.

— É mais um motivo para não voltarmos.

— Aí estaríamos apenas fugindo.

— E daí?

Solto um suspiro frustrado.

— Não podemos fazer isso, Creighton. Temos uma vida fora daqui. Pessoas esperando por nós. Pessoas que nos amam.

Ele come em silêncio, e acho que não vai mais me responder sobre o assunto, que é o seu *modus operandi* sempre que quer mudar de tópico.

Eu também como, sentindo meu coração murchar e morrer dentro do peito.

Ele realmente não vai deixar o rancor para lá. Essa raiva já moldou quem ele é, e quanto mais eu tento fazer com que ele se livre, mais ele se apega a ela.

— Qual é o nome dele? — A pergunta que ele faz em voz baixa me pega de surpresa.

— Quem?

— O homem de preto que está ao seu lado o tempo todo, parece ter o dobro da sua idade e para quem você sorri. Constantemente.

Eu franzo a testa.

— O Yan?

Uma expressão calculista toma conta de suas feições.

— *Yan*. Russo, presumo?

— É, eu nunca falei dele? Somos bem próximos e ele é durão. Um ex-membro das Forças Especiais Russas, classificado entre os primeiros, e um dos assassinos mais impiedosos da *Bratva*.

— Veremos o quão forte ele é quando eu o espancar até a morte.

Meus lábios se abrem quando percebo o que está acontecendo, e caio na gargalhada.

Ele está com ciúmes.

Creighton está com ciúmes do Yan.

Um olhar sombrio preenche seus olhos oceânicos e únicos.

— Do que você está rindo?

— Desculpa, mas isso é engraçado demais — digo, ainda lutando contra os resquícios do meu riso. — O Yan é o braço direito do papai.

— E por que essa informação é engraçada? Na verdade, me faz odiar ainda mais seu pai por ter trazido esse Yan para a sua vida.

— Tchaikovsky do céu, você está falando sério?

— Eu te disse para parar de adorar esse homem morto.

Contenho um sorriso.

— Yan é como meu tio favorito, muito mais fácil de conversar do que Kolya e Boris.

— Há mais deles?

— Temos um exército de guardas. Mas não se preocupe, nunca me interessei por eles nesse sentido. Primeiro, eles são bem mais velhos. Segundo, o papai os esfolaria vivos. Além disso, ele odeia o Yan com todas as forças.

— Por quê?

— Porque ele é o melhor amigo da minha mãe, e o papai meio que não gosta disso. O Yan não para de provocá-lo por causa disso, então a situação toda é bem divertida de assistir.

— Se o seu pai desgosta tanto dele, por que não se livra dele?

— Porque o papai sabe o quanto a mamãe precisa de um amigo. — Sorrio. — Caramba, o Yan vai se divertir muito quando souber que você e o papai têm ciúmes dele.

— Eu não tenho ciúmes.

— Aham, tá bom. Espera um minutinho, como você viu a foto que eu postei com o Yan?

Ele continua em silêncio e me ignora na cara dura, bebendo vinho.

— Você não tem redes sociais. Você me stalkeou pela conta do Remi ou algo do tipo?

— Eu até tentei, mas ele descobriu e me expôs na frente de todo mundo com aquele jeito dramático.

Dou risada.

— Consigo imaginar a cena. Deve ter sido divertido.

— Não, não foi. E o Remi não é *tão* engraçado assim.

— Ele é hilário. Não fica com ciúmes.

Ele estreita os olhos para mim, mas não responde.

— Então como você me stalkeou? A única alternativa é pelas contas dos outros, mas duvido que eles te emprestassem os celulares. A menos que… você tenha criado uma conta…

Silêncio.

Eu pulo da minha cadeira e dou a volta na mesa para ir até seu lado.

— Você criou!

— Sente-se e termine sua comida.

— Não, isso é muito mais importante. Alguém sabe que você tem redes sociais? Qual é o seu nome de usuário? Sua foto de perfil? Seu primeiro post? Sua bio? Quero saber tudo…

Minhas palavras morrem na garganta quando ele me agarra pelo pulso e me força a sentar em uma de suas coxas, de modo que eu praticamente cavalgo sua perna.

Um calor surge onde minha calcinha encontra seu jeans e se espalha por toda a minha pele.

Seu queixo com um pouco de barba por fazer roça na minha bochecha enquanto ele sussurra de maneira sombria:

— Eu disse para se sentar e comer.

— Se eu fizer isso, você me conta seu nome de usuário? — Não reconheço a densidade na minha voz.

— Isso não importa mais, considerando que não vamos embora daqui.

— Ou é o que você pensa.

Seus olhos, aqueles lindos olhos que com certeza pertenciam a um anjo caído, se estreitam.

— O que isso quer dizer?

— Ah, nada.

— Annika. — Sinto a vibração do seu aviso antes mesmo de ouvi-lo, e, Tchaikovsky me ajude, sua voz autoritária é muito excitante.

— Nada demais. — Dou de ombros e pego uma batata frita.

Vou convencê-lo a deixar o rancor de lado, mesmo que seja a última coisa que eu faça.

E se eu falhar, que seja a última coisa que eu faça.

— Você tem até três para me contar o que quis dizer, ou que Deus me perdoe…

Salto do colo dele e corro em direção à casa. A adrenalina pulsa em minhas veias só de pensar nesse joguinho de gato e rato.

— Vai ter que me pegar primeiro.

Os olhos de Creighton se enchem de um poder animalesco descontrolado. O tipo de poder que fez eu me apaixonar por ele para começo de conversa.

Esse é o *meu* Creighton.

O único Creighton que deveria ter permissão para controlá-lo.

Aquele que está decidido a nos destruir é um babaca, e eu preciso descobrir um jeito de derrotá-lo.

— Tem certeza de que quer fazer joguinhos de caça, roxinha? Eu sempre ganho.

— E eu nunca perco.

Apesar do meu tom confiante, no momento em que ele começa a caminhar na minha direção com aquela expressão sombria, um medo horripilante percorre minhas veias.

Solto um gritinho, depois me viro e corro.

CAPÍTULO 37
ANNIKA

FICO TENSA AO OUVIR CADA UM DE SEUS PASSOS.

São lentos e comedidos, mas me alcançam em um piscar de olhos.

Não dei nem um passo para dentro da sala de estar quando sou içada do chão pela cintura.

Seu hálito quente faz cócegas no meu ouvido quando ele sussurra:

— Você está fodida, roxinha.

Um calor intenso percorre meu corpo, e tento me desvencilhar com todas as minhas forças. Eu me contorço, tentando escapar de seus braços de aço, ao mesmo tempo em que quero me entregar a eles.

— Quanto mais você me afasta, mais forte vou te castigar. — Ele me joga contra o sofá. — Tira a roupa.

Minha respiração falha e embaça contra o couro do sofá, mas eu o encaro por cima do ombro. Olho seu físico avantajado, a virilidade implacável por trás dele. É o homem dos meus sonhos, e nunca haverá um dia em que eu não me sinta atraída por ele.

Ele tira a camiseta, e eu observo as mãos cheias de veias e dedos longos, absorvendo a visão de seus músculos definidos e sua altura divina.

Uma pontada de dor me percorre ao ver seu ferimento de bala, uma cicatriz que eu lhe causei e que nenhum de nós esquecerá pelo resto da vida.

Eu, porque machucá-lo foi pior do que me machucar.

Ele, porque o ferimento o lembrará do quanto ele quer vingança.

— Se eu tiver que repetir, as coisas não vão acabar bem para você.

Eu me viro, apoiada nos cotovelos, e encontro seu olhar sombrio. Devo ser egoísta, porque tudo o que quero é me perder neste momento.

— Me obriga.

Um grunhido baixo escapa de sua boca antes que ele esteja em cima de mim. Seus dedos agarram minha garganta, e ele os usa para me puxar para cima, por pouco não me erguendo no ar.

Seu toque não é ameaçador, mas é controlador, e não tenho escolha a não ser encará-lo e me afogar naqueles olhos que pensei ter perdido.

— Como eu já disse, tire a roupa — repete ele. — E… dez.

Meus lábios se entreabrem.

— Você quer que eu me dispa nesta posição?

— Não quer que eu conte até vinte, quer?

Meus dedos trêmulos abrem o zíper do meu vestido, e eu afasto as alças até a peça cair no carpete.

O olhar de Creighton recai sobre meu sutiã e minha calcinha de renda, e ele solta um grunhido.

— Roxo, é claro.

Amo o quanto eu o afeto.

O jeito que ele me olha, como se nunca mais fosse olhar para ninguém da mesma forma.

O jeito que ele me quer com abundância e se recusa a ver qualquer coisa além disso.

— Tira tudo, Annika.

Levo vários instantes para abrir o sutiã, em parte por causa das minhas mãos trêmulas e em parte por causa do seu olhar faminto.

Quando levo mais tempo do que o necessário para tirar a calcinha, ele fecha a mão ao redor do tecido, formando um montinho.

— Não! A Simone, não!

Um músculo se contrai em sua mandíbula, mas ele para.

— Quem caralhos é Simone?

— Simone Pérèle. A marca de lingerie. Não rasga. — Afasto a mão dele e tento terminar a tarefa.

O bruto praticamente a rasga em pedaços.

— Creighton!

— Vou comprar outra para você. — Seu olhar escurece conforme ele olha demoradamente para a minha nudez.

É incrível como meu corpo ganha vida sob sua atenção. Como tudo simplesmente… se encaixa.

Ele não precisa me tocar para provocar essa sensação de pertencimento irreversível.

Eu era dele mesmo quando pensei que tínhamos terminado.

Eu era dele quando estava tentando seguir em frente.

Sempre serei dele.

Assim como ele sempre será meu.

Sua mão livre acaricia meus mamilos enrijecidos, me fazendo gemer, e então ele aperta um deles com uma brutalidade sensual. Sua palma desliza para baixo, sobre as marcas vermelhas já sumindo que ele deixou na minha barriga, e eu sibilo quando as pressiona. Então, ele avança para as marcas de mãos na minha bunda e segura ali.

Fico na ponta dos pés, tanto pela dor incômoda quanto pela excitação de ser completamente possuída.

Ele mexe no plug anal que enfiou na minha bunda esta manhã, e eu mordo o lábio.

— Aposto que este buraco está todo relaxado e pronto para que eu faça dele meu, não é?

Meus dentes afundam mais no meu lábio quando ele desliza os dedos da minha bunda para a umidade pulsante entre as minhas pernas.

O tapa na minha boceta vem tão rápido e sem aviso que solto um gritinho e me esfrego na direção dele.

— Shh, ainda nem começamos. — Ele me dá outro tapa e enfia três dedos dentro de mim ao mesmo tempo.

A fricção da dor cria um ritmo vertiginoso com o qual não consigo lidar. Um furacão de emoções começa onde ele está me tocando e se espalha por toda a minha pele.

Seu aperto na minha garganta me mantém imóvel para que ele possa fazer o que bem entender.

Agarro seu bíceps, não porque precise de equilíbrio, mas pela minha necessidade inerente de tocá-lo. Estou tão desesperada por ele quanto ele por mim.

Quero ser possuída por ele.

Só por ele.

— Você sente o quanto sua boceta está engolindo meus dedos, roxinha? Está ouvindo esse barulho de sucção que ela está fazendo para me dar as boas-vindas ao lar? — Seu ritmo se intensifica. — Porque este é o meu lar, *você* é o meu lar, e eu vou te fazer admitir que eu sou o seu.

Um gemido é a única resposta que dou. É meio difícil falar quando jorros de prazer disparam dentro de mim, surgindo, intensificando-se e me destruindo.

— Você não terá outro lar além de mim. — Ele curva os dedos lá dentro e estoca. — Não pertencerá a ninguém além de mim, estamos entendidos?

Meus olhos se fecham e eu relaxo, buscando o orgasmo, o prazer que apenas sua maneira impiedosa consegue proporcionar.

— Estamos entendidos, Annika? — repete ele, com o rosto a poucos centímetros do meu e seus dedos parando de se mexer naquele ritmo enlouquecedor.

Respiro com dificuldade, mas ainda tenho capacidade cerebral suficiente para murmurar:

— Esta não é a maneira de se tornar meu lar, Creighton.

— Resposta errada. — Seus olhos escurecem para um tom azul-escuro, tão assustador que me congela no lugar.

Ele puxa os dedos para fora de mim, e eu resisto ao som de decepção que tenta sair da minha garganta.

E então ele me empurra para trás, ainda segurando minha garganta. Minhas panturrilhas batem na beirada do sofá e cambaleio para trás, mas antes que eu possa cair na almofada, ele me puxa e me gira.

Grito enquanto caio de joelhos e meus seios doloridos encontram a superfície fria do couro. Com a mão de Creighton na minha nuca, me mantendo no lugar, eu não o vejo, mas sinto sua presença crescendo, tornando-se absolutamente assustadora.

Meu corpo amolece, e não tenho certeza se é por causa do meu instinto de sobrevivência ou por uma ansiedade descontrolada.

Ele mexe no plug anal antes de puxá-lo, arrancando-me um gemido agudo.

Então sinto algo duro contra a minha umidade. Seu pau. Ele está lubrificando o próprio pau com a minha excitação, e não sei por que isso me dá tanto tesão. Mais fluidos jorram de mim, cobrindo Creighton e a parte interna das minhas coxas.

Creighton enfia dois dedos no meu cu, fazendo-me deslizar pelo sofá. Estou tão aberta que mal consigo respirar ou pensar.

— Você sempre foi tão apertada, tão pequena e frágil. Não importa quantos brinquedos e plugs eu enfie neste buraco, ele mal se abre. — Ele reforça suas palavras com estocadas implacáveis de seus dedos no meu ânus e o movimento de seu pau contra meus grandes lábios, provocando minha boceta, mas mal deslizando para dentro antes de sair.

Para cima.

Para baixo.

Estocada.

Para baixo.

Para cima.

Para cima…

Acho que vou gozar só com essa tortura. As estocadas superficiais no meu íntimo se sobrepõem às implacáveis no meu cu até que eu fique tonta.

Ele é tudo em que consigo me concentrar. Seu cheiro de limpeza, sua presença marcante e seu calor.

É sua mão, cheia de veias e forte. É seu pau, todo duro e pronto para me arregaçar.

É tudo nele.

Creighton mantém o ritmo erótico implacável. Ele estoca, desliza, acaricia e bate. Ele me agarra pelo pescoço, mas não tão forte, e eu começo a balançar meus quadris, me contorcendo, ofegando e gemendo.

Exigindo que ele me coma.

Que me *possua*.

Faça eu me sentir viva do jeito que só ele sabe.

Ele tira os dedos e bate na minha bunda três vezes. Um gemido escapa de mim, enquanto o prazer se mistura com a dor moderada.

E quando acho que vou gozar, ele enfia o pau dentro do meu buraco virgem.

O mundo para enquanto meu prazer se transforma em uma dor excruciante. Não importa que ele venha me preparando para este momento ou que tenha passado muito tempo me alargando e lubrificando.

O fato é que Creighton é muito bem-dotado, e seu pau não deveria chegar perto de nenhuma entrada traseira.

Dói, queima e é sufocante para caralho.

Por que tem gente que adora sexo anal? Isto é tortura.

Eu me contorço, ofego e tento me livrar do seu aperto feroz.

Creighton não dá estocadas, mas também não tira o pau. Seus dedos se cravam na carne da minha nuca.

— Relaxa. Não me empurra para fora.

— Eu não consigo. — Lágrimas enchem meus olhos enquanto meu corpo se contrai. — Dói. Muito.

— Shhh. Não luta contra. — Ele me acalma, pegando meu quadril, acariciando até a lateral do meu corpo, depois minha barriga, depois minhas costas. Seus dedos no meu pescoço desenham círculos reconfortantes, gentis e carinhosos.

Isso é incomum para ele. Sim, ele pode ser carinhoso, mas só depois do sexo, não durante.

Ele mesmo me disse isso uma vez, que só está acostumado a receber, e é por isso que nunca considerou ter um relacionamento.

Não faço ideia se é por saber disso, pelo fato de ele estar me dando esse tipo de cuidado de forma tão natural, ou pelo seu toque reconfortante, mas acabo relaxando e meus músculos se soltam, ajustando-se lentamente. Escolho me concentrar no quanto ele me preenche.

Tão preenchida.

— Boa menina. — A voz grave de Creighton poderia muito bem estar me tocando também. Ou talvez sejam essas palavras, porque estou encharcada, escorrendo.

Ele segura minha nuca com a mão que acariciava meu quadril e desce a outra para provocar meu clitóris.

A excitação que eu pensei ter desaparecido retorna com uma força avassaladora.

Quando ele começa a mexer os quadris, me perco no impacto de sua virilha contra minha bunda, nos sons de grunhidos e gemidos. Tapas, tapas e mais tapas.

O suor cobre minha pele e eu me derreto com seu toque, com sua presença.

— Isso aí. — Seu ritmo é lento, prazeroso. — Você está aguentando meu pau muito bem. Você é tão gostosa. Tão apertada. Tão minha…

Um gemido escapa da minha garganta, e toda a tensão de antes desaparece. Um prazer cru e determinado se acumula entre minhas coxas e eu rebolo meus quadris, exigindo mais.

— Você quer que eu te foda com mais força? Quer que eu pegue sua bunda e meta no seu cu virgem até você não conseguir se sentar por dias? — pergunta, sua voz transbordando de luxúria sombria enquanto suas estocadas vão cada vez mais fundo. — Quer que eu te arregace e te reivindique como minha? Porque é isso que você sempre será, Annika. — *Estocada.* — Você pode atirar em mim e fugir. Pode me afastar e ir embora.

— *Estocada.* — Mas você é *minha* garota, e continuará sendo minha garota, apesar da porra da sua família. — *Estocada.* — Eu sou o único lar que você terá. Minha cama é a única cama em que você dormirá, então da próxima vez que eu disser que você é meu lar, diga que eu sou o seu também.

Eu ofego, grunho e gemo, incapaz de processar a carga de emoções que ele está despertando em mim.

Luxúria, desespero e tristeza.

Uma tristeza arrebatadora me apunhala até atingir os ossos, mas escolho me entregar à luxúria.

Eu escolho me entregar à sensação de Creighton me possuindo por completo.

Corpo, coração e alma.

O prazer me invade em ondas, começando onde estamos unidos, onde ele tortura meu clitóris, e se espalhando por todo o meu corpo. O deslizar áspero dos meus mamilos rijos contra o couro o intensifica até dizer chega.

O fato de sua pegada na minha nuca me impedir de lutar contra isso tudo, mesmo que eu quisesse, aumenta o tesão avassalador.

— Diga que você vai ficar. — Ele grunhe atrás de mim enquanto os estalos de carne contra carne ecoam no ar.

Cada golpe contra os vergões na minha bunda me faz pingar em sua mão.

Cada inspiração é preenchida com o cheiro dele, o meu e o de sexo.

De nós.

Ainda assim, nego com a cabeça lentamente, até onde sua mão permite, e Creighton dá um tapa no meu clitóris.

O golpe é tão repentino que gozo novamente em uma demorada torrente de… *puta merda.*

Meus olhos se arregalam. *Por favor, não me diga que me mijei.*

Creighton se torna uma fera com a umidade que jorra de mim e me penetra com uma força animalesca.

Fecho os olhos e tento atingir meu ápice, balançando os quadris e me ajustando ao seu ritmo.

Ele goza fundo dentro de mim com um rosnado de “Minha”.

Mas ele não parece ter terminado. Depois que tira o pau, cobre minha bunda e coxas com seu esperma, como se estivesse me marcando para o mundo inteiro ver.

Quando ele por fim solta minha nuca, não me viro; em vez disso, permaneço na mesma posição. Na verdade, eu queria que a terra se abrisse e me engolisse.

— Annika?

Afundo o rosto no couro, minha voz saindo abafada.

— Me deixa em paz.

— Olha para mim.

Balanço a cabeça contra o sofá, tentando ignorar o aperto no peito.

— Não vou repetir. Olha para mim.

Eu me viro lentamente, com vergonha e lágrimas nos olhos.

— Você não pode simplesmente me deixar em paz para conseguir lidar com o fato de eu ter me mijado?

Ele franze a testa.

— Do que você está falando?

— Agorinha, quando você… Argh… Me dá um minuto.

Um sorriso surge aos poucos em seus lábios, e ele fica tão lindo que tenho vontade de dar um tapa nele.

— Por que você está sorrindo?

— Você não fez xixi, foi um *squirting*, e foi a coisa mais excitante que eu já vi.

Minhas bochechas esquentam.

— Ah.

Ouvi-lo chamar aquilo de a coisa mais excitante que ele já viu me dá vontade de fazer tudo de novo. Mas talvez isso só aconteça com orgasmos intensos.

Um leve arfar escapa de mim quando ele me levanta nos braços.

— Agora vamos tomar um banho para eu poder te foder de novo.

— Mas estou muito dolorida.

— Não na boceta.

Solto um suspiro demorado enquanto seus passos largos percorrem a distância até a escada. Apesar do momento de paz, algo ainda me incomoda.

— Eu falei sério, Creighton. Eu não vou ficar aqui.

Seu maxilar se contrai, mas ele logo disfarça e fica inexpressivo.

— Vou te convencer do contrário.

Meu corpo fica frouxo contra o dele.

— Foi o que pensei que conseguiria fazer também, desde que chegamos aqui. Pensei que conseguiria te convencer a deixar o passado para trás, mas isso não é possível, né? Não estamos apenas nos enganando a essa altura?

— Cala a boca.

São três palavras. Apenas três palavras, e ainda assim elas têm tanto impacto que eu tremo em seus braços.

— Por favor… — Faço carinho em sua bochecha, beijo sua têmpora, seus olhos etéreos, a ponta do seu nariz reto, seus lábios todinhos, qualquer lugar que minha boca consiga alcançar. — Por favor, deixe esse rancor para lá, Creighton. Faça isso por você mesmo. Deixe aquele garotinho ir e pare de ficar preso ao passado.

Ele não diz nada, nem ao menos demonstra que me ouviu, e eu quero chorar.

Porque sei, simplesmente sei que falhei em fazê-lo mudar de ideia, e agora estamos rumo à autodestruição.

— Eu te odeio agora — murmuro.

— Estou pouco me fodendo.

— Queria nunca ter te amado. Queria poder voltar no tempo e deixar de te amar.

Um sorriso cruel surge em seus lábios.

— Mas você não pode. Você me ama, Annika. Você nunca parou de me amar.

— Isso pode ser verdade, mas vou encontrar um jeito de parar. — Deixo meus braços caírem no meu colo. — Não posso amar um homem que tem a intenção de machucar minha família.

CAPÍTULO 38
CREIGHTON

ANNIKA SE AFASTOU DE MIM DESDE QUE A FODI CONTRA O SOFÁ, COM A MÃO em sua nuca e meu pau arregaçando seu cu.

Isso foi há dois dias.

Dois dias de silêncio constante e indiferença.

Ela não me dirigiu uma frase inteira desde então, e o máximo que consegui dela foram respostas monossilábicas.

Ela não correu comigo na praia.

Nem praticou seu balé sagrado.

Não tocou na comida, a menos que eu a obrigasse a comer.

Tratamento de silêncio.

Mas isso é completamente diferente de quando eu não falava. Isso fazia parte da minha personalidade, mas o que quer que Annika tenha escolhido fazer não tem nada a ver com a dela.

Ninguém acusaria uma pessoa irritantemente alegre como ela de ser quieta, mas é exatamente assim que tem agido nos últimos dias.

Ela tem caído devagar e sem parar em um túnel escuro aonde eu não consigo chegar.

Suspiros se tornaram sua resposta característica, e um olhar perdido tem sido o padrão.

Toda vez que tentei falar com ela, apenas virou o rosto para o outro lado. Quando ameacei puni-la, ela me disse: *faz o que quiser*.

Sempre que a tocava, ela me afastava e me dizia para não colocar mais as mãos nela.

Fiquei muito tentado a fodê-la até ela gritar meu nome para saber que não deve mais fazer esse tipo de pirraça, mas algo me impediu.

A mistura de nojo e indiferença em sua expressão.

Ultimamente, está se inclinando mais para a indiferença.

As pessoas costumam dizer que o ódio é o sentimento mais repugnante que existe, mas isso é porque nunca foram alvo da apatia.

A pessoa que segura meu mundo na palma da mão agora age como se eu não significasse nada.

Como se eu não existisse.

No começo, dei espaço a ela, tentei não a pressionar demais e pensei que ela acabaria voltando ao normal.

Normalmente, Annika não cala a porra da boca. Falar faz parte de quem ela é e foi o motivo pelo qual ela me irritou para começo de conversa.

Mas quanto mais tempo eu lhe dei, mais ela se retraiu.

E eu preciso dar um fim nisso.

Acordo com a intenção de fazer exatamente isso. Hoje vou pressioná-la e fazê-la falar, mesmo que eu tenha que recorrer a métodos drásticos.

Não importa o quanto eu tenha que me esforçar para arrancar frases de verdade dela.

Passo a mão no local ao meu lado e congelo quando encontro lençóis frios. Meus olhos se abrem com tudo e, de fato, Annika não está em lugar nenhum.

Ela tentou não dormir ao meu lado no começo, mas eu não aceitei, então apenas se deitou toda tensa ao meu lado. Era assim ou era eu dormindo abraçado nela.

Mantivemos essa rotina todas as noites. Só que ela não está aqui hoje.

Levanto-me da cama de um salto, visto um shorts e uma camiseta enquanto procuro por ela no quarto. O aroma de violetas invade minhas narinas, mas não é tão intenso quanto quando ela está em meus braços.

— Annika? — chamo, descendo as escadas para a cozinha, onde ela pratica balé no corredor, e depois para a pequena biblioteca onde ela lê às vezes, ou, mais precisamente, me faz ler para ela, já que tem preguiça de ler sozinha.

No entanto, não há sinal dela.

Meu corpo fica tenso e um gosto amargo invade minha garganta. É o mais perto de… pânico que já senti.

Mesmo no passado, quando minha mãe estava pendurada no teto e eu não conseguia levar ar até meus pulmões ávidos por oxigênio, não senti pânico. Eu tinha uma determinação sobrenatural para respirar.

Eu precisava respirar.

E foi por isso que rastejei, rastejei e rastejei.

Estou correndo agora, rua abaixo, em direção à praia. Ela não está lá.

Porra.

Ela não seria capaz de chegar ao pequeno aeroporto do outro lado da ilha sem um carro. E nem ao menos sabe onde ele fica, para começo de conversa.

A menos que… ela tenha escolhido outro jeito de ir embora.

Meu sangue bombeia mais forte e mais rápido conforme as memórias de quando ela correu para o oceano em um momento de desespero me invadem.

Não, não…

As nuvens se condensam no céu, tornando-se cinza-escuras em total sincronia com meu humor.

Minha respiração se torna mais pesada, menos controlada e absolutamente caótica.

— Annika! — berro, mas minha voz é engolida e fragmentada pelo vento violento.

Quanto mais corro e grito por ela, menores parecem as chances de encontrá-la.

Começa a garoar antes que a chuva de verdade se derrame. Ondas gigantes quebram e se arrebentam na praia, exibindo a fúria do oceano. A ilha tropical fica encharcada em um segundo, e eu também.

Mas não paro de correr, batalhando contra o vento enquanto examino cada canto possível.

Estou prestes a mergulhar nas ondas mortais em busca da minha garota quando a vejo.

Annika está no topo da costa rochosa, com os braços abertos e a cabeça jogada para trás. A chuva encharcou seu vestido preto, uma cor que ela vem usando há dois dias, e o colou em seu corpo pequeno, que está sendo balançado pelo vento.

Corro em sua direção, impelido pelos cenários horríveis que se passam na minha cabeça. Por um segundo, enquanto ela treme com violência, penso que o vento a roubará de mim antes que eu a alcance.

Que ela cairá e se afogará, e eu a perderei para sempre.

Você já a perdeu. Você apenas se recusa a admitir, diz o desgraçado que vive na minha mente, mas eu o calo, planejando matá-lo mais tarde.

Quando estou a cerca de dois metros das costas dela, ela se vira abruptamente.

Mechas de seu cabelo grudam no pescoço pálido e macio, suas bochechas e seus lábios estão sem cor, e seus olhos estão tão sem vida que eu mataria alguém se isso significasse colocar um pouco de cor neles.

Inclusive eu mesmo.

A chuva a encharca, caindo com tanta força que ela se torna quase um borrão à frente.

— O que você está fazendo aqui? — Dou um passo à frente e ela dá um passo para trás.

Em direção à porra do precipício.

Dou outro passo, e ela faz o mesmo, sem tirar os olhos dos meus.

— Que *porra* você está fazendo? — Eu me esforço para falar, as palavras quase rasgando minhas cordas vocais ao serem pronunciadas.

Ela não diz nada, e eu tenho que inspirar e expirar algumas vezes para não esticar as mãos e sufocá-la.

— Podemos conversar sobre seja lá o que estiver te chateando. — Suavizo meu tom de voz o máximo que consigo dadas as circunstâncias. — Só vem aqui, roxinha.

Seus lábios tremem, e um pouco de luz surge no fundo de seus olhos antes de desaparecer.

Ela balança a cabeça.

— Caralho, Annika, eu juro que… — Solto um longo suspiro, reunindo uma paciência que não tenho dentro de mim. — O que você quer?

— Eu quero ir para casa — responde ela sem hesitar, assertiva. A primeira frase que diz em dias é sobre a porra dos pais dela.

— Qualquer coisa, menos isso.

Ela dá mais um passo para trás. Desta vez, seus olhos estão tão sem vida que ela parece estar em um caixão.

— Annika, para!

— Para *você*! — grita ela de volta. — Estou cansada. Cansada para caralho disso, de *você*. Não é o Creighton que eu conheço. Você não é o Creighton que fez eu me sentir segura e amada. Não é o Creighton que me deu a coragem de ir atrás do que eu amava. O Creighton nunca me machucaria assim. Ele não despedaçaria meu coração sem parar, não importa o quanto eu implorasse. É como se eu estivesse presa a um impostor, e eu detesto essa sensação. Odeio com todas as forças.

Eu cerro os dentes de trás e meu maxilar se tensiona tanto que me surpreendo por nenhum tendão se romper.

— É por isso que você se recusa a falar comigo e me deixar te tocar? Porque acha que eu sou um impostor?

Ela assente.

Consigo ouvir o meu mundo se estilhaçando em pedaços — pedaços tão pequenos que nunca mais conseguirei encontrá-los, que dirá juntá-los.

Quando trouxe Annika para esta ilha, pensei que recuperaríamos o que um dia tivemos. Sim, ela resistiu um pouco, mas também riu e se divertiu. Dançou para mim, flertou e suspirou contente nos meus braços. Ela adorava deitar a cabeça no meu colo e olhar para o meu rosto enquanto eu lia para ela, e então pedia que eu lesse mais.

Parecia que ela ainda me amava.

Quando se desculpou por atirar em mim, eu acreditei nela.

Acreditei que ela precisou fazer uma escolha, e a dura verdade é que nunca me escolherá em vez da família.

Provavelmente é injusto da minha parte pedir isso, mas eu queria que ela me escolhesse como escolheu o irmão daquela vez.

Queria que fosse *eu*.

Simplesmente nunca passou pela minha cabeça que essa fixação e meu plano de nos aproximar iriam nos separar. Nunca pensei que roubaria sua luz e a deixaria como essa pessoa em frangalhos.

Ela não se parece em nada com a minha Annika.

Não há nenhum vestígio de sua alegria, da constante travessura e inocência em seus olhos, nem da energia que vazava de seus poros.

Ela pode ter atirado em mim fisicamente, mas eu a matei.

E só há uma maneira de trazê-la de volta à vida.

Mesmo que isso signifique sacrificar a minha no processo.

— Tá bom — sussurro.

Suas sobrancelhas se franzem.

— Tá bom?

— Vou te levar para casa.

— Você… você vai?

— Eu já menti para você?

Ela nega com a cabeça freneticamente, um pouco da luz retornando aos seus olhos. Aos poucos, mas de maneira firme.

Caralho.

Saber que quase destruí o espírito dela me dá vontade de atirar em mim mesmo e nunca mais acordar.

Isso seria melhor do que sentir meu interior desmoronar e vê-la viver sem mim.

Presenciar isso me destruiria para caralho.

— Agora se afasta da beirada. — Ofereço minha mão a ela, mas Annika a encara com desconfiança.

Ficamos assim por um momento, seu olhar deslizando do meu rosto para a minha mão e vice-versa.

— Annika.

— Sim?

— Está chovendo.

— Eu sei.

— Dança comigo.

Seus olhos se arregalam, o azul e o cinza em uma aparente batalha por dominância. Apesar das reclamações constantes sobre o cabelo e as roupas, Annika adora quando dançamos na chuva. Isso traz lembranças do nosso primeiro encontro e beijo. Da época em que decidi que ela seria minha para sempre.

Seu queixo treme, assim como sua voz.

— Mas você não dança.

— Com você eu danço.

— Eu não gosto da chuva.

— Você gosta por mim. — Desta vez, quando uso a cabeça para indicar minha mão estendida, ela a segura.

Eu a puxo com tanta força que ela tromba contra meu peito, e suas pequenas palmas pousam nos meus ombros. Minha mão agarra sua cintura e, lentamente, nos mexemos de um lado para o outro ao som da chuva.

Estamos tão colados um ao outro que eu quero parar o tempo neste exato momento. Nos últimos dias, sempre que ficamos tão perto assim, ela me afasta verbalmente ou tenta colocar o máximo de distância possível entre nós.

Mas agora ela me encara com olhos cheios de expectativa, transbordando tanta luz que quero me chutar e jogar meu corpo em uma vala por tê-la manchado com minha escuridão.

Só há espaço para luz nestes olhos.

Continuamos dançando de maneira lenta e suave, e ela não para de me encarar. Sempre que a chuva entra em seus olhos, ela pisca para afastar as gotas e me observa atentamente, como se quisesse me abrir e espiar meu interior.

— Isso significa que você vai deixar o passado para trás? — murmura ela, esperançosa, cheia de expectativa.

E eu odeio destruir essa esperança, mas é exatamente isso que preciso fazer para lhe dar um novo começo.

Um em que eu não esteja corroendo a vida dela.

Meu destino sempre foi quebrar Annika Volkov. Só não sabia que seria eu a pessoa que continuaria quebrada.

— Não posso apagar meu passado.

Seus pés param enquanto tudo treme — seu queixo, seu corpo, seus lábios.

— E quanto ao seu presente e seu futuro?

— Eu já os perdi.

— Isso não é…

Suas palavras são interrompidas quando uma comoção irrompe do outro lado da praia.

Franzo a testa.

Ninguém deveria estar aqui. Esta ilha é do vovô Jonathan, e ele e meu pai são as únicas pessoas que a usam quando precisam de férias. Mas não viriam para cá, uma vez que ambos sabem que estou aqui.

A menos que tenham decidido vir sem serem convidados. Talvez a mamãe e a vovó os pressionaram a trazê-las aqui para me ver?

Não.

Tem alguma coisa errada.

— Fica aqui — digo a Annika e começo a descer a estrada.

Quando me viro para ter certeza de que ela não voltou para a costa rochosa, a encontro logo atrás de mim.

— O quê? — pergunta ela. — Quero saber o que está acontecendo.

É inútil tentar dissuadi-la, e não temos tempo para isso, de qualquer forma. Ao chegarmos à praia, a chuva para tão de repente quanto começou.

Vários homens de preto patrulham toda a área como agentes especiais.

Não ouço passos, mas ouço o gritinho da Annika quando sou atingido por trás.

A dor explode na minha nuca e caio de joelhos. Meus pulsos são puxados para trás das costas enquanto uma voz com sotaque russo murmura:

— Peguei ele, chefe.

Quando levanto a cabeça, encontro ninguém menos que o homem que assassinou minha infância e se banhou em seu sangue.

O homem que deu a vida à Annika.

Adrian Volkov.

E ele está apontando uma arma para a minha têmpora.

CAPÍTULO 39
ANNIKA

É ESTRANHO COMO O MUNDO PODE VIRAR DE CABEÇA PARA BAIXO EM QUESTÃO de minutos.

Há alguns instantes, havia começado a ter esperanças de novo, a ansiar, a sonhar em convencer Creighton a desistir de sua vingança.

E isso aconteceu depois de dois dias de uma desistência cheia de tristeza e digna de pesadelos. Devido à sua completa inflexibilidade, meu coração se partiu em pedaços. Perdi toda a esperança e me tornei uma casca da antiga eu.

A ideia de ele se transformar nessa pessoa sem coração que só pensa em vingança estava me dilacerando, e eu não conseguia suportar a tortura. Imagine minha surpresa quando ele finalmente me ouviu.

Ele ficou lá e me ouviu.

Não tentou me contrariar. Ele parecia até… assustado. Foi a primeira vez que vi medo daquele jeito em seus olhos.

Poxa, nem quando apontei uma arma para Creighton ele sentiu medo. Era mais como resignação.

Ele disse que me deixaria ir para casa.

Ele me envolveu com aqueles braços que me trazem segurança e dançou comigo debaixo da chuva.

Estávamos fazendo progresso, e agora não estamos mais.

Agora ele está sob o aperto firme da mão enorme de Kolya enquanto o guarda fica parado como uma parede atrás de Creighton e papai aponta uma arma para sua têmpora.

O pior é que papai parece pronto para matá-lo, e não de uma forma tranquila. Esta é a segunda vez que presencio a expressão indiferente e assassina do meu pai. A primeira foi durante a tentativa de sequestro. Seu rosto está sério, seus lábios estão apertados e seus olhos estão tão escuros que não conseguem refletir a luz.

Sempre soube que papai matava pessoas, mas esta é a primeira vez que o vejo como um assassino.

Um assassino de sangue frio e implacável.

Seus homens nos cercam com uma estratégia metódica, todos altos, vestidos de preto e portando fuzis de assalto pendurados no peito. É como se estivessem querendo extinguir uma organização rival, não um mero universitário.

Examino cada rosto, mas não há sinal do Yan nem do Boris — os únicos dois que poderiam ficar do meu lado. Provavelmente foram deixados em casa para proteger minha mãe.

— Você tem a audácia de sequestrar minha filha? — As palavras de papai soam brandas, espalhando-se pelo ar denso, ainda que sua ira disfarçada me tire o ar.

Creighton o encara sem desviar os olhos, suas feições deslumbrantes se afiando, sem demonstrar nenhum sinal de recuo.

Homens adultos imploram e suplicam quando estão naquela situação, especialmente se sabem quem é Adrian Volkov e do que ele é capaz.

Creighton não só não está em pânico, como também aparentemente deseja morrer, porque ele diz:

— Assim como você teve a audácia de tirá-la de mim primeiro.

Papai golpeia Creighton com a coronha da arma, fazendo seu rosto se virar com tudo para o lado, e sangue jorra de seus lábios.

— Papai! — O golpe pode não ter sido direcionado a mim, mas o sinto no fundo da minha alma, e não penso nisso enquanto corro até Creighton.

Até o homem deslumbrante com demônios que se recusam a deixá-lo em paz.

— Para trás, Anoushka. — Papai me encara, ainda segurando a arma contra a têmpora de Creighton.

A maneira como ele me olha é diferente de como encara o mundo. Agora ele não é um assassino sem emoções. É um pai preocupado, com olhos carinhosos e uma postura rígida.

Só consigo imaginar o que ele, mamãe e Jeremy passaram durante o tempo em que não sabiam onde eu estava.

— Ele te machucou? — pergunta ele lenta e ameaçadoramente.

— Não, papai. Por favor, solta ele.

— Farei isso depois que ele for torturado até quase morrer. Vou pendurá-lo no teto e chicotear sua pele por cada dia que ele pensou que poderia tirar você da sua família.

Um arrepio intenso percorre meu corpo e preciso de todas as minhas forças para permanecer de pé.

— Papai, por favor… não faça isso.

— Faça sim. — Creighton mostra os dentes ensanguentados em um rosnado. — Me torture. Me mate. Me esfaqueie até a morte e depois continue fatiando meu cadáver como fez com meu pai. Você não deveria ter me deixado vivo naquela época, mas agora é sua chance de consertar esse erro. Se não me matar, eu vou voltar outra vez, e mais uma, e de novo.

— Que merda você está dizendo? Cala a boca! — Meu corpo treme e outro arrepio me percorre; e a sensação tem pouco a ver com minhas roupas molhadas.

Papai aperta a arma com mais firmeza, provavelmente refletindo se quer torturar Creighton primeiro ou simplesmente matá-lo e acabar logo com isso.

— Não era isso que você queria? — Creighton fala comigo, mas seu olhar frio está fixo no do meu pai. — Sua família não é tudo o que importa? Estou facilitando as coisas para você.

Então me dou conta.

A compreensão é tão feroz que cambaleio para trás, meus chinelos afundando na areia.

Todo esse tempo, todas aquelas palavras, toda aquela tortura, foram porque ele pensou que eu estava escolhendo minha família em vez dele.

Que eu sempre escolheria a minha família, as pessoas que estavam por trás da desgraça que acometeu sua infância, em vez *dele*. Que eu o forçaria a aceitá-las ou não ficaria com ele.

Como minhas tentativas de libertá-lo do passado se corromperam a ponto de eu estar cravando a flecha no fundo do seu peito?

— Isso não é… — Minha voz fica entalada na garganta. Sempre achei fácil falar sobre tudo e sobre nada, mas agora estou atordoada em silêncio.

Não consigo encontrar as palavras certas para expressar os sentimentos explosivos que rodopiam dentro de mim.

— Seu pai biológico era escória e morreu como escória. Ele feriu minha esposa quando sua obrigação era protegê-la, então eu o matei — conta

papai com frieza suficiente para me fazer tremer. — Sua mãe biológica também era farinha do mesmo saco. Ambos mereciam aquele destino, e como eu disse ao seu pai adotivo, não vou me desculpar por proteger minha família. Mas você era apenas uma criança e não merecia ser arruinado pelas ações deles, e foi por isso que me certifiquei de que fosse adotado por uma boa família.

O maxilar de Creighton relaxa e o meu se abre.

— Papai, você… você se certificou de que isso acontecesse?

— Não. — Creighton balança a cabeça. — Você não sabia.

— Claro que sabia. Acompanhei a ruína da família de Richard muito depois de sua morte. Mandei homens vigiarem sua casa, gravarem as tentativas desesperadas de sua mãe de seduzir o promotor público, um líder da máfia italiana, um bancário… qualquer um que pudesse acabar com os seus problemas. Na noite em que ela perdeu todas as esperanças, escolheu o suicídio e tentou te matar, eu estava lá.

— Cala a boca. — A voz de Creighton soa tão carregada que eu quero abraçá-lo.

— Encontrei você desmaiado perto da porta da frente, com o rosto azulado e vômito espalhado pelo corpo inteiro. Fiz RCP e carreguei seu corpo até o hospital. Quando você estava se recuperando, confiei você aos cuidados da Rai para que ela te tirasse dos Estados Unidos e te libertasse do buraco sangrento que seus pais cavaram para si. Foi assim que você foi adotado pela família que tem hoje. Posso ter tirado sua vida anterior, mas te dei uma nova. Mesmo que você guarde rancor, deveria ter vindo atrás de mim, mas foi um covarde que foi atrás dos meus filhos, e eu não vou te perdoar por isso.

A respiração de Creighton é pesada, seu peito sobe e desce em um ritmo insano. Como se ele estivesse tentando expelir uma nuvem sombria que está apodrecendo dentro de si há anos.

Como se não conseguisse respirar com força suficiente nem purgar a energia que borbulha dentro dele com rapidez o bastante.

Tremo em sincronia com ele, tentando enxergar essas revelações de seu ponto de vista.

Está devastado, ainda mais do que quando atirei nele ou quando descobriu a verdade sobre os pais biológicos. Está sendo destruído pelo fato

de o homem que ele odiava de todo o coração, meu pai, ser o mesmo homem que lhe deu sua preciosa família e a vida que ele conhece hoje.

Me aproximo um pouquinho, querendo — não, *precisando* — segurá-lo em meus braços, mas suas palavras frias dirigidas ao meu pai me impedem.

— Me mate — ele praticamente cospe a frase. — Se não fizer isso, nunca vou parar.

— Covarde idiota do caralho. — Papai encaixa o carregador na arma, e eu sei que tenho segundos para reagir.

Não penso no que estou fazendo enquanto arranco uma arma do coldre lateral de um dos guardas. Sou tão rápida que, quando a agarro, ele não tem tempo de me impedir.

O olhar de Creighton finalmente recai sobre mim, seus olhos desprovidos de vida, daquele Creighton silencioso, mas carinhoso, que eu quero de volta.

Eu faria coisas inimagináveis para tê-lo de volta.

Mantendo o olhar fixo nele, aponto a arma para a minha têmpora.

— O que você está fazendo, Anoushka? — A voz calma de papai carrega uma raiva disfarçada.

— Solta ele — sussurro com tanta assertividade que até acredito em mim mesma.

É estranho como as coisas se tornam simples e fáceis quando você toma uma decisão. Pacíficas também. Como sempre foi para ser.

O vento acaricia minha pele fria, não mais me balançando. Está me abraçando, segurando meu dedo no gatilho, a arma destravada, e aquecendo o cano colado à minha têmpora.

— Annika… me dá a arma. — Não muito tempo atrás, o tom de advertência do meu pai teria me levado a obedecer.

Mas não hoje.

— Solta ele, ou juro que vou puxar o gatilho. — Minha voz não soa angustiada, mas sim mais confiante, porque eu realmente faria isso.

Não vou mais escolher entre eles. Eu não sobreviveria a isso.

Devagar, papai recua, com a arma ainda ao seu lado.

— Eu fiz o que você pediu, agora para com essa loucura.

— Prometa que não vai mais machucá-lo.

— Não posso prometer depois do que ele fez com você.

— Isso é entre mim e ele. Você não tem que interferir. Não sou mais criança. E você já o machucou o suficiente por uma vida inteira. É hora de interromper esse ciclo.

Ele aperta os lábios, mas não diz nada.

— Prometa, papai.

— Tudo bem, eu prometo. Agora venha aqui, Anoushka.

Nego com a cabeça.

Creighton me encara com o mesmo medo que vi quando eu estava no topo daquele penhasco. Só que agora está muito mais proeminente, tanto que consigo senti-lo com o sal do mar.

— Larga essa arma — sussurra ele, com a voz tensa.

— Você me perguntou quem eu escolheria se você entrasse em conflito com a minha família de novo. — Cravo a arma ainda mais fundo na minha têmpora. — Esta é a minha resposta, Creighton. Eu *me* escolheria.

Ele tenta se soltar do aperto de Kolya, e quando o braço direito do meu pai o empurra para baixo, ele rosna para o papai:

— Me solta, porra!

Papai assente para o guarda, e quando Kolya o liberta, Creighton praticamente corre em minha direção.

Dou um passo para trás.

— Não se aproxima.

Ele para na hora, seu corpo está rígido, e é a primeira vez que o vejo parecer tão desamparado.

— Anoushka, eu já o soltei. Não faça isso. — A voz do papai fica mais grave. — Pensa na sua mãe, no seu irmão. Em mim.

— Eu não consigo… — Lágrimas escorrem pelas minhas bochechas, e olho para Creighton através da minha visão embaçada. — Não consigo viver sabendo que você está cheio de raiva e dor. Não consigo viver sabendo que você sempre odiará meus pais, os mesmos pais que me deram tudo o que eu tenho. Prefiro morrer a presenciar isso. Talvez, se eu morrer, você finalmente deixe seu rancor de lado.

— Presta atenção, Annika. — Sua voz corta o ar frio como um chicote. — Você é a única pessoa que já enxergou meu interior, viu as partes feias e podres, mas mesmo assim ficou. Você se doou para mim, apesar de saber o quão vazio eu sou. Até me preencheu com sua energia infinita, a cor roxa e violetas. Eu não entendia como você poderia gostar de mim quando nem eu

gostava, por que você insistia para que eu experimentasse coisas normais apesar do meu desinteresse. Quando descobri a verdade sobre a minha infância, o que me quebrou foi saber que eu não podia mais ficar com você. E quando não me escolheu e puxou aquele gatilho, eu me tornei um idiota amargo que só desejava morrer. Mas eu não me importava com o que acontecesse, contanto que eu tivesse você comigo, e foi por isso que eu te trouxe até aqui. Agora percebo que não era a coisa certa a se fazer, e é por isso que escolhi te libertar. O que você está fazendo também não é a coisa certa. Você pode ser capaz de viver sem mim, mas eu não sobreviverei um dia sem você, então sua morte não resolverá porra nenhuma. Se você puxar esse gatilho, anote o que estou dizendo, eu vou logo depois.

Meus dedos tremem enquanto uma onda de emoções me invade.

— Você prefere morrer a deixar o passado para trás?

— Prefiro morrer a viver sem você. — Seu peito sobe e desce com ferocidade. — Você não me completa, é parte de mim. Se você morrer, não será diferente de apagar minha existência junto.

Suas palavras penetram na minha medula óssea e fluem para minha corrente sanguínea.

— Não precisa ser assim, Creighton. Nenhum de nós precisa morrer se você simplesmente prometer tentar deixar o passado para trás. Por você. Por mim. Por *nós*.

— Você vai me amar de novo se eu fizer isso?

Um sorrisinho surge nos meus lábios conforme abaixo a arma. Eu a coloco em uma das mãos do guarda e vou em direção a Creighton com passos decididos.

Ele me encontra no meio do caminho, suas mãos fortes envolvendo minha cintura enquanto meus braços circundam seu pescoço.

— Eu nunca parei de te amar, bobinho.

Seus olhos se fecham devagar, e um longo suspiro lhe escapa. Quando os abre novamente, estão azul-claros.

Resignados.

— Você ganhou, roxinha.

— Ganhei?

— Eu por inteiro. Meu coração, corpo e alma são seus. Meu rancor também é seu para fazer o que bem entender com ele.

— Inclusive superar as coisas?

— Inclusive isso. — Sua mão pousa no meu quadril e ele me faz um carinho suave. — Eu perdi para você há muito tempo. Eu te amo, Annika. Eu te amo a ponto de só enxergar escuridão sem você, e de ver a luz apenas quando estou contigo. Você é meu santuário e a única pessoa que me mantém inteiro.

Uma lágrima escorre pela minha bochecha. Isso é tudo o que eu sempre quis de Creighton: ser a pessoa em quem ele se apoia, a única pessoa em quem ele confia para mostrar tudo o que há dentro de si.

Porque é isso que ele é para mim.

Ele já era muito antes de eu perceber.

Estou prestes a beijá-lo quando um pigarro me faz hesitar.

Merda.

Esqueci que papai e os outros continuaram aqui esse tempo todo.

Lentamente, afasto-me de Creighton, mas ele segura minha mão, entrelaçando nossos dedos quando encaramos meu pai.

Desta vez, não tento fugir nem me esconder como quando Jeremy nos encontrou. Desta vez, fico ao lado de Creighton e me recuso a sair dali.

— Você é audacioso em pensar que eu deixaria você ficar com a minha filha — diz ele a Creighton, mas pelo menos sua arma não está à vista.

— Eu não vou embora — anuncia Creighton sem rodeios.

— *De bom grado* — acrescenta papai. — Posso encontrar métodos para te fazer ir embora.

— Pai!

— Vamos para casa, Anoushka — anuncia ele.

— O caralho…

Papai interrompe Creighton.

— Você vem com a gente.

— Po-por quê? — gaguejo. *Por favor, não me diga que meu pai está tirando Creighton daqui para matá-lo, como prometeu.*

— Tenho certeza de que sua mãe gostaria de conhecê-lo.

— Ah… *Ah!* — repito com um sorriso. — Isso significa que você aprova nosso relacionamento, papai?

— Não — diz ele, sem hesitar. — Mas prefiro manter esse merdinha sob vigilância para poder acabar com a raça dele antes que tente alguma gracinha.

Ele olha feio para Creighton, que retribui o gesto. Como se isso fosse algum tipo de desafio.

As coisas não serão fáceis, mas estou pronta para lutar.

Por ele.

Por nós.

CAPÍTULO 40
ADRIAN

UM MÊS DEPOIS

MINHAS TENTATIVAS DE ME LIVRAR DA PRAGA QUE CONQUISTOU MINHA FILHA chegaram a um beco sem saída.

Eu esperava que, com o tempo, a névoa dessa paixão juvenil se dissipasse aos poucos e conseguíssemos recuperar nosso raio de sol.

Porém, aquele merdinha espertinho teve a audácia não só de roubá-la, mas também de fazê-la se apaixonar por ele tão perdidamente que ela se tornou sua advogada de defesa sempre que alguém tenta atacá-lo.

Não estaríamos nesta situação se eu não o tivesse salvado naquele dia há dezessete anos, mas o fato é que ele era apenas uma criança na época, e eu teria chateado a outra mulher importante da minha vida se o tivesse deixado morrer.

O que eu poderia ter feito era mandá-lo para o outro canto do planeta, de onde ele não conseguiria sair. Minha esposa riu de mim quando mencionei essa opção.

— Você não pode impedir o destino, Adrian — ela me disse com aquele sorriso suave que me faz ansiar por novos dias.

— Ainda posso tentar — respondi, e ela apenas balançou a cabeça.

Eu falei sério. Não só não vou parar de tentar, como vou conseguir. Custe o que custar.

Foi por isso que encerrei mais cedo uma reunião com o círculo íntimo da irmandade e voltei para casa.

Minha filha e o definitivamente-não-namorado dela estão nos visitando hoje. Juntos.

Depois daquela merda que aconteceu na ilha privada, Annika decidiu continuar os estudos no Reino Unido. Ela não desistiu do balé, mas agora o encara como uma paixão — algo que faz parte dela, mas no qual ela não precisa necessariamente se profissionalizar.

Essa decisão deixou Lia feliz. Mesmo que tivesse prometido apoiar qualquer escolha que nossa filha fizesse, eu sei que sempre que Annika dançava, minha esposa via os demônios do passado dela se banqueteando com nossa menina.

Não importa o quanto tentássemos convencê-la de que ela não teria o mesmo destino, simplesmente não acreditava.

Então, o fato de Annika, por vontade própria, ter escolhido ficar longe dos holofotes deu a Lia a paz de espírito que lhe faltava constantemente antes de nossa filha decidir encarar o balé como paixão em vez de carreira.

Paro perto da soleira ao som de risadas vindas da porta dos fundos.

Sigo em direção ao barulho alegre, algo que se tornou uma constante na minha vida e na de Lia desde que Annika nasceu.

Jeremy era uma criança quieta, e talvez isso tenha a ver com todos os demônios que ele presenciou a mãe e eu enfrentarmos. Ele não era nem de perto tão enérgico quanto sua irmãzinha levada, que virou a casa de pernas para o ar desde bebê, fazia meus guardas ex-Spetsnaz correrem atrás dela quando era pequena (e nunca a alcançarem) e tinha eu, sua mãe e seu irmão na palma da mão.

De fato, quando chego ao quintal, encontro minha filha sentada ao lado do filho da puta, de mãos dadas com ele, rindo de algo que Yan disse.

Meu olhar se desvia para a bela mulher que também está rindo, com o rosto radiante e acolhedor.

Um suspiro profundo escapa dos meus pulmões sempre que vejo Lia. É uma mistura de alívio e saudade de apertar o coração. Sou casado com essa mulher há mais de vinte e quatro anos, e ela ainda é a única pessoa capaz de domar o caos dentro de mim.

A única mulher por quem estou disposto a sacrificar tudo apenas para vê-la sorrindo livremente desse jeito.

Eu só nunca pensei que precisaria abrir mão da minha filha tão cedo, ainda mais para um merdinha desse.

Lia se desculpou abertamente com Creighton quando o trouxemos conosco naquele dia. Eu queria dar um chute no saco daquele bastardo por trazer à tona aquelas memórias horrorosas da minha esposa.

Ela disse que sentia muito que ele tivesse tido uma infância tão terrível e que se arrependia de ter contribuído para isso.

Para minha surpresa, ele também se desculpou por ser filho biológico do homem que a machucou.

Annika pareceu muito orgulhosa. Estreitei os olhos, esperando por um truque ou um motivo oculto, mas não havia traço de nenhum dos dois no rosto dele.

Desde então, Lia basicamente o adotou como seu terceiro filho. Ela se apaixonou por ele com facilidade e até começou a preparar seus pratos favoritos sempre que ele vem visitá-la.

Outro dia, eles estavam trocando mensagens sobre a porcaria de uma receita. Segundo minha filha, ele não responde às mensagens dos próprios amigos e familiares.

Mas, aparentemente, não se importa em responder minha esposa.

Lia tem mesmo uma energia silenciosa e encantadora, capaz de capturar o coração de qualquer um sem nem se esforçar. É por isso que no passado dei o meu melhor para mantê-la protegida do mundo.

Ainda quero trancá-la para que ninguém além de mim possa vê-la, onde eu seja o mundo dela, assim como ela é o meu, mas reconheço o quanto ela precisa de liberdade.

Minha recompensa é que ela volte para mim todas as noites, buscando refúgio em meus braços e passando um tempo sozinha comigo; tudo isso de bom grado.

Esse é o melhor presente que eu poderia receber.

— Experimente isso, Creigh. Eu que fiz. — Annika pega o que parece ser algum tipo de aperitivo e o coloca perto da boca dele.

O filho da puta fazendo hora extra aqui realmente abre a boca e come. Sem dar um pio.

São Yan e Lia que estremecem, trocando olhares.

— O que você acha? — pergunta minha filha com alegria expectante.

Estou pronto para socá-lo se ele mudar a expressão, mas ele assente.

— Muito bom.

— Eu sabia! — Ela lança um olhar irritado para Yan. — Viu? Eu te disse que alguém gosta da minha comida. É tudo uma questão de perspectiva.

— Está tudo bem mesmo, cara? Quer que eu chame uma ambulância?

— Yan! — Minha esposa o repreende.

— Não, tem algo errado com o garoto, Lia. Ele de fato come as coisas que a sua filha terrorista da culinária prepara.

— Quer morrer? — questiona minha filha com uma expressão assassina.

Ela puxou isso de mim.

— Não a chame de terrorista da culinária — diz Creighton sem rodeios, arrancando um sorriso largo de Annika e um sorriso maternal da minha esposa.

— *Bum!* — exclama Annika, sem conseguir esconder sua expressão de orgulho. — Toma essa.

— O desgraçado está apaixonado demais para ver o quão horrível a sua comida realmente é. Escuta, garoto, o amor não vai te salvar quando você for levado para o pronto-socorro por causa de uma intoxicação alimentar.

— Vou te matar — anuncia Annika e tenta enchê-lo com seus aperitivos, mas Creighton os pega e começa a comer tudo.

Meu Deus.

No fim das contas, aquele merdinha talvez tenha mesmo vontade de morrer. Nesta casa, não comemos o que Annika cozinha, senão com certeza teremos algum tipo de intoxicação alimentar. Ou dores de estômago. Ou simplesmente sentiremos desgosto.

Ela tende a usar o que considera benéfico para a saúde sem contexto algum, como mel misturado na comida apimentada ou algumas coisas que não combinam com frutos do mar. E ela não tem noção de quanto sal deve colocar em nenhum prato.

Sabemos que tem boas intenções, então Lia, Jeremy e eu costumamos dizer a ela para não cozinhar. Kolya e os outros guardas também tentam ser diplomáticos.

Só aquele filho da puta do Yan disse a verdade na cara dela e desde então a rotulou de terrorista da culinária.

Creighton King é a primeira pessoa que come sua comida por vontade própria e até a elogia por isso.

No entanto, eu me recuso a me aproximar dele por causa desse gesto. Ou pelo fato de ter sido ele quem fez Annika abandonar quaisquer pensamentos suicidas que teve naquela ilha.

Não contei a Lia sobre aquele episódio e ordenei que ninguém falasse sobre o assunto. Ela ficaria destruída por saber que pensamentos sombrios invadiram a mente da nossa filha e quase a perdemos.

Mas não perdemos.

Porque Creighton estava lá e conseguiu tirá-la do precipício.

É principalmente por causa dele que minha filha ainda está inteira. Mas também é por causa dele que ela chegou àquele estado, então considerarei que uma coisa anulou a outra.

— Como está aquela garota? — Lia pergunta a Creighton enquanto Annika persegue Yan com uma flor porque ele não para de chamá-la de terrorista da culinária.

— Garota? — ecoa ele com a voz rouca, definitivamente não tão imune à comida quanto afirma estar.

— Aquela que nos contou para onde você levou a Annika.

— Cecily?

Minha esposa assente.

— Você quer mesmo saber?

Ela se aproxima, com o rosto suave se franzindo.

— Por quê? O que aconteceu?

— Você sabe que o Jeremy não conseguiu essa informação dela sendo bonzinho, né?

Minha esposa engole em seco.

— Eu já imaginava. Ele… pode ser frio às vezes. Jeremy puxou ao pai, mas eles têm um coração lá no fundo, eu juro.

— É o que minha mãe diz sobre o meu irmão, e o pior é que ela acredita, mas todos nós sabemos que ele é um psicopata funcional.

— Jeremy não é um psicopata.

— Considerando o que ele fez, provavelmente é pior que isso.

— O que ele fez?

— Prometi que ficaria fora do caminho dele se ele ficasse fora do meu, e gostaria de manter essa trégua. Não por interesse próprio, mas pelo bem da Annika. Ela não gosta quando brigamos.

Lia concorda com a cabeça, entendendo a situação, e eu quero arrastar meu filho do outro lado do oceano até aqui e dar uns safanões nele.

Ele não deveria aceitar Creighton tão fácil assim, não importa o tipo de acordo que eles tenham feito.

No entanto, depois que Annika atirou em Creighton para salvá-lo, sua desaprovação parece ter diminuído aos poucos, de qualquer forma. *Eu também odeio vê-la ir embora, mas talvez devêssemos deixar a Annika fazer a própria escolha desta vez, pai,* foi o que me disse da última vez que nos vimos.

Isso é obviamente por causa do acordo que ele fez com esse merdinha.

O dito merdinha se levanta e sussurra algo para Annika; ela interrompe suas palhaçadas com Yan para ouvir. Então, abre um sorriso gigante para ele.

Ele caminha em direção à casa, e eu me escondo enquanto ele entra no lavabo, provavelmente para lavar o rosto ou vomitar seja lá o que ela cozinhou.

Quando sai de lá, não me preocupo em sair de vista, e ele hesita antes de tentar voltar para o jardim.

Bloqueio seu caminho e ele para novamente, erguendo uma sobrancelha.

— Essas são minhas boas-vindas? Ou você tem uma arma escondida em algum lugar para me ameaçar?

— Hoje você está falante demais para o meu gosto.

— E você não está ameaçando me agredir, o que é bem suspeito.

— Chegaremos a isso em breve.

— Sem dúvidas. Vamos acabar logo com essa tarefa tediosa.

— Isso foi sarcasmo?

— Foi? A Annika está me contagiando.

Esse merdinha vai acabar a sete palmos do chão antes que minha esposa e minha filha acordem amanhã.

Ele dá um passo em minha direção; toda a indiferença desaparecendo de seu rosto.

— Fico feliz em aceitar qualquer ameaça que você tenha, e não vou contar para a Annika nem para a Lia, mas já vou te dizer que você não vai conseguir me afastar de quem é minha.

— Que porra você acabou de dizer?

— Minha. A Annika é minha, e ninguém vai mudar isso, nem mesmo você.

— A Annika vai te superar uma hora ou outra.

— Continue sonhando, Adrian, e enquanto isso, eu me tornarei seu genro. E vamos nos esforçar bastante para te dar netinhos lindos.

— Não se, de alguma forma, você acabar morto antes disso. E quem lhe deu permissão para me chamar pelo meu nome?

— Não gosto de “Sr. Volkov”. É muito longo.

Ou esse maldito é audacioso, ou não se importa nem um pouco com a própria vida. Ou provavelmente as duas opções.

— Além disso, se você é tão territorialista, por que ainda não fez nada a respeito *dele*?

Eu me viro para que nós dois fiquemos de frente para a cena que se desenrola no jardim. Annika balbucia, e Lia se inclina rindo de algo que Yan disse enquanto ele sorri como um idiota.

— Ele é um palhaço do caralho que não sabe o próprio lugar — murmuro baixinho.

— Coisa que você deveria ter ensinado a ele há muito tempo — diz Creighton com um tom igualmente descontente.

— Acha que eu não tentei? Ele contra-ataca como um parasita cujo único propósito é me irritar.

— Annika mencionou que você ameaçava mandá-lo de volta para as forças especiais na Rússia com frequência. Existe algum motivo para isso não ter acontecido?

— Tá vendo aquela mulher? — Inclino a cabeça na direção da minha esposa. — Aquele é o motivo.

— Você ainda pode se livrar dele.

— Está velho demais.

— Ele não poderia ser colocado em um cargo administrativo?

— Seria possível. — Compartilho o primeiro olhar de compreensão com o filho da putinha. Pelo menos nós dois não suportamos o Yan. Ou, mais precisamente, o quão próximo ele é das duas mulheres lá fora.

Quando entramos, chegamos juntos ao quintal. Yan nem se dá ao trabalho de se levantar e continua bebendo o coquetel que Ogla preparou para eles.

A expressão de Annika se ilumina como fogos de artifício ao me ver ao lado do seu não-namorado em vez de ameaçando jogá-lo na vala mais próxima.

Ela é a porta-voz, empresária e responsável pelas relações públicas dele desde a ilha — e testou todos os truques possíveis para me fazer gostar dele. Como, por exemplo, mencionar o quanto ele a protege, ou que ele é pior do que eu e Jeremy juntos. Ou então contar que ele aprendeu a cozinhar porque não quer que ela se canse — quando, na verdade, é porque não quer passar pela tortura de comer a comida dela. Ou ainda que ele restaurou, aos poucos, o relacionamento dela com os amigos que fez no Reino Unido, dizendo a eles que também o perderiam se a repreendessem pelo que

aconteceu. Eu ainda pretendo fazer da vida dele um inferno. Mesmo que, lá no fundo, eu saiba que ele se importa com ela de verdade.

Minha filha pula da cadeira e corre para os meus braços.

— Papai! Senti sua falta.

Faço carinho no cabelo dela enquanto ela me aperta com força. Por mais que eu odeie admitir, Annika se tornou uma adulta responsável desde que o vagabundo à minha direita entrou na vida dela.

Ela precisava da dor da perda e de experiências reais para se livrar daquela ingenuidade e, de fato, se tornar ela mesma.

— Tem certeza? — pergunto quando nos separamos. — Porque você quase não me manda mensagens.

— Ah, por favor. Você nem gosta de trocar mensagens, papai, e nos falamos por videochamada o tempo todo quando você vem roubar a mamãe. — Ela corre para o lado de Lia e a abraça. — Ela é minha mãe, sabia?

— É minha esposa primeiro.

— Desculpe, ao contrário de você, sou parente dela por sangue. Isso me dá privilégios. — Ela sorri como uma pestinha.

— Para com isso, Anni. — Lia ri, mas retribui o abraço. Aquela pirralha mimada sempre foi a filhinha da mamãe. Quando estão juntas, parecem irmãs em vez de mãe e filha.

Sento-me com um grunhido e olho feio para Yan.

Ele faz com a boca: *O quê?*

— Eu vou te matar.

— Por quê?

— A palhaçada que você acabou de fazer.

— Eu não toquei em ninguém.

— Ainda conta.

— Para de ter ciúmes das minhas qualidades encantadoras e do fato de eu conseguir fazer a Lia rir, diferente de você, velho rabugento — murmura ele de volta, e se levanta rapidamente antes que eu o enforque.

Ele também é salvo pelo fato de a Lia ter desaparecido lá dentro, provavelmente para ver se podia ajudar a Ogla com alguma coisa.

Eu a alcanço e a puxo pelo cotovelo antes que ela chegue à cozinha.

Minha esposa se choca contra mim com uma arfada. Meu pau acorda enquanto ela me encara com aqueles olhos enormes e completamente

hipnotizantes.

Eu amo quando reflito nesses olhos, quando sou o centro do mundo dela tanto quanto ela é do meu.

Quando ela me olha como se nunca quisesse ir embora.

— Adrian… — Ela suspira. — O que foi?

— Eu não recebi meu beijo de boas-vindas. Você se esqueceu de mim agora que a Annika e o merdinha estão aqui, esposa?

— Eu não ousaria fazer isso. — Seu tom de voz abaixa quando ela me puxa pela lapela do casaco, fica na ponta dos pés e roça os lábios nos meus.

O beijo de Lia é gentil, mas também suplicante e apaixonado.

Não chega nem perto da minha reivindicação brutal, mas é um convite para ela. Minha esposa sabe muito bem que eu me excito com a sua gentileza e com a certeza de que ela quer que eu a quebre.

Todas as noites.

Em toda oportunidade que tenho.

Seus lábios se separam dos meus cedo demais, e ela se recompõe, lambendo o lábio inferior, buscando meu gosto de uma forma que me deixa ainda mais duro.

— Bem-vindo de volta, Adrian. Senti sua falta.

— Não parecia que sentia quando estava lá fora rindo com os dois filhos da puta.

— Não acredito que você ainda reprove o Yan depois de todos esses anos.

— Ele é um filho da puta ousado, e você sabe disso.

— É porque ele está tentando te provocar, e você meio que deixa isso acontecer. — Ela alisa uma ruga inexistente do meu casaco. — Quanto ao Creighton, você está sendo irracional. Nós erramos com ele, mas ele ama nossa filha o suficiente para deixar isso tudo de lado. Você precisa deixar de lado seu rancor imaginário também.

— O caralho que vou. O desgraçado acabou de ameaçar virar meu genro e me dar netos.

Ela ri. A cabeça da minha esposa se inclina para trás, expondo o pescoço alvo enquanto meus ouvidos se enchem com sua risada divertida.

— Como isso pode ser engraçado? — Tento soar sério, mas gosto demais do som da alegria dela para ficar bravo.

— Parece que ele aprendeu a te provocar também. Que bom para ele. Eu gosto muito daquele garoto.

— O que me faz gostar ainda menos dele.

— Ah, para com isso, Adrian. Ele é a melhor coisa que já aconteceu para a Anni, e se você não fosse tão crítico, também perceberia.

Resmungo, mas não debato.

Lia passa os dedos pela curva das minhas sobrancelhas, a voz diminuindo de volume.

— Odeio quando você fica chateado assim. Como posso fazer você se sentir melhor, marido?

Um grunhido escapa de mim quando ela esfrega a barriga na minha ereção crescente.

— Repete.

— Marido — diz ela de novo, e eu aperto seu quadril com mais força, sentindo-a estremecer.

— Lá para cima. Agora.

— Mas as crianças estão aqui.

— Elas podem esperar.

Quando ela hesita, eu a carrego nos braços como uma noiva. Lia dá um gritinho enquanto seus braços envolvem meu pescoço.

Seus dedos acariciam os cabelos curtos da minha nuca.

— Já mencionei recentemente que te amo?

— Não.

— Acho que mencionei esta manhã.

— Devo ter esquecido.

Ela sorri ao sussurrar:

— Eu te amo, sr. Volkov.

— E eu te amo, sra. Volkov.

Posso ter perdido um pouco da minha filha, mas sempre terei minha esposa.

A mulher que me aceitou como seu vilão e se apaixonou por mim mesmo assim.

EPÍLOGO 1
ANNIKA

ESTOU ESCONDIDA ENTRE OS CARROS NO ESTACIONAMENTO, RESPIRANDO com dificuldade.

Se eu soubesse que era para isso que voltaríamos à faculdade, teria votado em matar aula e ficar a semana inteira com os meus pais.

Mas, não, Creighton tinha algo importante para fazer.

Tipo a luta de hoje.

Contra o meu irmão.

Eu estremeço ao me lembrar dos olhares ameaçadores deles quando entraram no ringue, parecendo paredes de músculos prontas para se esmagarem até a morte.

E como esta é a final mais aguardada do campeonato atual, tanto os alunos da UER quanto os da King's U estão atulhando o clube, torcendo, gritando, sedentos por sangue.

O sangue do Jeremy e do Creighton.

Argh.

Olho para o relógio e solto um grunhido quando percebo que faz apenas dez minutos desde que eu meio que escapei do clube.

Porque, não, eu não queria vê-los se espancando. Implorei a ambos que parassem com isso ou que um deles desistisse, mas nenhum deles é do tipo que abandona as coisas.

Além disso, Jeremy disse que não pode confiar em alguém para proteger sua irmã se essa pessoa não for capaz de vencê-lo. O que deixou Creighton ainda mais ansioso para a luta.

Homens e sua testosterona ainda vão acabar comigo.

Então aqui estou eu, sozinha, escondida, esperando o fim desta provação.

Glyndon estava me fazendo companhia porque também não gosta de manifestações de violência. Apesar das nossas objeções em ir ao evento, fomos todas arrastados pela Ava — ela é a favor de brigas e provavelmente está torcendo pelo Creighton a plenos pulmões agora mesmo.

Demorou um pouco e precisou de algumas idas ao shopping para ela me perdoar por atirar em Creighton; e só o fez porque sabe o quanto significamos um para o outro.

Glyndon foi a mais simpática do grupo e voltou a falar comigo logo depois que retornei para a faculdade. Como ela é um doce, optou por fugir comigo hoje e estava ocupada me mostrando suas últimas pinturas. Mas, infelizmente, Killian nos interrompeu há alguns minutos e a sequestrou para Deus sabe onde.

— Eu ainda não te perdoo por fazê-la chorar — ele me disse enquanto a puxava para longe.

Aquele homem é impossível. Além do Creighton, ele é o mais territorialista que conheço.

Na verdade, Creighton é outro nível. Ele não só é possessivo a ponto de ficar olhando feio para o Tigre sempre que ele se aconchega no meu peito, como também é tão consistente no territorialismo que nenhum cara chega perto de mim com medo da sua ira.

Nem mesmo Harry — que é gay, tem uma queda por Creighton e é o líder do fã-clube dele — está a salvo de suas crises de ciúmes.

Eu me encosto no meu carro e opto por dar uma olhada nas redes sociais. Paro quando vejo uma foto na conta de Creighton.

Na verdade, ele usou a que Remi e eu criamos para ele há muito tempo, mas mudou a senha e tudo o mais porque Remi estava planejando postar "coisas estranhas" na conta dele.

A foto de perfil do Creighton é a mesma do seu primeiro post. É uma selfie que ele tirou quando eu não estava vendo. Estou dormindo apoiada nele, com a cabeça enfiada em seu peito, de modo que meu rosto não fica visível, e só metade do dele aparece.

Sua mão cheia de veias me agarra possessivamente pela cintura, e a legenda diz: *Minha garota. Minha mulher. Minha.*

Ele postou isso durante o mês em que ficamos separados. Exatamente um dia antes de me sequestrar para aquela ilha.

Que romântico.

Só que não.

A segunda foto é outra selfie que ele tirou depois que voltamos para a faculdade. Ele está me carregando, uma mão na minha bunda para me

segurar direito, minhas pernas estão em volta da sua cintura sem camisa e minha cabeça está enterrada no seu ombro.

Já mencionei que ela é toda minha?

A terceira, a que estou encarando neste momento e que está dificultando minha respiração, ele postou hoje mais cedo.

Antes da luta, eu meio que me esgueirei para o vestiário para uma última tentativa de dissuadi-lo de lutar contra o Jeremy.

Grande erro.

Ele não só me olhou como um predador faminto, como também transbordava adrenalina.

Nem preciso dizer que não tive a menor chance.

Creighton comeu minha boceta loucamente, em seguida, fodeu meu cu enquanto mordia meu pescoço e me batia.

Meu íntimo lateja, e as marcas na minha bunda ardem com a lembrança. Eu deveria me sentir mal por me excitar com a dor tanto quanto me excito com o prazer, mas aprendi a aceitar isso sobre mim e sobre nós.

Aprendi a assumir o que nos torna quem somos, porque percebi a sorte que temos de ser tão compatíveis, apesar de termos personalidades tão diferentes.

Como um quebra-cabeça, as partes boas e ruins se encaixam com perfeição.

A foto que ele postou é do pescoço para cima, de quando ele me beijou logo depois que terminamos. Meus olhos estão fechados, e os dele estão abertos enquanto ele encara a câmera com uma possessividade de estremecer os ossos.

Lembrete: ela é minha.

Um arrepio percorre meu corpo até a base da minha coluna.

Ele é simplesmente impossível.

Ainda assim, dou um like na foto. O quê? Eu também preciso reivindicar o que é meu. Da próxima vez que eu pegar uma garota flertando com ele, vou encaminhar a conta dele no Instagram.

Que ele criou para mim.

Sério, outro dia, ele falou: *Você não disse que deixaria de seguir todos os caras se eu criasse uma conta no Instagram? Pronto.*

Eu o lembrei de que eu disse que ele deveria ter redes sociais para me seguir, não que me isolaria do mundo, mas ele não está aceitando muito,

não.

De qualquer forma, vou encaminhar o post para o Harry e seu fã-clube cada vez maior quando ele me provocar.

— Você não pode parar com isso? — A voz bastante familiar ecoa algumas fileiras de carros à frente.

Coloco meu celular no bolso do vestido e me esgueiro pelos carros.

Cecily está parada nas sombras, seus cabelos prateados esvoaçando ao vento enquanto ela segura o celular com força.

Estranhamente, a sua blusa é preta e simples, sem nenhuma frase engraçadinha.

— Você não entende. Eu simplesmente não consigo fazer isso — sussurra ela com a voz trêmula, e eu quero ir até lá e abraçá-la.

Ela anda angustiada há algum tempo, e até Glyn expressou sua preocupação em relação a isso outro dia.

Devo ter feito algum barulho ao tentar me aproximar dela, porque ela me encara como um animal encurralado antes de afastar o celular do ouvido e desligar na cara da outra pessoa.

— Annika? — Seu tom é frio, um pouco esquisito, como se não fosse a mesma Cecily que eu conheço. — O que você está fazendo aqui?

— Hum, eu meio que não consigo ver meu irmão e meu namorado lutando. Principalmente porque eles têm uma “rixa”. — Faço aspas com as mãos ao pronunciar a última palavra.

— Ah, entendi. — Sua voz se suaviza.

Aproximo-me dela lentamente, com medo de que qualquer movimento repentino a faça fugir.

— Você está bem, Ces?

Ela assente, mas não fala nada.

Embora Jeremy esteja insuportável desde que descobriu que Cecily ajudou Creighton a me sequestrar, não guardo rancor dela.

Primeiro, ela não sabia de tudo e realmente achou que ele só queria conversar comigo antes de ser jogada para fora do avião.

Segundo, ela já sofreu o suficiente com o Jeremy. Eu sei o quão impiedoso meu irmão pode ser, e ele nunca gostou da Cecily.

É mútuo, mas ainda assim.

E às vezes eu pego um olhando para o outro de um jeito que não consigo entender muito bem.

— Estou sempre aqui, se você quiser conversar — aviso em um tom suave. — Mesmo que seja sobre o Jer.

Um tremor visível percorre seus membros, e ela me encara fixamente, como se estivesse tentando descobrir se deve confiar em mim.

Acho que decide que pode, porque dá um passo à frente.

— Anni, você não pode contar a ninguém sobre isso.

— Juro por tudo que é mais sagrado.

Ela inala profundamente, olhando ao redor.

— Cometi um erro terrível e não sei como desfazê-lo.

É a primeira vez que a vejo tão perdida, tão assustada. Cecily sempre foi a mais confiante, a mais assertiva, a que se joga de cabeça no problema.

Mas ela parece tão confusa que tenho vontade de abraçá-la.

— O que aconteceu? Me conta e talvez eu possa ajudar.

— É…

Suas palavras são interrompidas quando sinto uma presença atrás de mim, e então minhas narinas se enchem com seu cheiro característico misturado com adrenalina e suor.

Uma mão forte envolve minha cintura, e eu tremo ao ser pressionada contra a lateral do seu corpo, onde seu calor se sobrepõe ao meu.

— Oi, Creigh — murmura minha amiga, e então volta sua atenção abatida para mim. — Vou voltar lá para dentro.

— Cecily, espera aí — chamo, mas ela já foi embora.

Olho feio para o rosto lindo de Creighton, com sobrancelhas grossas e lábios feridos, e é difícil ficar brava com ele.

— A Ces ia me contar alguma coisa, e você atrapalhou.

— Não se meta nos assuntos da Cecily quando nem ela sabe o que quer. — Ele coloca uma mecha de cabelo que o vento jogou para o meu rosto atrás da minha orelha. — Você estava se escondendo, roxinha?

— Eu não queria ver vocês brigando. — Engulo em seco. — Quem ganhou?

— Foi um empate.

— Graças a Deus. — Solto um suspiro.

— Haverá uma revanche na semana que vem.

— Sério?

— Da próxima vez, não se esconda, senão vou fazer ser empate de novo. — Ele dá um peteleco de brincadeira na minha testa, e eu massageio o

local, encarando-o com uma carranca.

— Ai. E eu vou, sim, me esconder de novo.

— Não seja malcriada.

— Ah, por favor, você adora quando eu sou malcriada.

— Parece que o aperitivo de mais cedo não te ensinou a lição.

— Aquilo foi… só um aperitivo?

— Mais ou menos.

— Qual é o prato principal, então?

— Você vai descobrir se for uma boa menina.

Minha calcinha fica encharcada com a promessa em sua voz. Adoro quando ele mantém surpresa sobre seus planos, e depois acabo sendo amarrada e fodida até dizer chega.

Ou quando ele me apresenta novos brinquedos que eu juro que são fabricados exclusivamente para que ele possa me torturar.

— Você vai tirar uma foto e postar no Instagram desta vez também?

— Não. As pessoas só precisam ser lembradas daqui a duas semanas, mais ou menos.

— Você é muito exagerado, mas eu ainda te amo — sussurro. — Tanto que chega a ser loucura.

— Que bom, porque vou garantir que você sempre me ame tanto quanto eu te amo.

E então ele me levanta pela cintura e me beija.

EPÍLOGO 2
CREIGHTON

UM ANO DEPOIS

DE QUEM FOI A IDEIA DE VIRMOS PARA CÁ?

Ah, é, do meu irmão.

Fico me perguntando por que não dei um soco na cara dele enquanto o encaro do outro lado da mesa. Ele exibe um sorriso largo, até piscando para mim como o babaca que é.

A questão é que estamos em um jantar em família, leia-se, com nosso pai e nossa mãe. Terminamos de comer, mas ainda tem a sobremesa.

A pior parte? Esta é só a primeira rodada. Amanhã, na continuação desta saga familiar, meus três avôs (que gostam de discutir por puro hobby), a vovó, o tio Levi e a tia Astrid vão se juntar a nós. Os gêmeos e a Glyn talvez venham também, já que é feriado.

Se — quando — a Glyn trouxer o Killian para esse encontro, teremos um show de horrores. Primeiro, o Lan ainda não o suporta, o tio Levi mal o tolera e o vovô Jonathan ainda o enxerga como o ladrão que roubou sua netinha fofa. Segundo, o Kill e o Eli se aproximaram um pouco, destruindo todas as tentativas dos pais de mantê-los separados, e estão sempre arrumando confusão.

Com certeza vou levar a Annika para longe daqui antes que o circo pegue fogo.

Se ela não tivesse aceitado o convite dos meus pais tão rápido, nem estaríamos aqui para começo de conversa.

A questão é que foi difícil fazer meus pais se aproximarem dela de verdade depois que fui baleado. Mamãe resistiu um pouco no começo, porque não suportava a ideia de alguém me machucar.

Annika passou meses a fio subornando-a, ligando e conversando com ela sobre todas as coisas possíveis. Até se ofereceu para ser a espiã particular da mamãe na faculdade.

Papai, por outro lado, desconfiava dela, considerando a família de Annika. Ele não acreditava que ela e o pai não me machucariam. Sem mencionar que papai e Adrian se encontraram exatamente duas vezes, e todos no mesmo cômodo tiveram que impedi-los de se matarem.

O fato é que, depois que voltei da ilha, meu pai disse que estava orgulhoso por eu ter ido atrás do que queria, porque esse é o jeito correto usado pelos King de fazer as coisas.

No entanto, não importava quantos obstáculos meus pais colocassem, minha garota ainda conseguiu ganhar o afeto deles com sua personalidade alegre e capacidades empáticas.

Além disso, ao contrário do pai dela, que age como se não gostasse de mim (mas, no fundo, gosta), meus pais ficam felizes quando estou feliz. Sem poréns.

Inclino a cabeça para o lado e a observo ajudar a mamãe a limpar a mesa. Temos funcionários, mas a mamãe os dispensou hoje porque queria a experiência "familiar". Desta vez, quem cozinhou foi o papai; ainda bem.

Meu olhar segue Annika enquanto ela se move com muita graça. Está usando um vestido floral roxo e branco, e seu cabelo está em um rabo de cavalo preso por uma borboleta roxa fofa que combina com as de suas sapatilhas.

Annika sempre reclama de como eu rasgo suas roupas, mas não consigo resistir quando ela parece um presente que preciso desembrulhar. E sou impaciente demais para fazer isso com calma, então as roupas dela precisam pagar o preço.

Quanto mais a observo, mais meu pau faz pressão contra minha calça jeans. Discretamente, eu me ajeito e me forço a desviar meu olhar dela.

E é então que alguém me dá um tapa na cabeça.

— Escravoceta.

Lanço um olhar furioso para o meu irmão.

— Tem certeza de que quer falar isso?

Seus olhos escurecem, mas ele logo suaviza a expressão e passa os dedos sob meu queixo.

— Já mencionei que você anda adorável nos últimos tempos?

Tento afastar sua mão, mas às vezes ele não é tão diferente assim de um parasita. Tenho profundo apreço pelo meu relacionamento com o Eli e pelo

modo como ele sempre me apoiou, mas não consigo me acostumar com ele sendo um babaca sempre que quer.

— Deixe seu irmão em paz — repreende papai enquanto sai do lavabo e se senta na ponta da mesa.

Eli aperta meu rosto entre os dedos.

— Olha as bochechinhas adoráveis dele.

— Ele não é mais um bebê.

— Infelizmente. — Eli solta um suspiro entediado e me larga, depois se concentra no nosso pai. — E não fique com ciúmes, pai.

Ele o encara com um olhar vazio.

— Do quê?

— Do nosso lindo relacionamento.

Papai dá uma risadinha.

Eli estreita os olhos.

— Por que a risada?

Papai não diz nada.

— Por que você riu?

— Vocês estão de picuinha de novo? — Mamãe acaricia o cabelo de Eli e toca minha bochecha. Então ela beija papai na boca. — Podemos não discutir? Só por esta noite?

Papai passa o braço ao redor da cintura dela, puxando-a para si.

— Eu ganho uma recompensa mais tarde?

— Pai! — protesto.

— Sério? — ecoa Eli.

— O quê? — Ele nos encara com os olhos inocentes. — Ela é minha esposa.

— E nossa mãe — argumento.

— Não precisávamos dessa imagem — murmura Eli.

— Talvez o problema seja vocês, não eu. Tirem essa imagem da cabeça, filhos — papai nos diz, como se o assunto fosse completamente normal.

— Aiden, para com isso. — Mamãe sorri e tenta se soltar. — Deixa eu ajudar a Annika com a sobremesa.

— O Eli ou o Creighton podem fazer isso. Você já trabalhou duro hoje.

Meu irmão está pronto para fugir, mas eu me levanto da cadeira em um piscar de olhos.

— Não acredito que você me abandonou, seu merdinha! — grita ele às minhas costas.

— Você deveria ter trazido uma acompanhante! — Abro um sorriso irônico, e ele me mostra o dedo do meio.

Encontro Annika na cozinha, ocupada com um sorvete.

— Estou quase terminando! — exclama ela, e eu a agarro pelo cotovelo e puxo seu corpo pequeno.

Annika arfa, batendo a taça de sorvete contra meu peito, derramando o doce gelado em mim.

— Você.

— *Eu.* — Minha voz fica mais baixa, e ela entende muito bem o significado, porque nega com a cabeça.

— Aqui não, Creigh.

— Por que não?

— Todo mundo está esperando a sobremesa.

— Todo mundo pode vir aqui pegar sua porção.

— Eles estão logo ali fora.

— Eles estão preocupados.

Eu a arrasto comigo até uma das despensas, e ela dá um gritinho quando a empurro para cima da mesa do cômodo e subo seu vestido até os quadris.

— Você vive andando por aí com vestidinhos lindos que imploram para serem tirados. — Arranco sua calcinha, rasgando-a. — E essas coisas que me impedem de ter minha boceta.

Um gemido é a única resposta que recebo, e ela não luta contra mim nem protesta quando tiro a taça de sorvete de sua mão. Só quando derramo tudo em sua boceta é que ela arfa, arqueando-se ligeiramente para fora da mesa para me encarar em choque.

— O que você está fazendo? — choraminga ela, embora suas pupilas estejam se dilatando.

— Comendo minha sobremesa. — E então eu a devoro. Lambo cada gota de sorvete de seus grandes lábios e engulo o chocolate misturado ao seu tesão.

Annika se contorce, ofega e exige mais enquanto seus dedos afundam no meu cabelo. Assim que termino de lamber cada vestígio de sorvete enquanto bato em sua bunda de vez em quando, ela se desmancha, squirt

atingindo minha boca. Desta vez, ela não para nem se esconde enquanto encharca meu rosto.

Eu a ensinei a nunca ter vergonha do seu prazer comigo, que ela pode sentir tudo e mais um pouco.

Assim como ela lambe cada gota de mim quando me chupa, eu a bebo, meu pau ficando duro como pedra enquanto ela geme meu nome.

Então, quando continua tendo seu orgasmo, eu a puxo para cima, para que fique sentada, e me enterro nela até o fundo, até minha virilha bater contra a dela. Eu resmungo, e ela geme enquanto lubrifica meu pau com seu tesão.

Sua cabeça cai para trás, seus olhos semicerrados. Mantendo uma das mãos em seu quadril, seguro seu queixo com a outra e o direciono para o ponto onde estamos unidos.

— Olha enquanto eu te fodo. Viu como sua boceta foi feita para mim? Ela é minha, não é?

— Sua… — geme ela, me observando fodê-la com fascínio absoluto.

Juro que meu pau endurece ainda mais a cada vez que ela solta esses gemidos e tenta ajustar seu corpo para que meu pau entre por inteiro.

Às vezes, meu tamanho ainda é difícil para ela, pois é muito pequena e eu sou muito grande, mas tenho todos os tipos de brinquedos para prepará-la, para que ela aproveite a experiência tanto quanto eu.

Não dispomos de brinquedos agora, e ela está totalmente lubrificada, mas a dor suave é afrodisíaca para ela. Minha Annika tem fome de dor, assim como eu tenho fome de infligi-la.

Então mordo seu pescoço.

— Boa menina. Goza para mim.

Ela o faz, desmanchando-se em volta do meu pau, lambuzando-o e se esfregando contra mim.

Eu dou mais algumas estocadas, rápidas, fortes e absolutamente animalescas. Eu a arregaço com meu pau, mas ela aguenta tudo o que eu faço e mais um pouco. Então, as palavras que são minha ruína saem de seus lábios como um cântico.

— Eu te amo, Creigh. Eu te amo.

Eu gozo, então; de modo intenso e demorado, e com um grunhido grave que qualquer um do outro lado da porta poderia ouvir.

Depois de me esvaziar dentro dela, eu a seguro contra mim e sussurro:

— Eu também te amo.

Ela suspira no meu pescoço, sua respiração vibrando contra minha pele, e permanecemos assim pelo que parece uma hora.

Quando nos separamos, não consigo resistir a enfiar meu esperma de volta em sua boceta, fazendo-a ganir e soltar gemidos baixinhos.

— Um dia, você vai se casar comigo e me deixar encher essa boceta com meus bebês, não vai, Annika?

Sua respiração falha enquanto ela se esfrega contra a minha mão, seu tesão me molhando.

— Ainda somos muito jovens para casar.

— A idade é só um número, e você vai se casar comigo, Annika. Eu sou o único homem com quem você vai se casar, certo?

— Sim. — Ela suspira.

— Ótimo. — Abro um sorriso largo. — Está na hora de transformar em realidade a ameaça que fiz ao seu pai.

— Você é tão cruel. — Ela acaricia minha bochecha, sorrindo. — Mas é o meu tipo de homem cruel.

— E você é minha menina muito boazinha.

Ela estremece com essas palavras, e eu beijo seus lábios, selando nosso futuro.

Então tiro uma foto para postar como um lembrete para o mundo inteiro.

O QUE VEM A SEGUIR?

Muito obrigada por ler *Deus da Dor*! Se você gostou, por favor, deixe uma avaliação.

Seu apoio é muito importante para mim.

Se quiser discutir com outros leitores da série, pode participar do grupo do Facebook, *Rina Kent's Spoilers Room*: facebook.com/groups/RinaSpoilers

O próximo livro pode ser lido separadamente e faz parte da série *Legado dos Deuses: God of Wrath*.

SOBRE A AUTORA

Rina Kent é uma autora premiada e reconhecida mundialmente, figurando nas listas de mais vendidos do *New York Times*, *USA Today* e alcançando o topo das paradas com suas obras de dark romance. Seu nome tornou-se sinônimo de intensidade, ousadia e narrativas que desafiam limites emocionais, conquistando um público fiel ao redor do mundo.

Especialista em criar anti-heróis magnéticos e vilões inesquecíveis, Rina domina a arte de transformar personagens moralmente ambíguos em figuras irresistíveis. Suas histórias carregam uma combinação única de trevas, tensão emocional e uma dose precisa de intensidade tóxica, elementos que fizeram de sua escrita um universo narrativo em constante expansão. Seu equilíbrio entre discrição pessoal e ousadia criativa a tornou uma das vozes mais marcantes do dark romance contemporâneo.

NOTA DA EDITORA

Este é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, organizações, lugares, eventos e incidentes são obra da imaginação da autora ou usados de maneira fictícia. Ademais, quaisquer semelhanças com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.


DA AUTORA BEST-SELLER DO *USA TODAY*, RINA KENT, CHEGA
O SEGUNDO VOLUME DA SÉRIE DARK E ENVOLVENTE DE ROMANCE UNIVERSITÁRIO MAIS INTENSA E ARREBATADORA QUE VOCÊ JÁ VIU
Creighton King é calado, frio e perigoso. Ele não se apega e não cede a ninguém. Sempre esteve no controle, até Annika chegar com sua personalidade cheia de energia e se fazer impossível de ser ignorada. Ela não recua diante de sua indiferença, testa seus limites, enxerga além da máscara inexpressiva, vê o homem com um passado doloroso do qual não consegue se desapegar. E quer conhecê-lo melhor, mesmo que isso possa destruí-la.
Annika Volkov é uma princesa da máfia, criada para obedecer a seus pais. Seu destino já estava traçado desde o berço. Seguro, controlado, imutável. Então Creighton entra em sua vida e a vira de cabeça para baixo.
O que começa como um joguinho de dor e prazer se transforma em obsessão, em uma relação sombria e inebriante da qual nenhum dos dois consegue escapar. Ela é luz. Ele é sombra. São a salvação e a ruína um do outro. E quando se chocam, nenhuma das regras importa.
+18 ANOS
INSIDE BOOKS